

Nora Roberts

escrevendo como

J.D.
ROBB



Visão

MORTAL



BERTRAND BRASIL

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Série Mortal

- 1 - *Nudez Mortal*
- 2 - *Glória Mortal*
- 3 - *Eternidade Mortal*
- 4 - *Êxtase Mortal*
- 5 - *Cerimônia Mortal*
- 6 - *Vingança Mortal*
- 7 - *Natal Mortal*
- 7,1 - *Meia-noite Mortal*
- 8 - *Conspiração Mortal*
- 9 - *Lealdade Mortal*
- 10 - *Testemunha Mortal*
- 11 - *Julgamento Mortal*
- 12 - *Traição Mortal*
- 12,1 - *Interlúdio Mortal*
- 13 - *Sedução Mortal*
- 14 - *Reencontro Mortal*
- 15 - *Pureza Mortal*
- 16 - *Retrato Mortal*
- 17 - *Imitação Mortal*
- 17,1 - *Naquele Tempo*
- 18 - *Dilema Mortal*
- 19 - *Visão Mortal*
- 20 - *Sobrevivência Mortal*
- 21 - *Origem Mortal*
- 22 - *Recordação Mortal*

Nora Roberts
escrevendo como
J. D. Robb

Visão

MORTAL

B
BERTRAND BRASIL

Capítulo Um

Ela havia conseguido passar a noite inteira sem matar ninguém. A tenente Eve Dallas, tira até os ossos, avaliou que esse comedimento era uma imensa prova de caráter.

Até que seu dia tinha corrido de forma bem tranquila. Uma participação logo cedo como testemunha em um julgamento, algo tão rotineiro quanto tedioso; muita papelada para ser organizada e um trabalho extenso que certamente funcionava como entorpecedor da mente. Houve um caso avulso que ela havia assumido e que envolvia amigos disputando quem era o dono original de uma apreensão das mais modernas drogas ilegais — em uma festa regada a muito buzz, exótica e zoom — que todos tinham consumido alegremente enquanto relaxavam no terraço de um prédio de apartamentos no West Side.

A disputa foi resolvida quando um dos animados participantes da festa vespertina mergulhou de cabeça do alto do terraço, levando com ele um restinho de drogas, preso em seus punhos gananciosos e cerrados.

Provavelmente nem chegou a sentir dor quando virou catchup ao se esborrachar no pavimento da Décima Avenida, mas certamente aquilo acabou com a alegria da festa.

Várias testemunhas foram ouvidas, incluindo um Bom Samaritano que não quis se envolver, mas tinha ligado para a emergência do apartamento onde morava, no prédio ao lado. Todos declararam que o indivíduo que foi recolhido com uma pá da calçada e colocado em um saco funerário tinha pulado da grade do terraço por livre e espontânea vontade, não sem antes balançar o

esqueleto em uma dança frenética. Esse evento ocorreu alguns segundos depois de ele mandar que todos se afastassem e poucos segundos antes de perder o equilíbrio precário e alçar voo, em meio a risadinhas e um grito histérico durante a curta viagem aérea.

Tudo isso para surpresa — e possível entretenimento — dos passageiros vespertinos de um bonde aéreo, que assistiram de camarote à última dança de um tal de Jasper K. McKinney.

Um turista deliciado com a cena de forma quase imprópria, tinha conseguido capturar todo o incidente com a câmera do seu tele-link de bolso.

Todas as informações batiam, e os registros sobre o caso de Jasper seriam encerrados sob o rótulo "morte por infortúnio". Extraoficialmente, Eve batizou o acontecimento de "morte por babaquice", mas não encontrou lugar na ficha de dados para colocar essa observação.

Por causa do mergulho de oito andares que Jasper realizou de forma espetacular, Eve acabou saindo da Central de Polícia quase uma hora depois do turno, e ainda ficou atolada no tráfego horrível do fim de tarde porque o veículo provisório que algum sádico do departamento de Requisições entregou para ela andava mais devagar que um cão cego com três pernas.

Ela já tinha alcançado um alto posto na corporação, pelo amor de Deus, e bem que merecia um carro decente. Não era culpa sua ela ter tido dois carros destruídos em dois anos, um deles há menos de um mês. Talvez acabasse deixando de lado essa história de firmeza de caráter e fosse aleijar alguém das Requisições no dia seguinte bem cedo.

Era uma ideia divertida.

Depois de ela chegar em casa, quase duas horas depois de sair do trabalho, ainda teve de se transformar da tira dura que era durante o dia na esposa chique de executivo importante.

Eve era uma boa tira, lembrou a si mesma; no âmbito da vida social corporativa do marido, porém, vivia insegura.

Pelo menos tinha certeza de que se vestiria na última moda, pois seu marido em pessoa já tinha separado um vestido para ela e cuidado de todo o resto, inclusive a roupa íntima. Roarke conhecia tudo sobre roupas.

Quanto a Eve, ela sabia apenas que estava vestindo algo verde com muitos brilhos. E, onde não havia verde nem brilhos, dava para ver muita pele nua.

Não houve chance para ela reclamar do modelito; na verdade, mal teve tempo de entrar na roupa e enfiar os pés em um par de sapatos — igualmente verdes e brilhantes. Pelo menos, usando um salto agulha daquele tamanho ela ficaria quase da mesma altura que o marido e poderia fitá-lo nos olhos.

Não era exatamente um sacrifício ficar olho no olho diante de Roarke, ainda mais porque os olhos dele, selvagens e absurdamente azuis, enfeitavam um rosto perfeito, esculpido por anjos artísticos. O duro era ser sociável com um bando de estranhos; e muito pior era o perigo constante de ela tropeçar no vestido ou despencar do salto altíssimo e cair de bunda no chão a qualquer momento.

Mas ela conseguiu passar por tudo com distinção. Enfrentara a troca apressada de roupa, o voo rápido de Nova York para Chicago, o coquetel que durou mais de uma hora e que quase fez seu cérebro afiado virar carne de sebo, apesar do vinho excelente e, depois, o banquete corporativo, onde Roarke recebeu uma dúzia de clientes e ela bancou a anfitriã.

Eve não fazia a mínima ideia do tipo de ramo em que aqueles clientes estavam metidos, porque Roarke enfiava a mão em todos os negócios conhecidos pelos homens e pelos animais, e ela já nem tentava mais acompanhar sua vida profissional. O que sabia com certeza é que a maioria deles conseguiria ganhar o prêmio de chato do ano, pelo que viu durante as quatro horas de suplício.

Mas, tudo bem, não houve vítimas. Ponto para ela.

O que Eve mais queria agora era voltar para em casa, descer daqueles sapatos verdes cintilantes e cair na cama para curtir seis horas de sono, até o despertador tocar para mais um dia.

O verão de 2059 tinha sido longo, quente e sanguinolento. O outono, com suas temperaturas mais amenas, estava começando. Talvez as pessoas não se sentissem tão inclinadas a matar umas às outras.

Mas ela duvidava disso.

Eve mal se acomodara em seu lugar maravilhosamente estofado no jatinho particular quando Roarke ergueu os pés dela, colocou-os no colo e tirou os sapatos da esposa.

— Não me venha com ideias, meu chapa. Quando eu consegui escapar de dentro deste vestido, não pretendo mais entrar nele.

— Querida Eve. — Sua voz era um ronronar suave, com ecos da Irlanda. — Esse é o tipo de declaração que me faz ter ideias. Embora você esteja linda nesse vestido, sei que é muito mais bonita fora dele.

— Pode esquecer! Nem que a vaca tussa vou entrar de novo nesse troço, e pode apostar que não pretendo sair desse jato usando o que você, num momento de humor, chamou de roupa íntima. Portanto, pode desistir de ... ahh ... pelo menino Jesus!

Ela ficou com os olhos vesgos, e depois deixou-os girar para trás, exibindo só a parte branca, quando ele apertou os polegares nos arcos doloridos da sola dos seus pés.

— Eu lhe devo, no mínimo, uma massagem nos pés. — Ele riu ao ver a cabeça de Eve tombar para trás, e depois quando a ouviu gemer. — Por serviços prestados nas alturas e além. Sei o quanto você detesta o tipo de programa que fizemos esta noite. E agradeço muito por você não ter sacado sua arma de atordoar nem tenha tentado acertar a testa de McIntyre enquanto degustávamos canapés.

— Você está se referindo ao sujeito com dentes grandes que ria como um asno, certo?

— Esse mesmo. Ele é um cliente muito importante. — Roarke ergueu o pé esquerdo dela e lhe deu um beijo em cada um dos dedos. — Portanto, muito obrigado.

— Tudo bem, faz parte do pacote.

Um tremendo pacote, por sinal, refletiu ela, analisando-o com os olhos entreabertos. Quase um metro e noventa de homem, e muito bem empacotado. Não apenas por causa do corpo esbelto e musculoso, nem pelo rosto emoldurado por cabelos pretos e sedosos; um rosto capaz de fazer o coração de qualquer mulher parar. Mas também por causa do seu cérebro, do seu estilo, da sua silhueta. De todo o pedaço de mau caminho que ele representava.

E o melhor de tudo é que ele não apenas a amava, mas a tinha agarrado de jeito. De todas as coisas pelas quais eles brigavam — e era fácil lembrar várias — eles nunca haviam discordado nesse ponto.

Roarke nunca tinha esperado nem cobrado de Eve mais do que ela podia dar como esposa de um grande executivo. Muitos homens fariam isso, conforme ela bem sabia. Os empreendimentos de Roarke incluíam ações, grandes propriedades, fábricas, comércio e só Deus sabe mais o quê, dentro e fora do planeta. Ele era absurdamente rico e usufruía de todo o poder que o dinheiro traz. Muitos homens com sua situação esperavam disponibilidade completa de suas esposas, e exigiam que elas largassem tudo de um momento para outro, a fim de irem se enroscar em seus braços.

Roarke não era assim.

De todos os eventos sociais e ocasiões relacionadas com negócios que ela teve de frequentar no papel de sua esposa, Eve só havia deixado de comparecer a uns três deles.

O pior eram as ocasiões incontáveis em que ele tinha modificado sua agenda para encaixar seus horários nos dela, ou

oferecera horas e mais horas do seu tempo para trabalhar como consultor em um caso que ela estivesse investigando.

Na verdade, agora que ela refletia a respeito, ele era um marido de tira muito melhor do que ela era esposa de executivo.

— Talvez seja eu que lhe deva uma massagem nos pés — considerou ela, pensando em voz alta. — Você foi um excelente negócio na minha vida.

Ele apertou com mais força o polegar na base dos pés dela, descendo dos dedos até o calcanhar e disse:

— Eu sei disso.

— Mesmo assim, não pretendo tirar este vestido. — Ela encolheu na poltrona e fechou os olhos com determinação. — Acorde-me depois que aterrissarmos.

Ela já começava a cochilar quando o comunicador em sua bolsa tocou.

— Ah, *qual é*? — Sem abrir os olhos, esticou o braço e enfiou a mão na bolsa. — Quantos minutos faltam para chegarmos a Nova York?

— Quinze, mais ou menos.

Concordando com a cabeça, ela pegou o comunicador e atendeu:

Emergência para a tenente Eve Dallas. Apresente-se ao Castelo Belvedere, no Central Park. Policiais já estão no local. Homicídio, uma única vítima.

— Entre em contato com a detetive Delia Peabody. Eu a encontrarei na cena do crime. A estimativa para minha chegada é de trinta minutos.

Entendido. Emergência desligando.

— Merda. — Eve passou a mão pelos cabelos. — Você pode me largar lá e ir para casa.

— Eu não gosto de "largar" minha esposa por aí. Vou com você e ficarei esperando.

Ela fez uma careta ao olhar para o vestido estiloso.

— Detesto chegar à cena de um crime toda produzida desse jeito. Vão me zoar durante semanas.

A coisa foi ainda pior, porque ela teve de recolocar os sapatos e depois caminhar com eles sobre a grama e as trilhas do maior parque da cidade de Nova York.

O castelo ficava no ponto mais alto do parque, com sua torre estreita projetando-se para o alto no céu noturno e o piso pedregoso dando lugar ao lago, bem aos pés do castelo.

Era um lugar muito bonito, refletiu Eve, onde turistas tiravam fotos e faziam vídeos durante o dia. Depois que o sol se punha, áreas como essa se tornavam o habitat natural de moradores de rua, viciados em drogas, acompanhantes não licenciadas rodando bolsinha, além dos que não tinham nada de útil a fazer e saíam em busca de encrenca.

O gabinete do atual prefeito tinha feito muito barulho durante a campanha, propondo a manutenção de parques e monumentos sempre limpos. Verdade seja dita, a prefeitura vinha repassando dinheiro para isso com regularidade. Além disso, sempre havia voluntários e funcionários do departamento de limpeza urbana passando um pente fino no parque, em busca de lixo, acabando com os grafites sem valor cultural, aparando a grama, cuidando dos jardins e fazendo coisas desse tipo.

Depois de um período desses, todo mundo ficava feliz, se acomodava, direcionava os esforços para outros assuntos até o ambiente do parque virar novamente um inferno.

No momento, Eve reconheceu que o lugar estava bem cuidado, e as equipes que recolhiam o lixo pouco antes de amanhecer não tinham muito trabalho.

Com Roarke atrás dela, Eve caminhou o melhor que pôde em direção ao local cercado pelas fitas e cavaletes que os policiais já haviam instalado, para isolar a área. O castelo estava tão bem iluminado quanto de dia, cercado pelos poderosos holofotes das cenas de crime.

— Você não precisa me esperar — avisou ela ao marido. Posso pegar uma carona depois.

— Mas eu quero esperar.

Em vez de brigar, ela encolheu os ombros, prendeu o distintivo no vestido e passou pelos cavaletes.

Ninguém fez piadinhas sobre o vestido ou os sapatos. Eve sabia que sua fama de tira séria e durona mantinha os policiais quietos, mas o que a surpreendeu foi não ter detectado nem mesmo a sombra de um sorriso ou uma risadinha presa enquanto passava.

Ficou ainda mais surpresa quando sua parceira veio em sua direção sem soltar uma piadinha qualquer sobre a roupa de gala.

— Dallas. A coisa é feia.

— O que temos aqui?

— Mulher branca, cerca de trinta anos. Já gravei toda a cena. Ia pesquisar sua identidade quando me informaram que você havia chegado. — Elas caminharam juntas, Peabody em seus sapatos leves com sola amortecida a ar, Eve em seus sapatos de noite e saltos projetados para acabar com os arcos plantares. — Homicídio sexual.

Ela foi estuprada e estrangulada. Só que ele não parou aí.

— Quem a encontrou?

— Dois garotos. Meu santo Cristo, Dallas ... — Peabody parou por um instante em suas roupas colocadas às pressas, e esfregou uma das mãos pelo rosto cansado. — Os meninos escaparam de casa à noite, em busca de um pouco de aventura. Emoções fortes

certamente conseguiram. Já entramos em contato com os pais e com o serviço de proteção ao menor. Eles estão na patrulhinha.

— E onde está a vítima?

— Bem ali. — Peabody seguiu na frente e apontou com o dedo.

Ela estava largada sobre as pedras, um pouco acima das águas escuras e plácidas do lago. Não vestia nada, a não ser o que parecia ser uma fita vermelha feita de gorgorão e que lhe envolvia o pescoço. Suas mãos estavam apertadas uma contra a outra entre os seios, como se rezasse ou implorasse por algo.

Seu rosto estava coberto de sangue. Aquele sangue, Eve percebeu, certamente havia escorrido no instante em que ele lhe arrancou os olhos.

Eve teve de dispensar os sapatos, para não cair e quebrar o pescoço. Pegou a lata de Seal-It no kit de serviço que Peabody lhe entregou, cobriu as mãos com o spray selante e também os pés descalços. Mesmo assim, não foi fácil descer até as pedras com aquele vestido de festa, e lhe passou pela cabeça que ela devia estar absurdamente ridícula e não parecia nem um pouco uma tira competente enquanto descia cintilando, ao pisar nas rochas, em direção ao corpo.

Ouviu um pedaço de pano se rasgar e ignorou o ruído.

— Puxa vida! — Peabody recuou de pena. — Você vai arruinar esse vestido, e ele é totalmente irado.

— Bem que eu daria um mês do meu salário pela porcaria de um jeans, uma blusa normalzinha e uma porra de um par de botas.

— Tirando tudo isso da mente, ela plantou os pés nas pedras com firmeza e virou o corpo.

— Ele não a estuprou aqui — afirmou Eve. — Certamente encontraremos uma cena secundária. Nem um lunático estupraria uma mulher em cima de um monte de pedras cobertas de musgo e

limo. Ele a violou em algum outro local. Matou-a ou deixou-a incapacitada em algum outro lugar. Mas teve de trazê-la até aqui. Deve ser grande e musculoso para conseguir fazer isso... a não ser que tenhamos mais de uma pessoa. Ela pesa uns sessenta quilos, pelo menos. Isso é o que se chama de peso morto.

Mais para proteger a cena do que o vestido, Eve puxou a barra da roupa para cima.

— Vamos descobrir a identidade dela, Peabody. Quero saber quem é a vítima. Enquanto Peabody usava o Identi-pad, Eve analisou a posição em que o corpo fora deixado.

— Ele a colocou em uma pose específica. Ela está rezando? Implorando?

Repousando em paz? Qual a mensagem? Agachou-se para examinar melhor.

— Há evidências de agressão física e sexual. Marcas roxas no rosto, torso e antebraços, essas parecem feridas defensivas. Há um pouco de material sob as unhas dela. Tentou lutar e arranhá-lo com vontade mas isso não é pele. Parecem fibras.

— O nome dela é Elisa Maplewood — informou Peabody. — Mora na Central Park West.

— Perto daqui — declarou Eve. — Mas ela não parece grã-fina. Não tem as mãos nem os pés feitos por uma manicure. Suas mãos não são lisas nem cuidadas. Elas têm calos.

— Está registrada como empregada doméstica.

— É, agora faz sentido.

— Trinta e dois anos, divorciada. Dallas, ela tem uma filhinha de quatro anos.

— Ah, inferno! — Eve respirou fundo, mas deixou essa informação de lado. — Há marcas de violência nas coxas e na área em torno da vagina. E uma fita vermelha, de gorgorão, amarrada em volta da garganta.

A fita de gorgorão estava tão enterrada na pele que a carne roxa havia inchado em volta e quase a cobria; as pontas vermelhas lhe desciam sobre os seios.

— Hora da morte, Peabody?

— To chegando lá ... — Peabody pegou o medidor e analisou o resultado. — Vinte e duas horas e vinte minutos.

— Cerca de três horas atrás. E os meninos a acharam às...?

— Logo depois da meia-noite. A primeira pessoa a chegar à cena lidou com os meninos, percebeu o que acontecera lá do alto e deu o alarme às quinze para uma.

— Tudo bem. — Respirando fundo para se preparar, Eve pegou os micro-óculos, colocou-os no rosto e se agravou diante da face arruinada da vítima. — Ele levou um tempo para fazer Isso. Não saiu retalhando de qualquer jeito. Vejo cortes cuidadosos e precisos. Quase cirúrgicos, como se ele estivesse fazendo a porra de um transplante. Quer dizer que era nos olhos dela que ele estava interessado. Eles eram o prêmio. O espancamento, o estupro, tudo isso foi só um prelúdio.

Ela se afastou e tirou os óculos especiais.

— Vamos virá-la para investigar suas costas.

Não havia nada especial, a não ser a carne escura do sangue que já havia acumulado na parte de trás do corpo, além de manchas que Eve identificou como arranhões feitos pela grama nas nádegas e na parte de trás das coxas.

— Ele a atacou por trás, mas não se importava de ela ver o seu rosto. Colocou-a a nocaute e a jogou na calçada ou na trilha de cimento. Não, foi na trilha de cascalho. Vê os arranhões nos cotovelos dela? Foi quando ele começou a espancá-la. Ela tentou reagir, tentou gritar. Talvez tenha conseguido dar alguns gritos, mas ele já a carregava para outro lugar onde pudesse se divertir sem ninguém para interferir. Depois, ele a arrastou pela grama. Socou-a sem parar até colocá-la em submissão total e a estuprou. Em seguida, enrolou a

fita em torno do pescoço dela e a matou. Quando essa parte do trabalho foi resolvida, chegou a hora certa para tratar de negócios de verdade.

Eve recolocou os micro-óculos.

— Ele acabou de despi-la do que havia sobrado de suas roupas e carregou os sapatos e todo o resto que ela usava. Joias, enfeites, qualquer coisa que servisse para individualizá-la. Depois, trouxe-a até aqui. Fez essa pose e arrancou-lhe os olhos, com todo o cuidado. Verificou a pose, fez algum ajuste final que tenha sido necessário. Lavou todo o sangue respingado nas águas do lago, talvez.

Depois de limpinho, pegou o prêmio e foi embora.

— Assassinato ritualístico?

— Para ele, pelo menos, foi um ritual. Podem ensacá-la — ordenou Eve, endireitando o corpo. — Vamos ver se descobrimos o lugar onde ocorreu o assassinato.

* * *

Roarke observou com atenção quando Eve calçou novamente os sapatos altos. Pensou consigo mesmo que ela ficaria melhor se permanecesse descalça, mas isso certamente não era uma opção para a tenente.

Apesar do salto alto, do vestido glamouroso — este, em estado deplorável- e do brilho dos diamantes, Eve parecia uma tira dos pés à cabeça. Alta, esguia e tão firme quanto as pedras que acabara de enfrentar para se colocar cara a cara com um novo horror. Não dava para ver o horror em seus olhos; eram olhos amendoados, dourados com tons de castanho. Parecia pálida sob as luzes implacáveis dos holofotes, e o brilho ofuscante deles só servia para acentuar suas feições fortes. Seus cabelos, quase da mesma cor que os olhos, eram curtos, picotados, e estavam em desordem por causa da brisa que soprava da água.

Ele viu quando ela parou e trocou algumas palavras rápidas com um policial. Sua voz devia estar sem expressão, conforme ele sabia. Talvez um pouco ríspida, para não revelar nada do que sentia.

Acompanhou seus gestos e viu quando Peabody, sua robusta parceira, vestida de forma muito mais confortável, assentiu com a cabeça. Nesse momento, Eve se afastou do grupo de tiras e foi andando com determinação na direção do marido.

— É melhor você ir para casa — disse ela. — Isso aqui ainda vai levar algum tempo.

— Suspeito que sim. Estupro, estrangulamento, mutilação. — Ele ergueu uma sobrancelha quando os olhos dela se estreitaram. — Mantenho meu ouvido no chão, como os índios, quando algo envolve a minha tira. Posso ajudar em alguma coisa?

— Não. Vou manter civis, até mesmo você, fora dessa. Ele não a matou lá embaixo, e precisamos descobrir onde o fez. Provavelmente eu não voltarei para casa hoje à noite.

— Quer que eu lhe traga, ou mande trazer, uma muda de roupas?

Como nem ele, apesar dos seus poderes fabulosos, conseguiria estalar os dedos e colocá-la de botas e calças, Eve balançou a cabeça para os lados.

— Tenho algumas roupas extras em meu armário na Central. — Ela olhou para o vestido, suspirou ao ver as marcas de sujeira, os respingos, as manchas de fluidos corporais. Ela bem que tinha tentado ser cuidadosa, mas não deu certo, e só Deus sabe a fortuna que ele devia ter pago por aquela porcaria de roupa. — Desculpe pelo vestido.

— Isso não é importante. Ligue para mim assim que tiver chance.

— Certo.

Ela lutou, e Roarke sabia disso, para não recuar no instante em que ele passou o dedo pela covinha do seu queixo e se inclinou para

roçar os lábios nos dela.

— Boa sorte, tenente.

— Sim. Obrigada.

Quando caminhava de volta para a limusine, ele a ouvir erguer a voz.

— Muito bem, meninos e meninas, espalhem-se em duplas. Movimentação padrão para busca de provas.

O assassino não devia ter carregado a vítima para muito longe de onde a matou, deduziu Eve. Por que faria isso? Só serviria para perder tempo e trazer problemas, além do risco adicional de ser visto. Mesmo assim, tratava-se do Central Park, e as pistas não seriam tão fáceis de achar, a não ser que tivessem um golpe de sorte.

Ela teve, em menos de trinta minutos.

— Aqui! — Ela ergueu a mão para chamar Peabody e se agachou. — O chão aqui está um pouco mexido. Pegue os micro-óculos. Sim, isso mesmo — sentenciou ela, depois de colocá-los no rosto. — Temos um pouco de sangue neste local.

Ela se colocou de quatro com o nariz quase encostado no chão, como um cão farejador.

— Quero esta área isolada. Chame os peritos. Vamos ver se eles conseguem achar algum traço. Olhe aqui...

Ela pegou as pinças no kit de serviço.

— Uma unha quebrada. É dela — decidiu, analisando-a contra a luz. — Você não tornou as coisas fáceis para ele, não foi, Elisa? Lutou o máximo que pôde.

Ela guardou a unha em um saco plástico e permaneceu de cócoras.

— Ele a arrastou sobre a grama. Dá para ver onde ela tentou reagir. Perdeu um sapato. Foi por isso que ela estava com marcas de

grama e sujeira em um dos pés. Mas ele voltou para pegar o sapato perdido e levou todas as roupas dela consigo.

Eve se levantou.

— Vamos verificar todas as latas de lixo em um raio de dez quarteirões daqui, para o caso de ele as ter jogado fora. As roupas devem estar rasgadas, ensanguentadas e sujas. Quero ver se conseguimos uma descrição do que ela vestia, mas, mesmo sem isso, vamos procurar as roupas. Aposto que você as levou com você, não foi? — murmurou Eve, quase para si mesma. — Quis guardá-las como uma espécie de lembrança.

— Ela mora a dois quarteirões daqui — comentou Peabody. — Ele a agarrou perto de casa, arrastou-a até aqui, fez o serviço e a levou para o local da desova.

— Vamos investigar pela área. Vou deixar essa operação montada e seguimos para a casa dela.

Peabody pigarreou e analisou o vestido de Eve.

— Você vai desse jeito?

— Tem alguma ideia melhor?

Era difícil não se sentir um pouco ridícula circulando pela rua em um vestido arruinado e sapatos de um quilômetro de altura, até chegar ao androide noturno de plantão que estava em pé diante do edifício onde Elisa Maplewood morava.

Pelo menos, Eve estava com o distintivo. Aquilo era uma das poucas coisas que ela nunca deixava em casa.

— Somos a tenente Dallas e a detetive Peabody, do Departamento de Polícia de Nova York. Viemos aqui para investigar Elisa Maplewood. Ela mora nesse prédio?

— Preciso confirmar suas identificações, antes de responder à sua pergunta.

Ele parecia elegante demais para aquela hora da manhã, mas os andróides são assim mesmo. Usava um uniforme vermelho muito garboso, com galões em prata, e fora projetado para parecer um homem com cinquenta e poucos anos. Tinha alguns fios prateados nas têmporas, para combinar com os galões.

— Está tudo em ordem — informou ele. — A Sra. Maplewood é uma empregada doméstica. Trabalha para o Sr. e a Sra. Luther Vanderlea. Do que se trata?

— Você viu a Sra. Maplewood esta noite?

— Trabalho de meia-noite às seis. Não a vi.

— Precisamos falar com os Vanderlea.

— O Sr. Vanderlea está fora da cidade. A senhora terá de solicitar autorização para uma visita no balcão principal do prédio. O computador do saguão fica ligado a noite toda.

Ele destrancou os portões e entrou com elas.

— É necessário escanear suas identidades — informou. Aquilo era irritante, mas Eve passou o distintivo pelo scanner do balcão estiloso bem no meio do saguão todo em preto e branco.

Sua identificação foi confirmada, tenente Eve Dallas. Qual a natureza da sua visita?

— Preciso falar com a Sra. Luther Vanderlea. É um assunto relacionado com uma empregada dela, Elisa Maplewood.

Um momento, enquanto entramos em contato com a Sra. Vanderlea.

O andróide ficou por perto enquanto elas esperavam. Uma melodia instrumental suave envolvia o ambiente. Tinha sido ligada no instante em que elas colocaram os pés no saguão. Fora planejada para ser ativada assim que um humano entrava no local.

Por que uma pessoa precisaria de música para atravessar o saguão de um prédio, Eve não saberia dizer.

As luzes não eram muito fortes e as flores eram frescas. Algumas peças de mobília — para o caso de alguém querer se sentar e ouvir a música gravada — haviam sido instaladas com bom gosto. Havia dois elevadores na parede sul e quatro câmeras de segurança cobriam todo o saguão.

Os Vanderlea deviam estar montados na grana.

— Onde está o Sr. Vanderlea? — perguntou Eve ao androide.

— Isso é uma pergunta oficial?

— Não, sou só uma abelhuda. — Ela balançou o distintivo debaixo do nariz dele.

— Sim, é claro que é uma pergunta oficial.

— O Sr. Vanderlea está em Madri, a negócios.

— Quando viajou?

— Há dois dias. Ele é esperado de volta amanhã à noite.

— O que ... — Ela parou de falar quando o computador apitou.

A Sra. Vanderlea vai recebê-las. Por favor, tomem o elevador até o quinquagésimo primeiro andar. As senhoras encontrarão a Sra. Vanderlea na porta da cobertura B.

— Obrigada. — Enquanto atravessavam o saguão, revestido com um piso em padrão de tabuleiro de xadrez, as portas dos elevadores se abriram. — Por que será que nós sempre agradecemos às máquinas? — perguntou-se Eve, em voz alta. — Elas estão cagando e andando para a nossa educação.

— Essa é uma daquelas características inatas aos seres humanos. É por isso que os programadores os fazem agradecer aos humanos, também. Pelo menos é isso que eu acho. Você já esteve em Madri?

— Não. Talvez tenha estado ... Não, nunca estive — decidiu. Eve tinha conhecido um monte de lugares ao longo dos últimos dois anos. — Acho que não. Você sabe quem desenha sapatos como esses que estou usando, Peabody?

— O deus dos sapatos. E estes seus sapatos são fantagníficos, senhora.

— Não, eles não foram fabricados pelo deus dos sapatos. São o produto da mente de um homem, um sujeito de carne e osso com sérios desvios mentais e que, secretamente, odeia todas as mulheres. Ao desenhar sapatos como este, ele consegue torturar as mulheres e lucrar muito com isso.

— Esses sapatos fazem com que suas pernas pareçam ter trinta metros de altura.

— Sim, é isso mesmo que eu quero: um par de pernas com trinta metros de altura. — Resignada, saltou no andar de número cinquenta e um.

A porta da cobertura B era mais larga que um caminhão, mas foi aberta por uma mulher miúda com cerca de trinta anos, que usava um roupão verde-musgo.

Seus cabelos eram muito compridos e estavam desgrenhados, talvez por ela ter sido acordada de forma inesperada. Os fios eram em um ruivo profundo, escuro e pontilhado por luzes douradas muito sutis.

— Tenente Dallas? Por Deus, isso é um Leonardo?

Como a mulher olhava para o seu vestido com os olhos arregalados de admiração, Eve rapidamente concluiu que o “isso” referia-se à sua roupa.

— Provavelmente — respondeu. Leonardo era não apenas o atual queridinho do mundo da moda, mas também o foco do amor da amiga mais próxima de Eve. — É que eu vim direto de um ... evento. Esta é minha parceira, detetive Peabody. Falo com a Sra. Vanderlea?

— Sim, sou Deann Vanderlea. Do que se trata?

— Poderíamos entrar, Sra. Vanderlea?

— Sim, claro. Desculpem, estou confusa. Quando me ligaram lá debaixo avisando que a polícia queria me ver, a primeira coisa que eu pensei foi em Luther. Só que, nesse caso, eu teria recebido uma ligação de Madri, não é mesmo? — Ela sorriu, ligeiramente insegura.

— Não aconteceu nada com Luther, não é?

— Não, não estamos aqui por causa do seu marido. Trata-se de Elisa Maplewood.

— Elisa? Ora, mas ela já está na cama a essa hora da noite. Elisa não pode ter se metido em nenhum problema. — Ela cruzou os braços. — Qual é o assunto, afinal?

— A que horas a senhora viu Elisa Maplewood pela última vez?

— Pouco antes de eu ir me deitar, às dez da noite. Fui para a cama cedo porque tive uma enxaqueca. Por que tantas perguntas?

— Sinto informá-la, mas a Sra. Maplewood está morta. Foi assassinada esta noite, um pouco mais cedo.

— Isso ... isso é ridículo. Ela está na cama.

O jeito mais simples e direto para lidar com isso, conforme Eve sabia, era não discutir.

— Talvez seja melhor verificar isso, Sra. Vanderlea.

— São quase quatro da manhã, é claro que ela só pode estar na cama. Sua suíte fica aqui perto, atrás da cozinha.

Ela se afastou e caminhou pela espaçosa sala de estar, mobiliada com o que Eve reconheceu serem antiguidades. Muita madeira polida, linhas curvas, cores fortes, padrões complexos, cristais muito brilhantes e trabalhados. O aposento ia dar em um salão de mídia, com o telão de parede inteira recuado e um centro de games e comunicações instalado em uma espécie de estante discreta. *Armoire*, corrigiu-se Eve, mentalmente. Essa era a palavra em francês

que Roarke gostava de usar para se referir a esses gabinetes grandes e sofisticados.

Uma sala de jantar era o ambiente seguinte, formando um ângulo reto, e a cozinha ficava nos fundos dela.

— Gostaria que as senhoras esperassem aqui, por favor. Sua voz agora era ríspida, notou Eve. Irritada e temerosa.

A Sra. Vanderlea abriu um par de portas largas e baixas e entrou no que Eve imaginou serem os aposentos pessoais de Elisa Maplewood.

— Este lugar é imenso — cochichou Peabody.

— Pois é ... muito espaço, muitas tralhas. — Ela deu uma passada de olhos pela cozinha. Tudo era em prata e preto. Dramático, eficiente e tão limpo que nem mesmo um batalhão de peritos e técnicos da polícia conseguiria encontrar um simples grão de poeira.

Não era muito diferente da cozinha da casa de Roarke. Eve nunca pensava na cozinha de sua própria casa como sendo dela.

Ali era território de Summerset, e Eve ficava muito feliz em deixá-lo reinar sobre aquele espaço.

— Eu já a vi antes.

Peabody desviou o olhar de cobiça que lançava para o gigantesco AutoChef e o fixou em Eve.

— Você conhece essa Sra. Yanderlea?

— Já fomos apresentadas socialmente, mas não posso dizer que a conheço. Foi em um dos eventos ao qual eu fui arrastada. Roarke conhece o casal Vanderlea. Eu não me liguei no nome, como é que eu posso me lembrar de todas as pessoas que encontro em festas? Mas o rosto dela me pareceu familiar.

Eve se virou quando viu a Sra. Yanderlea vir dos fundos, caminhando apressada.

— Ela não está lá. Não compreendo. Elisa não está no quarto nem em outro lugar da suíte. Yonnie está dormindo. É a filhinha de

Elisa. Não compreendo.

— Ela costuma sair de casa à noite?

— Ora, mas é claro que ela não ... Mignon! — Dizendo isso, ela correu de volta à suíte.

— Mas quem, diabos, é Mignon? — resmungou Eve.

— Talvez Elisa Maplewood esteja curtindo garotas, agora. Pode ter uma amante.

— Mignon não está aqui. — Deann estava branca como cera, agora, e seus dedos tremiam muito quando ela os colocou junto da garganta.

— Quem é ...?

— Nossa cadelinha . — Ela falava depressa demais, e as palavras se atropelaram em sua boca. — Na verdade o animal não pertence a nós, emocionalmente falando, e sim a Elisa. Trata-se de uma poodle da raça micro, ou poodle miniatura, que eu comprei alguns meses atrás para servir de companhia às meninas, mas Mignon criou laços imediatos com Elisa. Ela ... ela provavelmente levou Mignon para dar um passeio. Ela às vezes faz isso no fim da noite, leva Mignon para uma volta na rua, Oh, Deus, oh, meu Deus.

— Sra. Vanderlea, por que não se senta um pouco? Peabody, pegue um copo d'água.

— Aconteceu algum acidente? Por Deus, ela se envolveu em um acidente? — As lágrimas ainda não tinham aparecido, mas Eve sabia que elas não tardariam.

— Não. Sinto muito, mas não foi um acidente. A Sra. Maplewood foi atacada no parque.

— Atacada? — Ela pronunciou a palavra lentamente, como se falasse outro idioma. — Atacada?

— Assassinada.

— Não. Não!

— Beba um pouco d'água, senhora. — Peabody colocou o copo que servira nas mãos de Deann. — Beba bem devagar.

— Não pode ser. Não pode ser! Como é possível? Nós duas estávamos conversando há poucas horas, sentadas bem aqui. Ela me aconselhou a tomar um analgésico e ir para a cama. Como é que pode? O que aconteceu?

Não, pensou Eve. Aquele não era o momento certo de piorar as coisas entrando em detalhes.

— Beba a sua água. — Ela notou quando Peabody se afastou um pouco dali e foi fechar as portas duplas.

A menina, lembrou Eve. Aquela seria uma conversa desaconselhável para uma criança, caso ela acordasse de repente.

E quando acordasse, lembrou Eve, seu mundo estaria modificado de forma irrevogável.

Capítulo Dois

— Há quanto tempo Elisa Maplewood trabalha para a senhora?

— Eve sabia a resposta, mas seria mais fácil guiar Deann por uma área plana, antes de elas chegarem ao terreno pedregoso.

— Dois anos. Sim, faz dois anos. Eu ... nós ... meu marido viaja muito, e eu decidi contratar uma empregada humana, em vez de lidar com andróides e ajudantes temporários. Basicamente pela companhia, imagino. Mas contratei Elisa porque gostei dela e nos entendemos bem.

Ela passou a mão pelo rosto e fez um esforço óbvio para se ajustar à situação.

— Ela era muito qualificada, é claro, mas descobrimos afinidades entre nós duas logo na entrevista. Já que eu iria contratar alguém para morar na minha casa e fazer parte do meu ambiente familiar, quis uma pessoa com quem me sentisse à vontade em nível pessoal. O outro fator decisivo foi Vonnie. Yvonne, a filha de Elisa. Eu também tenho uma filhinha, Zanna, com a mesma idade de Vonnie; achei que elas poderiam se tornar amigas. E se tornaram amigas de verdade. A filha de Elisa já faz parte da família. Ela e a mãe são a minha família. Por Deus, pobre Vonnie.

Ela colocou a mão na boca e as lágrimas começaram a lhe escorrer pelo rosto.

— Ela só tem quatro anos. É apenas um bebê. Como eu poderei contar a ela que sua mãe ... Como conseguirei contar a ela?

— Podemos fazer isso, Sra. Vanderlea — garantiu Peabody, sentando-se junto dela. — Vamos conversar com a menina e

colocaremos uma terapeuta do Serviço de Proteção à Criança e ao Adolescente disponível só para ela.

— Mas ela não conhece vocês. — Deann se levantou, foi até uma gaveta e pegou uma caixa de lenços de papel. — Ficaria ainda mais assustada se recebesse essa notícia de ... de uma pessoa estranha. Eu preciso contar a ela. Preciso achar um jeito de lhe contar.

Ela enxugou o rosto com um dos lenços de papel. — Preciso de alguns segundos, por favor — pediu.

— Não temos pressa, senhora — disse Eve.

— Eu e Elisa somos amigas. Tão amigas quanto Zanna e Vonnie. Não éramos...

... nosso relacionamento não era o de patroa com empregada. Os pais dela ...

Deann respirou fundo, bem devagar. Eve lhe deu pontuação máxima pela recuperação total do controle, quando ela voltou à mesa.

— A mãe de Elisa mora no centro da cidade, com o padrasto dela. Seu pai, ahn ...

... mora na Filadélfia. Eu posso ... posso entrar em contato com ele. Acho que o certo seria eles saberem da notícia por mim. Eles vão precisar ... tenho de ligar para Luther. Preciso contar a ele o que aconteceu.

— Tem certeza de que a senhora quer lidar com isso tudo sozinha? — perguntou Eve.

— Elisa teria feito isso por mim. — Quando sua voz ficou entrecortada, Deann apertou os lábios e baixou a cabeça. — Elisa teria cuidado da minha filhinha, e eu vou cuidar da filhinha dela, tenho certeza de que ela ... Oh, Deus, como isso pôde acontecer?

— Ela mencionou algum problema? Comentou sobre estar preocupada com alguém que a importunou ou lhe fez ameaças?

— Não, não, ela teria me contado algo desse tipo. As pessoas gostavam de Elisa.

— Ela estava envolvida com alguém, romântica ou socialmente?

— Nada disso. Ela não saía com ninguém. Teve um divórcio complicado e estava interessada apenas em criar um lar estável para a sua filha e, como ela mesmo dizia ... dar um tempo sozinha, longe dos homens.

— Houve alguém que ela tenha recusado ou desencorajado?

— Não que eu ... ela foi *estuprada*? — As mãos de Deann se fecharam sobre a mesa.

— O legista ainda vai confirmar isso ... — Eve parou de falar subitamente quando uma das mãos de Deann agarrou a dela.

— A senhora sabe e eu não quero que me esconda nada. Elisa era minha amiga.

— Temos indicações de que ela foi estuprada, sim.

A mão de Deann apertou a de Eve com mais força, estremeceu uma vez, violentamente e, por fim, liberou-a.

— A senhora vai encontrá-lo. Vai descobrir o homem que fez isso e vai fazê-lo pagar caro.

— Essa é a minha intenção. Se a senhora quiser me ajudar a fazer isso, preciso que pense com cuidado. Tente recordar se aconteceu alguma coisa, por mais insignificante que possa ter lhe parecido. Será que ela não comentou algo, casualmente?

— Ela deve ter reagido — declarou Deann. — O marido a espancava, mas ela fez algumas sessões de análise, buscou ajuda e o deixou. Aprendeu a caminhar com as próprias pernas. Ela deve ter reagido.

— E reagiu, mesmo. Onde está o ex-marido?

— Gostaria de lhe informar que ele está ardendo no inferno, mas a verdade é que está no Caribe com a vadia deste mês. Ele mora lá, é dono de uma loja de artigos para mergulho, ou algo do tipo.

Nunca veio visitar a filha, nem uma vezinha sequer, em todos esses anos. Elisa estava com oito meses de gravidez quando ele pediu o divórcio. Não vou deixar que ele crie aquela menina.

Um brilho belicoso brilhou no seu rosto, e a raiva que sentia lhe endureceu a voz.

— Vou lutar contra ele, caso ele peça a guarda da criança. Pelo menos isso eu posso fazer por Elisa.

— Quando foi a última vez que a senhora ouviu falar dele?

— Faz alguns meses, acho, quando ele atrasou a pensão da filha mais uma vez. Soube que ele andou lamentando e reclamando sobre ter de dar dinheiro para a ex- mulher quando ela desfrutava do bom e do melhor, aqui em casa. — Ela respirou longa e profundamente, mais uma vez. — O dinheiro da pensão ia direto para uma conta aberta em nome de Vonnie, a fim de custear sua educação, no futuro. É claro que ele nem pensaria nisso.

— Alguma vez a senhora o encontrou?

— Não, não tive esse desprazer. Ao que me consta, ele não vem a Nova York há quatro anos. Desculpe, ainda não estou conseguindo raciocinar direito — admitiu. — Mas vou conseguir, isso eu lhe prometo. Vou pensar com muito cuidado, com muita lucidez, e farei qualquer coisa para ajudá-la. Agora, eu tenho de falar com o meu marido. Preciso ligar para Luther ... e ficar um pouco sozinha, por favor. Preciso ficar só para poder pensar no jeito certo de contar o que aconteceu a Vonnie, quando ela acordar. Vou ter de contar tudo a Vonnie e a minha filhinha também.

— Precisamos examinar os aposentos de Elisa, procurar pistas nas coisas dela, talvez amanhã. Há algum problema?

— Não. Eu a deixaria vasculhar tudo agora mesmo, mas ... — Ela olhou para trás, na direção da porta dupla. — Quero que Vonnie durma o máximo que puder.

Eve se levantou e disse:

— Por favor, entre em contato com minha equipe pela manhã, então.

— Farei isso. Desculpe, eu esqueci completamente qual é o seu nome.

— Dallas. Tenente Dallas. E esta é a detetive Peabody.

— Certo ... certo. Eu admirei o seu vestido assim que a senhora apareceu na porta. Esse momento parece ter acontecido há muitos anos, agora. — Ela se levantou e esfregou o rosto, enquanto analisava Eve. — Seu rosto me parece familiar, tenente. Não consigo identificar de onde a conheço, porque parece que estamos conversando aqui há anos, e não sei se já tínhamos sido apresentadas.

— Sim, creio que nos conhecemos em um jantar beneficente, ou algo assim.

— Um jantar beneficente? Ora, mas é claro! Roarke. A senhora é a esposa de Roarke. A tira de Roarke, como as pessoas a chamam. Desculpe falar assim, não estou raciocinando direito.

— Tudo bem. Só lamento termos nos reencontrado sob essas circunstâncias.

O olhar de Deann ficou novamente aguçado, e o brilho de uma mulher guerreira iluminou seu rosto.

— Quando as pessoas falam da tira de Roarke enquanto saboreiam canapés e bebem coquetéis, dizem que ela é um pouco assustadora, parece cruel e é implacável. Essa descrição é correta?

— Quase perfeita.

— Muito bom ... Ótimo! — Deann estendeu a mão e apertou a de Eve com força.

— Porque agora a senhora é a minha tira, também.

— Ela vai enfrentar dias difíceis pela frente — comentou Peabody, quando elas saíram pelo saguão do prédio. — Mas me parece o tipo de mulher que conseguirá lidar com tudo assim que retomar o equilíbrio.

— Sim, ela tem fibra — concordou Eve. — Vamos dar uma olhada no ex-marido da vítima. Pode ser que ele tenha decidido visitar Nova York. Vamos falar com os pais da vítima também, e com outros amigos. Precisamos formar uma imagem precisa da sua rotina na casa dos Vanderlea.

— Essa não foi uma morte aleatória. A mutilação é o que me faz achar isso ... O cenário, a pose. Mesmo que não tenha sido uma coisa pessoal, algo bem específico, certamente foi bem planejado, para dizer o mínimo.

— Concordo. — Elas acabaram de passar pelo saguão e seguiram direto para a patrulhinha estacionada junto da calçada. — Elisa Maplewood levava a cachorrinha para passear todas as noites. Seguia uma rotina, um padrão. O assassino reparou nela, percebeu o padrão e precisou apenas esperar. Aposto que sabia que a cadelinha não avançaria nele, ou então estava preparado para impedi-la de atacar.

— Você já viu um desses poodles miniatura? — Peabody juntou as mãos e formou uma concha.

— Mesmo assim eles têm dentes, certo?

Parou ao lado do carro e analisou a vizinhança. O lugar era muito bem iluminado. Androides de patrulha passavam por ali com regularidade. Os porteiros trabalhavam vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. E certamente havia tráfego de carros àquela hora da noite, no momento do ataque.

— Ela levou a cadelinha até a grama. Ficou junto dos limites do parque, provavelmente, mas talvez tenha entrado. Sentia-se segura. Morava aqui, conhecia bem a área. Deve ter ficado perto da calçada, mas não tanto. Ele precisou agir depressa. Provavelmente estava à espera dela, isso é quase certo.

Eve se afastou da calçada, montando a cena na cabeça.

— Deixou a cadelinha farejar perto das árvores e fazer o que os cães fazem. A noite estava agradável. Ela estava relaxada, curtindo o

momento. Empregada e patroa podiam ser amigas, mas Elisa trabalhava lá, e dava duro. Dá para ver por suas mãos. Certamente gostava de curtir esse momento com a cachorrinha, só passeando e pensando na vida.

Eve ligou a lanterna, vasculhou a grama e iluminou o ponto onde havia ocorrido a captura, agora cercado por faixas amarelas.

— Ele esperou até ela ficar fora de vista para quem passava pela rua. Só mais um pouco além. Matou o cão ou ele fugiu.

— Matou o cão? — A aflição terrível que Peabody demonstrou fez Eve balançar a cabeça para os lados.

— Quando um sujeito espanca, estupra, estrangula e mutila uma vítima, não creio que ele considere absurda a ideia de matar 1m cão. Se liga, Peabody!

Eve voltou até o carro. Ela poderia ir para casa e trocar de roupa. Sua casa ficava mais perto dali que a Central de Polícia. Além do mais, isso a livraria do mico de entrar na sala de ocorrências vestindo aquela roupa de gala. Só isso já era um argumento definitivo.

— A patrulhinha poderá nos deixar na minha casa — sugeriu Eve. — Vamos juntar as peças que temos, depois tirar um cochilo de duas horas e acordar alertas e energizadas, de manhã cedo.

— Sei... também saquei tudo o que não foi dito: você não quer aparecer na Central usando o seu vestido de arrasar.

— Cale a boca, Peabody.

Já passava das cinco da manhã quando Eve entrou no quarto, silenciosamente. Tirou as roupas enquanto se encaminhava para a cama, deixou-as largadas pelo chão mesmo e deslizou, completamente nua, para debaixo das cobertas.

Não tinha feito nenhum ruído, mal havia balançado o colchão, mas o braço de Roarke a enlaçou pela cintura e a puxou para junto

dele.

— Eu não queria acordar você. Vou dormir por duas horas. Peabody chegou comigo e já foi para o seu quarto de hóspedes favorito.

— Apague a mente e durma um pouco, então. — Os lábios dele roçaram os cabelos dela. — Simplesmente durma.

— Só duas horas — murmurou Eve. E apagou.

O seu pensamento seguinte, não muito coerente, foi: café.

Ela sentiu o cheirinho da bebida. O aroma sedutor subiu lentamente pelo seu cérebro adormecido como um amante que escala uma treliça florida para alcançar a amada. Quando piscou os olhos, viu Roarke.

Roarke, invariavelmente, se levantava antes de Eve e, como sempre, já estava vestido com um daqueles ternos de dono do mundo. Só que em vez de se colocar na saleta de estar da suíte, como era seu hábito, analisando os primeiros relatórios sobre as bolsas de valores no mundo todo, ele estava sentado na beira da cama, olhando fixamente para ela.

— Que foi? Aconteceu alguma coisa? Houve outro ... ?

— Não. Relaxe. — Ele pressionou a mão sobre o ombro dela, mantendo-a na cama quando ela tentou pular do colchão. — Sou seu serviço completo de despertador, com café e tudo. — Ele colocou a caneca de café na linha de visão dela.

E viu seus olhos brilharem de cobiça.

— Me dá!

Ele afastou a caneca por um segundo, mas acabou entregando-a e esperou enquanto ela tomava o primeiro gole, desesperada.

— Sabe de uma coisa, querida? Se algum dia a cafeína entrar para a lista de substâncias ilegais, você vai ganhar uma ficha na polícia como viciada.

— Se eles tentarem colocar a cafeína eu os mato um por um, sem dor na consciência. Qual o significado de café na cama?

— Eu amo você.

— Sim, eu sei — ela tomou mais um gole e exibiu um sorriso cruel — , seu otário!

— Assim você não vai me convencer a lhe trazer outra caneca.

— Que tal “eu também amo você”?

— Isso talvez funcione. — Ele passou o polegar pelas olheiras que já se formavam sob os olhos de Eve. — Você precisa de mais que duas horas de sono, tenente.

— Isso é o máximo que posso dormir, agora. Depois eu recupero. Um dia.

Preciso tomar uma ducha.

Ela se levantou de um pulo e levou o restinho do café com ela para o banheiro. Roarke ouviu quando ela ordenou força máxima no jato da ducha, à temperatura de trinta e oito graus. Balançou a cabeça ao pensar nessa velha rotina de Eve: tentar se colocar em estado de alerta esaldando a pele logo cedo, debaixo do chuveiro.

Foi providenciar algo com substância para alimentá-la e torceu para não se ver obrigado a amarrá-la na cadeira e obrigá-la a comer. Começava a programar o AutoChef para o desjejum quando ouviu os passinhos silenciosos e ritmados atrás dele.

— Você deve ter um chip na cabeça que avisa quando alguém pensa em comida — disse Roarke, olhando para o gato gorducho que se esfregava em sua perna. — Aposto que já foi alimentado na cozinha.

Galahad ronronou como uma máquina e esfregou o corpo com mais força na perna do dono. Ignorando-o por um instante, Roarke programou rabanadas de leite para Eve, algo a que ela não conseguia resistir. Acrescentou algumas fatias de bacon, pois sabia que esse era o ponto fraco do gato.

Eve surgiu usando apenas um robe atalhado muito curto.

— Vou comer algo na Central assim que ... — Ela cheirou o ar e viu o prato de rabanadas recém-fritas. — Isso é golpe baixo.

— Eu sei. — Ele bateu no banco comprido ao lado e afastou Galahad quando o gato veio se acomodar ali. — Você, não! Sente-se aqui, Eve. Dá para ficar mais uns quinze minutos e tomar um café decente.

— Pode ser. Vou aproveitar para lhe perguntar algumas coisas. Dois coelhos com uma cajadada, sabe como é ... — Ela se sentou e espalhou uma quantidade generosa de mel sobre as rabanadas.

Deu a primeira mordida e afastou o gato que tentou avançar no prato. Depois, pegou o café fresco que Roarke havia servido.

— A vítima trabalhava na casa de Luther e Deann Vanderlea.

— Os donos da Vanderlea Antiquidades?

— Sim, foi isso que eu descobri quando analisei os dados. Você os conhece bem?

— Usei muito os serviços da firma quando estava mobiliando esta casa, e algumas das outras. Fiz consultas com o pai de Deann, na maior parte das vezes, mas conheço Luther e a esposa. Não são o que eu chamaria de amigos pessoais, mas certamente temos um relacionamento amigável. Ele é muito competente em sua área de atuação e se envolve muito com os negócios. São pessoas simpáticas, e ela é uma mulher brilhante e charmosa. Eles são suspeitos?

— Luther estava em Madri na hora do crime, pelo que eu pude confirmar até agora. A esposa não está na lista de suspeitos. Na verdade, a não ser que Deann seja uma atriz premiada, ela e a vítima eram tanto amigas quanto patroa e empregada.

Acho que até mais. Deann sofreu um choque ao saber o que houve, mas aguentou firme. Gostei dela.

— Pois eu posso lhe dizer, pelo que conheço de Luther, que não o imagino estuprando uma mulher, muito menos matando-a e arrancando seus olhos.

— Mas ele é o tipo do cara que tentaria se engraçar com a empregada debaixo do nariz da esposa?

— Nunca se sabe com quem um homem pode se engraçar debaixo do nariz da esposa, mas esse não seria o meu palpite em se tratando de Luther. Eles me parecem um casal feliz. Acho que têm um filho.

— É filha, com quatro anos. A mesma idade da filha da vítima. Deann Vanderlea está tendo uma manhã terrível.

— A vítima tinha marido?

— Ex. Mora no Caribe. Ele a espancava. Vamos analisá-lo mais de perto.

— Algum amante atual?

— De acordo com Deann, não. Elisa Maplewood, a vítima, supostamente saiu de casa entre dez e meia-noite e levou a cadelinha fru-fru para passear. Saberemos a hora exata pela câmera de segurança do prédio. Caminhava pelo Central Park quando o assassino a agarrou. Ele esperou por ela ... só podia estar de tocaia ... atacou-a, estuprou-a, estrangulou-a e depois a carregou para as pedras à beira do lago, onde a colocou para terminar o serviço. Os olhos simbolizam alguma coisa? — perguntou, quase para si mesma.

— Janelas da alma, olho por olho? Ou será algum macabro ritual religioso? Um souvenir, talvez?

— Você vai precisar de Mira.

— E como! — Eve pensou na psiquiatra da polícia que era a melhor montadora de perfis criminosos da cidade de Nova York. — Vou procurá-la daqui a pouco.

Comeu tudo enquanto falava e se levantou para se vestir.

— Quem sabe temos sorte e isso foi apenas um crime isolado?

— Mas você não pensa que tenha sido.

— Não. Foi organizado e metódico demais. Há muitos símbolos. Os olhos, a fita vermelha em gorgorão, a pose. Talvez tudo isso tenha relação com Elisa Maplewood, mas acho que tem mais a ver com o assassino do que com a vítima. Esses elementos representam algo especial para ele, em nível pessoal. Elisa talvez

tivesse o tipo certo, fisicamente, ou quem sabe foi escolhida pelo lugar onde morava, seu passado, algo do tipo. Ou pode ser, também, que bastava ser mulher e estar sozinha e disponível.

— Você quer minha ajuda com os Vanderlea?

— Talvez precise, sim, em algum momento.

— Então, é só me avisar. Querida, essa roupa, não, por favor.

— Mais resignado do que consternado, Roarke se levantou para guardar o casaco de couro que ela escolhera no closet e, depois de uma rápida olhada, pegou outro em xadrez azul-claro em fundo creme. — Pode confiar em mim.

— Não sei como eu me vestia antes de você ser meu consultor de moda — disse ela, com ar irônico.

— Eu sei, mas não gosto de pensar no assunto.

— Percebi o sarcasmo, ouviu? — Ela se sentou para colocar as botas.

— Mmm. — Ele enfiou a mão no bolso direito e acariciou um pequeno botão cinza. Era o botão que havia caído do casaco mais feio e mal cortado que ele vira em toda a sua vida. O casacão que Eve vestia na primeira vez em que Roarke colocara os olhos nela.

— Vou participar de uma teleconferência daqui a pouco, mas estarei no centro da cidade pelo resto do dia. — Ele se inclinou e pousou os lábios sobre os dela. Deixou-os ficar ali por um momento longo e satisfatório. — Cuide da minha tira.

— É o que pretendo fazer. Escute ... eu soube que seus amigos comentam que a sua tira é assustadora, cruel e implacável. O que me diz disso?

— Tenente, os *seus* amigos dizem o mesmo. Dê o meu melhor bom-dia para Peabody — completou ele, ao sair do quarto.

— O seu melhor fica comigo — disse Eve. — Peabody fica com o que sobrar do bom-dia.

Ela o ouviu rir com vontade e decidiu que aquilo era tão bom quanto o café, para ajudá-la a enfrentar o dia.

Marcar uma hora com a Dra. Mira foi a primeira coisa que Eve fez quando entrou em sua sala na Central. A lista de tarefas de Peabody incluía confirmar que Luther Vanderlea estava em Madri na noite anterior, além de descobrir o paradeiro do ex-marido de Elisa.

Eve alimentou o computador com os dados conhecidos e fez uma varredura no CPIAC — Centro de Pesquisa Internacional de Atividades Criminais, em busca de crimes semelhantes.

O elevado número de homicídios sexuais envolvendo mutilação não a deixou surpresa. Eve já era tira há muito tempo.

Mesmo os casos que envolviam danificar, destruir ou remover os olhos das vítimas não a tiravam do ritmo.

Eliminou todos os casos em que o perpetrador estava na cadeia ou morto, e passou a manhã analisando os casos não resolvidos e aqueles em que o suspeito fora considerado inocente.

O tele-link tocou várias vezes, certamente repórteres farejando um bom furo, mas todos foram devidamente ignorados.

Deixando o sistema acumulando os dados, Eve voltou à vítima. Quem era Elisa Maplewood?

Tinha sido educada em escolas públicas, verificou. Não tinha faculdade. Um casamento, um divórcio, uma filha. Recebeu salário como mãe profissional nos primeiros dois anos. Os pais se divorciaram quando ela fez treze anos. A mãe também era empregada doméstica e o padrasto era operário. O pai morava no Bronx e tinha uma ficha extensa, observou Eve, analisando melhor o histórico de Abel Maplewood.

Pequenos roubos, bebedeiras e arruaças, receptação de mercadorias roubadas, agressões, registros de agressões conjugais, jogos ilegais e atentado ao pudor.

— Ora, ora, Abel, você é realmente um cara esquisito, sabia? Eve não encontrou registro de ataques sexuais, mas sempre poderia

haver uma primeira vez.

Pais estupravam as filhas, Eve sabia disso muito bem. Eles as seguravam, as espancavam, quebravam seus ossos e se lançavam dentro de seus corpos, mesmo elas sendo sangue do seu sangue.

Ela se afastou devagar da mesa quando sentiu o coração acelerar. Quando percebeu que as lembranças e os pesadelos das suas próprias recordações começaram a inundar sua mente.

Pegou água em vez de café e bebeu tudo devagar, bem devagar, enquanto olhava para a janela estreita que dava para a rua.

Eve sabia o que Elisa havia passado durante o estupro; a dor, o medo que era ainda pior que a dor, a degradação e o choque. Conhecia as sensações de um jeito que só outra vítima poderia conhecer.

Mas precisava usar o conhecimento para encontrar o assassino e conseguir justiça, senão isso não lhe serviria de nada. Se permitisse que essas lembranças a deixassem abatida e a fizessem perder o foco, a experiência pessoal não lhe serviria de absolutamente nada.

Hora de fazer trabalho de rua, disse a si mesma. De volta à rua e ao trabalho.

— Dallas?

Ela não se virou nem perguntou a si mesma há quanto tempo Peabody estava ali, à espera de ela retomar o controle.

— Você confirmou os dados sobre Luther Vanderlea? — perguntou Eve.

— Sim, senhora. Ele estava em Madri, conforme informado, mas está voltando para casa nesse momento. Cancelou o último dia de reuniões depois da ligação da esposa. Teve um desjejum especial com parceiros de negócios, hoje de manhã. Considerando a diferença de fuso horário entre os Estados Unidos e Europa, eram sete da manhã em Madri. Impossível, na prática, ele vir para Nova York, matar Maplewood e voltar a tempo para a reunião matinal.

— E quanto ao ex?

— Brent Hoyt. Está limpo. Como passou a noite preso por bebedeira em Saint Thomas, ontem à noite, não estava em Nova York.

— Tudo bem. O pai de Elisa Maplewood, Abel, tem uma ficha considerável. Precisamos analisá-lo com carinho. Mas vamos voltar à casa dos Vanderlea, antes disso.

— Ahn ... tem uma pessoa aqui que deseja falar com você.

— Tem a ver com o caso?

— Bem ...

— Não tenho tempo para papo furado. — Eve se virou. — Vamos até o necrotério conversar com Morris, depois seguimos para a zona norte. Preciso voltar aqui antes do almoço, a fim de conversar com Mira.

— Tá bom, mas essa pessoa é ... muito insistente. Diz ter algumas informações sobre o caso. E me parece normal.

— Normal quando comparada a quem? Se tem alguém aí fora com informações relacionadas à investigação atual, por que você não disse logo?

— Porque ... — Peabody ficou dividida entre deixar Eve descobrir por conta própria e proteger a própria pele, mas esse foi um dilema curto. — Ela diz que é vidente.

Eve ficou imóvel.

— Ah, Peabody, qual é?!... Mande-a para o relações-públicas da polícia. Você sabe como é que esses lunáticos são.

— Mas ela tem registro e licença para trabalhar nessa área. E foi enviada por uma pessoa amiga.

— Não tenho amigos videntes, e essa é uma política que pretendo manter.

— Bem, na verdade ela conhece uma amiga sua.

— Mavis tem um monte de amigos pirados, mas eu não os recebo em minha sala.

— Não é Mavis. Ela diz ser amiga da Dra. Dimatto. A completamente normal e muito saudável Dra. Louise Dimatto. E está muito abalada, Dallas. As mãos dela estão tremendo.

— Ai, que inferno! Vamos dar dez minutos para essa maluca.
— Eve olhou as horas no relógio de pulso e marcou o alarme para tocar em dez minutos. — Mande-a entrar.

Eve se sentou à mesa e fez uma cara feia. Era isso que acontecia quanto alguém fazia novos amigos. Esses amigos também arrumavam novos amigos e esses amigos dos amigos conseguiam se meter na sua vida e no seu trabalho. Quando você menos esperava, já estava cercada de gente.

E metade deles era gente doida.

Tudo bem, ela se emendou. Nem todos os videntes eram malucos ou falsos. Alguns deles — muito poucos, por sinal, eram legítimos. Eve sabia muito bem que os agentes da lei às vezes usavam pessoas dotadas de clarividência para ajudar o seu trabalho.

Mas Eve não fazia isso. Acreditava em chegar ao criminoso através de procedimentos investigativos, recursos tecnológicos, estudos extensos das evidências, muita dedução. Depois, era só adicionar um pouco de instinto, sorte, algumas viradas de mesa e chutes nas bundas certas.

As coisas funcionavam muito bem desse jeito, para ela. Por falar nisso, foi pegar café.

Virou-se do AutoChef com uma caneca na mão no instante em que uma mulher entrava pela porta, trazida por Peabody.

A visitante parecia normal. Seus cabelos eram compridos, lhe desciam em ondas até abaixo dos ombros e tinham um tom de castanho perfeitamente normal. Um castanho-escuro e brilhante que parecia ter sido escolhido por Deus no instante em que ele a criou. Sua pele era morena e lisa, seus olhos eram verde-claros, mostravam coragem, e também pareceram muito lúcidos quando fitaram os de Eve com firmeza.

O rosto era forte e sexy, a boca tinha lábios carnudos e o nariz era fino e pontudo. Sangue mexicano ou espanhol, Eve desconfiou. Ancestrais que se tostavam ao sol e dedilhavam violões. Muito exótico.

Eve calculou que a visitante devia ter trinta e poucos anos. Mais ou menos um metro e setenta de altura e um corpo firme, com músculos bem-trabalhados.

Ela vestia uma calça larga muito bem-cortada e uma blusa comprida, ambas com a cor de papoulas no verão; trazia nos dedos dois anéis com pedras em cores fortes e brincos muito interessantes, em formato de finas gotas de ouro.

— Tenente Dallas, esta é Celina Sanchez.

— Muito bem, Sra. Sanchez ... sente-se, por favor. Como estou com pouco tempo para atendê-la, por favor vá direto ao assunto.

— Certo. — Ela se sentou, cruzou as mãos com firmeza no colo e respirou fundo duas vezes. — Ele arrancou os olhos dela.

Capítulo Três

— Ora, vejo que agora consegui atrair sua atenção ... — Celina descruzou os dedos e levou dois deles até a têmpora direita, comprimindo-a com força, como se tentasse aliviar a dor. — Será que eu poderia tomar um pouco desse café?

Eve permaneceu onde estava, bebendo seu café lentamente. Eles não tinham divulgado os detalhes da mutilação para a mídia. Mas alguma coisa podia ter vazado. Sempre havia vazamentos de informações.

Eve ficou um pouco instável, mas não demonstrou emoção. Perguntou com a voz rouca, em tom de provocação:

— Como conseguiu essa informação, Sra. Sanchez?

— Eu vi tudo, e não foi nada bonito.

— A senhora viu a vítima no Central Park?

— Sim. Mas eu não estava no parque, estava em casa. Vim aqui para lhe explicar tudo. Eu realmente agradeceria um pouco de café.

Eve assentiu levemente com a cabeça para Peabody.

— A senhora conhecia Elisa Maplewood?

— Não. Antes de seguirmos em frente, devo avisá-la de que nunca trabalho com a polícia. Não faço isso, nem tenho aspirações de fazer.

Ela usou muito as mãos enquanto falava, levantando-as e fazendo gestos largos que diziam a Eve que aquele era o seu jeito natural. De repente ela apertou as mãos com força no colo, como se tentasse deixá-las paradas.

— Não quero ver as coisas que a senhora vê em seu trabalho, tenente. Não gostaria de ficar com essas imagens gravadas na

cabeça. Basicamente eu faço consultas particulares e atendo grupos. Não sou uma lunática qualquer em busca de fama, embora, pelo que Louise me falou, a senhora deva estar imaginando exatamente isso.

— Como foi que a senhora conheceu Louise Dimatto?

— Frequentamos a mesma escola, e permanecemos amigas desde essa época. — Ela pegou a caneca de café que Peabody ofereceu. — Você me parece mais aberta a situações paranormais, detetive. Existem clarividentes na sua família?

— Ahn, eu ...

— Vamos manter o foco na senhora — interrompeu Eve.

— Muito bem, então. — Celina provou o café e sorriu pela primeira vez desde sua chegada. — Isso está maravilhoso, e eu lhe asseguro que precisava muito dessa dose de cafeína. Eu tive um sonho.

— Sei...

O sorriso de Celina se ampliou.

— Seu jeito sarcástico me acalma, sabia? Quem diria ... Louise me disse que eu gostaria da senhora, tenente Dallas. Por estranho que pareça, acho que ela estava certa.

— Que bom! Agora, podemos voltar ao tema principal do papo?

— Claro. No sonho eu vi uma mulher. Era jovem, atraente, com cabelos castanho-claros, me parece. Fios retos, um ouço acima dos ombros. Sim, eles pareciam castanhos bem claros, sob a iluminação da rua. Ela saiu de um prédio levando um cãozinho pela coleira. Vestia jeans e camiseta. Havia um porteiro, e eles trocaram algumas palavras que eu não consegui ouvir, porque via tudo de longe.

“ Ela atravessou a rua. Era uma rua larga, e o cãozinho seguia quase aos pulos na frente dela. No sonho, meu coração disparou de medo nesse instante. Quis gritar para que ela voltasse, entrasse no edifício, mas não consegui falar. Eu vi enquanto ela seguiu na direção do parque. Nesse instante ela esfregou os braços, e eu sei que

ela se perguntou se não deveria ter levado um casaco leve, porque o tempo já começa a esfriar nessa época do ano. Ela poderia ter voltado para pegar o casaco em casa e tudo ficaria bem, mas não fez isso.”

As mãos de Celina começaram novamente a tremer quando ela levou a caneca aos lábios, mais uma vez.

— Ela continuou andando, com o cãozinho a puxando pela coleira. Uma sombra surgiu por trás dela, mas a moça não viu nada, nem soube. Ele a atacou por trás. Não consegui vê-lo, distingui apenas sombras. Ele estava ali de tocaia, à espera, olhando de longe, exatamente como eu. Ah, mas eu conseguia sentir a excitação dentro dele, e sua loucura, tanto quanto consegui sentir o medo da jovem. A mente dele era vermelha, escura, um tom cruel de vermelho, enquanto a mente dela era cor de prata. Sombras vermelhas, luz prateada.

A caneca tremeu um pouco quando Celina a colocou sobre a mesa.

— Eu não faço essas coisas. Eu não quero isso.

— Você veio até aqui. Termine a história.

A visitante perdeu toda a cor do rosto e seus olhos claros fitaram vidrados.

— Ele a agrediu e o cãozinho fugiu, depois de levar um chute.

Ela tentou lutar, mas ele era muito forte. Ele lhe deu um soco no rosto e ela caiu no chão. Ela tentou gritar, mas ele continuou batendo nela sem parar. Continuou e continuou ...

A respiração de Celina ficou mais ofegante e ela passou a mão sobre o coração.

— Ele a chutou, atingiu-a mais algumas vezes e, em seguida, arrastou-a para um local ainda mais escuro, em meio às sombras. Nesse momento, ela perdeu um dos sapatos. Ele enrolou uma fita grossa, feita de tecido de gorgorão, em torno do pescoço dela. Uma fita vermelha, que significa poder. O vermelho também significa

morte. Apertou com força. Ela lutou muito, tentando respirar. Tentou atingi-lo, mas ele era muito mais forte que ela e lhe rasgou as roupas. Puta, piranha, xereca. Odiando-a muito, odiando-a profundamente, ele a estuprou. Apertou a fita, mais e mais, até que de repente ela ficou imóvel. Estava morta.

Lágrimas escorriam pelas faces de Celina. Suas mãos haviam voltado ao colo, agora, e se retorciam como arames.

— Ele quis lhe mostrar para o que ela servia. Quis lhe mostrar quem estava no comando. Mas a coisa não acabou aí. Ele pegou as roupas dela e as guardou em uma sacola. Carregou a sacola e a pobrezinha mais para dentro do parque. Ele é forte, muito forte. Sabe cuidar de si mesmo. Quem é o mais importante agora, afinal?

A respiração dela continuou irregular e ofegante. Seus olhos pareceram fixar um ponto vazio ao longe.

— Há um castelo no parque, perto do lago. Ele é o rei do castelo. É o rei de tudo. Ele a coloca sobre o ombro com facilidade, e desce pelas rochas até a beira do lago. Ao chegar lá, ele a deposita sobre as pedras, com muito cuidado. Ela vai gostar daqui. Talvez dessa vez fique aqui para sempre.

Olhando para o vazio, Celina ergueu suas mãos unidas e as colocou entre os seios.

— Descanse em paz, sua puta. E ele arrancou os olhos dela. Por Deus, meu bom Deus, ele arrancou os olhos dela e os colocou dentro de uma bolsa pequena, que jogou dentro da sacola. Havia sangue escorrendo pelo rosto dela. Havia sangue nas mãos dele. Então, ele se inclinou e a beijou. Nesse momento eu acordei do sonho com o arrepio daquela boca ensanguentada sobre a minha.

O alarme do relógio de pulso de Eve tocou e Celina deu um pulo.

— O que você fez, então? — quis saber Eve.

— O que eu fiz? .. Bem, depois de acabar de tremer, tomei um tranquilizante. Disse a mim mesma que tudo não passara de um

pesadelo. Sabia que não, mas *queria* que fosse um pesadelo, e não uma visão. Meu dom nunca me levou a um lugar tão escuro, e eu tive medo. Tomei um tranquilizante e o usei para bloquear a mente. Covardia, eu sei, mas nunca me vi como uma mulher corajosa. Aliás, nunca quis ter coragem, muito menos diante de algo assim.

Ela pegou o café mais uma vez.

— Só que agora de manhã, eu liguei a tevê. Costumo evitar os canais de notícias, mas me senti compelida a confirmar o que vi. Precisava saber. E assisti à reportagem. Eles mostraram a foto dela ... a mulher bonita com os cabelos castanho-claros. Disseram o nome dela. Eu não queria vir aqui. A maioria dos policiais é cética por natureza. É por isso que eles são o que são. Mas eu tive de vir.

— Você diz que viu a vítima nessa visão. Mas não viu o agressor?

— Eu vi a ... essência dele, pode-se dizer. Vi uma forma. — Sua garganta fez um ruído profundo quando ela engoliu em seco. — Isso me apavorou mais do que qualquer outra coisa na vida. Para ser franca, eu não vinha aqui. Pensei em deixar tudo de lado. Só de pensar nisso me sinto uma pessoa pequena e repugnante.

Ela ergueu uma das mãos e brincou com o colar em torno do pescoço. Suas unhas estavam pintadas com um esmalte vermelho-escuro, muito brilhante, com as pontas em meias-luas muito brancas.

— Acabei vindo, porque Louise tinha comentado sobre a senhora. Vou tentar ser útil.

— Como pretende ser útil?

— Pode ser que eu veja mais coisas se encontrar algum objeto que pertença a ele, ou algo em que ele tenha tocado. Não sei. É um lampejo de irritação inundou seu rosto.- Essa não é minha área de trabalho. Tudo isso é território novo para mim, e a senhora não está facilitando as coisas nem um pouco, tenente.

— Não leio mentes.

O tom de Celina se tornou mais incisivo, ela lançou os cabelos para trás e disse:

— E eu não vejo o que vai por dentro das pessoas sem a permissão delas.

— Pois eu lhe garanto que essa permissão você nunca terá de mim. Tenho muito trabalho a fazer agora, Sra. Sanchez. Vou analisar as informações que me deu e misturá-las com o que eu já sei. Manteremos contato.

— Parece que Louise estava errada, afinal de contas. Não gostei da senhora. — Ela foi embora sem se despedir.

— Ora, puxa ... ela não precisava ferir meus sentimentos — debochou Eve.

— Você foi muito dura com ela — opinou Peabody. — Não acredita no que ela contou?

— Eu não disse isso. Meu veredito está reservado até verificarmos tudo sobre ela. Faça isso.

— Senhora, ela não poderia ter uma licença para trabalhar como vidente se tivesse ficha na polícia.

— Ela não poderia ter licenças se tivesse sido *condenada* — corrigiu Eve, e se preparou para sair. — Pesquise tudo sobre ela, bem fundo. E descubra onde a Dra. Louise Dimatto está. Quero ver o que ela tem a dizer sobre isso.

— Bem pensado. É claro que nem precisava dizer isso — acrescentou Peabody, quando Eve lhe lançou um olhar frio. — Se ela estiver limpa você pretende usá-la?

— Eu usaria até um macaco falante com duas cabeças se isso ajudasse a prender esse cara. Só que, por enquanto, vamos fazer o nosso tedioso trabalho de tiras no jeito normal.

O necrotério foi sua primeira parada. Ela podia contar com Morris, o chefe dos legistas, para fazer bem o seu trabalho e lhe

informar todos os dados necessários de forma direta, sem baboseiras nem burocracias.

Ela o encontrou na sala de autópsia, com seu equipamento protetor sobre um terno com colete em tom de azul-acinzentado. Olhando mais de perto, dava para ver que sua roupa era decorada com traços abstratos que lembravam uma mulher nua.

Não era por acaso que todos consideravam Morris uma figurinha especial.

Seus cabelos compridos e escuros estavam presos em uma trança brilhante que lhe descia com graça por entre as omoplatas. Ele mantinha o bronzeado das últimas férias. No momento, suas mãos seladas estavam manchadas de sangue e fluidos corporais. Ele cantarolava baixinho uma melodia alegre, enquanto trabalhava. Olhou para trás quando Eve e Peabody entraram na sala e, por trás dos micro-óculos, seus escuros olhos amendoados pareceram sorrir.

— Você quase me fez perder vinte paus.

— Como assim?

— Apostei com Foster que você iria aparecer aqui antes das onze da manhã.

Quase perdi.

— Uma vidente atrasou meu cronograma. Qual sua posição em relação a videntes?

— Acredito que todos nós chegamos ao mundo com talentos natos, habilidades, potenciais e outros dons não muito fáceis de explicar. Também acredito que noventa por cento das pessoas que se dizem paranormais não passam de mentirosas safadas.

— Para mim esse número é maior uns dois pontos percentuais, mas no resto eu concordo. — Eve olhou para o corpo sobre a mesa.

— O que você vê aqui?

— Uma jovem com pouca sorte que, dependendo da sua filosofia pessoal, não vê mais nada ou está vendo tudo, agora. Sofreu um trauma severo antes de morrer — continuou. — Ele a surrou

muito, Dallas. Atacou-a sexualmente sem deixar vestígios de nenhum fluido. Estava completamente protegido e selado na hora do estupro. Estrangulamento foi a causa da morte. A fita vermelha em gorgorão foi a arma do crime. A mutilação foi póstuma. Cortes precisos. Alguém andou praticando muito.

— Cortes precisos até que ponto? Eram cortes cirúrgicos?

— Bem ... se ele é cirurgião, aposto que não foi o primeiro da turma. Eu diria que tem boa habilidade para usar um bisturi a laser, mas não é excepcionalmente bom no ofício. Encontrei vários entalhes malfeitos. — Ele apontou para um segundo par de micro-óculos. — Quer ver?

Sem dizer nada, Eve colocou o equipamento e se inclinou sobre o corpo, ao lado de Morris.

— Está vendo aqui? E aqui? — Ele apontou para a tela, onde as imagens das feridas estavam tão ampliadas que até Peabody teve chance de analisá-las. — O corte não é nem um pouco preciso. As mãos dele tremeram um pouco, eu diria. E encontrei fluidos. Ele furou um pedacinho do globo ocular esquerdo, mas vamos precisar que o Dick Cabeção confirme isso com exames de laboratórios.

— Tudo bem.

— Não encontrei nada dele nela. Só vi grama, sujeira, alguns pelos, nenhum deles humano. É melhor esperar pelo Cabeção para saber o resultado completo disso também. Alguns dos pelos me parecem caninos, mas isso é um palpite fácil, já que a vítima tinha um cão. Todo o sangue que encontrei era dela.

— Isso é péssimo. Alguma fibra?

— Poucas, sim, sob as unhas dela. A vítima não desistiu fácil, isso eu lhe garanto. O material já foi para o laboratório, mas eu acho que são fibras de roupa, a maioria dela mesma, provavelmente. Mas há chances de alguns fios pertencerem à camisa do assassino, porque encontrei vestígios de selante neles.

Eve endireitou o corpo e tirou os micro-óculos.

— Você já viu algo assim antes, Morris?

— Daqui desta bancada grandiosa eu já vi de tudo, Dallas. Mas isso, exatamente, nunca. E você?

— Todos esses elementos de uma vez só, não.

Mas seus instintos lhe diziam que ela veria aquilo novamente, em breve.

— Ela está limpa, Dallas. Celina Sanchez. Nunca foi presa, não tem ficha criminal — Peabody analisou o visor do tablet enquanto Eve dirigia rumo norte. — Quer ouvir tudo?

— Só os pontos principais.

— Nasceu no dia 3 de fevereiro de 2026 em Madison, no Wisconsin ... Brrr, que lugar frio! Seus dois pais estão vivos, moram em Cancun. Esse é um lugar gostoso! Cursou escolas particulares a vida toda. Nunca se casou. Morou com um namorado durante três anos, mas o caso terminou a quatorze meses. Não teve filhos. Conseguiu registro e licença para atuar profissionalmente como sensitiva. Trabalha por conta própria.

— Há quanto tempo ela tem essa licença?

— Quinze anos. Ficha limpa. Sofreu algumas ações civis contra si, todas julgadas a seu favor. Isso é normal, quando se trata de clarividentes. As pessoas ficam revoltadas quando algo não sai do jeito que elas queriam, e isso termina em processo.

— As pessoas são capazes de processar até as nuvens, caso chova no piquenique delas.

— Celina Sanchez trabalha para várias empresas. Faz festas, convenções e dá consultas particulares. Ganha muito bem, por sinal. Sete ou oito vezes mais do que a humilde detetive que vos fala. Mora no mesmo apartamento, no Soho, há doze anos. Também tem uma casa de praia em Oyster Bay. Muito interessante, e tudo me parece legalizado.

— Hum-hum. Você já entrou em contato com Louise?

— Ela hoje está no abrigo.

— Ah, é? — Eve imaginou que ela estivesse na clínica em Canal Street. Ainda não tinha ido conhecer o abrigo para mulheres que Roarke havia fundado. — Vamos passar na casa da vítima, antes. Se tivermos tempo sobrando, podemos ir ao abrigo para conversar com Louise.

— Bem que eu queria conhecer o abrigo Dochas — comentou Peabody. — Charles me disse que Louise está muito empolgada com o lugar.

— Você ainda fala com Charles?

— Claro, de vez em quando.

Charles, um amante profissional licenciado, estava atualmente com Louise. Já tinha se relacionado com Peabody antes, embora fosse uma relação sem sexo. Tudo isso lhe pareceu esquisito.

Eve sempre achava as particularidades dos relacionamentos muito estranhas.

Inclusive as do relacionamento dela com Roarke.

— Alguma sorte na pesquisa da fita de gorgorão?

— Se você considerar sorte o fato de que só nas imediações de Manhattan existem mais de trinta pontos de venda de fitas desse tipo, somos muito sortudas. Anotei todas as fábricas e distribuidores. É um item muito comum, Dallas, facilmente encontrado em quiosques de artesanato e lojas de artigos para festas. Algumas das melhores lojas de departamentos também têm essas fitas no setor de embrulhos para presentes. Vai ser difícil encontrar.

— Se nossa vida fosse fácil, todo mundo iria querer virar tira.

Foi mais do que difícil conversar com Deann novamente. A pobre mulher parecia exausta, doente, e arrasada de tanta preocupação e tanto pesar.

— Desculpe a intromissão, senhora — disse Eve.

— ' Tudo bem. Luther, meu marido, se atrasou, por causa do tráfego aéreo. Eu me sentiria melhor se ele estivesse aqui, mas a verdade é que pior eu não consigo me imaginar.

Ela as convidou a sentar nas poltronas da sala de estar. O robe comprido tinha sido substituído por calças pretas largas e confortáveis e uma blusa branca um número maior que ela. Seus cabelos, porém, continuavam em desalinho e ela ainda estava descalça.

— Não dormi até agora e estou pelas tabelas, como se diz, tenente. A senhora tem alguma novidade? Encontrou o homem que fez isso?

— Não. A investigação continua e estamos usando todos os recursos.

— Sim, eu imagino. Seria bom demais estar tudo resolvido. — Ela olhou em torno, com ar distraído. Eu devia preparar café. Ou chá. Ou alguma outra coisa.

— Não se preocupe com isso — disse Peabody, com a voz gentil e um tom com que Eve nunca conseguia lidar com facilidade.

— Se a senhora desejar alguma coisa, eu mesma posso preparar.

— Não. Obrigada, não. Vonnie ... está dormindo novamente. Ela e Zanna. Não sei se ela compreendeu o que está acontecendo, isto é ... não sei se ela entende que sua mãe nunca mais vai voltar. Ela chorou, chorou muito. Todas nós choramos. Ela acabou pegando no sono, de tão cansada, e eu a coloquei na cama junto com Zanna. Eu as coloquei juntas para nenhuma das duas acordar sozinha.

— Ela vai precisar de terapia, Sra. Vanderlea.

— Sim, eu sei. -- Deann concordou com a cabeça, olhando para Peabody. — Já fiz alguns contatos. Estou acertando algumas coisas. Eu quero ... eu preciso ... Deus! Luther e eu ... nós queremos fazer alguma coisa por Elisa. Para o funeral, que eu ainda nem sei quando poderá ocorrer. Aliás, também não sei com quem preciso combinar

isso, nem quando. Só sei que ... tenho de ir em frente. — Um calafrio lhe percorreu o corpo. — Estarei bem, desde que tenha algum objetivo em mente.

— Vamos providenciar para alguém do departamento entrar em contato com a senhora — prometeu Eve.

— Que bom! Já convoquei meus advogados também, para solicitar a custódia imediata de Vonnie. Eles vão dar início aos procedimentos para tornar essa custódia permanente assim que for possível. Ela não pode ser levada do único lar que conheceu. Já conversei com os pais de Elisa ... bem, pelo menos com sua mãe e o padrasto. A mãe dela ...

Ela perdeu a voz mais uma vez, e balançou a cabeça com força para os lados, como se tentasse negar a fraqueza.

— Eles virão aqui hoje mesmo, mais tarde, para termos chance de sentar e conversar sobre o que poderá ser melhor. De algum modo.

— Elisa certamente se sentiria grata por ver a senhora tomando conta de sua filha. E também agradeceria a ajuda que está nos dando.

— Sim. — Deann se empertigou diante das palavras de Eve. — Espero que sim.

— O que a senhora sabe sobre Abel Maplewood, o pai de Elisa?

— Um homem difícil, em minha opinião. Mas ele e Elisa conseguiram manter um bom relacionamento. Ainda não consegui encontrá-lo para dar a notícia. Ele está em algum lugar no oeste do país. Omaha, Idaho, Utah ... Não sei, estou com a cabeça dispersa. — Ela passou as duas mãos pelos cabelos. — Ele está para aqueles lados há mais de uma semana, visitando o irmão, me pareci. Provavelmente está sugando o irmão, para ser franca. Elisa também vivia dando dinheiro para o pai. A mãe dela vai tentar encontrá-lo hoje.

— Sim, seria bom se soubéssemos do paradeiro dele. Rotina, entende?

— Vou ver se consigo essa informação, tenente. Sei que a senhora precisa examinar os aposentos dela. Coloquei as duas meninas no quarto de Zanna, para elas não serem perturbadas. — Ela fez menção de se levantar, mas Peabody colocou a mão no seu ombro.

— Por que não fica por aqui e tenta descansar? Sabemos onde os aposentos dela ficam.

Eve e Peabody a deixaram na sala.

— Ligue a filmadora — ordenou Eve.

Elas entraram em uma sala pequena, mas alegre, decorada em cores vibrantes. Havia alguns brinquedos espalhados e uma cesta ao lado de uma almofada vermelha, que Eve imaginou que era uma espécie de cama para a cachorrinha.

Foi em frente e entrou no quarto de Elisa.

— Anote um pedido para a Divisão de Detecção Eletrônica examinar os tele-links dela, e também os computadores. — Eve foi direto para a penteadeira e abriu as gavetas.

Percebeu uma mulher trabalhadeira, alegre, com um sentido de organização. A pesquisa pelos cômodos não mudou essa impressão inicial. Havia fotos emolduradas, a maioria da menina. Havia flores e as pequenas quinquilharias que as mulheres sempre gostavam de ter por perto.

Suas roupas eram em estilo casual, com dois bons terninhos e dois pares de sapatos de qualidade. Nada ali remetia à presença de algum homem.

Eve verificou pessoalmente o tele-link na cabeceira da cama e reproduziu a última ligação. Era da mãe da vítima; uma conversa animada e afetuosa, da qual a menina participou no final, quando entrou no quarto e tagarelou algumas coisas incompreensíveis com a vovó.

— Dallas, acho que encontrei algo. — Peabody pegou outra cesta. — Estava no armário que fica debaixo do telão da sala.

— Que é isso?

— Uma cesta de trabalhos manuais. Está cheia de material para artesanato. Ela fazia peças artesanais. — Peabody pegou um rolo de fita. Não era vermelha, mas era de gorgorão e parecia ser do mesmo tipo e largura da que o assassino tinha usado para matar a vítima.

Eve pegou o rolo no instante em que uma garotinha entrou no aposento. Ela era muito pequena, com cabelos cacheados tão louros que pareciam quase brancos e lhe escorriam junto do rostinho lindo e rechonchudo. Ela esfregava os olhos.

— Isso é da mamãe. Vocês não podem mexer nessa cesta de costura, a não ser que ela deixe.

— Ahn ...

— Deixe que eu cuido dela — murmurou Peabody, entregando a cesta para Eve e se agachando para se colocar na altura da menininha. — Oi! Você é a Vonnie?

— Não devo conversar com estranhos — avisou a menina, encolhendo os ombros.

— Muito bem, mas com a polícia você pode falar, não pode? — Peabody pegou o distintivo e o entregou à menina. — Sua mãe lhe falou dos policiais?

— Sim. Eles ajudam as pessoas e prendem os bandidos.

— Isso mesmo. Sou a detetive Peabody e essa é a tenente Dallas.

— O que é uma tenente?

— É o cargo dela — disse Peabody, sem hesitar. — Significa que ela é uma policial que pega um monte de bandidos.

— Ah, tá ... Não sei onde está minha mãe. Tia Deann dormiu. Vocês podem encontrar minha mãe?

Os olhos de Peabody encontraram os de Eve.

— Que tal irmos procurar a tia Deann? — sugeriu Peabody.

— Ela está dormindo. — Sua voz ficou mais aguda e seus lágrimas começaram a tremer. — Ela me disse que um moço malvado machucou minha mãe e ela não pode mais voltar. Quero que minha mãe volte para casa *agora mesmo*.

-- Vonnie ...

Ela se desvencilhou de Peabody e se colocou diante de Eve.

— Um homem malvado machucou minha mãe?

— Você tem que vir comigo agora, Vonnie.

— Quero que ela me conte. -A menina apontou o dedo para Eve e fez um biquinho com a hora. — Ela é a tenente.

Deus, pensou Eve. *Meu Deus*. Ela fez um sinal com a cabeça, mandando Peabody trazer Deann. Em seguida, sugou o ar com força e se agachou ao lado da menina, como Peabody fizera.

— Sim, é verdade. Sinto muito.

— Por que ele fez isso?

— Não sei.

As lágrimas começavam a aparecer nos olhos azuis imensos da cor de campânulas do campo.

— Ela foi ao médico?

Eve pensou em Morris, viu a mesa de aço e as luzes claras e muito frias do necrotério.

— Não exatamente.

— Os médicos fazem com que as pessoas fiquem boas. Ela devia ir ao médico.

Se ela não pode vir para casa, você pode me levar até onde ela está agora?

— Não posso. Sua mãe está ... está em um lugar aonde não podemos ir. Mas eu posso pegar o homem que machucou sua mãe, para ele ser castigado.

— Ele vai ter que ficar de castigo no quarto?

— Sim, para não machucar mais ninguém.

— Depois disso minha mãe pode voltar para casa?

Eve olhou para o alto e sentiu desespero, fraqueza e um alívio imenso quando Deann entrou na sala.

— Vonnie. Venha comigo, filhinha.

— Quero a minha mãe!

— Eu sei, querida, eu sei. — Deann a pegou no colo e a apertou com carinho no instante em que a menina começou a chorar em seu ombro. — Eu peguei no sono. Desculpe, tenente.

— Sei que é difícil e sei que o momento é péssimo, mas preciso perguntar à senhora onde é que Elisa comprava as linhas e fitas que estão nesta cesta.

— A cestinha de costura? Comprava uma fita aqui, outra ali. Elisa adorava criar coisas. Fomos às compras juntas, algumas vezes. Ela tentava me ensinar a fazer objetos de artesanato, mas eu sou um caso perdido para trabalhos manuais. Há uma loja na Terceira Avenida, ahn ... como é mesmo o nome? Arte Mania. Tem também um imenso depósito de acessórios perto da Union Square Artefacto, eu acho. E ela também comprava coisas na loja do Sky Mall. Sinto muito não saber informar melhor.

Ela se balançou para frente e para trás nos calcanhares, acariciando os cabelos de Vonnie.

— Elisa entrava em todo armarinho que encontrava e raramente saía de mãos vazias.

— A senhora saberia informar onde ela comprou isto, especificamente? — Eve ergueu a fita em tecido de gorgorão.

— Não, infelizmente eu não faço ideia.

— Vou providenciar para que o computador dela seja levado. todas as transmissões e transações eram enviadas e recebidas pelo equipamento que está em seu quarto?

— Talvez ela recebesse uma ou outra ligação da mãe em um dos outros *tele-links* da casa, mas seus trabalhos e suas mensagens pessoais eram enviados a partir do computador do quarto. Desculpe, tenente, preciso acalmar Vonnie.

— Tudo bem, fique à vontade. Eve analisou a fita com cuidado. É uma boa pista — garantiu Peabody.

— Pelo menos é uma pista. — Ela guardou a fita em um saco de provas. — Vamos investigá-la.

A porta da frente da cobertura se abriu quando Eve passava pela sala de estar. O homem que entrou tinha abundantes cabelos ondulados e um rosto pálido e cansado. Eve notou quando Deann deu um pulo do sofá onde estava com Vonnie e, com a criança ainda no colo, se atirou nos braços do marido.

— Luther. Oh, meu Deus, Luther!

— Deann. — Ele abraçou ambas e pousou a cabeça sobre o ombro da esposa. — Não foi um engano?

Ela balançou a cabeça para os lados e se largou num choro convulso que Eve imaginou que ela estava prendendo havia muitas horas.

— Desculpe me intrometer. Sou a tenente Dallas.

— Sim, sim. — Ele ergueu a cabeça. — Eu a reconheço, tenente. Deann, querida?

Leve Vonnie para o quarto. — Ele beijou ambas e as observou enquanto saíam.

— Meus pêsames, Sr. Vanderlea.

— Luther, por favor. O que posso fazer? Há algo em que eu possa ajudá-la?

— O senhor ajudaria muito se respondesse a algumas perguntas.

— Sim, claro. — Ele olhou para a porta por onde a esposa tinha saído. — Não consegui voltar mais cedo. Para mim, pareceu uma eternidade essa volta. Deann me disse que ... Eu ainda não entendi muito bem ... Elisa saiu para passear com a cadelinha e .. , Deann me disse que ela foi estuprada e assassinada. Bem aqui em frente, no parque?

— Ela teria lhe contado, caso estivesse sendo assediada ou incomodada por alguém, ou se estivesse preocupada com alguma coisa?

— Sim — respondeu ele, sem hesitar. — Se não tivesse falado comigo, certamente teria aberto o coração para Deann. Elas eram muito amigas. Somos ... somos uma família. — Ele se sentou no sofá e lançou a cabeça para trás.

— O senhor e a Sra. Maplewood eram muito amigos?

— A senhora quer saber se Elisa e eu tínhamos um relacionamento sexual. Já esperava por isso e me convenci que não deveria me sentir insultado. Estou tentando não ficar. Não traio minha esposa, tenente. Certamente não tiraria vantagem de uma empregada doméstica; uma mulher vulnerável; uma mulher de quem eu gostava muito; uma mulher que trabalhava com dedicação para dar um bom futuro para a filha.

— Não perguntei isso com a intenção de ofendê-lo. Por que o senhor descreveu a Sra. Maplewood como uma mulher vulnerável?

Ele beliscou o alto do nariz, com ar cansado, e deixou a mão cair em seguida.

— Elisa era uma mãe sozinha que sofreu abusos do marido e dependia de mim para ganhar seu sustento, e até para ter um teto sobre a cabeça. Não digo que não tivesse condições de conseguir outro emprego, pois era boa no que fazia. Só que talvez não encontrasse outra situação em que pudesse criar a filha em um lar como este, entre amigos, junto de pessoas que a amavam. O bem-estar de Vonnie era fundamental para Elisa.

— Ela era ameaçada pelo ex-marido? Ele lançou um sorriso de sarcasmo.

Há muito tempo que não. Elisa era uma mulher forte que colocou ex onde ele mereci, no passado.

— O senhor sabe de alguém que quisesse feri-la?

— Absolutamente ninguém, Deus é testemunha. E não consigo me conformar com a possibilidade de alguém querer fazer isso. Sei que a senhora tem o seu trabalho e suas prioridades, mas eu também tenho. Minha esposa precisa de mim, e as meninas também. Podemos continuar mais tarde?

— Sim. Posso levar isto? — Eve pegou o rolo de fita em tecido gorgorão. — Posso lhe dar um recibo.

— Sim, pode levar isso. — Ele se levantou e passou as mãos pelo rosto. — Ouvi dizer que a senhora é boa no seu trabalho.

— Sim, sou muito boa.

— Dependendo da senhora. — Ele ofereceu a mão a Eve. — Todos nós dependemos.

Elas passaram por várias lojas de artesanato em toda Manhattan, enquanto seguiam para o centro da cidade. Eve não fazia ideia de que havia tanta coisa ligada à fabricação manual de produtos que qualquer pessoa poderia comprar já prontos. Quando expressou essa opinião, Peabody sorriu e acariciou um fio de cor brilhante vendido em novelos.

— Existe muita satisfação em fazer coisas com as próprias mãos. Escolher as cores, os materiais, os padrões. Individualizar tudo e ver o produto final ganhar vida.

— Se você diz, eu acredito.

— Tenho muitos artesãos e artistas na família. Isso combina com a filosofia e os conceitos dos seguidores da Família Livre. Eu mesma sou muito jeitosa com as mãos, mas não tenho muito tempo para isso. Tenho até hoje o protetor para bico de bule que minha avó me ajudou a fazer em crochê quando eu tinha dez anos.

— Não sei nem o que é isso.

— Você não sabe o que é um protetor para bico de bule ou o que é crochê?

— Nenhum dos dois, e não tenho o menor interesse em descobrir. — Eve analisou as prateleiras e vitrines cheias de materiais e produtos prontos. — Muitas das balconistas com quem conversamos se lembram de Elisa Maplewood. Não se encontra muitos homens nesses lugares.

— Costura, bordado e trabalhos manuais em geral continuam sendo basicamente um trabalho ou um hobby feminino. Isso é péssimo. É uma atividade muito relaxante. Meu tio Jonas faz tricô o tempo todo e garante que essa é uma das razões pra ele se manter saudável e cheio de vigor aos cento e seis anos. Ou cento e sete. Talvez cento e oito.

Eve não se deu ao trabalho de comentar isso e saiu da loja.

— Até agora, ninguém se lembra de ter visto algum homem importunando Elisa. Aliás, ninguém sequer mencionou clientes do sexo masculino. Ninguém andou por nenhuma loja perguntando por ela, nem vigiando-a. Mas a fita é do mesmo tipo. Deve haver alguma ligação.

— Ele pode ter comprado a fita em qualquer lugar e em qualquer momento. Pode ser que a tenha visto em uma dessas lojas c depois ter voltado sozinho para comprar a fita. Tem mais uma coisa: existem muitas feiras de artesanato por aí. Ele pode ter se encontrado com Elisa em uma dessas feiras. Aposto que ela costumava ir a esses lugares, e talvez levasse as meninas.

— Boa ideia. Confirme isso com os Vanderlea. — Eve ficou parada na calçada com os polegares enfiados nos bolsos da frente da calça e os outros dedos tamborilando os quadris, enquanto as pessoas passavam e esbarravam nela. — Mas deixe para fazer isso mais tarde, porque eles precisam de um tempo. Estamos a poucos quarteirões do abrigo. Vamos perguntar a Louise sobre a bruxa.

— Clarividentes nem sempre são bruxas, do mesmo modo que nem todas as bruxas são clarividentes. Olha lá, uma carrocinha de lanches!

— Espere, espere! — Eve apertou a têmpera com a mão e olhou para o céu. — Estou tendo uma visão ... vejo você enfiando um cachorro-quente de salsicha de soja na boca.

— Pensei em pegar um espetinho de frutas e talvez uma salada para viagem. Só que agora você colocou essa ideia do -quente na minha cabeça e eu não vou resistir.

— Eu sabia. Pegue também um saquinho de batatas fritas para mim e uma lata de Pepsi.

— Isso quem sabia era *eu* — garantiu Peabody. A verdade, porém, é que estava feliz demais com a ideia de almoçar alguma coisa, e nem pensou em reclamar por ter de pagar pela comida.

Capítulo Quatro

Aquilo não parecia um abrigo, pensou Eve. Parecia, pelo menos pelo lado de fora, um prédio residencial bem cuidado e modesto. Apartamentos de classe média, sem porteiro. Um observador casual não notaria nada de especial na construção, mesmo que se desse ao trabalho de olhar melhor.

Essa era precisamente a proposta, lembrou Eve a si mesma. As mulheres e crianças que fugiam para lá não queriam que ninguém notassem o prédio.

Se a pessoa fosse um tira, porém, provavelmente perceberia e aprovaria a segurança de alto nível. As câmeras panorâmicas, inteligentemente ocultas nos adornos e frisos do prédio. As telas de privacidade ativadas em todas as janelas.

Se a pessoa fosse um tira e conhecesse Roarke, teria certeza de que havia sensores de movimento em todos os acessos, ligados a alarmes topo de linha. A entrada no local exigiria a identificação palmar, senha e/ou liberação de alguém do lado de dentro. Haveria segurança funcionando vinte e quatro horas por dia, feita por humanos e andróides, e ela seria capaz de apostar que, diante de qualquer tentativa de invasão externa, o lugar todo se trancaria como um cofre forte.

Aquilo não era abrigo. Era uma fortaleza.

O abrigo Dochas, palavra em idioma gaélico que significava “esperança”, era tão seguro ou até mais, considerando o seu anonimato, do que a Casa Branca.

Se Eve soubesse que lugares desse tipo existiam, será que teria fugido para um deles, em vez de vagar pelas ruas de Dallas quando

se viu sozinha, uma criança com o braço quebrado, traumatizada e perdida.

Não. O medo a teria feito correr na direção contrária à das esperanças.

Mesmo agora, que conhecia as coisas da vida, ela se sentia desconfortável ao entrar pela porta. Os becos eram mais fáceis de enfrentar, pensou, porque era óbvio que havia ratos neles, e uma pessoa saberia o que esperar lá.

Mesmo assim, esticou o braço para tocar a campainha. Antes de ter a chance de fazer isso, a porta se abriu.

A Dra. Louise Dimatto, linda e loura, um verdadeiro furacão de energia e beleza, veio cumprimentá-la pessoalmente.

Vestia um guarda-pó de laboratório azul-claro por cima da blusa e da calça preta. Dois discretos aros de ouro brilhavam em sua orelha esquerda, e havia um terceiro na direita. Não havia nenhum anel em seus dedos competentes, mas trazia um relógio de pulso simples e prático no pulso esquerdo.

Nada nela indicava riqueza ou ostentação, embora a médica viesse de uma família que nada em dinheiro.

Era tão linda quanto um *parfait* de morango e tão classuda quanto uma taça de champanhe; uma revolucionária nata que vivia para lutar nas trincheiras.

— Já estava mais do que na hora! — Ela agarrou Eve pela mão e a puxou para dentro. — Começava a achar que apenas uma ligação para o número de emergência faria com que você aparecesse aqui. Olá, Peabody. Puxa, você está linda!

— Obrigada. — Peabody riu, se derretendo toda. Depois de muitos testes, ela descobriu que gostaria de parecer apenas uma detetive séria de traços simples que usava cores interessantes e tênis com amortecimento a ar.

— Agradecemos por você abrir espaço na agenda para nos receber — começou Eve.

— O tempo vive sendo criado a cada segundo, Dallas. Meu objetivo é cria-lo em velocidade acelerada, para alcançar vinte e seis horas por dia. Isso seria o ideal. Que tal um tour pelo abrigo?

— Precisamos apenas...

— Vamos lá. — Louise manteve a mão de Eve bem segura na sua. — Deixe que eu me exhiba um pouco. A reforma e a restauração finalmente acabaram, embora Roarke tenha me dado carta branca para acrescentar outros elementos de decoração e comprar mais equipamentos, se eu quiser. Atualmente, ele é o meu Deus.

— Sei, ele adora essa parte.

Louise riu e enlaçou um dos braços de Eve e o outro no de Peabody.

— Nem preciso dizer que o sistema de segurança é infalível.

— Nenhuma segurança é infalível.

— Ah, deixe de raciocinar como tira! — reclamou, dando um empurrão de lado no quadril de Eve. — Temos salas comuns ali adiante. A cozinha e a comida são fantásticas. Temos uma área de refeições, uma biblioteca, um salão de jogos e o que chamamos de *family room*.

Eve já conseguia ouvir o animado som de conversas, enquanto Louise as levava por um corredor e apontava para os diversos espaços. Havia barulho de mulheres e crianças, percebeu Eve. O tipo de ruído que sempre a fazia se sentir estranha e irritada.

O cheiro do lugar também era totalmente feminino, embora ela visse o que lhe parecia dois meninos correndo em direção à cozinha.

Havia um aroma de cera, flores e xampu, talvez. Traços de limão e baunilha, sem falar no cheiro de balas que ela sempre associava a grupos de mulheres.

Havia muitas cores no lugar, e também muito espaço. Cores alegres, mobília confortável, cantinhos para quem quisesse se sentar sem companhia, e outros que convidavam a um bom papo.

Eve notou na mesma hora que a *family room* era o aposento mais popular.

Havia umas doze mulheres de várias idades e raças reunidas ali. Estavam sentadas em sofás ou no chão, com crianças, que também tinham raças e idades variadas. Conversavam ou permaneciam sentadas em silêncio, assistindo ao programa que passava no telão; outras, balançavam bebês de colo.

Eve perguntou a si mesma por que as pessoas, em geral, viviam sacudindo os bebês sem parar, quando lhe parecia, depois de uma análise desconfiada, que o movimento perpétuo só servia para fazer com que o que estivesse no tubo digestivo das pobres crianças fosse expelido subitamente. Por cima ou por baixo.

Aliás, nem todos os bebês pareciam apreciar as sacudidelas. Um deles borbulhava sons estranhos que pareciam ser de contentamento, mas dois outros emitiam ruídos que a fizeram lembrar sirenes velozes indo atender um chamado de emergência.

Nada daquilo parecia incomodar as pessoas em especial. Muito menos as crianças no chão, brincando ou implicando umas com as outras em meio à diversão.

— Senhoras!

As conversas pararam quando as mulheres olharam para a porta. As crianças calaram a boca e se fecharam como conchas. Os bebês continuaram a chorar ou balbuciar sons.

— Gostaria de lhe apresentar a tenente Dallas e a detetive Peabody.

Durante a pausa que seguiu, Eve viu a reação do grupo ao conceito *tiras*. Notou a postura de recuo que tomou conta de muitas delas, o balançar nervoso dos olhos para os lados, o ato de puxar as crianças mais para perto do peito.

Os homens que haviam abusado daquelas mulheres eram os inimigos e Louise uma aliada, mas *tiras* em geral, Eve pensou,

representavam o desconhecido e podiam pender para um lado ou para outro.

— A tenente Dallas é esposa de Roarke, e esta é a primeira visita dela ao nosso abrigo.

Deu para perceber o ar de alívio em algumas mulheres, a diminuição de tensão em seus rostos e corpos, e até mesmo o esboço de alguns sorrisos. Em outras, porém, o ar desconfiado permaneceu.

Elas não formavam apenas um grupo misto de idades e raças. Havia uma mistura de ferimentos, também. Marcas roxas recentes, outras que começavam a desaparecer. Ossos que estavam sendo refeitos. Vidas que estavam sendo remendadas.

Eve conhecia aquele medo; ela já o sentira. Odiava aquilo, mas Louise olhava para ela com muita expectativa. Sua pele ficou gelada e sua garganta fechou.

— É um belo espaço, esse de vocês — conseguiu dizer, depois de alguns instantes.

— É um milagre! — A mulher que disse isso se levantou e veio mancando pela sala. Eve calculou que ela tivesse cerca de quarenta anos e, pelo estado do seu rosto, havia sofrido um espancamento recentemente. Ao se aproximar, estendeu a mão. — Obrigada.

Eve não queria apertar a mão estendida. Não queria criar laços. Mas não houve alternativa, pois a mulher olhava para ela com expectativa e, para seu terror, com gratidão.

— Eu não fiz nada — explicou Eve à mulher.

— A senhora é esposa de Roarke. Se eu tivesse tido a coragem de procurar um lugar como este ou ir à polícia... Se tivesse pedido ajuda antes do que aconteceu, minha filha não teria sido ferida.

Ela se virou lentamente e apontou uma garotinha com cabelo cacheados e um molde de pele artificial no braço direito.

— Venha aqui cumprimentar a tenente Dallas, Abra — chamou a mãe.

A menina obedeceu. Embora apertasse o corpinho contra o da mãe, olhou com interesse para Eve.

— A polícia impede as pessoas de ferirem a gente.

— Sim. Nós tentamos.

— Meu pai me machucou e tivemos de fugir.

A menina devia ter ouvido um horrível som interno de estalo quando o osso do seu braço quebrou. Devia ter sentido uma dor forte, terrível. Sentiu enjoo e vontade de vomitar. E certamente exibiu nos olhos um tom rubro de choque.

Eve sentiu tudo isso mais uma vez, parada ali, olhando para a garotinha. Quis recuar, fugir para longe dali, bem longe. Longe de tudo.

— Você ficou boa, agora. — Sua voz parecia fraca e distante quase oculta sob o rugir em seus ouvidos.

— Ele machucou mamãe. Ficou bravo e bateu nela. Só que dessa vez eu não me escondi no quarto, como mamãe mandou, e ele me bateu também.

— Ele quebrou o bracinho dela. — Lágrimas escorreram pelo rosto roxo da mãe. — Foi preciso chegar a esse ponto para eu acordar.

— Você não deve se culpar, Marly — disse Louise, com a voz gentil.

— Agora, podemos ficar aqui com a Dra. Louise, onde ninguém nos machuca, ninguém grita nem joga coisas.

— Sim, este é um bom lugar. — Peabody se agachou para atrair a atenção das pessoas, que não tiravam os olhos de Eve; e também para falar com a menina. Sua tenente parecia enjoada. — Aposto que há um monte de coisas para você fazer aqui.

— Sim, temos tarefas e professoras. Todas têm de fazer seus deveres e ir à escola. Depois, podemos brincar. Tem uma moça lá em cima que está tendo um bebê.

— É mesmo? — Peabody olhou para Louise. — Agora?

— Trabalho de parto em primeiro estágio. Temos instalações completas para obstetrícia e equipamento para bebês prematuros. E também uma parteira na equipe, vinte e quatro horas por dia. Tente não se apoiar demais nessa perna por mais vinte e quatro horas, Marly.

— Certo. Já está melhor. Muito melhor. Tudo está ótimo.

— Precisamos muito conversar com você, Louise — insistiu Eve.

— Tudo bem, então. Vamos... — Louise parou de falar quando olhou para Eve.

— Você está bem?

— Muito bem. Estou ótima. Só com um pouco de pressa.

— Vamos para a minha sala. — Com muito cuidado, ela colocou os dedos no pulso de Eve enquanto elas saíam da sala em direção às escadas. — Sua pele está úmida e fria — murmurou. — A pulsação está acelerada, instável, e você parece muito pálida. Vou levá-la para a sala de exames.

— Estou apenas cansada. — Eve se desvencilhou. — Estamos trabalhando direto e só dormimos duas horas de ontem para hoje. Não preciso de um médico, preciso de informações.

— Tudo bem, então, mas não vou lhe dar informação nenhuma a não ser que você tome um energético de proteínas.

Também havia muita atividade no segundo andar. Vozes atrás de portas fechadas. E choros.

— São sessões de terapia — explicou Louise. — Às vezes a situação fica tensa.

Moira, você poderia nos dar um instantinho, por favor?

Duas mulheres estavam em pé do lado de fora do que Eve imaginou que seria outra sala de terapia, ou talvez um escritório. Uma delas se virou, olhou de relance para Louise e fixou o olhar em Eve, longamente. Murmurou algo para sua acompanhante e deu-lhe um abraço carinhoso e veio cainhando pelo corredor.

Eve sabia quem era aquela mulher. Moira O`Bannion, que tinha morado em Dublin, no passado. A mulher que havia conhecido a mãe de Roake e, depois de mais de trinta anos, havia lhe contado que a infância dele era uma mentira criada para encobrir um assassinato.

Um forte enjoo tomou conta da barriga de Eve.

— Moira O`Bannion, eu lhe apresento Eve Dallas e Delia Peabody.

— Estou muito contente em conhecê-la, tenente. Espero que Roarke esteja bem.

— Ele está bem. Está ótimo. — O suor começou a lhe escorrer em filetes gelados pela espinha.

— Moira é um dos nossos tesouros, Dallas. Eu a roubei.

— Recrutou, eu diria. — Moira riu. — Embora “convocou” não esteja muito longe. Louise é feroz. Vocês estão fazendo um tour pelo abrigo?

— Não exatamente. Esta não é uma visita social.

— Ah. Então não devo mais atrapalhar vocês. Como está o trabalho de parto de Jana, Louise?

— Quatro centímetros de dilatação, trinta por cento do processo. Temos muito chão pela frente.

— Por favor, me avise quando ela estiver pronta, sim? Estamos todas muito empolgadas com a chegada desse bebê. — Moira sorriu para Peabody. — Foi bom conhecê-las, espero que vocês duas não sumam. Dê lembranças minhas a Roarke, tenente — pediu ela, antes de sair do corredor.

— Moira é brilhante — elogiou Louise, enquanto as levava para o setor seguinte.

— Ela está fazendo uma grande diferença aqui. Eu consegui, ahn... “convocar” alguns dos melhores fisioterapeutas, médicos, psiquiatras e psicólogos da cidade. Abençoo o dia em que você

entrou como furacão na minha clínica no centro da cidade, Dallas. Aquilo foi o início da caminhada que me trouxe até aqui.

Ela abriu uma porta e convidou-as a entrar.

— Sem falar que isso também me levou a Charles — completou a médica. Com agilidade, foi até um gabinete e abriu uma porta que ocultava uma pequena unidade de refrigeração. — Isso me faz lembrar que estamos finalmente organizando o jantar que eu vivo adiando. Vai ser depois de amanhã, no apartamento de Charles, que é mais aconchegante que o meu. Oito da noite. O horário está bom para você e McNab, Peabody?

— Ótimo. Vai ser uma noite divertida.

— Já marquei com Roarke. — Ela entregou a Eve e a Peabody uma garrafa de energético à base de proteínas.

Eve teria preferido uma garrafa de água estupidamente gelada e uma janela aberta em cujo peitoril ela pudesse se debruçar para respirar fundo.

— Estamos no meio de uma investigação, Louise.

— Eu sei. Médicos e tiras aprendem a ser flexíveis e lidam o tempo todo com a possibilidade de cancelar compromissos sociais, Dallas. Porém, a não ser que surja uma emergência, estamos contando com vocês. Agora, sente-se e curta seu drinque de proteína. Tem sabor de limão.

Como era mais rápido aceitar do que brigar, e ela bem precisava de um tonificante, Eve abriu a garrafa e entornou tudo na garganta.

A sala era muito melhor do que a que Louise mantinha na clínica do Canal Street. Mais ampla e mobiliada com sofisticação. Eficiente, como era de esperar, mas com muita personalidade.

— O ambiente aqui é muito mais estiloso — comentou Eve.

— Roarke insistiu nisso, e confesso que nem precisou forçar a barra. Um dos nossos objetivos aqui é oferecer conforto. Um local

que pareça um lar para as pessoas. Queremos que essas mulheres e crianças se sintam à vontade, como se estivessem em casa.

— Você fez um grande trabalho! — exclamou Peabody, se sentando para saborear seu drinque. — É muito aconchegante.

— Obrigada. — Virando a cabeça meio de lado, Louise analisou Eve. — Muito bem, você parece melhor. Sua cor voltou.

— Obrigada, doutora. — Eve jogou a embalagem do energético dentro do reciclador. — Agora, vamos ao que interessa. Celina Sanchez.

— Ah, Celina. Uma mulher fascinante. Eu a conheço há muitos anos. Estudamos juntas durante dois anos. A família dela é cheia de grana, como a minha. E muito, muito conservadora... também como a minha. Ela é ovelha negra da família. Como eu. Por tudo isso, é claro que nos tornamos grandes amigas. Por que você está me perguntando sobre Celina?

— Ela me fez uma visita agora de manhã. Afirma ser clarividente.

— E é, mesmo. — Louise franziu o cenho e se serviu de uma garrafa de água mineral com gás. — Uma sensitiva com um dom fantástico, que usa profissionalmente. Por isso é que ela é ovelha negra. Sua família desaprova suas atividades e se sente constrangida com o seu trabalho. Como eu expliquei, eles são muito conservadores. Qual o motivo de ela ter ido procurar você, Dallas? A especialidade de Celina é dar consultas particulares e trabalhar com grupos.

— Ela diz ter testemunhado um assassinato.

— Meu Deus! Ela está bem?

— Sim, nem estava no local. Teve uma visão.

— Oh. Isso deve ter sido horrível para ela.

— Então você acredita nisso? Assim, de repente? — Eve estalou os dedos para reforçar o argumento.

— Se Celina procurou você e afirmou que viu um assassinato, é porque viu mesmo. — Com ar pensativo, Louise tomou um gole da água. — Ela não esconde o seu dom, mas mantém tudo em nível profissional, e sempre na superfície.

— Na superfície? Como assim? — quis saber Eve.

— Celina curte o que faz e o dom que tem. Procura tornar tudo um forma de entretenimento, mais do que dar consultas sérias. Exibe suas habilidades com leveza. Nunca soube que ela tivesse se envolvido em algo desse tipo. Quem foi morto?

— Uma mulher foi estupada, estrangulada e mutilada no Central Park, ontem à noite.

— Ouvi a notícia. — Louise se sentou atrás de uma mesa muito pálida e bem feminina. — Eles não deram muitos detalhes. O caso é seu?

— Isso mesmo. Celina sabia de um monte de detalhes que não foram divulgados. Você confirma as habilidades dela?

— Claro! Acredito nela, sim, sem sombra de dúvida. Seu dom poderá ser útil?

— Isso ainda não foi determinado. O que você sabe sobre ela, em nível pessoal?

Louise pegou a garrafa de água e levou um bom tempo para tomar mais um goles.

— Não gosto de fofocar sobre meus amigos, Dallas.

— Sou uma tira. Não fofoco. Louise soltou o ar com força.

— Vamos lá... como eu disse, ela vem de uma família muito rica e conservadora que não aprova suas atividades. Uma pessoa precisa de muita força de caráter para bater de frente com a própria família.

— Ela fez um brinde a isso, silenciosamente, e tomou mais um gole.

— O pai dela veio de uma família aristocrática do México, embora tenha morado em Wisconsin durante muitos anos, por motivos de negócios. Eles moram no México agora, mas Celina veio para Nova York e fez desta cidade a sua casa enquanto ainda estava na

faculdade. Creio que ela desejava fazer daqui o seu lar e também queria se manter a milhares de quilômetros longe da família sem mudar de continente.

Ela deu de ombros, analisou o caso, e continuou:

— Eu a descrevia como uma mulher direta, do tipo que persegue um objetivo até alcançá-lo. Estudou parapsicologia na faculdade, entre várias matérias relacionadas ao assunto. Queria aprender tudo o que pudesse sobre o seu dom. Para uma vidente, ela é uma mulher lógica e, se certa forma, linear. Também é muito leal. É preciso lealdade para manter amizades durante mais de uma década. Trabalha com ética. Nunca a vi se intrometer na vida de alguém, de forma psíquica, e nunca usou seus talentos para explorar ninguém. Ela conhecia a mulher que foi morta?

— Não. Pelo menos, segundo ela disse, não dessa vida.

— Humm... Eu me lembro de ter tido várias discussões com ela sobre essas ligações entre o passado, o presente e o que virá depois sei que isso não faz o seu estilo, Dallas, mas há teorias válidas a respeito do tema, bem aceitas até mesmo em círculos científicos.

— O que me diz de relacionamentos pessoais?

— Além de amizade? Bem, ela se envolveu com uma pessoa por alguns anos. Ele era compositor e músico. Um homem adorável. Terminaram faz algum tempo. Um ano, mais ou menos. — Ela deu de ombros. — Foi triste. Eu gostava muito dele.

— Ele se chama...?

— Lucas Grande. Faz um sucesso razoável em sua área de atuação. Tem muitas canções registradas e lançadas, e trabalha regularmente como músico. Também faz trilhas para vídeos.

— Por que eles romperam?

— Isso está com cara de fofoca. O que o rompimento tem a ver com o caso?

— Tudo tem a ver, até eu decidir que não tem nada a ver.

— Basicamente as coisas esfriaram entre eles. Eles já não se sentiam mais felizes juntos e tomaram rumos separados.

— Foi uma decisão mútua?

— Nunca ouvi Celina malhá-lo mais do que qualquer mulher que se separa de um homem. Na verdade eu quase não a vejo, pois não tenho tempo. Pelo que pude acompanhar, porém, ela lidou bem com a crise. Eles se amavam. De repente deixaram de se amar e foram em frente, uma para cada lado.

— Alguma vez ela mencionou Elisa Maplewood para você?

— Essa é a mulher que foi morta? Não. Aliás, nunca tinha ouvido esse nome em toda a minha vida até ouvi-lo no noticiário de hoje de manhã.

— E Luther ou Deann Vanderlea?

— Aqueles que trabalham com antiguidades? — As sobranças de Louise se ergueram de interesse. — Eu os conheço um pouco. Acho que um dos meus tios joga golfe com o pai de Luther, ou algo assim. É possível que Celina os conheça socialmente. Por quê?

— A vítima trabalhava para eles. Era empregada da casa.

— Ah, você está tateando no vazio, Dallas.

— Eu sei, mas nunca se sabe o que podemos encontrar por aí.

— Você deve estar orgulhosa — comentou Peabody, quando elas voltaram para o carro.

— Hein?

— Por um lugar como esse. — Ela olhou para o abrigo de onde tinham acabado de sair. — Pelo que Roarke fez aqui.

— É... ele coloca dinheiro onde muitas pessoas não colocariam nem as palavras que saem das suas bocas.

Quando Eve saiu com o carro, Peabody colocou a mão sobre o braço dela.

— Que foi? — Perguntou Eve.

— Somos parceiras agora, certo?

— Sim, e você nunca me deixa esquecer isso.

— Somos amigas.

Com ar desconfiado, Eve tamborilou no volante com os dedos.

— Esse papo vai ficar meloso?

— As pessoas passam por problemas pessoais, e têm direito à privacidade. Mas amigos e parceiros devem desabafar com seus respectivos amigos e parceiros. Eu percebi que você não queria entrar lá.

Isso não deveria transparecer para quem está de fora, pensou Eve. Não é aceitável que transpareça.

— Eu entrei lá, não entrei?

— Porque você é fera em enfrentar coisas das quais não gosta. Coisas que fariam a maioria das pessoas sair correndo. Só estou dizendo que se existe alguma coisa que a incomoda, você pode desabafar comigo. Só isso. E é claro que o assunto morrerá aqui.

— Você me viu fazer alguma coisa que prejudique o trabalho?

— Não, eu apenas...

— Algumas pessoas têm assuntos pessoais que não podem ser resolvidos com um papo amigo durante uma rodada de sanduiches em uma lanchonete. — Eve saiu com o carro, cortou um táxi e colocou em outro logo depois. — É por isso que o assunto é chamado de “pessoal”.

— Tudo bem, então.

— E se você pensa em fazer biquinho só porque eu não estou chorando no seu ombro, pode parar! — Eve entrou em uma rua lateral sem pensar se aquele era o destino certo. — É assim que os tiras são. Eles aguentam firme, fazem o seu trabalho e não andam por aí em busca de alguém que lhes dê tapinhas nas costas e diga: “Tudo bem, acalme-se, tudo vai ficar bem.” Eu não preciso que você banque a amiga compreensiva que espera que eu espalhe meus problemas no chão para a sua análise. Portanto... merda, merda, *que porra!*

Ela fez um movimento brusco com o volante, estacionou em fila dupla e, ignorando as buzinas enfurecidas que recebeu, ligou a luz de “viatura em serviço”.

— Exagerei, Peabody, estou fora de órbita, completamente descontrolada.

Nada disso era necessário, nem merecido. Nada disso.

— Tudo bem, esquece.

— Estou cansada — disse Eve, olhando pelo para-brisa com ar distante. — O energético de proteína não dá jeito nesse tipo de cansaço. Estou irritada. E não posso entrar em detalhes sobre o que provocou isso.

— Tudo bem, Dallas. Não estou fazendo bico. Não estou forçando a barra.

— Não, não está. — Nem esteve, em nenhum momento, admitiu Eve para si mesma. — E também não está se preparando para me dar um soco, mesmo eu merecendo.

— Você revidaria, e seu soco é mais forte.

Com uma risada curta, Eve passou as mãos pelo rosto. Em seguida, fez um esforço e se virou no banco, ficando de frente para Peabody.

— Você é minha parceira e minha amiga. É boa em ambas as posições. Eu tenho o que um psiquiatra chamaria de problemas, e preciso lidar com eles. Se você reparar algo em meu comportamento que prejudique a investigação, espero que chame a minha atenção a respeito. Tirando esse evento, eu lhe peço que, na condição de minha parceira e amiga, deixe isso para lá.

— Ok.

— Ok. Agora, vamos em frente, antes que aconteça alguma revolta aí atrás de onde estão vindo as buzinas, ou eles nos arrastem para fora do carro à força e nos pisoteiem até a morte.

— Concordo.

Eve dirigiu por mais um quarteirão em silêncio.

— Vou deixá-la em casa — avisou Eve. — Precisamos dormir um pouco.

— Isso significa que você vai para casa trabalhar sozinha no caso?

— Não. — Eve exibiu um sorriso leve. — Vou me encontrar com Mira e depois sigo para casa, a fim de apagar por algum tempo. Pretendo trabalhar um pouco sozinha, à noite. Se quiser fazer o mesmo, procure investigar mais alguma coisa sobre as fitas de gorgorão. E tente descobrir o paradeiro de Abel Maplewood na noite do crime.

— Deixe comigo. O que vamos fazer a respeito de Celina Sanchez?

— Vou refletir sobre isso durante a noite.

Como sua cabeça estava tumultuada, Eve achou que aquele era um ótimo momento para conversar com uma psiquiatra. Ou talvez fosse um péssimo momento. De qualquer jeito, não era aconselhável faltar ou cancelar um hora com Mira.

A doutora aceitaria a situação numa boa, mas sua secretária costumava punir faltosos de forma implacável.

Diante disso, em vez de se jogar de cara sobre uma superfície macia e tirar uma soneca muito merecida, Eve estava em uma das patronas confortáveis e aconchegantes de Mira, aceitando um chá que, na verdade, não queria beber.

Mira tinha um rosto suave rodeado por cabelos igualmente suaves e sedosos da cor de visam. Adorava terninhos atraentes e monocromáticos. O de hoje era no tom esverdeado de um bom sorvete de pistache. Usava também um trio de colares de contas para combinar, em um tom um pouco mais escuro de verde.

Seus olhos tinham o mesmo tom de azul das poltronas e, embora se mostrassem sempre gentis, não perdiam um detalhe.

— Você está exausta. Passou a noite em claro?
— Dormi duas horas. E tomei um energético.
— Muito bom e muito bem, mas dormir é melhor.
— É meu próximo item na lista de coisas para fazer hoje. Fale-me dele, doutora.

— um sujeito zangado e violento, com aquele tipo de raiva e violência direcionado às mulheres. Não creio que o uso da fita vermelha de gorgorão tenha sido accidental. Escarlate é um tom relacionado a prostitutas. Existe uma dualidade na visão que ele tem das mulheres. As prostitutas devem ser usadas e abusadas, certamente, mas a pose e a localização indicam um grau de admiração por elas. Uma pose religiosa, um castelo. Madonna, rainha, prostituta. Ele escolheu símbolos.

— Por que Elisa Maplewood, especificamente?

— Você acha que ela foi escolhida? Que esse crime não foi aleatório?

— Ele estava à espera dela, tenho certeza.

— A vítima estava sozinha e desprotegida. Tinha uma filha mas não um marido. Isso pode ter relação. Talvez ela também represente, por sua aparência, estilo de vida ou circunstância, a figura feminina dominante em sua vida, a mulher que o influenciou. Homicídio sexual com mutilação ocorre com mais frequência quando o criminoso sofreu abusos, humilhações ou foi traído por uma figura feminina forte. Mãe, irmã, professora, esposa ou amante. É pouco provável que ele tenha sido capaz de criar laços ou tenha mantido um relacionamento íntimo saudável e de longo prazo com uma mulher.

— Tudo bem, mas às vezes eles são apenas canalhas assassinos e filhos da mãe.

— É verdade. — Mira tomou um gole do chá com toda a calma do mundo. — às vezes... mas há uma raiz, Eve. Sempre existe uma raiz no problema, seja real ou imaginada. Estupro tem a ver com

poder, mais do que com violência, e certamente é muito mais do que simples sexo. Nesse caso, a penetração representa força e busca unicamente a gratificação de quem a executa, ao mesmo tempo em que provoca medo e dor em quem a recebe. Não se trata apenas de se impor a uma pessoa, mas de *entrar* e se apossar dela. Assassinato leva o poder a outro nível. É o controle máximo sobre outro ser humano. O método usado, o estrangulamento, é muito pessoal e íntimo.

— Acho que ele se excitou com isso. Ele a estrangulou cara a cara. Ele a viu morrer.

— Concordo. Não sabemos se ele ejaculou nela, pois não há sêmen, mas não creio que ele seja impotente. Talvez não consiga ereção sem violência, mas se não tivesse conseguido alcançar o orgasmo, veríamos mais ferimentos na vítima, antes e depois da morte.

— Arrancar os olhos dela me parece um ferimento gravíssimo.

— Um símbolo, mais uma vez. Ele gosta de símbolos. Ele a deixou cega. A vítima não tem poder sobre ele, pois não consegue enxergá-lo, ou só lhe é permitido vê-lo do jeito que *ele* decide. Isso é um símbolo poderoso para ele, possivelmente o mais importante aqui. Ele arranca os olhos dela, mas não os destrói, o que teria sido mais rápido, mais fácil e mais violento. Ele os tira com cuidado. Os olhos são importantes para ele. Têm um significado.

Elisa tinha olhos azuis, pensou Eve. Olhos azuis com o tom de campânulas do campo, como sua filha.

— Talvez ele os cure — especulou Eve. — Pode ser um oftalmologista, um técnico, um oculista.

Mira balançou a cabeça para os lados.

— Eu ficaria surpresa se ele conseguisse trabalhar, tratar ou interagir com mulheres no dia a dia. O mais provável é que ele more sozinho, trabalhe em algo solitário ou em companhia de outros homens. É um sujeito organizado, mas gosta de correr riscos. E tem

orgulho disso. Não apenas atacou e matou em um local público como deixou a vítima lá, exposta.

— Como se dissesse: “Vejam o meu trabalho e tenham medo de mim”.

— Isso mesmo. Elisa Maplewood foi um símbolo, mais do que um alvo específico, mas o trabalho dele está inacabado. Ele é tão organizado que já deve ter escolhido a próxima vítima. Já estudou seus hábitos, suas rotinas, e já descobriu a melhor estratégia para pegá-la.

— O pai de Elisa me pareceu uma boa possibilidade, mas só por dez segundos. Ele tem ficha na polícia, mas estava fora da cidade, segundo nossos informes. Estamos confirmando tudo, mas o crime não me parece pessoal nesse nível.

— Por causa dos símbolos — concordou Mira. — A não ser que você descubra que esses símbolos têm relação entre pai e filha. As probabilidades são de que ele não conhecia Elisa Maplewood de forma tão pessoal, só o que ela simbolizava para ele.

— Vou rodar o programa de probabilidades. Estamos rastreando a fita de gorgorão. É uma boa pista. — Eve exibiu um ar preocupado. — O que a senhora acha de videntes?

— Bem... considerando que eu tenho uma filha clarividente...

— Ah, é mesmo. Certo. — Eve mostrou preocupação por mais alguns instantes, enquanto Mira esperava pacientemente. — Recebi uma visita agora de manhã — disse, por fim, e contou de Celina Sanchez.

— Você tem algum motivo para duvidar da palavra dela?

— Tirando minha relutância em acreditar em bizarrices, não. Ela me parece genuína. É irritante admitir que ele é a melhor pista que eu consegui até agora.

— Vai conversar novamente com ela?

— Vou. Preconceitos e relutância pessoal não contam no trabalho. Se ela for uma boa pista, pretendo usá-la.

— Houve um tempo em que você exibia essa mesma relutância em se consultar comigo.

— Talvez pelos mesmos motivos. — Ela ergueu a cabeça encolheu os ombros. — A senhora sempre enxergou coisas demais para eu me sentir à vontade.

— Talvez eu continue enxergando. Você não me parece apenas exausta, Eve.

Está triste também.

No passado, Eve descartaria isso e iria embora. Mas Eve e Mira haviam percorrido um longo caminho até a confiança total.

— Por acaso, Louise Dimatto conhece essa vidente. São velhas amigas. Eu precisei conversar com Louise hoje, e ela estava dando plantão no abrigo Dochas.

— Ah.

— Esse “ah”, é um truque típico de psiquiatra. — Eve deixou o chá de lado, levantou-se da poltrona e começou a caminhar pela sala de um lado para outro, balançando as fichas de crédito soltas nos bolsos das calças. — Um truque que funciona! Aquele abrigo foi uma obra surpreendente de Roarke. Para mim, é ainda mais surpreendente conhecer os motivos que o levaram a construir o lugar. Parte da obra tem a ver com ele mesmo, claro, e com o quanto ele sofreu quando menino. Outra parte, a mais importante, tem a ver comigo, por causa do que eu passei. No fundo, tem a ver com nós dois, pelo que nos tornamos e somos agora.

— Juntos.

— Nossa, eu o amo mais do que... Acho que não seria possível me sentir assim por nenhuma outra pessoa no mundo. No entanto, mesmo sabendo disso, mesmo conhecendo o que ele tinha construído lá, o quanto o lugar era importante para ele e o quanto gostaria que eu fizesse parte daquilo, sempre evitei ir lá.

— E você acha que ele não compreende o porquê disso?

— Essa é mais uma coisa que sempre me pareceu impossível: a forma como ele me compreende. O abrigo é fabuloso, Dra. Mira, e o nome é fantasticamente adequado, mas eu me senti enjoada o tempo todo em que estive lá. Fiquei mal do coração e do estômago. Enjoada, abalada e apavorada. Queria fugir dali, escapar daquelas mulheres e de suas marcas roxas, fugir daquelas crianças com rostos indefesos. Uma delas estava com o braço quebrado. Uma menina de uns seis anos, eu acho. Não sou muito boa para calcular a idade de crianças.

— Eve...

— Senti o osso dela se quebrando. Deu até pra ouvir. Precisei de muito esforço para não cair de joelhos e começar a gritar.

— E você tem vergonha disso?

Vergonha? Eve não sabia ao certo. Seria vergonha o que ela sentiu? Raiva?

Talvez uma mistura cruel de ambos?

— Preciso superar isso, em algum momento, doutora.

— Por quê?

Atônita, Eve olhou para trás e fitou a médica.

— Por quê? Ora, porque sim.

— Superar e se refazer são coisas diferentes. — Mira falava mais depressa agora, porque sentia vontade de se levantar, ir até Eve e envolvê-la em um abraço que não seria apropriado e talvez não fosse compreendido. — Sim, você deve lutar para se refazer. Para sobreviver, ter uma vida próspera, ser feliz, ser produtiva. Na verdade, você já fez tudo isso e muito mais. Mas você não é obrigada a superar. Superar ter sido espancada, abusada, estuprada e torturada? Você exige mais de si mesma do que de qualquer outra pessoa no mundo, Eve.

— O abrigo é um bom lugar.

— E nesse bom lugar você viu uma criança que alguém tentou destruir. Isso a magoou. Mas você não fugiu da raia.

Ela suspirou e tornou a se sentar.

— Peabody percebeu algo no ar. Quando saímos, quis dar uma de amiga e ofereceu o ombro para eu desabafar caso precisasse. Como acha que eu reagi a isso?

— Deu-lhe uma esculhambação completa, eu suponho — especulou Mira, com um sorriso.

— Pois é. Arrasei com ela, peguei pesado, joguei um “meta-se com a sua vida” na cara dela e outras merdas desse tipo. Não consegui evitar que essas coisa saíssem da minha boca.

— Você vai lhe pedir desculpas.

— Já fiz isso.

— Vocês trabalham juntas, são unidas. Têm uma bela amizade fora do trabalho. Em algum momento, talvez você considere a possibilidade de contar tudo a ela ou pelo menos uma parte.

— Não sei o que isso traria de bom para nós.

— Bem, isso é algo que mercê reflexão. — Mira simplesmente sorriu. — Vá para casa, Eve, e durma um pouco.

Capítulo Cinco

Como o que Eve mais queria era justamente ficar fora do ar por algumas horas, não foi difícil seguir o conselho de Mira. Ela se sentiu um pouco melhor quando passou pelos portões de sua casa.

O verão ainda reinava ali, com as flores perfeitas em cores vivas, os gramados em um tom de verde muito cintilante que parecia se estender por quilômetros e as árvores altas e frondosas que espalhavam sombras refrescantes.

A mansão com suas torres, picos e terraços graciosos parecia subjugar todo o resto. Parte dela era um castelo, parte era uma fortaleza. Na totalidade, era um lar.

O melhor disso é que havia uma cama lá dentro, com o nome de Eve nela.

A tenente largou a viatura nos degraus da entrada e, percebendo que havia se esquecido de ligar para o setor de requisições para reclamar do carro, deu um chute na porta ao saltar dele. Na mesma hora se esqueceu do assunto e se arrastou degraus acima até a porta.

Ele estava à espreita. Summerset era o campeão mundial na arte de se ocultar nas sombras. Surgiu no saguão, esquelético e de preto, com o nariz empinado e o gato gordo aos seus pés. Como Eve bem sabia, o mordomo sargento de Roarke nunca perdia uma oportunidade de lhe dar umas alfinetadas.

— A senhora chegou mais cedo do que o esperado, tenente, e parece ter conseguido atravessar o dia sem destruir nenhum artigo de vestuário. Vou marcar esse extraordinário acontecimento em minha agenda.

— Reclama quando eu volto tarde, reclama quando eu chego cedo. Se criarem um campeonato de reclamadores profissionais, você vence fácil.

— Seu ofensivo meio de transporte da vez não foi devidamente estacionado na garagem.

— Suas ofensivas fuças não foram devidamente transformadas em ketchup pelos meus punhos. Marque esse evento na sua agenda também, seu apresentador de circo dos horrores.

O mordomo tinha mis alguns insultos guardados no bolso, mas decidiu economizá-los para mais tarde, pois percebeu as profundas olheiras de exaustão sob os olhos de Eve, que já subia as escadas. Direto para a cama, era o que ele esperava. Olhou para o gato e disse:

— Por enquanto, isso é o bastante. — Balançou os dedos na direção dos degraus e Galahad subiu aos pulos.

Eve pensou em passar no escritório antes, para colocar as anotações e ideias no relatório, talvez verificar com o pessoal do laboratório se havia alguma novidade e rodar o programa de probabilidades.

Mas seus pés a levaram direto para a cama e o gato subiu no colchão logo atrás. O animal se lançou sobre os degraus da plataforma com dois pulos, deu um salto final e aterrissou com muita graça, considerando que era um saco de banha.

Acomodou-se com conforto, e seus olhos de duas cores fitaram os de Eve.

— Isso, boa ideia. Também vou subir na cama agora mesmo.

Ela despiu a jaqueta e a atirou sobre o sofá da saleta de estar, tirou o coldre com a arma e o jogou sobre a jaqueta. Depois, se sentou no braço da poltrona, descalçou as botas e decidiu que estava de bom tamanho.

Ela não deitou na cama. A expressão que melhor descrevia era “arrastou”. Colocando-se de barriga para baixo e ignorando o gato,

que se aboletou sobre o seu traseiro depois de dar duas voltas em torno do próprio corpo antes de se ajeitar conforme lhe agradou, ela se obrigou a não pensar em nada. E despencou em um sono profundo como uma pedra atirada dentro de um poço.

Sentiu o sonho chegando. Ele parecia brotar do seu organismo como o sangue de uma ferida. No sono, ela se revirou e ficou de punhos cerrados. Mas não conseguiu vencer o subconsciente, e ele a venceu. E a levou de volta ao passado.

Dessa vez não era o quarto em Dallas, o lugar que ela mais temia na vida. Era uma sala escura, sem os reflexos encardidos do luminoso vermelho, sem o ar frio e cortante. Em vez disso ela viu sombras, uma espécie de calor pegajoso e o fedor de flores apodrecendo.

Ouviu vozes, mas não conseguia entender as palavras. Ouviu choros, mas não localizou a fonte. O lugar parecia um labirinto com cantos em cunha, becos sem saída, centenas de portas, todas fechadas e trancadas.

Ela não conseguia achar o caminho apara sair, nem tinha como se movimentar lá dentro. Seu coração martelava no peito. Ela sabia que havia mais alguma coisa no escuro, algo pertinho, logo atrás dela. Algo horrível, pronto para dar o bote.

Normalmente ela iria se virar e encarar, porque era sempre melhor ficar e lutar, enfrentar o que está atrás de você e bater de volta. Mas sentiu medo, tanto medo que correu.

O que a perseguia riu.

Sua Mão tremeu quando ela pegou a arma, tremeu tanto que ela mal conseguiu tirá-la do coldre. Ela iria matá-lo se ele a tocasse, iria matá-lo!

Mesmo assim, continuou correndo.

Algo saiu das sombras, e ela, emitindo um grito ofegante, tropeçou, caiu de costas e se colocou de joelhos. Soluços lhe

apertaram a garganta, e ela empunhou a arma, colocando o dedo suado no gatilho.

E viu que era uma criança.

Ele quebrou meu braço. A menininha, Abra, segurava o braço junto do corpo.

Meu pai quebrou meu braço. Por que você o deixou me machucar?

— Eu não deixei. Não fui eu. Eu não sabia.

Dói muito.

— Eu sei. Sinto muito.

Você devia impedi-lo.

Mais sombras se moveram, envolvendo-a e tomando forma. Ela viu onde estava agora. Na sala do abrigo que se chamava Esperança, a sala cheia de mulheres feridas e espancadas; mulheres de olhos tristes e crianças maltratadas.

Todas olhavam para ela, suas vozes lhe enchiam a cabeça.

Ele me cortou. Ele me estuprou. Ele me queimou.

Olhe, olhe só para o meu rosto. Eu era bonita.

Onde é que você estava quando ele me empurrou da escada?
Por que você não acudiu quando eu estava gritando?

— Não posso. Não posso.

Elisa Maplewood, cega e ensanguentada, chegou mais perto.

Ele arrancou meus olhos. Por que você não me ajudou?

— Estou aqui. Vou ajudá-la.

É tarde demais. Ele já chegou.

Um alarme soou e as luzes ficaram ofuscantes. As mulheres e crianças recuaram e se enfileiraram, como em um júri, prestes a dar a sentença. A menininha chamada Abra balançou a cabeça.

Você devia nos proteger, mas não consegue fazer isso.

Ele entrou com o sorriso imenso no rosto, o vil e cruel brilho nos olhos. Seu pai.

Dê uma boa olhada nelas, garotinha. Tem um monte de mulheres como essas por aí, e sempre haverá mais. As vadias imploram por isso, o que um homem pode fazer?

— Fique longe de mim! — De joelhos, ela tornou a erguer a arma, mas sua mão tremia. Tudo tremia. — Fique longe delas.

Isso não são modos de falar com o seu pai, garotinha. Ele girou o braço e a esbofeteou com força, usando as costas da mão; o golpe a derrubou de costas no chão, com as pernas abertas.

As mulheres começaram a zumbir como abelhas aprisionadas em uma colmeia.

Tenho de lhe ensinar uma lição, não é? Você nunca aprende.

— Eu mato você. Já matei uma vez.

Matou mesmo? Ele sorriu e ela seria capaz de jurar que, em vez de dentes, viu presas. *Se é assim, preciso lhe devolver o favor. Papai chegou, sua xerequinha inútil.*

— Para trás! Não se mova! — Quando ela apontou a arma, viu apenas uma faca pequena empunhada por uma criança trêmula. — Não. Por favor, não!

Ela tentou escapar engatinhando para longe dele, para longe das mulheres. Ele a agarrou com muita naturalidade como se pegasse uma maçã na tigela de frutas. E quebrou seu braço.

Ela gritou. Foi um grito aterrorizado, abafado, e a dor quente e secante percorreu seu corpo, queimando tudo.

Tem sempre mais delas. Tem sempre mais de nós.

E ele se colocou por cima dela.

— Eve. Acorde. Acorde, agora! — O rosto dela estava branco como cera, e seu corpo ficou rígido quando ele a rolou de lado para abraçá-la. Um segundo antes do grito lancinante.

Uma língua de gelo e pânico lambeu a espinha de Roarke. Os olhos dela estavam arregalados, cegos pelo choque e pela dor. Ele não sabia ao certo se ela estava respirando.

— Eu disse *acorde!*

O corpo dela formou um arco e ela tentava sugar o ar como alguém que estivesse se afogando.

— Meu braço! Ele quebrou meu braço, quebrou meu braço!

— Não. Foi um sonho. Oh, querida, foi só um pesadelo. Volte, por favor.

Ele tremia tanto quanto ela enquanto a embalava. Pressentindo um movimento atrás dele, virou a cabeça no instante em que Summerset entrou no quarto.

— pode deixar que eu já a segurei — disse Roarke.

— Ela está ferida?

Roarke balançou a cabeça para os lados e acariciou os cabelos dela, que chorava junto do seu peito.

— Foi um pesadelo daqueles pesados — informou ao mordomo. — Eu cuidei dela.

Summerset recuou, mas parou ao chegar à porta.

— Por favor, dê um calmante a ela, mesmo que seja à força. Assentindo, Roarke esperou até Summerset sair e fechou a porta.

— Está tudo certo agora. Estou aqui.

— Eles estavam todos lá, todos à minha volta, no escuro.

— Não está escuro agora. Liguei todas as luzes. Quer que eu aumente ainda mais o brilho delas?

Eve balançou a cabeça e enterrou o rosto no ombro de Roarke.

— Eu não as ajudei. Não o impedi quando ele entrou. Como sempre entre. O braço dela estava quebrado, o bracinho da menina estava quebrado, como o meu. E ele quebrou o meu braço novamente, eu senti.

— Não quebrou, não. — Roarke beijou o alto da cabeça de Eve e a forçou a se afastar dele quando ela se agarrou com mais força. — Veja como os próprios olhos. Eve, olhe para cá. Seu braço está inteiro, comprove por si mesma.

Embora ela tentasse proteger o braço junto do corpo, ele fez com que ela o esticasse e o acariciou suavemente do pulso ao ombro.

— Não está quebrado, viu só? Foi um sonho.

— Pareceu tão real. Eu senti... — Ela dobrou o braço, apalpou o cotovelo e olhou com atenção. Ecos daquela dor fantasma ainda a percorriam por dentro. — Eu senti.

— Sim, eu sei. — Ele não havia percebido o desespero do grito? Não tinha se assustado com os olhos vidrados dela? Beijou-lhe a mão, o pulso, o cotovelo. — Eu sei. Recoste-se na cama agora, bem devagar.

— Estou bem. — Ou pretendia ficar. — Preciso ficar sentada aqui só um minutinho. — Eve olhou para baixo quando o gato tentou se colocar entre eles. Sua mão ainda não estava muito firme quando fez um cafuné na cabeça dele. — Acho que eu deixei Galahad apavorado.

— Não o bastante para fazê-lo fugir. Ele estava ao seu lado, empurrando seu ombro com a cabeça. Fazendo tudo o que podia para acordá-la.

— Meu herói. — Uma lágrima pingou na mão dela, mas Eve não se deixou ficar envergonhada por isso. — Acho que ele merece nuggets de peixe ou algo especial. — Respirando fundo, olhou para Roarke fixamente. — Você também.

— Você vai é tomar um calmante. — Quando Eve abriu a boca para protestar, ele emoldurou o queixo dela com a mão. — Não discuta e, pelo amor de Deus, não me obrigue a lhe forçar o remédio goela abaixo. Vamos chegar a um acordo: hoje você toma só a metade, e eu tomo a outra. Eu bem que preciso me acalmar tanto quanto você ou quase.

Ela percebeu então, Roarke estava tão pálido que seus olhos pareciam fogo azul em contraste com a brancura da sua pele.

— Certo — cedeu ela. — Combinado então.

Ele se levantou, foi até o AutoChef e ordenou dois copos d'água. Ao voltar, pegou um deles e o colocou na mão dela. Eve trocou os copos na mesma hora.

— Só para o caso de você ter bancado o espertinho, colocando o calmante só no meu copo. Não quero apagar novamente.

— Tudo bem, me parece justo. — Ele bateu com o copo no dela, fazendo um brinde, tomou o líquido todo quase de um gole só. Depois de ela fazer o mesmo, ele colocou os dois copos de lado.

— Devo ressaltar que eu conheço você muito bem, querida, sou íntimo de cada centímetro do seu corpo desconfiado e muito cético. Se eu quisesse colocar calmante apenas em um dos copos, teria ficado com ele na minha mão, pois sabia que você certamente iria trocá-los.

Ela abriu a boca de espanto e tornou a fechar, reclamando:

— Droga!

— Mas não fiz nada disso — assegurou ele, inclinando-se para beijá-la no nariz.

— Trato é trato.

— Eu deixei você apavorado. Desculpe.

Ele colocou a mão dela dentro da sua e a deixou ali.

— Summerset me disse que você voltou para casa um pouco antes da cinco.

— Sei, eu imaginei. Precisava dormir algumas horas — Ela olhou na direção da janela. — Devo ter conseguido, porque já anoiteceu. Que horas são?

— Quase nove. — Ele sabia que ela não conseguiria dormir mais, pelo menos por enquanto. Bem que teria preferido que ela fizesse isso. Bem que gostaria de ficar deitado ao lado dela, apertando-a junto do corpo enquanto os dois dormiam até apagar os vestígios do pesadelo. — Você precisa comer alguma coisa — decidiu ele. — Eu também. Quer que eu traga a refeição para cá?

— Por mim seria ótimo, mas eu gostaria de outra coisa antes.

— E o que você quer?

Eve colocou as mãos no rosto de Roarke e se colocou de joelhos na cama, para pressionar os lábios contra os dele.

— Você é melhor do que qualquer calmante. E me faz sentir limpa. E inteira. E forte. — Deslizou os dedos pelos cabelos dele quando seus braços a envolveram. — Você faz com que eu me lembre das coisas boas e me ajuda a esquecer das más. Fique comigo.

— Eu sempre fico. — Ele beijou as têmporas dela, seu rosto, seus lábios. — E sempre ficarei.

Ela roçou o corpo no dele e se desequilibrou um pouco quando os dois se ajoelharam sobre a cama larga, à meia-luz. A tempestade havia passado, mas algo dentro dela ainda estremecia. Ele acalmaria tudo isso. Coloraria o seu mundo novamente no lugar. Virou a cabeça, passando os lábios ao longo da garganta dele em busca de um sabor especial e do seu cheiro viril.

Ao encontrar tudo isso nele, suspirou.

Ele compreendia as necessidades dela, sabia o que ela buscava nele e tentava lhe retribuir. Um amor atencioso, terno, lento. Percebeu tremores distantes dentro dele também, mas ela iria domá-los.

Os lábios dele pontilharam uma linha ao longo do maxilar de Eve, se encontraram com os lábios dela e mergulharam neles profundamente. De forma ritmada e calma. E ela, a sua mulher forte e agitada, se derreteu ao contato com ele. Por alguns instantes ele a manteve ali, até amos se deixarem flutuar na paz absoluta, boca com boca, coração com coração. Ele sabia que, dessa vez, o pulso acelerado dela significava contentamento.

Quando ele a afastou um pouco para mirar seus olhos, ela sorriu.

Sem tirar os olhos do rosto dela, ele lhe desabotoou a blusa, sentiu-lhe as mãos novamente firmes, e isso acalmou as dele. Ele fez com que a blusa dela lhe deslizasse pelos ombros e traçou uma linha com os dedos sobre sua pele nua. Uma pele pálida e macia, surpreendentemente delicada por cima de uma musculatura tão

disciplinada. Um som baixo de prazer saiu como um gemido da garganta dela no instante em que ela passou as mãos pelo peito dele.

Então, Eve se inclinou um pouco, pressionou os lábios na orelha dele e sussurrou:

— Meu.

Isso o deixou abalado até a alma.

Tomando as mãos dela entre as suas, ele as virou com as palmas para cima e pousou um beijo delicado no centro de cada uma, dizendo:

— Minha.

Eles se deixaram escorregar sobre o lençol e se deitaram de frente um para o outro, a fim de tocarem e de se explorarem mutuamente, como se fosse a primeira vez. Trocaram carícias longas e preguiçosas que tanto acalmavam quanto agitavam, em uma paixão sem pressa que alimentava pequenas fogueiras internas.

Ela estava aquecida, agora, e pronta.

Os lábios dele roçaram o seio dela e Eve suspirou mais uma vez. Fechando os olhos, se deixou levar pelo êxtase do momento. Acariciou os cabelos dele, gloriosos fios de seda preta; depois, tocou-lhe as costas, sentindo os músculos duros.

Ela o ouviu murmurar *aghra* — meu amor. E pensou, *Sim, sou seu amor, graças a Deus*. E arqueou as costas para lhe oferecer mais.

A excitação de ambos aumentou gradualmente, em uma escala lenta e longa, até que os suspiros se tornaram gemidos e o prazer se transformou em calafrios de desejo. Quando ele a levou ao ponto mais alto do prazer, sentiu-se elevado no bojo de uma onda quente e azul.

— Por favor, me preencha. — Ela puxou a cabeça dele para baixo, até suas bocas se encontrarem mais uma vez. — Me preencha!

Roarke viu os olhos dela muito abertos, escuros e inundados. Quando a penetrou suavemente, sentiu-se abraçado, bem-vindo. E engolido por inteiro.

Eles se moveram devagar, subindo e descendo em uma intimidade tão completa que o coração dele se apertou. Atacou os lábios dela com os seus, mais uma vez, e poderia jurar que respirou sua alma.

Quando ela balbuciou o nome dele, a ternura o desmontou por dentro.

Eve olhou para o céu noturno na claraboia sobre a cama. Tudo estava tão em paz que sentiu que não havia mundo nenhum lá fora. Nada existia fora daquele quarto, daquela cama, daquele homem.

Talvez esse fosse um dos objetivos do sexo. Isolar os amantes por um breve tempo, colocá-los longe de tudo, a não ser de si mesmos. Permitir que focassem a atenção em seus corpos, em suas carências, na gratificação que era física e, quando aparecia o parceiro certo, emocional também.

Sem esses bolsões de solidão e paraíso sensorial, talvez as pessoas enlouquecessem.

Eve já havia experimentado o sexo antes de conhecer Roarke, mas só pela liberação do corpo e pela descarga física. Mas não tinha conhecido, nem compreendido, a intimidade do ato de amor antes de conhecê-lo; antes de experimentar a rendição completa um ao outro. E também nunca vivenciara a paz emocional que se instalava depois de ele a ter amado.

— Tenho uma coisa para lhe dizer — anunciou ela.

— Pois então, diga.

— Daqui a pouco. — Ela balançou a cabeça para os lados. Se ficasse mais tempo daquele jeito, preenchida e saturada por ele, acabaria esquecendo que havia um mundo lá fora, um mundo que ela um dia jurara proteger. — Preciso me levantar, agora. Não que eu queira fazer isso, mas preciso.

— Então, vamos comer.

Ela teve de sorrir. Ele ainda não tinha terminado de cuidar dela, pensou.

Nunca te minava.

— Tudo bem, eu vou comer. Na verdade, eu mesma vou preparar um jantar para nós dois.

Ele ergueu a cabeça e seus olhos azuis muito brilhantes se estreitaram, com ar pensativo.

— Vai?

— Escuta aqui, meu chapa, eu sei pilotar um AutoChef tão bem quanto qualquer pessoa, sabia? — Deu um tapa de leve na bunda dele. — Saia de cima de mim.

— Foi o sexo ou o calmante? — quis saber ele, obedecendo.

— Do que você está falando?

— Quero saber o que colocou você com essa disposição para coisas domésticas.

— Bancar o engraçadinho não vai lhe garantir um bom jantar.

Engraçadinho ou não, ele sabia que ela provavelmente iria pedir uma pizza.

Eve pegou um robe no closet e então, enquanto ele a olhava com ar de surpresa, pegou um roupão para ele e foi entregá-lo.

— Bancar o engraçadinho nem sempre é um ato verbal. Consigo perceber o sarcasmo em sua mente.

— Então é melhor eu calar a boca e pegar um vinho para nós.

— Boa ideia.

Ele a deixou contemplando o AutoChef com ar pensativo e abriu o painel onde ficava uma pequena adega. Imaginou que ela precisava se manter ocupada para manter o pesadelo longe. Pensando na pizza que certamente iria comer, ele escolheu uma garrafa de chianti, abriu-a e a colocou de lado para o vinho respirar.

— Você vai trabalhar agora à noite?

— Vou. Tenho umas coisa para pesquisar. Peguei o perfil com Mira e quero rever tudo para atualizar o relatório do caso. Ainda não rodei o programa de probabilidades. Além disso, preciso investigar tudo sobre banco de olhos, clínicas que fazem transplantes, esse tipo

de coisa. Uma perda de tempo, é claro, pois sei que ele não tirou os olhos da vítima para vender, mas essa possibilidade ainda vai ser eliminada.

Ela trouxe dois pratos já servidos para a saleta de estar e a colocou sobre a mesa de centro.

— O que vamos comer?

— Comida. O que isso está parecendo?

Ele inclinou a cabeça de leve para analisar o prato.

— Isso não está com cara de pizza.

— Meus dotes culinários vão muito além de uma pizza.

Eve tinha escolhido um frango frito no vinho com alecrim, acompanhado de arroz silvestre e aspargos.

— Quanta sofisticação! — murmurou ele, confuso. — Abri um vinho que não combina com esse prato.

— Conseguiremos superar isso. — Ela foi pegar uma cesta de pães e propôs: — Vamos comer logo.

— Não, esse vinho não serve. — Roarke foi até o painel onde ficavam os vinhos e pegou uma garrafa de Pouilly-Fuisse bem gelado. Abriu-a com desenvoltura e trouxe a garrafa e os cálices para a mesa. — Agora está perfeito. Obrigado.

Eve comeu a primeira garfada.

— Muito gostoso. É claro que não chega nem aos pés das batatas fritas de soja que eu comi no almoço, mas não está nada mal.

— Ao ver a cara de estranheza que ele exibiu, conforme ela planejava, Eve caiu na risada.

— Tomara que você consiga encarar qualquer prato que Charles e Louise sirvam no jantar que vão oferecer.

Eve espetou mais um pedaço de frango.

— Você não acha isso esquisito? Charles e Louise recebendo Peabody e McNab para um jantar agradável no apartamento de Charles? Eu tenho quase certeza de que na última e última vez em que McNab esteve lá foi quando ele e Charles trocaram socos.

— Duvido muito que a coisa chegue novamente a esse ponto extremo, mas, se acontecer, você estará lá para desapertar a briga. E não acho isso esquisito, não, querida. As pessoas se buscam, apenas. Charles e a nossa Peabody sempre foram amigos e ainda são.

— Pois é, mas McNab acha que eles dançaram a rumba do colchão.

— Não importa o que Ian pensa, o fato é que eles não estão dançando agora.

— Continuo achando que vai ser esquisito.

— Talvez pinte algum momento estranho, mas Charles e Louise se amam.

— Pois é, mais um lance estranho. Como é que eles pode se dar tão bem? Ele passa o dia na rua, come um monte de mulheres, profissionalmente, e depois chega em casa e come Louise por amor. Que bizarrice é essa?

Um sorriso divertido surgiu nos lábios de Roarke, que tomou um gole de vinho e decretou:

— Você é uma criatura pautada pela moral, tenente.

— É... Vamos ver o quanto você tem a mente aberta e moderna no dia em que eu devolver meu distintivo e resolver virar acompanhante licenciada. É claro que vou ter um trabalhão para montar uma agenda de clientes, porque você vai arrebentar a cara deles todos.

Ele simplesmente inclinou a cabeça para a frente, concordando com ela.

— Mas você não trabalhava como acompanhante licenciada quando eu a conheci e me apaixonei, certo? — argumentou ele. — Era uma tira, e isso exigiu um grande movimento de ajuste em minha vida.

— Aposto que sim. — Como aquele era um papo descontraído, ela não hesitou em continuar. — Sei que você mudou. Mas acho que, por trás das cortinas, você já vinha fazendo ajustes consideráveis em

seus negócios. Não estava atrás de uma única bolada, mesmo sabendo que conseguiria levá-la. Acho que nunca esteve atrás apenas disso.

— Nos tempos da minha juventude perdida, tenente, você teria me caçado como um cão e de forma implacável. Não conseguiria me agarrar, é claro, mas tentaria fazer isso.

— Pois saiba que se eu quisesse caçar você... — Ela parou de falar e deixou o assunto de lado. — Não é disso que eu quero falar. — Pegando o vinho, ela tomou um longo gole e o colocou de lado. — Estive no Dochas, hoje.

— Ah, esteve? — O olhar dele fixou no rosto dela. — Você poderia ter me avisado. Eu arranjaria um tempinho para ir até lá com você.

— A visita teve relação com o caso. Eu precisava falar com Louise sobre a tal clarividente, e hoje era plantão dela no abrigo.

Ele esperou que ela terminasse de contar, mas Eve continuou calada.

— O que achou do lugar? — perguntou ele, por fim.

— Achei... — Ela pousou o garfo e cruzou as mãos no colo. — Eu amo você mais do que consigo expressar. Não tenho palavras para descrever sentimento. Não sei como explicar o tamanho do meu amor por você, nem o quanto sinto orgulho pelo que você está fazendo lá. Tentei entrar no clima do lugar, mas não consegui.

Comovido, ele estendeu a Mão e esperou que Eve descruzasse as dela para pegar a dele.

— O que está sendo feito lá não existiria se você não fosse parte do processo.

Parte de mim.

— Existiria, sim, eis a questão. Talvez você tenha feito isso antes do tempo certo por minha causa. Por causa de nós dois. Mas estava em seu coração fazer algo assim. Sempre esteve. Desculpe por eu não ter ido conhecer o lugar antes.

— Isso não importa.

— Eu tinha medo. Uma parte de mim que eu não queria encontrar tinha medo de ir lá. — Ela largou a mão dele. Precisava fazer isso, abrir a alma por conta própria.

— Receava ver aquelas mulheres e crianças. Sentir todo aquele medo, mais até do que a esperança. Foi isso que trouxe o que me aconteceu de volta à minha mente.

— Eve...

— Não, apenas me escute. Havia um menina lá... Às vezes eu acho que o destino simplesmente joga alguma coisa na cara da gente. Isso nos faz acordar e enfrentar a fera. O braço da menina estava em um molde restaurador. Seu pai lhe quebrou o braço.

— Oh, Cristo.

— Ela conversou comigo. Eu respondi. Não me lembro exatamente o que falei. Minha cabeça zumbia e meu estômago deu um nó. Tive medo de ficar enjoada bem ali, diante de todo mundo, ou simplesmente desmaiar. Mas não aconteceu nada disso. Eu superei.

— Você nunca mais precisa voltar lá.

— Espere até eu acabar — pediu ela, balançando a cabeça. — Deixei Peabody em casa, fui ver Mira e depois vim para cá. Precisava dormir. Pensava apenas em dormir, mas o pesadelo me pegou. Foi pesado, e você sabe que foi terrível. Eu me vi novamente no abrigo, entre mulheres agredidas e crianças destruídas. E elas me perguntavam por que eu não o impedi, por que permiti que isso acontecesse.

Eve ergueu a Mão para impedir que Roarke a interrompesse, viu a própria dor refletida no rosto dele, mas continuou:

— Ele estava lá. Meu pai, eu sabia que ele iria chegar. Ele me disse que sempre haveria mais gente como elas e mais gente como ele, e eu não conseguiria impedir isso. quando ele estendeu a Mão na minha direção, já não era mais eu. Isto é, eu não era como sou hoje.

Era uma menina. Ele quebrou meu braço, exatamente como tinha feito antes. E em estuprou, exatamente como antes.

Ela precisou parar de falar para molhar a garganta com vinho.

— Mas a história é a seguinte... — continuou. — Eu o matei exatamente como antes. E vou continuar matando-o sempre que ele aparecer, não importa durante quanto tempo isso aconteça. Porque ele está certo. Haverá sempre muita gente como eles, tanto agressores quanto agredidos. Sempre haverá mais, e eu não poderei impedir todos. Mas posso muito bem fazer o meu trabalho e impedir alguns deles. Preciso disso.

Ela expirou com força.

— Eu aguento voltar ao abrigo. E quero fazer isso, pois sei que quando voltar não terei mais medos nem enjoos. Se tiver, eles não serão tão graves. Mas quero voltar para ver o que você criou naquele lugar, o que está fazendo, e isso me ajudará a impedi-los.

O braço da menina estava quebrado, mas vai ficar bom. E ela também, porque você lhe ofereceu uma chance.

Ele ficou calado por longos momentos, emocionado, antes de conseguir falar.

— Você é a mulher mais incrível que eu já conheci.

— É. — Ela apertou a Mão dele, com carinho — Somos um casal e tanto.

Capítulo Seis

Eve resolveu dar uma passada na D D E, a Divisão de Detecção Eletrônica. Era sempre um choque cultural entrar em uma divisão onde os caras se vestiam como quem vai a uma festa de férias. Viu muitas botas modernas com amortecimento a ar em tons néon. Muita gente circulava pelo local falando em *headsets* ou trabalhava em cubículos e painéis eletrônicos de última geração.

A música rolava solta no ambiente, e um sujeito dançava enquanto trabalhava em pé com um tablet na mão. Pelo menos Eve achou que aquilo fosse uma dança.

Atravessou a sala de ocorrências e foi direto ao gabinete do capitão Ryan Feeney, onde esperava encontrar um pouco de sanidade.

Perdeu a fala quando o viu. O confiável Feeney, com o pouco que lhe restara do bronzado de férias e os cabelos cor de gengibre arrepiados e grisalhos, parecia outra pessoa. Seu rosto exibia as usuais rugas de preocupação e o ar genérico de cão sem dono, mas, em vez da roupa muito amassada que normalmente usava, vestia uma camisa limpa e muito bem-passada com cor de framboesa.

E estava de gravata. Uma gravata em tom de grama chamuscada! Pelo menos, foi essa a imagem que surgiu na mente de Eve.

— Jesus Cristo, Feeney, que roupa é essa?

O olhar que ele lançou para Eve foi o de um homem subjugado por uma insuportável pressão emocional.

— Minha mulher decidiu que eu preciso usar roupas mais coloridas. Comprou esses troços, jogou tudo em cima de mim e me

buzinou os ouvidos até eu vestir.

— Você está parecendo ... está parecendo um cafetão.

— Pensa que eu não sei disso? Olha só essa calça! — Ele esticou o pé para fora da mesa e Eve foi agraciada com a visão de uma das suas pernas magras, coberta por uma calça de boca estreita no mesmo tom bizarro da gravata.

— Nossa! Puxa, eu sinto muito.

— A galera lá fora achou essa roupa o máximo, o que eu posso fazer?

— Honestamente, não sei.

— Por favor, diga que você tem um caso novo para mim, algo que me exija trabalho externo em um lugar onde eu possa sujar as mãos de sangue. — Ele ergueu os punhos, em posição de lutador de boxe. — Minha mulher não vai poder reclamar se essa roupa ficar arruinada no cumprimento do dever.

— Bem, estou investigando um caso, sim, mas não tenho trabalho externo na área de eletrônica. Bem que eu gostaria de lhe quebrar esse galho. Você não pode, pelo menos, afrouxar a gravata?

Você não conhece minha mulher tanto quanto eu — disse ele apertando ainda mais o nó. — Ela vai me ligar. Está ligando desde cedo para me vigiar e ver se eu me mantenho impecável durante o expediente todo. E ainda tem o paletó, Dallas.

— Pobrezinho!

— Tudo bem — suspirou ele, resignado. — O que a traz ao meu mundo?

— Trabalho. Homicídio sexual com mutilação.

— Central Park. Soube que você pegou esse caso. Já agendamos a busca padrão nos computadores e *tele-links* da vítima. Precisa de mais alguma coisa?

— Não exatamente. Posso fechar aquilo? — Eve apontou para a porta. Depois de fechá-la, voltou e se sentou na quina da mesa. —

Qual é a sua posição quanto a aceitar ajuda de pessoas que se dizem clarividentes durante uma investigação?

— Não acontece muito disso nessa divisão — disse ele, apertando o nariz. — Quando eu trabalhava na Divisão de Homicídios apareciam uns malucos de vez em quando, alegando ter visões e informações do mundo dos espíritos. Você sabe disso.

— Sei, sim. Isso sempre acontece. Geralmente nós perdemos um tempão e muitas horas de trabalho para, no fim, desvendarmos o crime com nossos meros cinco sentidos.

— Mas existem videntes genuínos por aí. — Ele se levantou da mesa e programou um café no AutoChef. — A maioria dos departamentos, hoje em dia, usa paranormais como consultores civis, de vez em quando. Alguns deles têm distintivo e são tiras, como nós.

— É, eu sei. Nós dois trabalhamos como parceiros durante vários anos, não é?

— Sim, bons tempos, aqueles! — Ele entregou uma caneca de café para Eve.

— Mas nunca trabalhamos com nenhum clarividente.

— Não? Bem, nós usávamos os recursos que nos pareciam adequados a cada caso.

— Estou com uma mulher que garante ter visto o assassinato do Central Park em um sonho.

— Você já a investigou? — perguntou Feeney, pensativo, enquanto tomava um gole de café.

— Já, e as informações batem. Ela é registrada e tem licença para trabalhar nisso. Peguei referências dela com Louise Dimatto. — A doutora não é idiota .

— Não, nem um pouco. A questão é: se você estivesse no meu lugar, colocaria essa vidente na equipe de investigação?

— Você já sabe a resposta para essa pergunta — disse ele, encolhendo os ombros.

— A gente deve usar o que for necessário — disse Eve, franzindo a testa ao olhar para o café. — Sim, eu sei. Acho que só precisava ouvir isso de alguém que tem os pés no chão. Obrigada.

Ela colocou o café que mal havia provado em cima da mesa. Estava ficando mal acostumada, refletiu. Recusava cada vez com mais facilidade o café de má qualidade.

— Obrigada mais uma vez, Feeney.

— De nada. Por favor, me avise se precisar de alguém disposto sujar as mãos e as roupas na solução desse caso.

— Pode deixar. Ahn ... se alguém entornasse café na sua roupa nova a culpa não seria sua, certo?

— Ela iria desconfiar — garantiu Feeney, com ar pesaroso. — Ninguém é mais clarividente do que uma esposa.

Eve pegou Peabody quando saiu da DDE. Se ela pretendia consultar uma vidente, precisava conversar com o comandante antes de dar esse passo.

Whitney ouviu com atenção a exposição oral sucinta que Eve lhe fez em complementação aos dados que tinha enviado. Não a interrompeu em nenhum momento e permaneceu sentado à mesa. Era um homem corpulento com pele escura e cabelos muito curtos. Os anos trabalhando dentro de um gabinete não lhe haviam apagado o típico jeito de tira. O comandante Whitney era um tira de verdade, até os ossos. A única mudança em seu rosto largo e austero foi um rápido erguer de sobrancelhas no instante em que Eve mencionou Celina Sanchez. Quando o relatório acabou, ele assentiu com a cabeça, recostou-se à cadeira e disse:

— Uma clarividente como consultora? Isso não costuma ser do seu estilo, tenente.

— Não, senhor.

— O relações-públicas da polícia estará cuidando das informações ao público a partir de agora. Vamos continuar omitindo a natureza exata da mutilação, bem como a descrição da arma do crime. Se você decidir consultar uma vidente, esse dado também será omitido.

— Ela se mostrou firme nesse ponto, comandante. Se eu me consultar com ela, não gostaria que seu nome chegasse ao relações públicas, nem a nenhuma pessoa fora da equipe investigativa.

— Combinado. O nome da sua vidente me parece familiar. Talvez eu a tenha conhecido em algum evento social. Vou perguntar à minha mulher, que tem ótima memória para esse tipo de coisa.

— Sim, senhor. Quer que eu espere o senhor fazer isso, antes de procurar a Sra.

Sanchez?

— Não, a bola está com você. E quanto a você, detetive? Qual é sua opinião sobre esse assunto?

Peabody empertigou o corpo antes de responder.

— Minha opinião, senhor? Ahn ... creio que sou mais aberta à ideia de percepção extrassensorial, comandante. Tenho pessoa clarividentes na família.

— Por acaso você é uma dessas pessoas?

— Não, senhor. — Peabody relaxou a ponto de sorrir. — Tenho só os cinco sentidos básicos. Mas acredito, como a tenente Dallas, que Celina Sanchez merece ser ouvida novamente.

— Então vão conversar com ela. Se o caso da retirada dos olhos vazar para a mídia, ou melhor, *na hora em que isso acontecer*, esse caso vai virar manchete até em jornais de bairro. Precisamos resolvê-lo antes que o circo chegue à cidade.

Celina morava em uma parte do SoHo composta por galerias de arte contemporânea, restaurantes da moda e pessoas

essencialmente urbanas, bem-vestidas, que gostavam de degustar *brunches* bem servidos nas manhãs de domingo, votavam no partido liberal e assistiam a peças esotéricas que fingiam compreender e apreciar.

Artistas de rua eram bem-vindos e os cafés eram abundantes.

O loft de dois andares onde Celina morava tinha sido, no passado, parte de um prédio de três andares onde eram fabricadas quantidades absurdas de roupas de grife genuinamente falsas.

A construção, como havia acontecido com outros prédios do bairro, tinha sido revitalizada, passara por uma boa reforma e entrara para o mercado imobiliário de alto luxo.

Da rua, Eve reparou que as janelas eram largas e altas como as de hangares; um terraço estreito com uma grade em ferro batido tinha sido acrescentado ao terceiro andar.

— Tem certeza de que você não prefere marcar hora? — perguntou Peabody.

— Se ela é vidente, sabe que estamos chegando. Peabody chegou à entrada, na calçada, ao lado de Eve.

— Izzo é sarcasmo, senhora.

— Peabody, você me conhece bem demais! — Eve tocou a campainha de Celina.

Alguns segundos depois, a voz de Celina surgiu no interfone.

— Sim?

— Tenente Dallas e detetive Peabody. Ouviu-se outro ruído, talvez um suspiro.

— Por favor, subam. Vou liberar a porta e o elevador. Peçam o segundo andar.

A luzinha de segurança acima da porta mudou de vermelho para verde. As trancas automáticas se abriram. Eve entrou no saguão e reparou que havia três apartamentos no primeiro andar. À sua esquerda a porta de um elevador se abriu. Elas entraram e Eve disse "segundo andar" em voz alta.

Quando a porta tornou a se abrir, Celina estava do outro lado de uma grade de ferro, Seus cabelos estavam presos no alto da cabeça, em um coque torto preso pelo que pareciam dois sofisticados hashis de comida japonesa.

Vestia calças colantes com o comprimento um pouco acima dos tornozelos e uma camiseta regata justa que lhe deixava o umbigo de fora. Estava descalça, sem maquiagem nem joias.

Assim que abriu o portão, recuou para deixá-las entrar.

— Receava que vocês viessem. É melhor nos sentarmos.

Ela apontou para um espaço amplo mobiliado com um generoso sofá em forma de S e cor de vinho tinto, Havia mesas imensas diante das curvas do sofá e, sobre uma delas, via-se uma tigela rasa cheia de pedras. Ao lado, um castiçal alto surgia de uma taça em metal batido.

O piso parecia ser de madeira natural; tinha sido lixado, envernizado, ou sabe-se lá o que os decoradores faziam com madeira antiga para ela assumir um aspecto de cintilante mar de mel. Mantas com padrões em cores vivas tinham sido espalhadas sobre o estofado, e arte em tons igualmente berrantes enchiam as paredes verde-claras.

Atrás de um arco alto, Eve divisou a cozinha e uma área para refeições. Viu também alguns degraus vazados feito de metal pintados em um tom de verde mais escuro que o das paredes e acompanhados de um corrimão que imitava uma serpente sinuosa.

— Que aposento é aquele?- perguntou Eve, acenando a cabeça para a única porta do lugar, devidamente fechada e trancada.

— Meu espaço para dar consultas. Ele tem outra entrada. Gosto da facilidade de trabalhar em casa sempre que posso, mas também valorizo minha privacidade. Não recebo clientes nesta parte da casa.

— Ela apontou novamente para o sofá. — desejam algo para beber? Cancelei todas as minhas consultas para hoje. Acho que não ajudaria

ninguém no estado lastimável em que estou. Vocês me pegaram no meio de uma sessão de ioga. Vou pegar chá para mim.

— Eu não quero nada para beber, obrigada — disse Eve.

— Eu aceitaria um pouco de chá, se a senhora for tomar.

— Sentem-se. — Celina sorriu para Peabody. — Não vou levar muito tempo.

— A doutora entrou em contato com você?

— Não. Mas a senhora me pareceu uma mulher minuciosa. Garanto que verificou minha licença, meus registros, meu passado e falou com Louise antes de decidir conversar novamente comigo. Considera tudo isso fundamental.

— Louise disse que você é a ovelha negra da família.

Celina voltou trazendo uma bandeja com um bule e duas xícaras com aparência frágil e seus respectivos pires. E lançou um sorriso irônico para Eve ao dizer:

— Sim, essa descrição é precisa. Minha família desaprova e se sente embaraçada não só pelo meu dom como pela minha escolha de fazer dele um meio de subsistência.

— Mas você não precisa desse dinheiro.

— Não para segurança financeira. — Ela atravessou a sala e colocou a bandeja sobre a mesa. — Faço isso para satisfação pessoal. Nas suas circunstâncias, tenente, a senhora certamente não precisa do salário que a polícia lhe paga. Mas suponho que o receba mesmo assim.

Ela serviu duas xícaras de chá, passou uma delas para Peabody e continuou:

— Não consigo parar de pensar em Elisa, mas não quero ficar com isso na cabeça. Não quero fazer parte do problema. Só que é necessário.

— O Departamento de Polícia da Cidade de Nova York pode contratar, mediante pedido da investigadora principal de um caso, especialistas e consultores civis.

— Hum-humm. — Celina ergueu uma das sobrancelhas. — Eu passei no teste?

— Até agora, sim. Se estiver disposta e se sentir capaz de servir como consultora neste caso, terá de assinar um contrato. Esse documento inclui uma cláusula de sigilo, impedindo-a, por lei, de discutir qualquer aspecto da investigação.

— Não desejo fazer isso. Se eu concordar com a proposta, exijo que a senhora assine um documento me garantindo que meu nome e minha ligação com a investigação não serão divulgados para a mídia.

— Sim, você já disse isso. Receberá um pagamento pelo serviço. O valor é padrão. — Eve estendeu a mão para Peabody e esperou enquanto a parceira pegava os documentos na bolsa. — É melhor ler tudo com atenção. Tem toda a liberdade para consultar um advogado ou representante legal antes de assinar o contrato.

— A senhora está me dando sua palavra, eu lhe dou a minha. Não preciso de um advogado para isso. — Mesmo assim ela cruzou as pernas, recostou-se no sofá e leu cada página do documento com muita atenção. — Não tenho caneta.

Peabody pegou uma e lhe entregou. Celina assinou os dois documentos e passou a caneta para Eve.

— Muito bem, isso é tudo, então? — perguntou Celina, com um suspiro, depois de Eve rabiscar seu nome nos dois Contratos.

— Isso é tudo.

— O que eu faço, agora?

— Conte-me exatamente o que viu. — Eve colocou o gravador sobre a mesa. — Oficialmente.

Ela reviu todos os fatos, fechando os olhos de vez em quando ao repetir os detalhes mais importantes. Suas mãos não tremeram e sua voz permaneceu forte e firme, mas Eve notou que sua palidez foi aumentando aos poucos, enquanto ela avançava na história.

— Onde você estava quando viu tudo isto acontecer?

— Aqui, no andar de cima, na cama. Meu sistema de segurança permaneceu ligado a noite toda, como sempre. Tenho alarmes e trancas em todas as portas. Fique à vontade para levar os discos e examiná-los.

— Farei isso, para segurança de nós duas. Houve alguma outra visão desde a noite de anteontem?

— Não, apenas uma ... sensação de pavor, uma espécie de expectativa. Talvez sejam os meus nervos.

— Peabody! Pegue a sacola de provas.

Sem dizer nada, Peabody pegou um pedaço de fita vermelha em gorgorão dentro de uma embalagem vedada.

— Reconhece isso, Sra. Sanchez? — perguntou Peabody.

— Por favor, me chame de Celina. — Seus lábios estavam muito brancos. — Isso parece a fita que ele usou nela.

— Pegue este objeto e me diga o que vê.

— Vamos lá... — Celina pousou a xícara, esfregou as palmas das mãos nas coxas, respirou fundo e segurou a fita.

Passou-a pelos dedos, mantendo o olhar fixo no objeto.

— Eu não percebo ... não está vindo nada, não vejo nada aqui. Talvez eu precise me preparar melhor para isso, ou talvez tenha de ficar sozinha para receber as vibrações certas. — Um ar de embaraço e frustração tomou conta do seu rosto. — Eu pensei... eu esperava mais. Estava certa de que iria sentir algo, já que tive sensações tão fortes no momento do crime. Sei que ele usou essa fita para estrangulá-la. Ambos tocaram nela, mas não consigo captar nada ao manuseá-la.

Eve pegou a fita de volta, tornou a guardá-la no saco protegido e o entregou novamente para Peabody.

— Por que você acha que não viu o rosto do assassino naquela noite, apenas o da vítima?

— Não sei. Minha ligação deve ser com a vítima. Talvez a própria Elisa não tenha visto o rosto dele com clareza.

— É possível. Você poderia captar mais alguma coisa com a fita de gorgorão.

Que tal tentar novamente?

— Não sei que diferença isso fará. Quem sabe se vocês me deixassem sozinha com o objeto por alguns instantes — começou quando Peabody pegou o saco lacrado.

— Isso eu não posso fazer. Trata-se de uma prova legal.

— Mas essa fita não mostra nada. Pelo menos, não para mim.

— Mesmo assim, Celina esticou o braço para pegar a fita novamente, ao ver Eve abrir o saco.

Quando seus dedos entraram em contato com o objeto, seus olhos se arregalaram de forma absurda e ficaram foscos. Ela largou a fita vermelha no chão, como se estivesse em chamas. E sua mão apertou a própria garganta, como se estivesse sufocando.

Enquanto os olhos de Eve se estreitaram, Peabody deu um pulo, segurou Celina firmemente pelos ombros e a sacudiu com força.

— Volte para nós! — ordenou a detetive.

— Não consigo respirar.

— Consegue, sim. Não é você! Inspire fundo e solte o ar devagar. Muito bem ... inspire ... expire. De novo!

— Certo, certo, já estou bem. — Ela lançou a cabeça para trás e fechou os olhos enquanto uma única lágrima lhe escorria pelo rosto.

— Me deem um minutinho só. — Ela continuou a respirar fundo, ainda com os olhos fechados. — Você é uma vaca Dallas, e muito fria.

— Sim, sou mesmo.

— Estava me testando. A primeira fita de gorgorão era falsa, não significava nada. Foi só um teste.

— Acertou. Eu a comprei ontem e a selei pouco antes de colocá-la no saco.

— Muito esperta. E minuciosa. — Ela já conseguia respirar normalmente e a cor voltara ao seu rosto. Também havia uma espécie de respeito em seus olhos. — Muito bem ... se eu tivesse sido assassinada, gostaria que uma vaca fria e minuciosa perseguisse meu assassino. — Franzindo o cenho, olhou para a fita que Eve recolhera do chão. — Eu não estava pronta. Foi por isso que fiquei tão abalada. Agora eu posso me preparar para o que vou enfrentar, pelo menos até certo ponto.

Ela estendeu o braço e Eve deixou a fita escorrer para a palma sua Mão.

— Ela sofreu muito — afirmou Celina. — Enfrentou momentos de terror e dor. Não conseguiu ver o rosto dele direito. Está tonta, com medo e ferida, mas mesmo assim lutou com o agressor. Por Deus, como ele é forte! Grande, musculoso, corpulento. Esse não é o rosto dele, não pode ser. O estupro é rápido, misericordiosamente rápido. Ele está em cima dela, ofegante, esmagando-a, e ela sente esta fita lhe apertar o pescoço. Não sabe o que é, mas percebe que vai morrer. E pensa em uma palavra: Vonnie. Seu último pensamento foi para a filha.

— Fale-me dele.

Ela empertigou o corpo e respirou mais devagar.

— Ele a odeia. Ele a teme. Venera-a, também. Mas não ela, especificamente. Há muita raiva, muito ódio e excitação. É difícil sentir mais do que isso. Sinto golpes implacáveis sobre a minha psique. É difícil identificar os detalhes em meio a tanta loucura. Mas sei, com certeza, que ele já fez isso antes.

— Por que ele arrancou os olhos dela?

— Acho que ... ela precisa ficar no escuro. Não sei ao certo, apenas que ele a quer deixar no escuro. Sinto muito. — Ela devolveu a fita para Eve. — É um processo doloroso, não consigo manusear esse objeto por muito tempo. É forte demais. Posso tentar ver mais alguma coisa em sessões curtas.

Eve concordou com a cabeça, percebendo o brilho do suor que cobria o rosto de Celina.

— Entendo, mas preciso que você vá comigo até a cena do crime. Celina pressionou a barriga com a mão e pediu:

— Gostaria de trocar de roupa, antes.

— Tudo bem, nós esperamos.

Depois de Celina subir para o segundo andar, Peabody assobiou baixinho.

— Você tem de admitir que ela tem muita coragem.

— Sim. E aguenta firme.

— Minha opinião é que ela é uma paranormal autêntica.

— Pelo Visto, sim.

Inquieta, Eve se levantou. Gostou do loft, não só pelo tamanho, mas pelo uso do espaço. E admirava a forma como Celina havia estendido a mão para pegar a arma do crime.

— O que incomoda 'você é o fato de ela ser civil ou clarividente? Eve olhou para trás, por sobre o ombro.

— Um pouco dos dois. Não gosto de usar civis em uma investigação, e não venha me lembrar de quantas vezes já usamos Roarke como consultor civil. Já é péssimo que ele faça isso, e pior ainda é eu estar me acostumando ao fato. Quanto à paranormalidade dela ... qual o benefício verdadeiro que isso vai nos trazer?

Ela se virou para Peabody e completou:

— O que ela nos disse de novo? Ele é grande, forte e completamente fodido das ideias. Isso tudo nós já sabíamos.

— Dallas, ela não vai nos informar um nome e um endereço. Não é assim que essas coisas funcionam.

— Por que não? — Irritada, enfiou as mãos nos bolsos. — ela tem *visões*, por que não consegue enxergar detalhes importantes? O nome do criminoso é Sr. Canalha Assassino; ele mora na Alameda dos Homicídios, número 13. Isso sim, seria muito útil.

— Muito *mag*, não é? Pense só na rapidez com que iríamos resolver os casos. O problema é que o departamento iria Contratar uma equipe de paranormais, montaria uma, deixe ver ... DDS, Divisão dos Detetives Sensitivos, e então ... Sabe de uma coisa, pensando melhor eu não curto nem um pouco essa ideia. Nós duas perderíamos o emprego.

Eve olhou com ar sombrio na direção das escadas.

— Quanto a mim, não gosto da ideia de ela começar a invadir minha mente.

— Ela não faria isso Dallas. Paranormais legítimos respeitam a privacidade das pessoas. Eles nunca se intrometem.

O pai de Peabody havia feito exatamente isso, lembrou Eve. Foi sem querer, mas dava no mesmo. Isso, admitiu para si mesma, era a principal causa da sua desconfiança.

— Eu gosto dela — acrescentou Peabody.

— É ... ela me parece legal. Vamos fazer essa pequena excursão ao local do crime e ver o que mais aparece. Depois, eu e você vamos cair dentro no trabalho de tiras de verdade.

Celina vestiu calças pretas e uma blusa azul de gola baixa e folgada. Usava vários cristais em uma corrente em torno do pescoço.

— Isso é para proteção, intuição e abertura do terceiro olho — explicou ela, parando e segurando as pedras com força quando elas chegaram à entrada do Central Park. — Nem todos acreditam nos benefícios dessas pedras. Sob as atuais circunstâncias, porém, estou disposta a tentar de tudo.

Ajustou os enormes óculos escuros que lhe encobriam metade do rosto.

— É um lindo dia — comentou. — Quente e ensolarado. O tipo de dia que traz as pessoas para fora de casa. Amo Nova York nessa época do ano. Acho que estou jogando conversa fora, em vez de agir.

— As áreas em questão já foram analisadas, periciadas e filmadas — explicou Eve.

— Pelo que conseguimos descobrir, a vítima veio passeando com a cadelinha daquela direção, e entrou no parque mais ou menos neste ponto.

Eve seguiu para o parque.

— Tantas pessoas já passaram por aqui depois disso, não sei se conseguirei encontrar alguma coisa. Para ser honesta, meu dom funciona melhor quando eu entro em contato direto com uma pessoa ou algum objeto que pertence a ela. Normalmente é assim.

Depois de caminhar por uns dez metros em meio às árvores, Eve parou. Não havia ninguém em volta, reparou, depois de olhar com atenção. As pessoas estavam no trabalho, nas lojas, nos restaurantes.

Ali era muito perto da rua, e aquele era um lugar sofisticado demais para acolher grupos de drogados ou transações ilegais.

— Foi aqui, não foi? — Celina tirou os óculos escuros, guardou-os no bolso e olhou fixamente para o chão. — Foi aqui que ele a agarrou e a arrastou além, para o meio do bosque.

Sua respiração parecia lenta e firme, enquanto ela caminhava. Tinha um ritmo deliberadamente controlado.

— Ele a agrediu com um soco no rosto, a derrubou e a deixou tonta. Dá para ver a grama remexida bem ali. Deve ter sido o lugar em que ele ...

Ela respirou fundo mais uma vez, agachou-se e passou as mãos sobre a grama e a terra. De repente, recolheu os braços.

—Meu Deus!

Eve a viu apertar os maxilares, ao passar as mãos novamente sobre a grama.

— Ele a estuprou bem aqui. Vejo controle, humilhação e punição. Ele está com um nome na cabeça ... não é o dela. Não

condigo perceber o nome com precisão, mas não é o dela. Não é Elisa que ele está punindo.

Ela recolheu as mãos mais uma vez e cruzou os braços com força, como se tentasse aquecê-las.

— É difícil enxergar além da vítima e do que foi feito com ela. Elisa é minha ligação. Ela não o conhecia, e não entendeu o porquê de isto estar acontecendo. Ele apenas ...

Subitamente, Celina ergueu a cabeça e olhou fixamente para Eve.

— Posso ver você, tenente. Eve sentiu um frio na barriga.

— Não foi para isso que viemos até aqui, Celina.

— Se me permite chamá-la por "você", sinto que existe uma presença muito forte em você, tenente Dallas. Mente firme, sentimentos fortes, instintos poderosos. Sua energia cobre todo o resto.

Soltando uma risada curta, Celina se levantou, esticou as costas e recuou cuidadosamente do local onde o crime ocorrera.

— Estou surpresa com a sua resistência e desconfiança com paranormais, já que você tem um dom tão forte.

— Não tenho dom nenhum — garantiu Eve.

Olhando firmemente para ela, Celina expeliu o ar com impaciência.

— Conversa fiada! Você acha que tudo o que vê e sente aparece só por instinto? Só instinto, unicamente? — Ela deu de ombros. — Chame isso do que quiser, tenente, mas é um dom.

Ela esfregou os braços um no outro e continuou:

— Ele a carregou a partir deste ponto. As imagens não estão muito claras, porque ela já se foi. Uma parte dela continua comigo, mas é algo muito leve e sutil.

— Ela pesava quase sessenta quilos. E nessa altura era um peso morto, literalmente.

— Ele é muito forte.

— Tem de ser.

— Sim, e tem orgulho de si mesmo — murmurou Celina quando recomeçou a andar. — Sim, vejo orgulho, aqui. Orgulho do seu corpo, da sua força. Ela é muito mais fraca do que ele, agora.

— Não a vítima, exatamente — disse Eve acompanhando os passos de Celina —, mas sim o que ela simboliza.

— Possivelmente. Provavelmente. — Celina tirou algumas mechas de cabelo que lhe caíram sobre o rosto. Três círculos dourados, interligados, estavam pendurados em suas orelhas. — Você provavelmente o enxerga com mais clareza do que eu, tenente. E também tem menos medo dele do que eu.

Ela parou para analisar o castelo.

— Eu me pergunto o porquê de ele ter escolhido esse ponto. Um lugar especial. Um marco da cidade. Ele poderia tê-la largado em qualquer local. Seria bem mais fácil.

Eve também já havia pensado nisso, mas manteve essas ideias para si mesma.

— Qual a altura dele?

— Mais de um metro e oitenta. Bem mais. Tem quase dois metros de altura. Tem o corpo volumoso, mas a superfície é dura. São músculos, e não gordura. Ele é muito musculoso. Consegui sentir isso no instante em que ele a estuprou.

Ela se sentou na grama.

— Desculpe, tenente, estou tremendo toda. Não estou habituada a esse tipo de trabalho. Isso drena as minhas energias. Como que você consegue aguentar?

— É o meu trabalho.

— Sim. É o trabalho de vocês duas. — Ela abriu a bolsa e pegou uma linda caixinha. — Analgésico — explicou, ao pegar uma pílula. — Estou com uma dor de cabeça terrível. Não posso fazer mais nada por hoje. Desculpe, estou completamente exausta.

Para surpresa de Eve, Celina se deitou e se alongou sobre grama.

— Sabe o que normalmente eu estaria fazendo, nesse instante?

— Não faço ideia — disse Eve.

— Deixe-me ver ... — Com ar distraído, Celina consultou o relógio de pulso. — Ah, sim ... Francine. Neste exato momento eu me preparando para fazer uma consulta com Francine. Ela é uma mulher adorável, muito rica e tola, que sofre de um caso terminal de maridite. Passa a vida se casando com homens errados. Está prestes a se casar com o marido número cinco, embora eu a tenha aconselhado a não fazer isso. Exatamente como fiz com os maridos três e quatro.

Com um jeito preguiçoso, Celina tirou o par de estilos os óculos escuros de dentro do bolso e os colocou no rosto.

— Ela vai chorar durante a consulta toda, protestar e argumentar que precisa seguir seu coração. — Seus lábios tremeram de leve e Celina colocou a mão no peito. — Vai me garantir que dessa vez será diferente. E vai se casar com o oportunista filho da mãe que em pouco tempo irá traí-la. Aliás, ele já fez isso, mas Francine se recusa a acreditar. Ele vai tornar a vida dela miserável, depois vai cair fora levando o orgulho da ex-mulher, sua autoestima e um belo pedaço da sua fortuna.

Ela balançou a cabeça para os lados e fez força para se colocar sentada.

— Pobre e crédula Francine. Saibam, tenente Dallas e detetive Peabody, que isso é o máximo de tragédia com o qual eu me permitido lidar.

— Como é que você sabe, ao conversar com um cliente pela primeira vez, que não verá nada trágico? — perguntou Eve, Celina sorriu.

— Faz parte do meu trabalho saber essas coisas. E, caso li perca algo importante e depois acabe vendo, faço o que posso recuo. Não

acredito em sofrimento, especialmente quando sou li quem vai provocá-lo. Não compreendo por que as pessoas insistem em causá-lo e suportá-lo. Sou uma criatura superficial — disse ela, espreguiçando-se como uma gata ao sol. — Até duas noites atrás estava muito contente por ser assim.

Peabody estendeu a mão para ajudá-la a se levantar. Celina a analisou e sorriu.

— Posso dar uma olhada em você? Por alto? Sem investigar a fundo, nada de segredos. Vocês duas despertam o meu interesse.

Peabody enxugou a mão na calça e tornou a oferecê-la. -Tudo bem — aceitou.

Celina apertou a mão dela com força e continuou a segurá-la até se levantar por completo.

— Você é uma mulher confiável. Ombros firmes, e um forte traço de lealdade que engloba todas as áreas da sua vida. Tem orgulho do distintivo que conseguiu e do trabalho que faz. Tome mais cuidado — disse, com uma risada gostosa, no instante em que soltou a mão de Peabody. — Você é uma porta aberta. Eu não pretendia espiar sua vida pessoal, mas vi que ele é um tremendo gato... — piscou um olho antes de completar — ... She-Body.

Peabody ficou vermelha como um tomate.

— Nós, ahn ... Pretendemos nos mudar para um novo apartamento. Vamos morar juntos.

— Meus parabéns! O amor não é lindo? — Sorrindo, ela se voltou para Eve e ergueu as sobrancelhas.

— Não — reagiu ela.

Rindo muito, Celina enfiou as mãos nos bolsos.

— Pois eu prevejo que qualquer dia desses você vai confiar em mim, tenente. Obrigada — disse ela, virando-se para Peabody. — Você ajudou a limpar meu paladar, por assim dizer. Vou caminhar um pouco e pegar um táxi ali adiante. Quero me livrar dessa dor de cabeça antes de voltar para casa.

Começou a caminhar, na direção contrária à da chegada. De repente ela parou e se virou. Não havia nenhum traço do humor descontraído em seu rosto, agora.

— Vai ser logo. A próxima vítima. Não entendo como eu sei disso, mas pressinto. E vai acontecer em breve.

Eve viu Celina se afastando e, com dom ou sem dom, soube que ela estava certa.

Capítulo Sete

— Ela é uma mulher realmente interessante. — Peabody esperou um segundo e olhou com cuidado para Eve no instante em que ela virou o carro para oeste e depois para o sul, na direção da Central. -Você não acha?

— Não é exatamente um tédio lidar com ela. Mas diga-me especificamente, o que nós conseguimos com esse passeio?

— Não muito além do que não sabíamos, ou acreditávamos ou suspeitávamos. Peabody se sacudiu no banco do carro, arrependendo-se de ter aceitado o chá.

Agora ela precisava fazer xixi, e sabia muito bem que Eve não iria parar no restaurante mais próximo, onde o distintivo lhe daria o privilégio de usar o toalete. Cruzou as pernas com força e tentou se concentrar na conversa.

— Mesmo assim, o fato inegável é que achei interessante fazer uma consulta com uma vidente, ainda mais uma tão boa quanto Celina. Você viu o que ela disse? Sou confiável e leal, afinal de contas.

— Como qualquer cãozinho schnauzer.

— Pois eu prefiro o Cocker spaniel, porque ele tem aquelas orelhas grandes, lindas e caídas. — Tornou a cruzar as pernas. — Pela minha experiência, posso afirmar que quando uma pessoa com dotes paranormais consegue esse tipo de ligação ela poderá conseguir ainda mais detalhes se mantiver o foco e permanecer aberta. Acho que ela fará isso. Foi fisgada pelo caso e quer vê-lo resolvido.

Eve olhou pelo espelho retrovisor ao ouvir o silvo agudo de uma sirene. Reconheceu a sutil diferença no tom e percebeu que era uma ambulância um segundo antes de a luz vermelha do veículo, que piscava e girava, aparecer em seu campo de visão.

Pegou a pista lateral para dar passagem, e a ratoeira com volante que lhe tinham dado para trabalhar começou a vibrar como uma gelatina por causa do deslocamento de ar que a ambulância promoveu, ao passar.

— Quero que você ligue para o setor de manutenção no instante em que colocarmos o pé na Central. Implore, suborne, ofereça serviços sexuais de qualquer natureza, mas me consiga uma viatura decente antes do fim do nosso turno.

Peabody estava com os dentes cerrados, com muita vontade de ir ao banheiro, mas fez o possível para falar, quase sussurrando:

— Quem vai executar os favores sexuais, se precisarmos chegar ponto?

— Você, é claro, detetive. Minha patente é maior que a sua.

— Ah, os sacrifícios que uma policial faz pelo distintivo!

— Academias.

— O quê?

— Vamos procurar algumas academias de ginástica.

— Senhora, não creio que eu consiga tonificar meus músculos da forma ideal para dispensar favores sexuais, já que você quer a viatura para hoje mesmo até o fim do dia.

— Por Deus, sai dessa lama.

— Mas foi você que me colocou nela.

Eve costurava através do tráfego e sugeriu:

— Vamos voltar ao trabalho que juramos realizar e à nossa atual investigação, sim? Se estamos atrás de um assassino solo, e não temos evidências que nos levem a suspeitar de uma dupla ou bando, esse safado é um filho da mãe saradão e fortíssimo. Não somente está em boa forma e é musculoso; é um cara forte pra caramba. Um

sujeito que consegue carregar sessenta quilos do local do crime até o ponto de desova e desce um monte de rochas com todo esse peso morto nas costas certamente malha regularmente leva a atividade a sério.

— Talvez tenha um equipamento caseiro. Conheço um cara que malha regularmente e tem uma academia em casa.

— Sim, vamos começar a rastrear isso, também. Equipamentos caseiros e completos para musculação. Se vamos considerar o que a rainha das videntes disse, ele tem orgulho, muito orgulho do seu corpo. E certamente gosta de exibi-lo, certo? Gosta de mostrar a todos o que consegue fazer.

— Então, vamos às academias.

— Sim, academias.

— Dallas, assim, na base do chute, você consegue imaginar quantas academias de ginástica existem em nossa linda cidade?

— Começaremos com as voltadas basicamente para a clientela masculina. Ele não gosta de mulheres. Pode cortar de cara as academias cor-de-rosa onde as patricinhas saltitam e empinam a bunda usando malhas colantes, bebem sucos naturais e mordiscam barras de cereais antes da massagem final. Nada de spas nem locais com salões de beleza anexos. Também pode riscar da lista as academias onde os carinhas vão só para brincar nas máquinas e tentar pegar mulheres. Corte também as instalações frequentadas por gente que gosta de pessoas do mesmo sexo. Nosso rapaz exigiria um lugar conceituado. Busca locais de malhação tradicionais e sérios. Daqueles que geram carinhas suados com pescoços mais grossos que minha coxa.

— Oooh... Carinhas suados de pescoços grossos. Hubba! Já estou saindo da lama, senhora.

— Tarde demais — murmurou Eve. — Resolvi investigar mais uma vez as vizinhanças da vítima. Esse cara a vigiou, acompanhou sua rotina. Vamos sair por aí perguntando se alguém viu um sujeito

muito alto, fortão e marrento. Depois de reclamar com a manutenção, entre em contato com os Vanderlea. Pergunte se eles lembram de ter visto alguém assim pelas redondezas.

— Beleza! — Só mais alguns quarteirões, pensou Peabody, e ela teria chance de fazer xixi. Contorceu-se um pouco, descruzou as pernas e as cruzou para o outro lado.

— Vamos procurar equipamentos domésticos: estações de musculação com pesos, sistemas virtuais com programas para aumento de massa muscular. Vamos olhar também assinaturas de revistas que ... Ficar aí se contorcendo não vai adiantar nada, sabia? Você não devia ter tomado todo aquele chá.

— Puxa, legal você me aconselhar isso agora — reclamou Peabody, com amargura na voz. — Ficar se contorcendo ajuda um pouco, sim. Oh, graças a todos os deuses e deusas — sussurrou ela, no instante em que o carro entrou na garagem da Central.

— Você deixa escapar que foi criada por uma Família Livre sempre que sua bexiga está cheia, detetive?

— Não é só isso que vai escapar. — Peabody pulou do carro instante em que ele parou e correu desabalada na direção do elevador.

Em sua sala, Eve olhou para o tele-link e notou que havia várias mensagens. Ordenou que a máquina as reproduzisse enquanto montava um quadro com os dados de Elisa Maplewood.

Conforme ouvia as mensagens, ordenou que algumas fossem apagadas e outras fossem salvas. De repente, parou o que fazia e virou-se e sorriu para a tela quando Mavis apareceu.

— Oi, Dallas! Estamos de volta a Nova York, meu carneirinho e eu. Maui é super mais que demais! Totalmente PTD, Paraíso Tropical Deluxe. Tudo lá foi o máximo dos máximos. O show que eu apresentei foi um tremendo agito, e a parte de rolarmos na areia

completamente pelados não ficou atrás. Sabe o que aconteceu? Minha barriga está completamente estufada, agora. Juro por Deus, estou mais grávida do que nunca, você precisa ver! Vou dar um pulo aí assim que tiver chance.

A visita da amiga era sempre um prazer, pensou Eve, quando a mensagem acabou. Mas se a barriga de Mavis estava mesmo completamente estufada, ela não tinha certeza se queria ver. Por que será que as mulheres grávidas viviam querendo mostrar para todo mundo suas barrigas com aspecto de melancias? Isso era mais um mistério na vida de Eve, só que esse ela não tinha desejo algum de solucionar.

Ela se virou para pegar café no AutoChef quando uma mensagem de Nadine Furst, a repórter superfera do Canal 75, apareceu na tela.

— Dallas, já sei que você vai jogar o blá-blá-blá de sempre para cima de mim, mas preciso muito conversar com você sobre o caso Maplewood. Se eu não tiver retorno dessa mensagem, Vou aparecer em sua sala daqui a pouco. Pode deixar que eu levo um biscoitinho maravilhoso.

Eve refletiu sobre aquilo. Talvez fosse uma jogada esperta ela dar uma entrevista ao vivo, ainda mais com o suborno de biscoitos irresistíveis. Uma declaração rápida e exclusiva, um papo tipo "de mulher para mulher". O perfil do assassino indicava que ele odiava e temia mulheres, e certamente ficaria revoltado ao virar o tema de um papo entre duas mulheres na teve. Talvez ficasse revoltado a ponto de cometer um erro.

Ela iria refletir com carinho a respeito.

Pensar nos biscoitos a deixou com fome. Dando uma espiada na porta, apalpou a parte de trás do AutoChef, sob a borda externa, pegou a barra de chocolate que prendera ali com fita gomada.

Aquele era um esconderijo óbvio, mas tinha funcionado muito bem, e despistara o traiçoeiro ladrão de chocolates que a perseguia.

Ela mordeu o chocolate com vontade, se sentou diante da mesa ligou o computador.

Seu código de autorização e sua senha não foram reconhecidos. Acesso negado.

— Que diabo é isso? — Ela agrediu o equipamento, com a base da mão. — Tenente Eve Dallas. — Ela recitou o número do distintivo para conseguir acesso e repetiu a senha.

O computador soltou um bipe alegre, que logo se transformou em um zumbido rangente. A tela piscou.

— Não comece! Primeiro minha viatura e agora você? Não me venha com zumbidos!

Entendido. Sistema operacional desligando ...

— Não! Droga, sua vadia, sua piranha filha da mãe, você sabe muito bem que não foi isso que eu mandei você fazer. — Deu mais um tapa na máquina, cerrou os dentes e repetiu o processo de inicialização do sistema.

Depois de uma série de soluços mecânicos, o equipamento zumbiu suavemente.

— Assim é melhor. Vamos lá! Abrir arquivo 39921-SH. Vítima: Elisa Maplewood.

Entendido.

O que apareceu na tela não foi o arquivo de um caso policial. Não era nem mesmo um assunto de polícia, a não ser que vários casais completamente nus se contorcendo em posições impressionantes e atléticas fossem um bando de tiras da Divisão de Vícios promovendo uma orgia.

Bem-vinda à Fanta-Cia! Somos seu jardim virtual de prazeres sexuais. Você deve ter mais de vinte e um anos para entrar no site. Serão debitados da sua conta dez dólares por minuto após a primeira semana de testes e confirmação da sua filiação.

— Santa mãe de Deus! Computador, apagar os arquivos exibidos e encerrar o sistema.

Comando incompleto.

— Vá à merda. Fechar arquivo! ENTENDIDO.

As figuras em movimentos sensuais desapareceram da tela.

— Agora, me ouça com muita atenção: Aqui fala a tenente Eve Dallas. Sou sua *dona*. Ordeno que você me apresente o caso 39921-SH, agora mesmo!

A tela piscou e apareceu um texto imenso. Eve não reconheceu o idioma, mas lhe pareceu italiano.

O som que ela emitiu ficou a meio caminho entre um grito e um urro. Agrediu a máquina com a mão mais uma vez, depois deu-lhe um soco e pensou em arrancar os fios e jogar o equipamento pela janela.

Quem sabe, com um pouco de sorte, estivesse passando um dos funcionários da manutenção bem debaixo da janela naquele exato momento. Ela mataria dois coelhos com uma cajadada!

Apesar de achar essa imagem maravilhosa, Eve sabia que só receberia um novo equipamento lá para o fim do século.

Virou-se para o *tele-link*, disposta a entrar em contato com manutenção e dar uma esculhambação geral em quem tivesse a má sorte de atender a ligação.

— Mas de que lhe serviria isso, Dallas? — perguntou a si mesma, em voz alta. — Os caras de fuinha que trabalham na

manutenção vivem para alcançar momentos como esse. Eles vão se unir em torno da tela e rir, rir sem parar, até você ser forçada a descer lá para estrangular pessoalmente cada um deles e depois passar o resto da vida vendo o sol nascer quadrado.

Ela socou o computador mais uma vez, só pelo gostinho de fazer isso, inspirou fundo e tentou outra estratégia. !

— Aqui é da DDE, McNab falando. E aí, Dallas?

O namorado de Peabody sorriu para ela na tela do *tele-link*. Seu rosto estreito e muito bonito era emoldurado por cabelos louros brilhantes, e ele fizera duas tranças finas ao lado das orelhas.

— Eu estava para lhe enviar o relatório sobre a análise dos equipamentos eletrônicos da vítima, Dallas.

— Nem se dê esse trabalho. Meu computador ficou maluco ou tá de sacanagem comigo, McNab. Que tal me fazer um favorzinho e vir aqui dar uma olhada no safado?

— Você já ligou para a manutenção? — Quando ela simplesmente grunhiu, ele soltou um risinho debochado e completou: — Esquece o que eu disse. Posso lhe dar meia hora do meu tempo daqui a quinze minutos.

— Ótimo.

— Mas se você me requisitar oficialmente e exigir que eu vá até sua sala imediatamente para lhe entregar o disco e uma cópia impressa do relatório da DDE, posso ir agora mesmo.

— Pois considere-se oficialmente requisitado.

— Operação cumplicidade acaba de ser lançada.

— O quê? — Mas ele já tinha desligado.

Irritada, ela pegou o tablet e tentou transferir os dados que queria do computador para o aparelho portátil. Não era nenhum *geek*, mas também não era burra, disse a si mesma. Sabia dar os comandos básicos.

Estava arrancando os cabelos quando McNab apareceu. Vesti uma camisa roxa com detalhes verdes no centro, de alto a baixo, A

camisa lhe descia até as coxas, por cima de uma calça larga verde com detalhes roxos. As duas cores apareciam novamente em seus tênis com amortecimento a ar em padrão xadrez.

— Técnico em eletrônica chegando para o salvamento! anunciou ele. Nas orelhas, além das argolas prateadas de costume, havia contas roxas e verdes enfiadas nelas. — Qual é o problema?

— Se eu soubesse qual é o problema, eu mesma teria resolvido.

— Claro. — Ele colocou uma caixinha prateada com ferramentas sobre a mesa, se aboletou na cadeira e esfregou as mãos de contentamento. — Uau! Chocolate! — Ele ampliou o sorriso sacudiu as sobrancelhas para cima e para baixo.

— Merda. Tudo bem, vá em frente. Considere isso um pagamento adiantado.

— Detonou!

— O quê?

— Detonou! — Ele deu uma dentada na barra de chocolate. É uma gíria, significa... legal, *mag*, essas coisas. Vamos dar uma olhada. Vou abrir a máquina para fazer um exame padrão.

Ele recitou uma série de comandos que pareciam estar sendo ditos em idioma venusiano. Um monte de códigos, símbolos e formas miúdas e estranhas rolaram pela tela, e a voz eletrônica da máquina pareceu emitir coaxados ofegantes.

— Viu? Viu só, McNab? — Eve pulou e se debruçou sobre o ombro de McNab. — Isso não está certo, tá vendo? Não me parece nada bom.

— Bem, hummm. Deixe-me tentar ...

— Isso foi sabotagem, não foi?

— Você espera ser sabotada?

— Ninguém espera ser sabotada. Por isso é que é sabotagem.

— Bem pensado. Preciso dar uma olhada em tudo. Por que não vai, ahn ... Dar uma volta por aí e me dá um tempinho?

— Você está me expulsando da minha própria sala?

— Por favor, tenente. — Ele lançou um olhar sofrido para Eve.

— Tá bom, tá legal! — Ela enfiou as mãos nos bolsos. — Vou esperar na sala de ocorrências.

Ela ouviu o longo suspiro de alívio que ele soltou quando ela saiu. Seguindo pelo corredor, Eve foi direto até a mesa de Peabody.

— Problemas com o computador? — perguntou a detetive. — McNab deu uma paradinha aqui, a caminho da sua sala.

— Eles sabotaram meu equipamento.

— Eles?! .. Eles, quem?

— Se eu soubesse quem eles são, eu os perseguiria até o fim do mundo e lhes arrancaria o couro enquanto ouvia seus pedidos de misericórdia.

— Hu-huh. Vamos lá ... Soube novidades de Deann Vanderlea. Alguém encontrou a cadelinha.

— O quê? Ah, a cachorrinha!

— Isso mesmo ... Mignon. Ela estava no outro lado do parque; foi achada por dois corredores que viram sua identidade na coleira e a levaram de volta.

— Ela estava ferida?

— Não, só assustada. Ter Mignon de volta vai dar um pouco de conforto à família. Tenho mais novidades. Deann Vanderlea, o marido Luther e a vítima frequentavam a academia Total Health Fitness and Beauty, para malhar e fazer coisas desse tipo. Só que não é o tipo de lugar que tenha algo a ver com os possíveis hábitos do assassino.

— Mas foi bom verificar.

— A Sra. Vanderlea não se lembra de ver ninguém suspeito pelas redondezas. Também não viu nenhum cara grandão na área, mas vai perguntar ao marido, aos vizinhos e ao porteiro.

— Vamos conversar com todos eles.

— Claro. O pai da vítima pode sair da lista de suspeitos. Tem um álibi sólido, pois estava a mais de três mil quilômetros do local

do crime e não se encaixa no tipo físico que buscamos.

— Se fosse ele a coisa seria fácil demais. E quanto à minha viatura?

— Estou correndo atrás me dê mais um tempinho.

— Todo mundo quer um "tempinho" hoje. Vamos investigar as academias, começando pelas que ficam aqui em Manhattan.

Eve reparou com certa irritação que o computador de Peabody respondia de forma rápida e suave aos seus comandos.

— Como é que pode? Os detetives e policiais dessa divisão tem equipamentos melhores que os meus? Eu sou a chefona, aqui!

— Sabe o que é, senhora ... ? Existe uma teoria sobre certas pessoas serem portadores de um problema ... — O termo *deficiência* surgiu na mente de Peabody, mas a detetive tinha muito apreço por sua saúde e integridade física para usá-lo em voz alta. — É uma espécie de infecção, ou algo do tipo, que afeta as máquinas que essas pessoas operam.

— Isso é conversa fiada. Eu não tenho problema nenhum com meu computador doméstico.

— Foi só uma teoria — disse Peabody, encolhendo os ombros.

— Não é melhor você ... esperar em algum lugar, enquanto eu faço as buscas?

— É ... estou vendo que vou ter de me esconder em algum canto mesmo. — Indignada, Eve foi embora. Decidiu pegar uma lata de Pepsi na máquina. Iria se acalmar curtindo o refrigerante no corredor, e depois voltaria para atazanar McNab.

Tudo o que ela queria era se sentar em sua sala e fazer a porcaria do seu trabalho. Isso era pedir demais?

Eve se aproximou de uma máquina automática e ficou parada na frente dela, olhando para o painel com ressentimento. Provavelmente a máquina iria derramar a Pepsi em sua roupa ou lhe entregaria algum drinque saudável, por pura maldade.

— Ei, você! — Sinalizou para um policial que passava pelo corredor e pegou algumas fichas de crédito no bolso. — Pegue uma lata de Pepsi para mim.

O policial olhou para as fichas de crédito que Eve colocara em sua mão e disse:

— Ahn ... claro, tenente.

As fichas foram colocadas na ranhura da máquina, que respondeu com uma educada e alegre apresentação dos itens disponíveis e suas fórmulas. A lata solicitada deslizou suavemente para o compartimento.

— Aqui está, tenente.

— Obrigada.

Satisfeita, Eve bebeu o refrigerante enquanto caminhava em direção da sala de ocorrências. Era assim que lidaria com o problema dali para frente, decidiu. — Faria com que outras pessoas brigassem com as máquinas no lugar dela, sempre que possível. Era uma tenente, afinal de contas. Esperava-se que ela delegasse alguns poderes.

— Olá, tenente! — cumprimentou McNab quando ela chegou e, embora tentasse não ver, notou que ele tinha lançado um beijo no ar para Peabody.

— Nada de beijinhos na Divisão de Homicídios, detetive. Minha máquina já está pronta e funcionando?

— Tenho uma boa notícia e uma má notícia. Que tal ouvir a má antes? — Ele fez um sinal com a cabeça do tipo "venha comigo" e tornou a entrar na sala da tenente. — A má notícia: seu sistema é uma carroça velha.

— Mas funcionava bem, antes.

— Pois é, mas está com sérios problemas internos. Esse é o modo mais simples de lhe explicar tudo. Algumas das entranhas da máquina, digamos assim, foram projetadas para se tornarem

obsoletas em pouco tempo. Só funcionam durante um determinado número de horas, antes de começarem a falhar.

— E por que alguém projetaria algo programado para falhar?

— Para novos equipamentos poderem ser vendidos, entende?

— Como Eve fez cara de quem precisava de consolo, ele se arriscou e lhe deu alguns tapinhas no ombro. — A Administração e a Divisão de Aquisições compra coisas baratas na maioria das vezes, eu acho.

— Canalhas.

— Completos. Mas a boa notícia é que eu a consertei e substituí algumas peças. Não vai durar mais que alguns dias, pelo jeito que você trata a máquina, Dallas, mas eu posso mexer alguns pauzinhos. Tenho bons contatos na área. Posso, basicamente, configurar uma máquina do zero para você. Enquanto isso, se você tentar não agredir o equipamento, talvez ele aguente mais alguns dias.

— Tudo bem, obrigada. Agradeço muito pela rapidez com que você a consertou.

— Tudo bem, sou um gênio mesmo. A gente se vê amanhã à noite, certo?

— Amanhã à noite?

— Jantar, lembra? Com Louise e Charles.

— Certo, certo. Não mande beijinhos ao passar pela sala de ocorrências — berrou ela, quando ele saiu quase aos pulos.

Ela se sentou, bebeu a Pepsi e olhou para a máquina. Ela que atrevesse a lhe causar problemas. Como Peabody estava pesquisando academias em Manhattan, Eve decidiu expandir a busca para o Bronx.

O computador respondeu às ordens de Eve como se nada tivesse acontecido entre eles. Isso lhe deu confiança para dar as costas à tela enquanto a busca prosseguia e foi analisar o quadro que montava.

— Onde foi que ele viu você, Elisa? — perguntou Eve, em voz alta. — Como foi que você apareceu no radar dele? Ele a viu, ou algo

a seu respeito fez um dique na mente doentia dele. Foi então que ele resolveu observar você, estudar sua rotina e se colocar de tocaia para esperá-la.

Uma empregada doméstica. Mãe criando uma filha sem o pai. Gostava de fazer coisas com as mãos. Divorciada. Marido violento.

Ela não precisava do arquivo para se lembrar de todos os detalhes sobre Elisa Maplewood.

Trinta e poucos anos, altura um pouco abaixo da mediana, compleição normal. Cabelos castanho-claros, compridos. Um lindo rosto.

Educação padrão. Veio de uma família de classe média baixa. Nascida e criada em Nova York.

Gostava de roupas bonitas com estilos simples. Nada muito estiloso, nada muito provocante. No momento não tinha namorado, nem envolvimento amoroso de nenhum tipo. Vida social mínima.

Onde foi que ele viu você?

No parque? Ela levava as crianças ao parque. Saía para passear com a cadelinha. Será que ele a viu em alguma loja? Ela comprava produtos para artesanato e gostava de olhar vitrines.

Eve pegou a cópia impressa do relatório que McNab havia deixado em sua mesa. Ela fizera ligações do *tele-link* para seus pais, para o celular de Deann, para o escritório de Luther e para a loja de artesanato da Terceira Avenida, a fim de confirmar um pedido. As ligações recebidas eram do mesmo tipo.

Suas atividades na internet se baseavam em visitas a sites sobre como cuidar de filhos, sites de artesanato, salas de bate papo redes sociais. Baixava revistas sobre artesanato, de novo; criação de filhos, de novo; lia uma publicação sobre decoração de ambiente fazia algumas compras on-line. Também havia baixado alguns livros para ler no tablet; todos os títulos eram Best Sellers do momento.

Nada apareceu na busca feita no equipamento dos Vanderlea.

As redes sociais talvez fossem algo que valesse a pena investigar, refletiu, e anotou mentalmente. Mas era difícil imaginar um cara grande e musculoso batendo papo sobre tricô ou ... sei lá o que mais agradava às pessoas que tricotavam. Mais que isso tudo, Elisa parecia ser uma mulher sensata e muito esperta para entregar informações pessoais para um estranho qualquer em uma rede social. Ele certamente não a conhecera durante um papo sobre como confeccionar cobertores, ou algo do tipo.

Ele já fez isso.

Eve pensou nas palavras de Celina. E concordou com elas.

O que fizera com Elisa certamente tinha sido bem-planejado e bem executado, e sob condições de risco. Rapidez, eficiência, e isso para Eve, significava prática.

Ela ainda não tinha conseguido elementos sólidos para associar a busca a crimes similares. Talvez ele tivesse acrescentado algum dado, ou se ajustara. Pode ser que um ou mais dentre muitos crimes anteriores tivessem sido trabalho dele.

Orgulho. Celina também falara do orgulho dele. Ela ainda não decidira se gostava de depender tanto assim da opinião de uma vidente, mas esse era outro ponto em que ambas concordavam. Havia orgulho ali, um orgulho arrogante bem claro na forma como ele tinha apresentado sua vítima.

Olhem o que eu sou capaz de fazer, o que eu consigo realizar. Bem no meio do maior parque da cidade, e pertinho de onde moram os ricos e privilegiados.

Sim, ele tinha orgulho do seu trabalho. E o que faz um homem orgulhoso do seu trabalho quando suas façanhas não alcançam o padrão desejado?

Ele escondia os erros.

Seu sangue começou a acelerar. Aquela era a trilha certa, Eve sabia disso. E se virou para o computador. Salvou e arquivou todos

resultados da sua busca inicial e, em seguida, foi pesquisar o arquivo de pessoas desaparecidas.

Começou solicitando uma busca que abrangesse os últimos doze meses, focou a pesquisa apenas em Manhattan e digitou a descrição básica de Elisa, para estreitar os parâmetros.

— Dallas ...

— Espere um instante. — Com a atenção focada na tela, Eve ergueu a mão para impedir Peabody de continuar. — Ele deve treinado. Certamente treinou, antes. Um sujeito constrói um corpo poderoso, se mantém forte e em forma, exige disciplina. Exige prática. Ele vive, caminha pelas ruas e existe dia após dia agarrando a esse ódio, e isso também exige disciplina, exige força de vontade. Só que chega um momento em que o sujeito tem de extravasar tudo de algum modo, precisa aliviar a pressão. Precisa matar. Então ele treina e pratica até atingir o ponto certo.

A busca foi completada. Há dois resultados que combinam com os parâmetros informados. A primeira imagem está na tela.

— Que é isso? — quis saber Peabody.

— Potencialmente? As sessões de treinamento dele. Olhe só para ela. Tem o mesmo tipo físico de Elisa Maplewood. Mesma faixa etária, mesma cor de pele, mesmo biótipo básico.

Peabody chegou mais perto e imitou a posição de Eve um pouco antes, debruçando-se sobre o ombro dela.

— Não existe muita semelhança — opinou ela —, pelo menos além dos fatores superficiais. Mas certamente elas têm o mesmo tipo físico.

— Computador, dividir a tela e colocar a segunda imagem, com as respectivas datas do desaparecimento.

Processando ... a tarefa foi completada.

— Um hurra para McNab — murmurou Eve.

— Elas não parecem irmãs — comentou Peabody. — Prima talvez.

— Marjorie Kates — leu Eve. — Trinta e dois anos. Solteira, sem filhos, mora perto do centro da cidade. É gerente de um restaurante. O desaparecimento foi comunicado pelo noivo no dia 2 de abril deste ano. Ela não voltou para casa depois do trabalho. Os detetives Lansing e Jones pegaram o caso. A segunda foto é de Breen Merriweather. Trinta anos, divorciada, um filho de cinco anos. Mora no Upper East Side. Trabalha como técnica de estúdio canal 75. O desaparecimento foi comunicado pela babá do filho no dia dez de junho deste ano. Ela não voltou para casa após o seu horário de trabalho. Detetives Polinski e Silk pegaram o caso.

“Preciso dos arquivos completos, Peabody, e quero conversar com esses detetives.”

— Fui! — exclamou Peabody.

Como Lansing e Jones trabalhavam na Central de Polícia, bastaram três passeios em plataformas aéreas e uma viagem de elevador para chegar à divisão onde eles atuavam.

Eve os encontrou em suas mesas, um de frente para o outro.

— Detetives Lansing e Jones? Sou a tenente Dallas e esta é a detetive Peabody.

Gostaria de lhes roubar um pouco do seu tempo.

— Eu sou Lansing. — O tira de peito largo e cabelos ruivos com idade em torno dos cinquenta anos estendeu a mão. — Não há problema, tenente. Você acha que um dos seus crimes tem ligação com algum dos nossos casos de desaparecimento?

— É isso que eu preciso verificar.

— Eu sou a detetive Jones. — A mulher miúda com trinta poucos anos e pele negra apertou a mão de Eve e depois a de Peabody. — O noivo da desaparecida, Royce Cabel, foi quem veio comunicar o seu sumiço. Ela não tinha ido dormir em casa e o rapaz estava totalmente desorientado.

— A última vez em que a viram foi no restaurante onde trabalhava, o Appetiti, na rua 58 Oeste. Era quase meia-noite do dia 1º de abril.

— Ela morava a três quarteirões dali, e normalmente ia e voltava do trabalho a pé. Seu noivo disse que a esperou até à meia-noite e meia, mas depois caiu no sono. Quando acordou, cerca de duas da manhã, viu que ela não estava lá. Ele pirou e ligou para todas as pessoas que poderiam saber o paradeiro dela. Assim que amanheceu, estava aqui na Central para registrar o desaparecimento da noiva.

— Ela sumiu no ar três semanas antes do casamento — continuou Lansing. — Nesses casos, dá para pensar em duas possibilidades. Uma é que a noiva amarelou e tomou um chá de sumiço. A outra é que eles tiveram uma briga, ele a matou e veio encobrir o crime anunciando o seu desaparecimento.

— Mas nenhuma dessas opções encaixou — disse Jones, balançando a cabeça. — Temos cópias dos relatórios, nossas anotações, declarações das testemunhas e interrogatórios. Vamos entregar todo esse material a vocês. Reparem que todos os entrevistados garantiram que Kates estava envolvida até o pescoço com os preparativos, empolgadíssima com o casório. Ela e Cabel já moravam juntos havia um ano e meio. Não encontramos nada nele que sugerisse um jeito violento.

— Fez o teste no detector de mentiras sem piscar diante da sugestão.

— Ela está morta — afirmou Jones. — É a minha intuição sobre esse caso, tenente.

— Não tínhamos nada sólido até o seu contato.

— Mas eu também não garanto algo de concreto agora — avisou Eve. — Algum problema se eu conversar com algumas das pessoas da sua lista?

— Nenhum. — Lansing mordeu o lábio inferior. — Que tal nos dar uma pista?

— Estamos investigando o caso de homicídio sexual seguido de mutilação no Central Park. Nossa vítima tem o mesmo tipo físico que a sua noiva desaparecida.

Estou trabalhando com a teoria de que o assassino andou treinando antes.

— Puxa, que merda! — reagiu Jones.

— Podemos aproveitar para passar pela sala de Polinski e Silk, antes de procurarmos esse tal de Royce Cabel.

— E quanto às academias com caras sarados, suados e de pescoço grosso, senhora?

— Mais tarde.

Como era mais rápido descer de elevador, elas se apertaram em uma cabine lotada até a garagem. Eve fez o possível para tentar ignorar um cotovelo que lhe espetava as costelas.

— Vamos dar uma entrevista a Nadine.

— Por causa da ligação da segunda desaparecida com o Canal 75?

— Isso também. Mas acho que ver três mulheres humilhando-o ao vivo na tevê vai deixá-lo muito irritado. Ainda mais quando souber que duas delas são as responsáveis pela investigação.

— Bem pensado.

Várias pessoas se empurraram ao mesmo tempo quando as portas se abriram. Eve olhou para o painel acima da porta e viu que ainda faltavam três andares para a garagem.

— Vamos ver se conseguimos marcar essa entrevista com Nadine para mais tarde, ainda hoje.

— Na Central?

— Na verdade, vai ser no Central ... Central Park. Até que enfim chegamos aqui embaixo. — Eve saltou da cabine quando as portas se abriram.

— Dallas, espere! — Peabody a agarrou pelo braço e a fez girar o corpo. — Tenho uma coisa para lhe contar.

— Fale rápido.

— Antes, quero avisar que, daqui a alguns instantes, você será invadida por uma irresistível vontade de me dar um beijo na boca, mas não se preocupe porque eu não vou levar isso a mal.

— Peabody... Por que motivo, mesmo em seus sonhos mais selvagens e pervertidos, dos quais eu não quero tomar parte, eu teria o mais longínquo desejo de lhe dar um beijo na boca?

— Feche os olhos!

— Você pirou de vez, afinal? — perguntou Eve, baixinho, de forma quase casual.

— Tudo bem, já entendi... — Peabody armou um biquinho de frustração. — Você realmente não tem senso de humor. — Seguiu na frente até a vaga do carro de Eve, abriu os braços com alegria, fez um floreio com um dos braços e apontou: — *Voilà!*

— Que diabo é isso?

— Essa, tenente, é sua nova viatura. Pode se deslumbrar.

Eve arregalou os olhos. Era raríssimo ver a tenente arregalar os olhos, e Peabody celebrou o momento com alguns rápidos movimentos de sapateado.

Lentamente, Eve rodeou o estiloso carro azul-marinho. Ele cintilava sob as luzes fortes da garagem como se fosse uma jóia valiosíssima. Os pneus eram grandes, pretos, de tala larga, novos. Os vidros e os cromados reluziam.

— Esta não é a minha viatura.

— Pior que é.

— Está é a minha viatura?

— Uh-huh — confirmou Peabody, balançando a cabeça para frente com força, como se fosse uma marionete.

— Ah, para isso! — Eve deu um tapa com força no ombro da parceira. — Como foi que você conseguiu descolar isso?

— Um papinho ao pé do ouvido com as pessoas certas, um pouco de exageros aqui e ali, muita prevaricação e uma pequena ajuda do elfo lindo da DDE que sabe como *hackear* um pedido.

— Quer dizer que você conseguiu isso por meios pouco éticos e possivelmente ilegais?

— Acertou na mosca.

Eve colocou as mãos nos quadris, olhou Peabody fixamente e disse, com ar solene:

— Esse é um momento de muito orgulho para mim. Muito, muito orgulho.

— E você vai me beijar na boca.

— A emoção não é tão grande assim.

— Nem uma bitoquinha na bochecha?

— Entre no carro.

— Seus códigos, tenente. — Peabody os entregou, deu a volta no veículo e se sentou no banco do carona. — Sabe de uma coisa, Dallas? Essa máquina está *incrementada*.

— Sério mesmo? — Eve deslizou para seu lugar e sorriu ao sentir que o encosto não parecia uma pedra. — Muito bem, vamos ver o que ela consegue fazer.

Capítulo Oito

Ela voava, literalmente. Não só todos os recursos funcionavam como respondiam com uma rapidez *impressionante*.. Ela testou o carro na vertical e aterrissou novamente; era como navegar suavemente pelo tráfego, em vez de "se arrastar".

Todos os sistemas estavam em ordem, conforme lhe informou uma voz computadorizada antes mesmo de ela perguntar. A voz se dirigiu a ela chamando-a de "tenente Dallas" e lhe informou que a temperatura fora do veículo estava em agradáveis vinte e cinco graus, com ventos do sul para sudeste soprando a suaves dezenove quilômetros por hora. ,

Além disso, o GPS lhe ofereceu a rota mais conveniente para o destino escolhido, com projeção dos possíveis padrões de tráfego tempo estimado para chegada.

Aquilo era nada menos que um milagre.

— Já vi que você amou este carro — disse Peabody, com um sorrisinho pregado no rosto.

— Eu não amo viaturas. Agradeço e espero eficiência das máquinas e ferramentas. Prefiro equipamentos que me deem assistência e me ajudem a executar meu trabalho de forma correta, em vez de me atrapalhar e pentelhar.

Ela ultrapassou suavemente um maxiônibus que atravancava a rua, colocou o carro no modo vertical subitamente, lançando-se velozmente no rumo leste.

— Ok, eu me rendo: *Estou amando* este carro!

— Eu sabia — reagiu Peabody, quase cantando.

— Se alguém tentar me tirar essa viatura, vamos sair na porrada. Até a morte.

Até a última gota de sangue.

Ela sorriu durante o resto do caminho.

Corno Polinski estava tirando um dia de folga, Eve conversou com Silk, um baixinho atarracado que parecia um hidrante. Ele se sentou à mesa e beliscou uns salgadinhos de soja sem gordura, enquanto procurava informações sobre a mulher desaparecida.

Uma vizinha e a babá do seu filho tinham ido dar conta do desaparecimento de Breen Merriweather no dia 10 de junho. Ela saíra do estúdio entre meia-noite e meia-noite e quinze. E desapareceu no ar, sem deixar vestígio.

Não tinha relacionamento sério, nenhum inimigo conhecido. Gozava de boa saúde, vivia de alto-astral e contava os dias para a próximas férias — ocasião em que planejava levar o filho à Disney World.

Eve levou cópias dos arquivos e das anotações.

— Ligue para Nadine — ordenou a Peabody. — Vamos marcar entrevista no castelo. Daqui a uma hora ... Não, é melhor daqui uma hora e meia.

Elas foram se encontrar com Royce Cabel em seu apartamento. Ele abriu a porta antes mesmo de elas baterem, e olhou para ambas com o que Eve reconheceu ser um terror misturado com esperança.

— Vocês têm alguma notícia de Marjie?

— Sr. Cabel, como eu lhe expliquei quando nos falamos agora há pouco pelo *tele-link*, estamos dando seguimento à investigação. Sou a tenente Dallas e esta é minha parceira, a detetive Peabody. Podemos entrar?

— Sim, claro. — Ele passou a mão pelos cabelos castanhos compridos e ondulados. — Suponho que ... preferi recebê-las aqui

em vez de marcar no meu local de trabalho porque imagino que vocês tenham encontrado alguma coisa. Talvez saibam dela e não quiseram me contar pelo *tele-link*.

Ele olhou em volta da sala, com ar perdido, e então balançou a cabeça.

— Desculpe, tenente, acho que devemos nos sentar. Ahn ... os detetives Lansing e Jones continuam no caso?

— Continuam, sim, mas estamos investigando por outro ângulo. Seria útil se o senhor nos dissesse o que sabe sobre o desaparecimento.

— O que eu sei? — Ele se sentou no sofá verde-escuro, em meio a lindos almofadões.

As paredes do apartamento tinham um tom de ouro velho, mas Eve achou o ambiente muito feminino, com almofadas, mantas sofisticadas atiradas sobre os estofados, e detalhes em vermelho intenso e azul-escuro.

— Acho que eu não sei nada, para ser franco — disse ele, depois de um momento. — Marjie trabalhava no turno da noite. Isso iria mudar em junho, quando ela assumiria um cargo administrativo diurno. Iríamos trabalhar no mesmo horário novamente.

— Ela trabalhava no turno da noite há quanto tempo?

— Oito meses, mais ou menos. — Ele esfregou as mãos nas coxas, como se não soubesse o que fazer com elas. — Era bom. Marjie gostava do trabalho e o restaurante fica a poucos quarteirões daqui. Eu costumava jantar com ela pelo menos uma vez por semana. Além disso, ter o dia livre lhe dava a oportunidade de cuidar da cerimônia de casamento. Ela estava organizando tudo sozinha. Marjie adora fazer planos.

— Vocês dois tiveram alguma briga?

— Não. Isto é, brigamos algumas vezes, isso acontece com todos os casais. Mas estávamos em uma fase de alto-astrol, por causa da cerimônia. Puxa, eu nem precisava me preocupar com detalhes,

bastava aparecer na hora certa, porque já estava tudo pronto. Nosso plano era formar uma família em breve.

Sua voz estremeceu, ele pigarreou e olhou fixamente para uma das paredes.

— Ela mencionou alguém no restaurante que a incomodou? Alguma pessoa que a tenha abordado aqui ou em outro lugar?

— Não. Já disse isso aos detetives. Se alguém estivesse incomodando Marjie, ela teria me contado. Se um colega a deixou revoltada no trabalho, ela comentaria comigo. Conversávamos o tempo todo. Eu sempre esperava por ela acordado e falávamos sobre o nosso dia. Mas Marjie simplesmente não voltou para casa.

— Sr. Cabel...

— Eu preferia que ela simplesmente tivesse me abandonado. — A emoção tornou sua voz mais aguda. Havia traços de raiva, agora, circundando o medo. — Preferia saber que ela se apavorou com o compromisso iminente, ou deixou de me amar, ou conheceu alguém especial, ou simplesmente teve uma vontade inesperada sumir. Mas não foi o que aconteceu. Não é do feitio de Marjie fazer isso. Algo aconteceu com ela, algo terrível, e eu não sei o que vou fazer.

— Sr. Cabel, o senhor ou Marjie frequentam algum clube ou academia de ginástica?

— Hein? — Ele piscou duas vezes e sugou o ar com força — Sim, quem não frequenta? Somos cliente da Able Bodies. Tentamos ir lá duas ou três vezes por semana. Aos domingos sempre vamos, porque os dois estão de folga. Malhamos por umas duas horas e depois fazemos um *brunch* na loja de sucos que existe na academia.

Brunch em uma loja de sucos não combina, pensou Eve, e resolveu seguir outra tática. Antes de ter chance de falar, porém, Peabody pegou um dos almofadões e o elogiou.

— Isto aqui é lindíssimo, muito original. Parece que foi feito à mão.

— Sim, foi Marjie que fez, adorava trabalhos manuais. — Ele passou a mão sobre um dos almofadões. — Ela se dizia viciada em artesanato.

Bingo, pensou Eve.

— Sabe nos dizer onde ela comprava material para seus trabalhos?

— Onde ela comprava material? Não entendo.

— São detalhes, Sr. Cabel- disse Peabody. — E esses detalhes são importantes.

— Essa era uma das poucas coisas que não fazíamos juntos. — Ele esboçou um sorriso. — Marjie me arrastava até a loja de vez em quando, na caça a novos materiais, mas sempre reclamava que eu a apressava e ficava em um canto, obviamente entediado. Ela montou um pequeno ateliê no nosso segundo quarto. Ali deve haver algum registro dos lugares onde ela comprava material.

— Podemos dar uma olhada? — perguntou Eve, já se levantando.

— Claro. — Ele se ergueu depressa, entusiasmado pela nova abordagem da investigação. — Fica bem aqui.

Ele as levou até um aposento pequeno cheio de material para artesanato, fios, linhas e fitas. Também havia franjas, molduras e outros objetos que Eve não conseguia identificar. Tudo parecia estar meticulosamente organizado. Havia duas máquinas pequenas e um pequeno centro de comunicação e dados.

— Podemos ligar isso?

— Claro. Deixe que eu faço isso. — Ele foi até o computador e ligou o botão para inicializar o equipamento.

— Peabody ... — Eve apontou com a cabeça para o computador.

— Marjie conseguia fazer qualquer coisa — continuou Cabel, circulando pelo cômodo e tocando nos tecidos. — Fez o edredom para a nossa cama, os quadrinhos que estão espalhados pelo

apartamento. Sabe aquele sofá da sala? Ela o pegou na rua. Rebocou o móvel para casa, consertou a estrutura e fez um estofamento novo. Pretendia abrir um pequeno negócio de decoração de interiores ou montar um curso de artesanato, algo desse tipo.

— Tenente? Encontrei notas fiscais de suprimentos datadas de 7 de fevereiro e 14 de março, da loja Artefacto.

Eve assentiu com a cabeça e continuou a vasculhar as cestas largas, as caixas pintadas, e pegou três rolos de fita em gorgorão. Um era azul-marinho, outro era dourado. E o terceiro era vermelho.

— Ela frequenta lojas de artesanato. — Mais uma vez, Eve atravessou ou o parque, focada no castelo. — Por que será que um cara como esse frequenta lojas de artesanato?

— Pode ser que ele as tenha visto em outro lugar e resolveu segui-las até a loja.

— Não. Duas mulheres, e o hobby é a única ligação conhecia entre elas. Uma está morta, a outra desaparece e também está, presumivelmente, morta. Garanto que quando terminarmos a entrevista com Nadine e formos falar com a babá de Breen Merriweather, vamos saber que ela era artesã. E vamos descobrir que comprava materiais de artesanato na Artefacto ou em outra das lojas que Elisa Maplewood e Marjorie Kates também frequentavam. Ele as vê lá e elas se encaixam nos seus padrões. Ele as segue e as analisa com atenção.

Eve enfiou os polegares nos bolsos.

— Depois — continuou-, ele espera uma chance e as agarra. Se pegou Marjorie Kates, quase certamente tinha seu próprio meio de transporte. Não existe lugar entre o restaurante e o apartamento onde ele possa tê-la raptado, assassinado, mutilado e escondido o corpo. Teve de agir rápido e precisou levá-la para outro lugar.

— Se foi assim com Marjorie, então ele mudou de método para atacar Elisa.

— Não, ele não mudou — Eve balançou a cabeça —, apenas aperfeiçoou. Marjorie Kates foi alvo de um dos seus treinos. Pode ter havido outras antes dela. Moradoras de rua, jovens que fugiram de casa, drogadas, mulheres com esse perfil. Alguém que ninguém notaria que desapareceu, ou que já tinha sumido de casa meses antes de ser agarrada por ele. O assassino já tinha aperfeiçoado o método quase à perfeição quando matou Elisa Maplewood. Pode ser que ele planejasse isso há anos.

— Que ideia otimista.

— Elas representam alguém: mãe, irmã, amante, alguma mulher que o rejeitou, que o recusou ou abusou dele. Uma figura feminina dominante.

Por que era tão comum, especulou Eve consigo mesma, que a árvore distorcida da mente de um assassino tivesse como raiz a figura da mãe? Será que a gestação e o processo do nascimento tinham todo esse poder de nutrir ou destruir?

— Quando o pegarmos — continuou Eve —, vamos descobrir que essa mulher, esse símbolo, o espancava, assustava, traumatizava ou o fazia se sentir fraco e indefeso. Os advogados de defesa dele certamente seguirão a linha do: “Oh, ele teve a mente prejudicada, pobrezinho. Não é responsável pelos seus atos.” Isso é conversa fiada, um gigantesco *papo furado*. Porque não existe ninguém mais responsável por ter arrancado a vida de Elisa Maplewood do que ele. *Ninguém*.

Pabody deixou Eve desabafar, esperou até ter certeza de que a explosão de raiva passara e disse apenas:

— Eu já sei disso, você está chovendo no molhado. Eve respirou fundo.

— Sim, eu sei. Onde, diabos, está Nadine? Se não aparecer em cinco minutos, cancelo a entrevista. Precisamos investigar Breen Merriweather.

— Mas nós chegamos alguns minutos adiantadas.

— Acho que sim. — Eve se sentou na grama, recolheu as pernas e analisou o castelo. — Você frequentava parques quando era menina?

— Claro! — Feliz por ver que a tempestade havia passado, Peabody se sentou ao lado de Eve. — Fui criada por partidários da família Livre, como sabe. Fui uma garota natureba. E você?

— Longe disso. Vivi em dois pátios em um lugar que eles chamavam de acampamento de verão. — Regido por nazistas contratados pelo estado, pensou Eve, que regulava cada respiração. O lugar não é tão ruim. Eu sabia que estava dentro da cidade, e isso era ótimo.

— Não gostaria de ter sido uma garota natureba?

— A natureza mata você só por diversão.

Eve olhou para trás e viu Nadine que chegava com sua operadora de câmera.

— Por que essa maluca usa sapatos de saltos finos e altíssimos mesmo quando sabe que vai pisar na grama?

— Porque que eles são de causar aneurismas de inveja nos outros de tão espetaculares, além de fazer as pernas dela parecerem longas e *super mag*.

Eve sabia que tudo em Nadine era *mag*, desde as ondulações dos cabelos louros com luzes mais claras até as pontas dos sapatos espetaculares. Tinha um ar astuto, um rosto anguloso, olhos verdes vigilantes e um corpo magro onde poucas curvas colocadas nos lugares certos eram ressaltadas pelo terninho vermelho vivo que sobressaía nos telões de todo o país.

Era inteligente, ardilosa, tinha um humor cáustico.

E, por motivos que Eve supôs que nenhuma das duas compreendia por completo, haviam se tornado amigas.

— Olá, Dallas. Oi, Peabody. Vocês parecem tão relaxadas e pastorais, aí na grama. Por que não nos instalamos ali? — perguntou ela, fazendo um gesto para sua auxiliar. — Quero o castelo ao fundo

da entrevista. Você deve ter revelações bombásticas — acrescentou, olhando para Eve. — Podemos jogar isso no ar ao vivo, agora mesmo.

— Não. Vai ser uma matéria curta, Eu diria até mesmo concisa.

— Você é quem manda. — Nadine pegou um pequeno estojo de pó compacto para passar no rosto, uma esponjinha mais fina que um papel e deu pancadinhas leves com ela no nariz, — Quem vai falar primeiro?

— Ela. — Eve torceu o polegar na direção de Peabody.

— Eu?!

— Vamos cair dentro. — Nadine fez um sinal com a cabeça para a operadora de câmera, alongou o corpo, girou os ombro com força para retirar a tensão e deu uma balançada, de leve, no cabelos. De repente, seu sorriso de descontração assumiu um jeito sério e controlado.

— Aqui fala Nadine Furst, diretamente do Central Park, em companhia da tenente Eve Dallas e da detetive Delia Peabody, do Departamento de Polícia de Nova York, Divisão de Homicídios. Atrás de nós, temos o Castelo Belvedere, um dos pontos mais marcantes da nossa cidade e palco de um assassinato recente e violento. Elisa Maplewood, uma mulher que trabalhava e morava aqui perto, mãe descasada de uma criança de quatro anos, sofreu um ataque violento junto a este local onde estamos. Foi brutalmente estuprada e assassinada. Detetive Peabody, na qualidade de um dos membros principais da equipe que investiga o assassinato de Elisa Maplewood, poderia nos dizer quais os progressos alcançados até agora na busca pelo assassino?

— Estamos seguindo todas as pistas e utilizando os mais avançados recursos colocados à nossa disposição.

— Está confiante em realizar uma prisão em breve?

Não estrague as coisas, ordenou Peabody para si mesma. Não estrague as coisas.

— O caso permanece aberto e ativo. A tenente Dallas e eu daremos continuidade ao trabalho de identificar o agressor da Sra. Maplewood, reunindo evidências que resultarão na sua prisão. Depois, encaminharemos este indivíduo para a justiça.

— Poderia nos dizer quais as evidências que foram encontradas até gora?

— Não tenho autorização para me aprofundar nos detalhes específicos da nossa estratégia, pois isso pode prejudicar o caso que estamos construindo ou afetar o progresso da investigação.

— Na condição de mulher, detetive, você considera esse crime uma ofensa pessoal?

Peabody pensou em negar, mas se lembrou do propósito da entrevista.

— Na condição de tira, é imperativo que eu mantenha a objetividade em todas as investigações. É impossível não sentir, em nível pessoal, compaixão e revolta pelas vítimas de qualquer assassinato, mas essa compaixão e revolta não podem eclipsar ou interferir na imparcialidade da análise do caso. Porque a vítima deve ser nossa prioridade. Como mulher, sinto dor e revolta por Elisa Maplewood. Assim como a tenente Dallas, quero que o indivíduo responsável pelo sofrimento e pela dor da vítima, e também pela dor causada à família dela e aos seus amigos, seja identificado e punido.

— Concorda com tudo isso, tenente Dallas?

— Sim, concordo. Uma mulher saiu de casa com o intuito de levar seu cãozinho para passear no maior parque da cidade. Sua vida lhe foi subtraída de forma violenta e deliberada. Como tira e como mulher, vou perseguir o homem que tirou a vida de Elisa Maplewood, por mais tempo que isso leve, até ele ser levado às barras de um tribunal.

— Como ela foi mutilada?

— Os detalhes do crime e da investigação ainda não podem ser informados ao público.

— A senhora não acha que o público tem o direito de saber de tudo, tenente?

— Não acho que o povo tenha o direito de saber de todos os detalhes. A mídia tem a responsabilidade de respeitar a decisão do departamento de ocultar detalhes importantes para um desfecho favorável. Não fazemos isso para privar o público de seus direitos, e sim para preservar a integridade da investigação.

"Nadine ... — continuou Eve, e isso fez a repórter piscar de surpresa, pois a tenente nunca a chamava pelo primeiro nome quando elas estavam no ar. — Nós três somos mulheres exercendo atividades em áreas de muito poder. Por mais que um crime como este nos tire o equilíbrio, por ter como alvo as mulheres em geral, precisamos manter o profissionalismo, a fim de desempenhar bem nosso trabalho. Neste caso em especial, a morte de Elisa Maplewood, são mulheres que estão ao lado dela, e essas mulheres trabalharão de forma implacável para que o assassino seja punido com o rigor máximo da lei".

Nadine se preparou para falar alguma coisa, mas Eve balançou a cabeça.

— É só isso, entrevista encerrada.

— Mas eu tenho mais perguntas.

— É só — repetiu Eve. — Vamos dar uma volta.

— Mas ... — Nadine simplesmente suspirou, pois Eve já se afastava dela caminhando a passos largos. — Ei, espere por mim, estou de salto alto.

— Foi escolha sua.

— Você usa arma e eu uso sapatos de salto alto. São ferramentas nossos respectivos trabalhos. — Nadine enlaçou o braço da tenente com o dela para diminuir a marcha. — Conta aí, que papo foi aquele na declaração final? Eve, por favor ...

— Uma mensagem pessoal para o assassino. Só entre nós, Nadine.

— Então me conte como foi que ele a mutilou. Vai ficar só entre nós, Dallas.

Você está me deixando louca de curiosidade.

— Ele arrancou os olhos dela.

— Cristo! — Nadine respirou fundo e olhou para trás, por entre as árvores. — Meu santo Cristo. Ela já estava morta?

— Já.

— Graças a Deus por isso. Então, há um psicopata à solta por aí que alimenta grande ódio pelas mulheres em geral? Não por Elisa Maplewood, especificamente?

— É com essa teoria que estou trabalhando.

— Foi por isso que você sugeriu a entrevista. Três mulheres em cena. Muito esperto.

— Conte-me o que sabe sobre Breen Merriweather.

— Breen? — A cabeça de Nadine girou de volta com rapidez. — Por Deus, meu Deus, você a encontrou? — Ela agarrou o braço de Eve com força. — Ela está morta? Esse canalha a matou também?

— Não, ela ainda não foi encontrada. Não sei se está morta, mas suspeito que esteja, e creio que os casos possam ter ligação um com o outro. O que sabe a respeito dela, Nadine?

— Sei que era uma mulher gentil e batalhadora que adorava o filho ... Meu Deus! O alvo dele são mães que criam filhos sozinhas?

— Não, acho que não.

— Deixe-me pensar um pouco. — A repórter se afastou um pouco e abraçou o próprio corpo, como se sentisse frio. — Não éramos grandes amigas nem nada desse tipo. Era mais uma camaradagem entre colegas. Eu gostava dela e apreciava sua eficiência. Eu a vi trabalhando no último turno, na noite em que desapareceu. Saí da emissora às sete da noite. Sei que ela iria trabalhar até meia-noite, pois editava o jornal das onze. Tudo que sei foi por ouvir dizer, mas as fontes são confiáveis.

Ela se virou e se colocou de frente para Eve.

— Ela saiu da emissora logo assim que seu horário terminou. Deve ter pegado o metrô para casa, era o que sempre fazia. A estação fica a alguns quarteirões a leste da emissora. Um dos rapaz a viu saindo e lhe desejou boa noite. Ela acenou de volta. Pelo que eu sei, ele foi o último na emissora a vê-la, e confirmou que ela caminhava na direção leste, rumo à estação de metrô.

— Ela fazia artesanato?

— Artesanato?

— Você sabe o que é artesanato, Nadine.

Uma fagulha de interesse substituiu o ar de pesar.

— Na verdade, sim. Fazia muitos trabalhos manuais, andava sempre com uma sacola de materiais e algum projeto na cabeça. Costumava trabalhar nos intervalos de lanche ou enquanto esperava o início das gravações. Essa é a ligação entre as vítimas?

— Parece que sim. Você conhece algum sujeito fortão, bombado, que trabalhe na emissora? Tem alguém assim no Canal 75?

— Somos pilotos de escrivaninha de rosto bonito. — Ela balançou a cabeça. — Nossos apresentadores malham, fazem escultura corporal e um monte de coisas para se manter em forma, mas público não quer apresentadores e âncoras de telejornal com jeito de brutamontes. Temos alguns técnicos fortes e outros muito corpulentos, mas nenhum deles tem o corpo marrento e modelado. O assassino é assim?

— É outra teoria que estou seguindo.

— Preciso de uma entrevista completa quando você tiver todas as pontas amarradas, Dallas. Se Breen foi uma vítima, quero uma entrevista exclusiva com você e Peabody para o meu programa. Afinal, ela era uma colega.

— Colega ou não, você iria cobrar essa entrevista.

— Pode apostar. — Nadine sorriu de leve. — Mas já que foi tão perto, preciso ainda mais. Dane-se a objetividade, agora isso é um

assunto pessoal.

— É, estou percebendo ...

Para ganhar tempo, Eve pediu que a babá de Breen Merriweather encontrá-la no apartamento da jovem desaparecida. Eve usou a chave mestra para obter acesso ao local e entrou no apartamento pequeno, com poucos cômodos e alegre, embora com o ar abafado pela falta de uso.

— A família dela continua pagando o aluguel — informou Annalou Harbor, a babá com cerca de sessenta anos, olhando em lodo apartamento com expressão triste. — Eu venho uma vez por semana aqui para regar as plantas. Abro as janelas de vez em quando para deixar o ar circular. Moro no andar de cima.

— Entendo, senhora.

— O marido dela levou Jesse, o filhinho. Sinto falta daquela criança, era um docinho. — Ela apontou para uma foto emoldurada que mostrava um menino sorridente com um boné de beisebol colocado de lado. — Breen jamais o abandonaria enquanto houvesse um fiapo de força em seu corpo. É por isso que eu sei que ela se foi. Sei que está morta. É por isso que a senhora está aqui, não é? Divisão de Homicídios. Eu a reconheci. Assisti à sua entrevista no noticiário.

— Ainda não temos certeza, Sra. Harbor, mas estamos investigando ...

— Não tente atenuar as coisas para mim, tenente Dallas. — O tom de voz era firme e um pouco formal. — Não sou fofqueira e não estou atrás de emoções deformadas. Amava aquela jovem como se ela fosse minha filha, e certamente poderei ajudá-la melhor se a senhora não me esconder os fatos.

— É muito possível que ela esteja morta, Sra. Harbor, e talvez a morte dela tenha ligação com outro caso que estamos investigando.

— A morte no Central Park, estupro e assassinato. Eu acompanho os noticiários, com já disse. — Ela pressionou os lábios ai eles ficarem brancos, mas não se desmontou. — O que posso fazer para ajudá-la?

— Onde a Sra. Merriweather guarda seu material de artesanato?

— Aqui. — Ela mostrou o caminho até um quarto com dois balcões, vários armários pintados à mão e as máquinas de costura que Eve já estava se acostumando a encontrar nesses lugares. Como pode ver, ela montou este aposento para ser um local de atividades para ela e para Jesse. Os brinquedos e jogos dele estão ali, e aqui fica o material para trabalhos manuais. Desse jeito, eles sempre podiam ficar juntos quando tinham tempo livre. Breen adorava fazer pequenas coisas. Tricotou uma manta belíssima para mim, no último natal.

Eve abriu os armários enquanto Peabody analisava o centro comunicação e dados. Ali havia várias amostras da fita em gorgorão.

— Achei recibos da Artefacto e de algumas outras lojas da nossa lista — anunciou Peabody.

— Sra. Harbor, precisamos levar os *tele-links* e o computador, além de outros itens para análise. A senhora poderia me dar o número do parente mais próximo dela?

— Pegue tudo o que a senhora precisar. A mãe de Breen me pediu para eu cooperar com a polícia de todas as formas possíveis. Pode deixar que eu a aviso sobre isso.

— Minha parceira vai lhe dar um recibo de tudo o que vamos levar.

— Certo. Vai ser mais fácil para eles e para todos nós saber verdade. — Ela olhou em torno da sala e, embora seus lábios ainda tremessem, ela os firmou. — Por pior que seja a notícia, será mais fácil saber com certeza o que aconteceu.

— Sim, senhora, certamente. Sei que os outros detetives a entrevistaram, mas eu gostaria de lhe fazer mais algumas perguntas.

— Tudo bem. Podemos nos sentar? Eu gostaria de me sentar um pouco.

— É difícil imaginar — disse Peabody quando elas voltaram para carro —, que essas três mulheres têm alguma ligação umas com outras e ninguém viu o cara que procuramos. Se a descrição física dele é a que imaginamos, ele não conseguiria passar por um cara normal.

— Ele é muito cuidadoso.

— Vamos tentar mais alguma coisa com Celina?

— Ainda não. Preciso de tempo para pensar.

Eve se acomodou em sua sala, colocou os pés sobre a mesa e a cabeça para trás. Refletiu sobre o padrão que ele seguia. Ele certamente não imaginava que ela percebesse o padrão tão depressa, porque não pensou que a polícia fosse ligar o assassinato aos desaparecimentos ocorridos meses antes.

Mas se, ou melhor, quando ele matasse novamente, saberia que as ligações entre as vítimas se tornariam óbvias. Mesmo assim, isso não parecia preocupá-lo.

Por quê?

A arma do crime estava disponível em todas as lojas que a vítima do assassinato e as mulheres desaparecidas frequentavam. Não levaria muito mais tempo para o local exato das compras ser identificado. Será que ele achava que, pelo fato de a fita ser um item muito comum, os tiras não conseguiriam descobrir sua origem através de uma análise básica de laboratório? Possivelmente.

Mesmo assim, ele devia desconfiar que a polícia certamente tentaria achar o local de compra do material. Mesmo que outra

pessoa tivesse comprado a fita de gorgorão, ele estaria dentro da loja ou à vista de todos, para poder escolher a vítima.

Mas ele não parecia preocupado com isso, do mesmo mod. que não parecia preocupado em ser visto ou pego atacando Elisa em um parque público. .

Será que, como muitos psicopatas, ele se acreditava invulnerável? Pensava que não seria agarrado? Ou será que uma parte dele estava implorando para ser descoberto?

Impeça-me. Encontre-me, agarre-me.

De um modo ou de outro, será que ele estaria curtindo o fator de perigo? Será que se excitava com os riscos que corria?

Excitação... tanto no método de escolha quanto na perseguição e na tocaia final. Toda essa expectativa crescendo.

Gratificação... violência física, violência sexual, assassinato com um item considerado tradicionalmente feminino, para depois deixar a vítima exposta como uma peça de decoração.

Divertimento... ter a força para sobrejugar, controlar e matar. Mais que isso: ter a força necessária para carregar a morta; uma força maior que a de um homem de porte médio.

Satisfação final: a remoção dos olhos. A *posse* dos olhos, pensou Eve.

Arranjar o corpo de uma forma específica em um local predeterminado.

Ele voltaria ao palco de tanta excitação. Se não agora, em breve.

Ela tirou os pés de sobre a mesa, fez algumas anotações e recolheu tudo o que precisava para a sessão investigativa que realizaria mais tarde, em casa.

Em seguida, foi até a mesa de Peabody.

— Vou passar por algumas academias no caminho para minha casa. Se você quiser vir comigo, vou logo avisando que vai ter de voltar aqui para o centro da cidade, quando terminarmos.

— Bem, garanto que eu não vou perder a chance de conferir e interrogar caras grandes e suados. Mas preciso voltar antes das seis, a não ser que surja alguma emergência. McNab e eu temos um encontro para arrumar as malas.

— Encontro para arrumar as malas?

— Isso mesmo. Precisamos encaixotar e embalar um monte de coisas no meu cafofo. Vamos para o apartamento novo daqui a alguns dias. *Nosso* apartamento. — Ela deu uma palmadinha na barriga. — Sinto fisgadas no estômago só de pensar.

— Você imagina o que eu sinto só de ouvir — disse Eve, e saiu quando viu Peabody prendendo o riso.

Capítulo Nove

Elas passaram umas duas horas conversando com homens de peitorais avantajados e pernas que pareciam troncos de árvores em estabelecimentos voltados para a malhação muito bem equipados, lugares sem frescuras e concentrados na testosterona.

A principal reclamação de Peabody foi que grande porcentagem dos membros dos locais que elas visitaram pareciam estar mais interessados em comer uns aos outros com os olhos em vez de paquerar uma certa detetive que circulava pelos locais.

Era apenas uma expedição de pesca, refletiu Eve, enquanto seguia a caminho de casa. E ela não tinha sentido nenhum puxão significativo em sua linha. Ainda.

Ele era solteiro, e isso eliminaria muita gente. Não era gay, li pelo menos não se reconhecia como tal. Não trabalhava de noite, pois essa era a hora em que ele matava.

Nenhum cabelo masculino humano tinha sido descoberto na vítima, nem no local do assassinato, nem no da desova. Será que ele tinha passado spray selante no corpo todo ou, como muitos dos sujeitos obsessivamente preocupados com o físico que ela viu pouco antes, removia regularmente todos os cabelos da cabeça e do corpo.

Eve já estava quase conseguindo montar uma imagem mental dele.

Tentando defini-la ainda mais, subiu na calçada com o carro, diante dos portões da sua casa. Mas foi interrompida a frear de repente porque os portões permaneceram fechados e trancados.

— Summerset, seu pé no saco!

Ela abaixou o vidro do carro e berrou para o interfone:

— Abre essa bosta, seu cara de rato, seu bunda achatada, seu...

— Um momento, por favor. Seu registro vocal está sendo identificado.

— Eu vou lhe mostrar o meu registro vocal. Vou deixar seu corpo todo registrado e carimbado com os meus ...

Ela parou de falar ao ver os portões se abrindo suavemente.

— Se ele pensa que esse é apenas um truquezinho idiota para me fazer soltar o verbo, vai ver só! Se acha que pode me deixar plantada do lado de fora dos portões de minha própria casa enquanto brinca de segurança, vai se arrepender. Se tivesse colhões, eu os chutaria com força até eles lhe baterem no queixo.

Ela bateu a porta do carro com força, subiu os degraus da entrou correndo e irrompeu dentro de casa pronta para armar barraco.

— Se deseja acesso automático a esta residência, tenente — informou Summerset com voz suave, antes de Eve ter chance de se descabelar —, precisará nos informar antecipadamente sempre que pretender voltar para casa em um veículo estranho. Um veículo, eu insisto, que ainda não foi analisado nem registrado pelo sistema de segurança. Se a senhora agir de outro modo, como bem sabe, deverá se anunciar na entrada em voz alta para o sistema analisar e reconhecer sua identificação vocal e código de acesso.

Merda. Ele estava certo.

— Não é um veículo estranho — tentou Eve. — É a *minha* viatura. Ele abriu um sorriso de deboche e replicou:

— Quer dizer que subimos na vida, tenente?

— Não enche o saco! — Irritada pela oportunidade perdida de dar uns socos nele, Eve seguiu em direção às escadas.

— A senhora tem convidados. Roarke está distraíndo Mavis e Leonardo no terraço oeste, primeiro andar. Vou para lá daqui alguns minutos, para servir canapés.

— Oba! — replicou ela com ar de tédio. Mas como a meia barra de chocolate que ela comera de manhã era apenas, a essa altura, uma querida e distante lembrança, Eve reconheceu, para si mesma, que qualquer coisa que envolvesse comida lhe parecia interessante.

Passou por vários dos muitos aposentos da casa e, finalmente encontrou todos degustando drinques. Nem todos, se corrigiu Mavis fazia gestos largos com sua taça, parecendo borbulhar mais que o *fizz* de limão que tinha na mão.

Estava em pé no meio do pátio, com botas verdes cintilante que lhe subiam agarradas na perna até os joelhos, como se fosse uma fina camada de tinta, para se encontrar com um *legging* vermelho ... não, azul... não, vermelho.

Eve apertou os olhos com força enquanto as calças mudavam de tom todas as vezes que Mavis remexia o corpo, o que acontecia a cada segundo. A blusa verde cintilante que esvoaçava ao largo dos quadris tinha um monte de continhas penduradas na bainha como se fossem franjas.

Seus cabelos estavam vermelhos hoje e, par alívio de Eve, continuavam d mesma cor mesmo quando ela dançava sem sair do lugar. Mavis deixara os fios compridos, e eles deslizavam retos até o seu traseiro, ponto em que assumiam o mesmo tom verde cintilante do top, como se os fios tivessem sido mergulhados em tinta. Os dois homens no pátio olhavam fixamente para Mavis. Roarke exibia um sorriso afetuosos e perplexo, e Leonardo fitava a esposa com olhos de pura adoração.

Roarke desviou os olhos ao sentir a presença de Eve e lhe lançou uma piscadela.

Em vez de interromper as atividades, Eve atravessou o terraço e foi até a mesa onde uma garrafa de vinho e cálices haviam sido colocados. Serviu um cálice para si mesma e atravessou novamente o pátio, até se sentar no braço da poltrona de Roarke.

— Dallas! — Mavis lançou os braços para frente, com empolgação; de algum modo, conseguiu não derrubar nem uma gota sequer do *fizz* de limão. — Você acabou de chegar?

— Acabei.

— Não tínhamos certeza se conseguiríamos vê-la. Mesmo assim, resolvemos dar uma passadinha, para dar uma beijoca em Summerset.

— Por favor, não fale isso que me dá enjoo. Mavis simplesmente riu.

— A sorte é que Roarke apareceu logo depois de nós e agitamos esta pequena balada. Estão chegando alguns *snacks*. — Os olhos verdes dela, na mesma tonalidade do top cintilante, começaram a dançar.

— Foi o que me contaram. — Eve se aconchegou a Roarke. — Como vão as coisas? — perguntou a Leonardo.

— Não poderiam estar melhores. — Ele sorriu de alegria para Mavis. Leonardo era um gigante com pele da cor de ouro acobreado. As feições de seu rosto largo com olhos escuros ganhavam mais destaque graças a duas fileiras de pequenos piercings brilhantes que partiam lateralmente a partir dos cantos dos olhos.

Ele também usava botas em um tom claro de azul que lhe subiam até as panturrilhas. Ali, as calças largas cor de safira pareciam se afofar em torno das botas, e Eve se lembrou da figura de um árabe, talvez.

— Oba, chegou a comida! — Mavis voou na direção da porta, quando Summerset entrou trazendo um carrinho lotado com duas camadas de guloseimas, aperitivos e doces. — Summerset, se não fosse por Leonardo, eu roubaria você para mim e o transformaria em meu escravo sexual.

O mordomo exibiu um sorriso imenso e cheio de dentes. Com medo dos pesadelos que sentiria ao se lembrar dessa imagem, Eve desviou o rosto e olhou fixamente para o vinho.

— Bem, escolhi vários dos seus petiscos favoritos — disse Summerset. — Afinal, você está comendo por dois.

— Nem me fale! Pareço uma porca, imensa e esfomeada a cada cinco minutos. Oooh, esse é aquele canapé de salmão com ervas?... Isso é mais que demais! — Ela jogou um na boca e falou, enquanto mastigava. — Amo comer, isso tudo é *mag*.

— Mas, agora, sente-se um pouco, favinho de mel — aconselhou Leonardo, indo até onde Mavis estava para lhe massagear os ombros. — Pode deixar que eu lhe preparo um prato com essa delícias.

— Ah, meu urso fofinho! — arrulhou ela. — Ele me mima, demais. Essa história de gravidez é um grande negócio para mim. Vocês precisam ver minha barriga.

No instante em que Mavis pegava a ponta da blusa para erguê-la, Eve se encolheu e franziu a testa.

— Não, Mavis, eu não ... Oh, tudo bem.

Ali estava a barriga com toda a sua glória, ainda com mais destaque graças aos três pequenos anéis presos no umbigo.

— Agora, olhem com atenção... — Ainda segurando a blusa, Mavis se virou de lado. — Viram só? O umbigo já está formando um bico. Sei que eu já tinha comentado o quanto ele estava saliente. Percebi a barriga crescendo cinco segundos depois de descobrir que tinha engravidado, mas agora eu estou completa e imensamente grávida.

Eve colocou a cabeça de lado e apertou os lábios. Havia um calombo preocupantemente imenso na região abdominal de Mavis.

— Você está forçando a barriga para fora?

— Não. Sinta só!

Eve não foi rápida o bastante para esconder a mão atrás das costas.

— Não quero. Não me faça tocar na sua barriga novamente.

— Você não vai machucá-lo, não. — Ela apertou a mão de Eve com força contra o calombo. — Este bebê é firme como uma rocha.

— Que bom, Mavis. — A palma da mão de Eve ia começar a suar a qualquer momento. — Bom mesmo. Você está passando bem?

— Estou nos píncaros! Tudo está totalmente no mais alto dos astrais.

— Você parece linda — comentou Roarke. — Clichê ou não, a verdade é que você está com um brilho diferente.

Sinto como se estivesse emitindo ondas de felicidade. — Ela riu e se largou sobre uma poltrona. — Ainda tenho umas crises de choro de vez em quando, mas na maioria das vezes é um choro feliz. Alguns dias atrás, Leonardo e eu estávamos conversando sobre a mudança de Peabody e McNab para o nosso prédio. Vamos ser vizinhos, pelo menos até nos mudarmos para um apartamento maior, e eu abri a torneira, feliz só de pensar nisso.

Ela pegou o prato que Leonardo lhe preparara, se ajeitou no de dois lugares ao lado dele e perguntou:

— O que vocês acham que devemos comprar para aquecer a chegada dos pombinhos?

— Como assim, não tem aquecedor no apartamento novo?

— Nossa, Dallas. — Dando uma risadinha, Mavis colocou mais um canapé na boca. — Aquecimento doméstico? Não é nada disso, estou falando de calor humano. Você sabe como é ... quando novos vizinhos se mudam para um novo lar e os moradores do prédio lhes oferecem um presente.

— Espere um pouco! Vocês têm de dar um presente aos vizinhos só porque eles se mudaram?

— Isso mesmo. Além do mais eles vão morar juntos, como um casal, então tem de ser um presente para a casa. — Ela comeu outro canapé e colocou um petisco na boca de Leonardo.

— Por que é que as pessoas inventam de dar presentes em todos os momentos? — reclamou Eve.

— Conspiração das lojas — explicou Roarke, dando-lhe alguns tapinhas no joelho.

— Deve ser isso mesmo — retorquiu ela, com ar seco. — Aposto que é exatamente assim.

— Deixa isso pra lá. — Mavis fez um sinal com a mão para mudar de assunto. -

Na verdade, nós passamos por aqui e eu vou aproveitar que estamos todos juntos para falar uma coisa especial sobre o bebê.

— Mavis, desde que você engravidou quando foi que não quer falar sobre o bebê? — Eve se inclinou e pegou um canapé no prato da amiga. — Não que haja algo errado com isso, é claro.

— Pois é, mas dessa vez é um assunto específico que tem a ver com você.

— Comigo? — Eve lambeu o polegar e decidiu roubar outra torrada com pastinha do prato de Mavis.

— Isso mesmo. Quero que você me dê seu apoio e seja minha orientadora técnica.

— Como assim? Estamos falando de beisebol? — Eve deu uma mordida no canapé de salmão com ervas e decidiu que o sabor até que não era mau. — Não é melhor você esperar até a criança sair daí de dentro?

— Você não entendeu, Dallas. Estou falando de orientação técnica na hora do parto. Isso ajudaria Leonardo a segurar as pontas quando eu estiver tendo o bebê.

Eve se engasgou com o canapé e ficou branca como papel.

— Tome um drinque, querida — ofereceu Roarke, com um ar de riso na voz. — Coloque a cabeça entre os joelhos, se achar que vai desmaiar.

— Cale a boca. Mavis, você está falando de ... eu *estar* lá, na hora H? No mesmo lugar que você estiver no momento do parto? No mesmo quarto em que o ... bebê vai estar?

— E claro, né? Você não poderá ser minha orientadora técnica se tiver no Queens, Dallas. A futura mãe precisa de um orientador reserva, alguém que assista às aulas junto com ela, aprenda coisas sobre as posições e todos os ... detalhes. O técnico principal vai ser o Papai Urso, mas você tem de ficar no banco, como auxiliar.

— E eu não posso ficar nesse mesmo banco, só que do lado de fora da sala de parto?

— Mas eu preciso de você lá dentro! — Lágrimas brotaram nos olhos de Mavis, deixando-os mais brilhantes que as botas. — Você é a minha melhor amiga em todo o universo. Preciso que esteja ao meu lado.

— Puxa vida ... Tudo bem, tudo bem, não precisa abrir a torneira.

— Nós achamos — explicou Leonardo, oferecendo um pano de para Mavis enxugar os olhos —, que em se tratando de amizade não existe ninguém mais no mundo com quem quiséssemos compartilhar esse milagre. Além disso, vocês são as pessoas mais confiáveis e sólidas que conhecemos. Durante uma crise, temos a certeza de que vocês não perderiam cabeça.

— Nós não perderíamos ... ? Nós, quem? — perguntou Eve.

— Queremos Roarke na sala de parto também — explicou Mavis, fungando no pano verde.

— Eu? Lá dentro?

Eve virou a cabeça e viu, com prazer, um raro sinal de pânico invadir o rosto de Roarke.

— Agora a coisa não ficou tão engraçada, não é, garotão?

— Eles nos deram permissão e nos incentivaram a estar com a família ao nosso lado nesse momento — explicou Leonardo. E vocês são a nossa família.

— Ahn. Eu não sei se seria apropriado que eu estivesse ... que eu visse Mavis nessas condições ... sob essas circunstâncias.

— Ah, para com isso! — Deixando as fungadas de lado, Mavis soltou uma gargalhada e deu um tapa no braço de Roarke, com um jeito brincalhão. — Todo mundo já me viu praticamente pelada em cima de um palco. Além do mais, isso não tem nada a ver com ser ou não apropriado. Trata-se de família. Sabemos que podemos contar com vocês. Com vocês dois!

— É claro. — Roarke tomou um gole imenso de vinho. — É claro que podem contar conosco.

Depois que se viram sozinhos, sentados sob a suave luz do crepúsculo e iluminados apenas pelas velas que Summerset deixara acesas, Roarke estendeu o braço e colocou as mãos de Eve entre as suas.

— Pode ser que mudem de ideia. Ainda faltam alguns meses, quem sabe eles desistem disso e resolvem que esse ... evento deve ser uma coisa feita em privacidade.

Eve olhou para Roarke com espanto, como se ele estivesse subitamente com duas cabeças.

— Privacidade? Você disse privacidade? É de *Mavis* que estamos falando.

— Que Deus tenha piedade de nós — murmurou ele fechando os olhos.

— E a coisa ainda vai piorar muito ... — Ela se afastou dele e se levantou com um salto. — Quando menos você esperar, quando tivermos ali olhando, distraídos, ela vai querer que *nós* façamos o parto da coisinha. Aposto que vai querer que a coisa toda aconteça aqui, em nossa casa, no nosso quarto ou algo do tipo. Com câmeras! Transmissão ao vivo para os fãs dela. Vamos ter de aparecer tirando a coisinha lá de dentro.

Um horror imenso e genuíno surgiu nos olhos de Roarke. — Pode parar, Eve ...

Pode parar nesse exato momento!

— Pois vá esperando e você verá ... transmissão ao vivo, isso é a cara de Mavis, até a raiz dos cabelos. E nós vamos topar. — Ela girou o corpo e ficou de frente para ele. -Vamos topar porque ela está nos sugando para esse momento. Está nos sugando como ... — ela girou os braços, parecendo um cata-vento — ... como um monstro sugador. Um monstro sugador imenso e grávido.

— Vamos nos acalmar. — Com as imagens que Eve pintara ainda brincando em sua cabeça, Roarke pegou um cigarro. Ao acendê-lo, ordenou a si mesmo que pensasse de maneira racional. — Puxa, você certamente já viu um parto antes. É uma tira! Pelo menos deve ter estado perto durante o nascimento de alguma criança.

— Uh-uh. Nunca, não. Uma vez, quando eu ainda trabalhava na patrulhinha, tivemos de levar uma mulher prestes a dar à luz ao posto de saúde. Nossa, ela berrava tanto que parecia que alguém estava enfiando agulhões de aço entre suas pernas.

— Por Cristo, Eve, dá para dispensar essas descrições gráficas? Mas Eve estava empolgada, agora.

— De repente, alguma coisa pareceu explodir lá dentro e um troço líquido escorreu de dentro dela. Um fluído, sabe como é?

— Não. Não sei nem quero saber.

— Aquilo fez uma lambança na patrulhinha. Pelo menos ela teve a decência e a cortesia de esperar até chegar dentro do ambulatório, com a médica, a parteira ou sei lá mais quem, antes de empurrar o troço para fora.

Por um instante, Roarke apertou os dedos sobre as têmporas.

— Não podemos mais pensar nisso. Vamos enlouquecer continuarmos nesse assunto. Temos que pensar em outra coisa. Ele apagou o cigarro. — Alguma coisa completamente diferente.

— Tem razão. — Eve soltou um suspiro curto e trêmulo. — Vou trabalhar.

— Assassinato! Muito melhor. Deixe-me ajudá-la, eu lhe imploro. Ela teve de rir e concordou.

— Claro, é o mínimo que posso fazer por você. Venha para o meu escritório.

Ela o levou pela mão, contando as novidades enquanto subiam e entravam em sua sala de trabalho.

— Por mais quanto tempo você pretende usar os serviços de Celina Sanchez?

— O mínimo possível. — Eve sentou-se à mesa, recostou-se colocou as pernas sobre a quina do móvel. — Ela recebeu o selo Dimatto de aprovação, e é uma pessoa muito simpática. Diria até que é uma mulher firme, mas não combina comigo. De qualquer modo, foi atraída para esse caso e não posso ignorar as informações que ela pode me trazer.

— Conheci um sujeito que mantinha uma vidente na equipe e não tomava nenhuma decisão sem consultá-la. O interessante é que a coisa funcionava muito bem.

— Você tem algum vidente trabalhando em suas empresas?

— Tenho. Eles têm intuições e clarividências, ou são médiuns. Não dispenso o dom deles nem o que podem me oferecer. Só que prefiro tomar minhas próprias decisões, no fim das contas. Sei que você fará o mesmo.

— Até agora as informações dela, vamos chamá-las assim, não acrescentaram muita coisa ao meu trabalho básico e não mediúnico de tira. Mas a verdade é que Celina acertou tudo.

Ela franziu o cenho, tentando escolher o melhor caminho entre os dados e as especulações.

— As pegadas que encontramos no local do crime e as outra que levavam ao da desova, mostram que o assassino calça sapato tamanho quarenta e sete. Talvez consigamos descobrir a marca, ou pelo menos algo mais específico se o Dick Cabeção, do laboratório,

fizer uma de suas mágicas. A terra e a grama estavam secas, mas com o peso dele somado ao dela, ficaram algumas pegadas.

— Puxa, esse cara tem um pezão, mas nem todos os homens com pés grandes são corpulentos.

— Este é corpulento o bastante para deixar pegadas na grama seca, e forte o bastante para erguer e carregar por uma boa distância sessenta quilos de peso morto. Temos de especular e calcular as probabilidades. Ao fazer isso, chegamos a um homem que pesa entre cento e vinte e cento e trinta quilos. Meu palpite é que sua altura fica entre um metro e noventa e cinco e dois metros e dez.

Roarke assentiu com a cabeça, notando que Eve estava construindo na cabeça dele uma imagem muito similar à imagem na mente dela.

— Levando esse raciocínio mais longe, você deve supor que esse biótipo e toda essa força vêm de muita disciplina e dedicação a exercícios físicos.

— Sim. Procedimentos de escultura corporal podem dar a um homem a constituição de uma pessoa forte, mas não a força propriamente dita.

— Por conseguinte você andou visitando o mundo dos homens musculosos e bombados.

— E isso me fez lembrar que eu prefiro homens com menos músculos.

— Sorte a minha.

— Não consegui achar nenhuma ligação entre as duas mulheres desaparecidas e minha vítima, a não ser a predileção delas por coisas fru-fru, e o fato de todas frequentarem pelo menos uma das lojas de material para artesanato.

— Posso tirar um tempinho e ir mais fundo nessa pesquisa.

— Era essa a minha ideia.

— Não dá para comprar um sapato quarenta e sete em qualquer sapataria — continuou Roarke. — Seria preciso fazer uma

encomenda especial ou usar uma loja específica. Por falar nisso, o cara que você procura tem o tamanho que você supõe, ele não conseguiria comprar roupa nenhuma em lojas comuns.

— Isso mesmo. Precisaria visitar "Ogro, a loja dos caras gigantes", ou algum lugar desse tipo.

— Humm ... gostei do nome — refletiu Roarke. — Vou anotar, caso queira abrir uma loja de roupas para clientes de tamanho GGG.

— Vou fazer uma pesquisa básica para localizar todas as lojas que vendem roupas para "clientes de tamanho GGG" — repetiu ela, imitando o sotaque de Roarke e fazendo-o sorrir. — Vai ser essa noite mesmo.

— Ótimo. Devemos nos ocupar bastante hoje, para tirar a mente de coisas que é melhor nem pensar. Mas antes de seguirmos para nossos respectivos cantos, diga-me uma coisa: por que ele faz isso?

— Controle. Toda forma de abuso tem sempre a ver com controle. Estupro é uma questão de controle e, bem no fundo, assassinato também. Mesmo que o motivo seja ganância, ciúme, autopreservação, ódio ou simples entretenimento, tudo se resume a ter controle.

— Sim. No fundo, todos os crimes têm essa base, não acha? Vou tirar algo de você, seja sua carteira ou sua vida, simplesmente porque posso fazer isso.

— Por que *você* roubava, quando fazia isso?

Um sorriso leve se formou nos lábios de Roarke.

— Eu roubava por uma série de motivos que iam do puro entretenimento ao egoísmo, tenente. Certamente fazia isso para ter coisas que não tinha, antes de roubá-las. Sem mencionar o prazer fazer isso com sucesso.

— Também para punir a pessoa que tinha o que você queria?

— Não, — Ele inclinou a cabeça, refletindo sobre a pergunta. — As pessoas, na maioria dos casos, não tinham importância para meus

objetivos.

— Aí é que está a diferença! Isso não tira o peso dos ladrões, mas o fato é que os assassinatos muitas vezes são realizados pelo desejo de punir. Acho que é o caso, aqui. Alguém o controlava e punia. Uma mulher, e agora ele quer mostrar a ela quem é que manda. Foi por isso que a deixou nua. Ela provavelmente não tava nua quando ele a estuprou. Ele lhe rasgou as roupas, e as fibras grudadas em seu corpo indicam isso, mas não se deu ao trabalho de despi-la por completo. Só fez isso depois para acrescentar humilhação ao ato.

Ela parou de falar e considerou a cena.

— Ele não mutilou os órgãos femininos dela, e isso indica um tipo diferente de ódio e controle. O ataque não foi só de cunho sexual, eu diria que foi pessoal. Ele a estrangulou sem usar as próprias mãos. Existe a possibilidade de o assassino ser forte o bastante para torcer o pescoço dela como se fosse um graveto, mas usou a fita vermelha de gorgorão. Isso mostra que esse objeto tem algum significado para ele. A cor vermelha também é uma coisa pessoal. Depois, arrancou os olhos dela com todo o cuidado, para poder cegá-la. Nua e cega, mais humilhação. Só que levou os olhos com ele, para guardar uma parte dela. Será que ela o observa? Acho que, de forma doentia, ele quer que ela observe atentamente. Porque é ele quem está no comando, agora.

— Isso é infinitamente fascinante — replicou ele.

— O quê?

— Observar você trabalhando. — Ele deu a volta na mesa ergueu o queixo dela e a beijou de leve. — Não há nada de não sensitivo em seu trabalho. Vou preparar uma refeição para nós antes de começarmos.

— Isso seria ótimo.

Enquanto ele foi para a cozinha do escritório, Eve montou um segundo quadro de vítimas. Nesse, ela pregou as fotos de Marjorie

Kates e de Breen Merriweather.

Estava em pé, analisando as fotos quando Roarke voltou. Colocou um prato sobre a mesa e disse:

— Agora elas também são suas vítimas.

— É, receio que sim.

— Mulheres atraentes. Não exatamente deslumbrantes, mas certamente atraentes. São os cabelos, acertei? Os cabelos são o principal ponto em comum entre elas.

— O tipo físico também. As três vítimas têm estatura mediana. Mulheres brancas com mais ou menos trinta anos, compleição mediana, cabelos castanho-claros e compridos. Há um monte mulheres desse tipo por aí para ele pescar.

— Não tantas quando você acrescenta os outros fatores.

— É verdade, isso restringe o grupo. Elas devem circular lojas de artesanato e precisam estar sozinhas na rua à noite, em algum momento. É à noite que ele as ataca. Mesmo assim, sobra muitas mulheres para ele escolher.

Eve recuou um passo e afirmou:

— É melhor eu impedi-lo antes que ele escolha outra vítima.

Ao chegar à mesa, adorou ver que Roarke preparara hambúrguer com batatas fritas, apesar de ter colocado alguns brócolis ao lado. Eve bem podia colocar os brócolis na lata de lixo, pois ele nem ficaria sabendo. Só que ela se sentiria culpada. Como preferia enfrentar os brócolis em vez da culpa, comeu-os primeiro, para se livrar daquilo, enquanto começava uma pesquisa por lojas de roupas masculinas especializadas em tamanho GGG.

Havia mais estabelecimentos assim do que ela esperava, reparou Eve, enquanto se servia do café que Roarke colocara ao lado do prato. E eram lojas caras e sofisticadas. Se bem que, refletindo melhor, onde é que os jogadores de futebol americano, os atletas do basquete e os sujeitos ricos, altos e barrigudos gastavam seu dinheiro?

Encontrou algumas lojas populares com grandes descontos, e também descobriu locais que ofereciam roupas sob medida, feitas por alfaiates e por algumas butikues e lojas de departamentos.

Isso não diminuía em nada o alcance da busca.

Quando ela alterou a pesquisa para se concentrar nos sapatos, alguns locais saíram e outras lojas entraram.

Talvez ele comprasse muitas vezes ou, quem sabe, exclusivamente, on-line, refletiu Eve, dando a primeira dentada no hambúrguer. Muita gente fazia isso. Mas será que ele, um homem que cuidava do corpo na base da malhação e tinha orgulho dos resultados, não iria preferir escolher e experimentar as roupas pessoalmente? Para olhar sua imagem no espelho e ter algum vendedor , puxa-saco ao lado para lhe dizer o quanto aquela roupa lhe caía bem?

Nossa, isso era muita imaginação, admitiu Eve para si mesma, refletindo sobre a falta de fatos sólidos naquela história.

Porém, ao fazer uma busca por locais geograficamente restritos encontrou uma loja chamada O Homem Colossal, que ficava a apenas dois quarteirões da Artefacto.

— Isso não é interessante? — Ela mordiscou uma batata. — Computador, listar todas as academias de musculação localizadas em um perímetro de seis quarteirões da loja Artefacto.

Processando ...

Ela comeu outra batata.

Entre as instalações voltadas para a ginástica e musculação na região solicitada fica a Academia Jim's.

— Exibir mapa do setor escolhido no telão. Destacar localização das lojas de artesanato e academias de musculação.

Ela se levantou com o hambúrguer na mão e chegou perto do telão. Às vezes, pensou, dava para descobrir um padrão porque a pessoa procurou no lugar certo, mas outras vezes ele simplesmente estava na cara.

Ele caminhava por aquelas ruas, Eve tinha certeza disso. Ia da academia para as lojas de artesanato. Porque morava, trabalhava ou fazia as duas coisas naquela área. Aquela era a sua vizinhança. As pessoas o viam por aquela região e o reconheciam dali.

Ela também o reconheceria.

Eve foi até o escritório de Roarke, que estava sentado à mesa trabalhando e curtindo o que parecia um prato de massa com frutos do mar. Seu fax a laser zumbiu ao lado e o computador e avisou que havia uma chamada em modo de espera.

— Tem uma mensagem chegando para você.

— Sim, são os relatórios que eu pedi sobre alguns projetos meus. — disse ele, sem erguer os olhos. — Isso pode esperar. Ainda não encontrei nada para você.

— Deixe isso de lado por um momento e venha dar uma olhada nisso. Ele levou o café com ele e entrou ao lado de Eve na sala dela.

Eve apontou para o telão e perguntou:

— O que você enxerga ali?

— Um setor do West Village. E um padrão.

— Pois é, eu também. Quero começar a pesquisa pelos apartamentos desse setor. Antes que você pergunte, não, eu não faço a mínima ideia de quantos imóveis existem nessa área. É um tiro no escuro, eu sei, mas ...

— Pode ser que ele more ali. Você começa a analisar os imóveis, pega as listas de proprietários e inquilinos, elimina as famílias, os casais, as mulheres solteiras e deixa só os homens que moram sozinhos.

— Você até que daria um bom tira.

Ele desviou os olhos do telão e os fixou nela.

— Eu já tenho horrores suficientes na cabeça, com esse possível trabalho de parto, e você ainda me traz mais imagens terríveis?

— Desculpe, sei que isso vai levar um tempão. Pode ser que ele more um quarteirão fora do perímetro que eu marquei. Droga, ele pode morar a cinco quarteirões dali e simplesmente trabalhar na área. Ou, quem sabe, trabalhar um quarteirão fora do setor marcado. E pode até ser que ele faça compras e frequente uma academia ali, mas more em Nova Jersey.

— Mas você segue as probabilidades, e elas indicam que o lugar é esse.

— Eu conseguiria resultados mais depressa se você me ajudasse as pesquisas. Assentindo com a cabeça, ele continuou a analisar a tela e perguntou:

— Na sua sala ou na minha?

Quando Eve se espalhou pela cama para dormir, pouco depois de uma da manhã, sabia que estava na pista certa. E torceu, pois era tudo o que podia fazer, para que ele esperasse tempo bastante para ser rastreado.

— Há dois meses de diferença entre as mortes de Marjorie Kates, Breen Merriweather e Elisa Maplewood. Se ele mantiver o padrão, eu o pegarei antes de ele matar mais uma.

— Desligue a cabeça da tomada, tenente. — Roarke a puxou mais para perto de si e a aconchegou sobre seu ombro. Eve raramente tinha pesadelos quando ele dormia abraçado a ela. — Desligue a cabeça e durma.

— Estou perto. Sei que estou perto — murmurou ela, e apagou lentamente em um sono profundo.

Ele estava à espera dela. Ela viria. Fazia sempre o mesmo caminho. Passaria por ali caminhando apressada, com a cabeça baixa, passos quase completamente silenciosos, graças aos sapatos com solado de gel. Certamente ela os calçou no fim do turno, depois de tirar os sapatos de prostituta que usava para servir os homens que olhavam para ela com maldade, por cima dos drinques que lhes eram servidos.

Não importa a roupa que usasse, ela continuava sendo uma prostituta.

Passaria por ali com a cabeça baixa, e as luzes da rua refletiriam em seus cabelos, que pareceriam quase dourados. Quase.

As pessoas iriam pensar: que mulher bonita! Uma mulher sossegada e bela, cuidando da sua vida. Mas não conheciam a verdade. Ele sabia o que estava por dentro daquela concha de beleza. Conhecia o interior amargo, preto e sombrio.

Sentiu tudo se ampliar dentro de si naquele instante, enquanto esperava ansioso pela chegada dela. Raiva e prazer, medo e alegria. Dessa vez você vai olhar para mim, sua piranha.

Vamos ver se você gosta disso, agora, vamos ver se você gosta.

Pensou no quanto ela era bonita. No quanto gostava de desfilarem e parar diante do espelho sem roupas. Ou desfilarem e posar para os homens que ela permitia que a tocassem. Você não parecerá assim tão bonita quando eu acabar o que vou fazer.

Enfiou a mão no bolso com cuidado e sentiu o pedaço comprido da fita de gorgorão.

Vermelho era sua cor favorita. Ela gostava de usar vermelho.

E ele a viu, como tinha visto antes. Gritando, gritando muito, completamente nua, a não ser pela fita vermelha que usava em volta da garganta. Uma fita vermelha como seu sangue, quando ela o espancava. Quando ela o espancava até ele desmaiar.

Para acordar no breu total. No escuro, no quarto trancado.

Pois era ela que acordaria no escuro, dessa vez. Completamente cega no inferno.

Ali vinha ela ... ali estava, caminhando naquele seu jeito apressado, com a cabeça baixa.

O coração dele martelou-lhe o peito quando ela chegou mais perto.

Ela virou, como sempre fazia, e entrou pelos portões de ferro no lindo parque.

Por um instante, com um sobressalto no coração, ela ergueu a cabeça. E houve medo, choque e confusão em seus olhos quando ele pulou das sombras diante dela.

Ela abriu a boca para gritar, mas o punho cerrado dele quebrou-lhe a mandíbula com seu soco certo.

Os olhos dela giraram para trás deixando aparecer apenas a parte branca, como se ela fosse cega, quando ele a arrastou rapidamente para longe das luzes.

Precisou esbofeteá-la várias vezes para que ela voltasse a si. Precisava estar acordada para sentir o que iria acontecer. Acorda e consciente.

Ele manteve a voz baixa, pois não era tolo. Mas disse o que precisava dizer a ela enquanto a socava de forma implacável.

— Está gostando agora, sua vadia? Quem é que manda agora sua puta?

Sentiu ao mesmo tempo uma vergonha e um prazer indescritíveis quando lançou com força o seu corpo dentro do dela. Ela não lutou, deixou-se ali, largada, e isso foi um desapontamento. Das outras vezes ela havia lutado desesperadamente e, algumas vezes, chegara a implorar. Tinha sido muito melhor.

Mesmo assim, quando ele colocou a fita em torno do pescoço dela e apertou com força, até ver os olhos dela se esbugalhando, a satisfação foi tão intensa que ele achou que também fosse morrer de prazer.

Os calcanhares dela bateram na grama várias vezes, fazendo, ruídos abafados.

Seu corpo entrou em convulsão e o levou finalmente, finalmente — ao orgasmo.

— Vá para o inferno! — praguejou ele, muito ofegante, enquanto a despia. — Vá para o inferno, que é o seu lugar.

Ele enfiou todas as roupas dela na sacola grande que levava, passou-a sobre o pescoço e sentiu as alças da sacola latejando sobre seu peito maciço.

Em seguida, levantou-a do chão como se ela não tivesse peso algum. E deleitou-se com sua força magnífica e com o poder que ela lhe trazia.

Ele a carregou nas costas até o banco que havia escolhido um pouco antes; um local lindo, debaixo de uma árvore grande e frondosa, pertinho da fonte majestosa. Foi ali que ele a colocou, cruzando suas mãos com todo o cuidado sobre o colo e prendendo-as entre os seios.

— Pronto, prontinho. E agora, mamãe, você não está linda? Gostaria de ver?

Ele ria agora. Era um riso louco que parecia explodir através das grossas camadas de spray selante que ele usava nas mãos, no rosto e no corpo.

— Acho melhor ajudá-la mais um pouco, agora.

Dizendo essas palavras, ele pegou o bisturi no bolso e começou trabalhar.

Capítulo Dez

Quando o *tele-link* na mesinha de cabeceira tocou, Eve rolou sobre a cama, na direção do som, reclamando “Merda, bosta, que inferno!”, enquanto tateava no escuro.

— Ligar luzes a dez por cento! — ordenou Roarke, em voz alta.

Eve passou as mãos pelos cabelos e balançou a cabeça para afastar o sono.

— Bloquear o sinal de vídeo — ordenou. — Aqui é Dallas falando!

— Ele a está matando. Ele a está matando neste exato momento.

A voz estava tão fraca e ofegante que Eve precisou olhar no identificador de chamada para saber quem falava.

— Celina? Acalme-se. Tente ficar calma e me faça um relatório completo.

— Eu vi... eu vi como da outra vez. Oh, meu Deus, é tarde demais.

— Onde foi? — Eve pulou da cama, lançando a voz na direção *tele-link* enquanto procurava alguma roupa. — Central Park? Ele ainda está no local?

— Sim. Não. É um parque, mas menor. Gradeado, com portões. Memorial Park!

— Onde você está?

— Estou ... estou em casa, na cama. Não aguento enfrentar o que está na minha cabeça.

— Fique aí, entendeu? Fique exatamente onde está.

— Sim, eu ...

— Encerrar transmissão — rebateu Eve, e cortou a ligação com Celina ainda chorando, desesperada, do outro lado.

— Você vai dar o alarme? — perguntou Roarke.

— Vou verificar o local por mim mesma, antes. Ou melhor, *nós dois* vamos verificar — corrigiu ela, ao ver que ele se levantara e começara a se vestir, como ela.

— E Celina? — quis saber Roarke.

— Ela vai ter de segurar as pontas. — Eve prendeu o coldre. — Todos nós somos obrigados a lidar com as coisas que temos na cabeça. Vamos nessa!

Ela o deixou dirigir. Talvez fosse irritante o fato de que Roarke tinha mais habilidade para lidar com veículos — qualquer veículo — do que ela, mas aquele não era o momento de discutir ou lamentar o assunto.

Também não era hora de discutir sobre clarividência, admitiu para si mesma. Pegou o comunicador e ordenou que uma patrulhinha se dirigisse imediatamente para o Memorial Park, a fim de verificar um possível ataque a uma mulher.

— Procurem por um homem que tenha entre um metro e noventa e cinco e dois metros e dez de altura, muito musculoso, com cerca de cento e vinte quilos. Se ele for encontrado, detenham-o, apenas. Lembrem-se de que este indivíduo pode estar armado e é perigoso.

Eve se inclinou de leve para frente, como se isso fizesse o carro andar mais depressa, enquanto seguiam a toda velocidade rumo à parte sul de Manhattan.

— Celina consegue ver algo que está para acontecer, mas não que já tenha acontecido. Pode ser que seja apenas uma... como é que se chama isso?

— Precognição.

— Exato! — Mas Eve sentiu um peso na barriga que lhe que não era apenas uma precognição. — Estou perto. Droga, sei que

estou na pista certa.

— Se ele matou novamente esta noite, não esperou dois meses.

— Talvez nunca tenha esperado.

Eles escolheram a entrada oeste, junto do Memorial Place pararam atrás da patrulhinha, quase na curva.

— Há quantas maneiras de entrar e sair desse parque? — perguntou Eve. — Três, quatro?

— Mais ou menos isso, mas estou falando no chute. Não ao certo. Esse parque ocupa só um quarteirão, eu acho. É um dos mais originais e agradáveis dentre os espaços criados em homenagem ao World Trade Center original.

Eve caminhou pela calçada e, sacando a arma, passou por baixo de um arco de pedra que levava aos espaços verdes.

Havia bancos e um pequeno lago. Grandes árvores, canteiros com flores e uma imensa estátua de bronze que representava bombeiros erguendo uma bandeira.

Ela passou pela estátua e ouviu o som de alguém passando mal.

Girando o corpo na direção do ruído, caminhou devagar no rumo sul e viu um policial de quatro no chão, vomitando violentamente sobre um canteiro de flores vermelhas e brancas.

— Policial... — Chamou ela, mas viu o banco a poucos metros dali e o que estava sobre ele. — Cuide dele — avisou a Roarke, e foi até o segundo policial do local, que segura um comunicador.

Ergueu o distintivo e se apresentou:

— Tenente Dallas.

— Eu sou o policial Queeks, tenente. Nós a encontramos há menos de um minuto, eu me preparava para dar o alarme. Não vimos mais ninguém, só ela. Para me certificar de que estava morta, verifiquei sua pulsação. A pele ainda está morna.

— Quero este local devidamente protegido. — Ela olhou para trás. — Será que aquele ali, passando mal desse jeito, servirá para

alguma coisa?

— Ele vai ficar bem, tenente. Ainda é novato — acrescentou, com um sorriso curto de solidariedade. — Todos nós já passamos por isso.

— Coloque seu parceiro em pé, Queeks. Proteja o local e faça uma busca completa pelo parque. Tenha cuidado. Ali não foi o local onde ele a matou. Você deverá encontrar o lugar exato onde aconteceu o crime. Deixe que eu dou o alarme.

Ela pegou o comunicador.

— Emergência, aqui é a tenente Eve Dallas.

— Entendido.

— Homicídio, uma única vítima do sexo feminino. Localização: Memorial Park, setor sul. Entre em contato com a detetive Delia Peabody e mande que ela se dirija ao local do crime.

— Entendido, tenente Eve Dallas. Emergência desligando.

— Você vai precisar disso — lembrou Roarke, atrás dela, entregando-lhe um kit de serviço.

— Sim mas quero que você se afaste daqui. — Ela selou as mãos e prendeu a filmadora na lapela.

Ele observou com admiração quando Eve se aproximou da vítima e começou a gravar a cena enquanto falava.

Era fascinante vê-la trabalhar, pensou mais uma vez. Por vezes, também era insuportavelmente triste.

Havia pena nos olhos dela, mas também raiva. Eve não saberia dizer se isso era aparente, e Roarke duvidou que houve mais alguém, além dele, que conseguiria enxergar isso. Mas estava tudo lá dentro, enquanto ela registrava os detalhes do mais recente trabalho de um louco.

Ela analisaria a morta, refletiu ele. Avaliaria a cena com todos os detalhes. Não deixaria passar nada. Mas não seria apenas o assassinato que ela veria. Ela também veria o lado humano do crime, e isso fazia toda a diferença.

Essa vítima era um pouco mais esbelta que as outras, avaliou Eve. Menos curvilínea. Mais delicada e talvez um pouco mais nova. Mas o padrão estava ali. Cabelos longos, castanho-claros — talvez levemente ondulados, mas com fios quase retos. Provavelmente ela também era bonita, embora isso não pudesse ser avaliado agora que o rosto estava arruinado.

O espancamento ao qual ele a submetera era mais severo que o de Elisa Maplewood. Talvez ele estivesse curtindo mais essa parte, pensou. Tinha menos controle sobre si mesmo.

Queria puni-la, pelo que ela representava. Queria destruí-la pelo que ela representava.

Quem quer que fosse essa mulher, não foi ela que ele havia matado. De quem era o rosto que ele vira quando apertou a fita em torno do seu pescoço? De quem eram os olhos que o haviam fitado?

Depois que a posição do corpo e os ferimentos visuais foram devidamente registrados, Eve afastou as mãos da vítima para poder tirar suas impressões digitais.

— Tenente! — O policial Queeks a chamou, chegando pelo lado direito. — Acho que encontramos o lugar onde ocorreu o crime.

— Proteja o local e bloqueie os acessos a ele, Queeks. Não quero ninguém passeando pela minha cena do crime.

— Sim, senhora.

—

— A vítima foi identificada por meio de impressões digitais. Trata-se de Lily Napier, vinte e oito anos. Endereço: rua Vesey, 2933, apartamento 5C.

Você era bonita, Lily, pensou Eve, analisando a foto da carteira de identidade que apareceu em sua tela. Uma beleza suave, leve. Talvez um pouco tímida.

— Trabalhava no bar e grill O'Hara, que fica na rua Albany. Estava voltando para casa depois do trabalho, não foi, Lily? Você morava perto. Voltar a pé para casa ajudava a economizar uma

passagem de ônibus. A noite está quente e você conhece bem a vizinhança. Estava atravessando o parque a caminho de casa.

Eve colocou os micro-óculos e examinou as mãos e as unhas da vítima. A morte ainda não tinha sugado todo o calor do seu corpo.

— Parece que temos alguma sujeira e um pouco de grama. Vamos torcer para haver algumas fibras ou pedaços de pele. Pulso fraturado, parece que o maxilar também foi quebrado. Múltiplas contusões e escoriações no rosto, torso e ombros. Ele se fartou você, Lily. Há vestígios de ataque sexual, com um pouco de sangramento vaginal. Há contusões e escoriações nas coxas e na região genital. Vou remover algumas fibras da região, para levá-las para análise.

Eve selou o material, etiquetou e arquivou tudo.

Se alguma parte do seu organismo se revoltou com o que viu, aconteceu como o policial novato ... Se ela sentiu vontade de gritar diante das visões de estupro que lhe surgiram na mente, recusou essa possibilidade e foi em frente.

Ainda usando os micro-óculos, se inclinou sobre o rosto da morta e analisou os buracos sangrentos onde, antes, ficavam os olhos.

— Cortes finos e precisos, similar aos infligidos em Elisa Maplewood.

— Dallas.

— Olá, Peabody. — Eve nem se virou, mas lhe passou cabeça a falta que sentia, por algum motivo, do barulho dos sapatos duros de tira que Peabody usava antes de se tornar detetive e que sempre anunciavam sua chegada. — Descobrimos o local do assassinato na parte sul do parque. O primeiro policial a chegar à cena foi Queeks. Vá lá confirmar se o lugar foi devidamente protegido.

— Eu vi, acabei de passar por ali.

— Leve parte da equipe com você e peça para eles verificarem ao longo do caminho até aqui se há pegadas na grama. Mas não deixe ninguém mexer em nada até eu chegar lá.

— Entendido. Os policiais a encontraram?

— Não. — Eve se levantou e esticou as costas. — Celina Sanchez teve outra visão. Eve terminou de examinar o corpo e o local da desova. Em seguida, foi até Roarke, logo atrás das faixas e sensores que Queeks havia instalado.

Ela se lembraria disso, pensou. Lembraria que o policial Queeks havia trabalhado depressa, em silêncio e sem incomodar a investigadora principal com um monte de perguntas e comentários irrelevantes.

— Você não precisa esperar por mim.

— Mesmo assim, eu espero — disse Roarke. — Já estou por aqui, mesmo.

— Pois é. Bem, venha aqui comigo um instantinho. Você tem olhos bons.

Talvez enxergue algo que eu deixei passar.

Eve deu uma volta ampla até chegar ao local do assassinato. Se havia pegadas, ela não queria pisar nelas.

Acenou com a cabeça para Queeks e lhe fez um elogio.

— Bom trabalho. Onde está o novato?

— Eu o mandei vigiar a entrada do parque, junto com dois dos colegas. Ele trabalha bem, tenente, embora ainda seja imaturo. Está na polícia há três meses e este foi seu primeiro corpo. Uma cena dura, por sinal. Mas ele aguentou firme até se ver longe do local.

— Pode deixar que eu não vou repreendê-lo por vomitar, Queeks. Você viu mais alguma coisa que queira me contar?

— Entramos pelo mesmo portão que a senhora e eu coloquei guardas nas quatro saídas. Abordamos o parque pelo sul, com a intenção de cercá-lo. Eu a vi de imediato. Não percebi a presença de ninguém, nem no parque nem na rua. Fazíamos ronda pela Varick quando a chamada foi feita. Havia gente nas ruas, algumas acompanhantes licenciadas, mas não vimos ninguém com a descrição informada.

— Há quanto tempo vocês trabalham nessa área?

— Quase três meses.

— Conhecem o O'Haràs?

— Claro, o bar de Mick na rua Albany. Um lugar razoável, com comida decente.

— A que horas ele fecha?

— Duas da manhã. Um pouco mais cedo quando o movimento está fraco.

— Muito bem, obrigada. Peabody?

— Encontrei traços de sangue. Pedacos de grama arrancados, outros socados. Vi dois pedacos de pano, talvez de uma peça de vestuário.

— Tudo isso eu também reparei, Peabody. Quero saber o que acha do ataque.

— Bem, acho que ela foi pega assim que entrou no parque portão sul. Ele pode tê-la agarrado do lado de fora, mas o mais provável é que ela tenha entrado para cortar caminho.

Ele a pegou bem ali, agrediu-a, imobilizou-a e rasgou as roupas dela na luta, embora não haja indicações de que ela tenha resistido muito. Estuprou-a ali mesmo. Ainda não examinei o corpo, mas ela deve ter enfiado os dedos na grama. Como o *modo operando* é semelhante ao da morte de Elisa Maplewood, ele deve tê-la estrangulado nesse momento. Depois, arrancou-lhe as roupas e a levou para o banco, onde a colocou na pose certa, antes de arrancar seus olhos.

— Sim, concordo com tudo. Foi dentro do parque. Ela cortou caminho ao voltar para casa. As patrulhinhas circulam sempre por aqui, mas o parque fica livre e ele achou mais seguro. Teve de trabalhar depressa, mas isso não é problema, pois ele já tem a rotina pronta. Hora da morte: duas da manhã em ponto. Os policiais chegaram às duas e vinte. Se considerarmos o tempo que ele levou

para despi-la, carregá-la, montar a pose e mutilá-la, agiu muito depressa.

— Pode ser que ele ainda estivesse no parque quando os policiais chegaram — sugeriu Roarke.

Eve olhou para trás ao ouvir a voz dele e ergueu as sobrancelhas.

— Ele pode tê-los ouvido, sim — continuou Roarke. — Um carro chegando, o barulho dos freios, as portas batendo. Ele saiu do claro e se escondeu atrás de alguma árvore. Será que, se ele tivesse a chance, não iria curtir o momento em que o corpo dela foi encontrado?

— É ... ele curtiria isso, sim.

— Ele tinha acabado de matá-la. Será que não gostaria de um instante para se parabenizar pelo trabalho perfeito? — Sem conseguir se segurar, Roarke olhou para onde Lily Napier estava, no banco, e continuou: — Ele ouviu alguém chegando e se escondeu. Mataria quem se aproximasse, e talvez tenha pensado nisso. Por outro lado, deve ter sido gratificante ver os tiras encontrando-a tão depressa, ainda morna, e ele assistindo a tudo de longe. Foi então que ele saiu pela direção oposta, congratulando-se pelo bônus desta noite.

Como Eve tinha pensado mais ou menos a mesma coisa, simplesmente assentiu com a cabeça.

— Você está ficando bom nisso — elogiou. — Quero o parque totalmente vistoriado, cada folha de grama, cada pétala de flor, cada árvore.

— Ele usou spray selante no corpo todo, tenente — lembrou Peabody. — Não temos seu DNA, nem seu tipo sanguíneo, nem fios do seu cabelo, nada com o que comparar, caso achemos algo em uma área grande como esta.

— Sim, ele usou spray selante. — Eve estendeu a mão e a girou e girou no ar, fazendo com que as manchas de sangue brilhassem

sob a luz — Eu também. Mas não estamos procurando o DNA dele, queremos o dela.

Mais uma vez ela recuou, mas dessa vez fez um sinal discreto Roarke.

— Vamos dar uma voltinha.

— Você espera descobrir que direção ele tomou, para onde foi e como?

— Qualquer coisa que nos revele mais sobre como ele é vai ser de grande ajuda.

— Ela precisava se afastar dos olhos e ouvidos dos tiras e continuou andando até eles saírem novamente do parque e se verem na calçada. — Acho que, geograficamente, ele está mais perto de casa do que quando matou Elisa Maplewood. Mas isso não importa, em sua mente. Ele vai aonde precisa ir.

— E você não me trouxe até aqui só para me dizer isso.

— Não. Escute, não há razão para deixar você esperando. Ainda vamos ficar por aqui um bom tempo, e depois tenho de ir para a Central.

— *Dia vu.*

— Pois é. Esse cara gosta de trabalhar à noite.

— Você está com menos de uma hora de sono.

— Vou tirar um cochilo em minha sala. — Ela começou a isolar a mão nas calças com ar distraído, mas ele a agarrou pelo pulso.

— Espere um pouco. — Ele abriu o kit de serviço e pegou um pedaço de pano.

— Tudo bem, obrigada. — Enquanto limpava o sangue das mãos, ela olhou para trás, através do arco de pedra. O parque todo estava iluminado agora. Os peritos, com roupas protetoras, se movimentavam rapidamente, Omo imagens silenciosas em uma tela. A mídia iria aparecer logo, como sempre, e eles teriam de lidar com o que tinha acontecido.

Não muito depois, as luzes se acenderiam nas janelas dos prédios em torno. Alguém daria uma espiada e ficaria intrigado, com o movimento. Logo, os civis também teriam de lidar com o que tinha acontecido.

Ela iria fechar o parque. Então era o prefeito que teria de lidar com o que tinha acontecido.

A diversão nunca acabava.

— O que se passa em sua cabeça, tenente?

— Um monte de coisas, e preciso organizá-las. Vou convocar Celina até a Central, pois quero um relato detalhado dessa nova... visão. Vou mandar uma dupla de guardas à paisana acompanhá-la até a minha sala. Oito da manhã em ponto.

Ela enfiou as mãos nos bolsos, mas tornou a tirá-las quando lembrou que limpou o sangue, mas ainda não tirara o selante das mãos.

— O negócio é o seguinte ...

Quando ela não disse mais nada, simplesmente continuou olhar para o parque, Roarke virou a cabeça de lado.

— O negócio é o seguinte, já ouvi... Mas que negócio?

— Ela me disse que estava em casa, na cama, quando entrou em contato comigo. Eu queria que você confirmasse esse fato, apenas, só para ficar tudo preto no branco.

— Você não acredita nela?

— Não é que eu *não* acredite. Quero apenas ter certeza, para tirar isso da cabeça. Assim eu não preciso mais pensar no assunto. Só isso.

— Se alguém pudesse ter acesso ao quarto de Celina enquanto ela estava em outro lugar, a fim de verificar os registros do *tele-link*, você não precisaria mais pensar no assunto.

— Sim. — Só nesse momento ela olhou para ele. — Não posso acreditar que estou aqui lhe pedindo para cometer um crime. Mas sei que se ela estava na cama quando entrou em contato comigo, não

poderia estar aqui quando o crime aconteceu, pois me ligou na hora exata ou poucos minutos depois da morte de Lily Napier. Eu poderia solicitar uma verificação oficial no *tele-link* dela, enviar um detetive eletrônico na casa dela, com permissão dela mesma, mas...

— Seria indelicado.

— Estou cagando e andando para indelicadezas — reagiu ela, girando os olhos —, mas me incomoda fazer papel de idiota, e me incomoda afastar uma fonte que pode ser valiosa.

— Oito em ponto, então.

Eve estava dividida entre o alívio e a preocupação.

— Escute, eu entro em contato com você assim que ela aparecer na porta da minha sala. Só para você saber que a barra está limpa. Saiba que se você for apanhado ...

— Querida Eve ... — Havia um tom de paciência deliberadamente forçada em seu tom de voz. — Eu amo você mais do que própria vida, e creio ter demonstrado isso com regularidade ao longo do nosso relacionamento. É por isso que eu não consigo entender o porquê de você insistir em me insultar tanto.

— Nem eu. É só entrar e sair. Investigue só o *tele-link*, não fique xeretando por lá. Se você confirmar a ligação, não me avise. Caso não confirme, ligue para o meu *tele-link* pessoal.

— Não devíamos combinar códigos?

Ele sorriu abertamente, mas ela lhe lançou um olhar de censura e disse:

— Vá enxugar gelo!

Rindo muito, ele a lançou para trás e lhe deu uma mordida carinhosa no queixo, ante de roçar os lábios de leve sobre os dela.

— Pode deixar que eu sei o caminho de casa. E veja se dorme um pouco.

Eve se virou na direção do arco, preparando-se para encarar novamente a morte. Como conseguiria fazer isso?

Avisar o parente mais próximo era sempre uma tarefa terrível, mas parecia ser ainda pior, muito pior, quando isso tinha de ser feito no meio da noite. Ela apertou a campainha do apartamento no Lower West Side e se preparou para arrancar um pedaço do coração de alguém.

Houve um longo intervalo, tão longo que ela já se preparava, para tocar a campainha novamente quando o interfone piscou.

— Sim? Quem é?

— Polícia. — Eve ergueu o distintivo e ficou de frente para olho mágico da porta.

— Precisamos falar com Carleen Steepl.

— Mas são quatro da manhã! Do que se trata?

— Senhor, precisamos entrar.

O interfone apitou, estalou, e seguiu-se um irritado chocalhar de correntes e trancas. a homem que abriu a porta usava apenas um par de calças de pijama largas, de algodão e exibiu uma pressão de contrariedade.

— Qual é o assunto? Tem gente aqui tentando descansar, e não quero acordar as crianças.

— Desculpe incomodá-los, Sr. Steeple. — Aquele era o cunhado da vítima, pensou Eve, lembrando-se dos dados. — Sou a tenente Dallas e esta é a detetive Peabody. Precisamos falar com a sua esposa.

— Andy? — Uma mulher com cabelos curtos, encaracolados e muito o despenteados colocou a cabeça para fora de um portal. — O que está acontecendo?

— São tiras. Escute, tenente ... nós já denunciemos a venda ilegal de drogas e o bando de drogados que circulam aqui pela rua em plena luz do dia. Fizemos o nosso dever cívico, mas não gostamos de ser incomodados no meio da noite.

— Não somos da Divisão de Drogas Ilegais, Sr. Steeple. A senhora Carleen Steeple?

— Sim. — A mulher apareceu por completo, apertando o do robe.

— Sua irmã é Lily Napier?

— Sim. — Apareceu uma centelha de preocupação em seu rosto. E o primeiro sinal de medo. — Há algo errado com ela?

— Sinto muito informar isso, mas sua irmã está morta.

— Não. — Ela disse isso baixinho, quase como se fosse uma pergunta.

— Deus ... Por Deus! — Andy Steeple se transformou de sujeito irritado em marido preocupado num estalar de dedos. Foi depressa até onde sua esposa estava e a abraçou com, força. — Querida ... o que aconteceu? — quis saber ele, olhando para Eve. O que houve com Lily?

Não! — exclamou Carleen, mais uma vez. E repetiu: — Não.

— Podemos nos sentar, Sr. Steeple?

Ele apontou para a sala de estar, onde havia algumas poltronas confortavelmente surradas e um sofá estofado em um tecido transbordante de flores.

— Venha, querida. Venha, meu amor. — Com o braço em torno da esposa, ele a levou até o sofá. — Vamos nos sentar.

— Papai? — Uma garotinha com os cabelos muito cacheados e cara de sono entrou na sala, com passinhos leves.

— Volte para a cama, Kiki.

— O que houve com mamãe?

— Volte para a cama, querida. Vou vê-la já, já...

— To com sede.

— Kiki ...

— O senhor quer que eu cuide dela? — ofereceu Peabody.

— Eu ... — Ele pareceu desorientado por um momento, mas em seguida fez que sim com a cabeça.

— Oi, Kiki. Meu nome é Dee. — Peabody foi até onde a menina estava e a pegou pela mão. — Que tal irmos tomar um copo-d' água?

— Minha parceira é boa para cuidar de crianças — garantiu Eve. — A menina vai ficar bem.

— Será que isso não é algum engano?

— Não, senhor.

— Foi um acidente? — Carleen enterrou o rosto no ombro do marido. — Um acidente?

— Não. Sua irmã foi assassinada.

— Drogados! — reagiu Steeple, com amargor na voz.

— Não. — Eve analisou o rosto de Carleen, a palidez, as lágrimas, o ar de súplica em seus olhos. — Sei que isso é difícil, ainda vai piorar. Parece que sua irmã foi atacada quando voltava do trabalho para casa. Aconteceu no Memorial Park.

— Ela sempre corta caminho por dentro do parque. — Carleen agarrou com mais força a mão do marido. — É mais rápido. mais seguro.

— Foi um assalto?

Acabe com isso, disse Eve para si mesma. Acabe depressa, para que eles não sofram tanto especulando sobre as causas.

— Ela foi estuprada e estrangulada.

— Lily? — Os olhos molhados de Carleen se arregalaram de choque — *Lily?* — Ela teria desabado no chão se o marido não a tivesse amparado. — Não, não, não.

— A cidade deveria ser segura. — Agora, também havia lágrimas nos olhos de Andy Steeple, que embalava a esposa. — Uma mulher deveria poder voltar do trabalho para casa em segurança.

— Tem razão, senhor, deveria. Estamos fazendo o que está ao alcance para encontrar quem fez isso com ela. Mas precisamos da sua ajuda. Tenho de lhe fazer algumas perguntas.

— Agora? — Ele apertou a esposa com mais força. — Não dá notar que estamos destroçados?

— Sr. Steeple. — Eve se inclinou um pouco para que ele a fitasse diretamente e visse o que havia nos olhos dela. — O senhor gostava de sua cunhada?

— Claro que sim, por Cristo.

— Quer que o homem que fez isso com ela seja punido?

— Punido? — Ele quase cuspiu a palavra. — Eu quero que ele seja morto.

— Pois eu quero encontrá-lo, e quero impedi-lo de continuar matando. Vou achá-lo e vou impedi-lo. Mas, com a sua ajuda, conseguirei fazer isso mais depressa. Talvez consiga isso antes que ele faça o mesmo com a irmã de outra pessoa.

Ele olhou fixamente para Eve por um longo tempo.

— A senhora poderia nos dar um minuto? Um minuto a sós?

— Claro.

— Pode ir para a cozinha, se quiser — ofereceu ele, com um gesto.

Eve os deixou sozinhos e entrou em uma cozinha comprida, armários dos dois lados e uma copa anexa para refeições. Havia bancos de almofadões com tecidos em zigue-zague amarelo e azul. Cortinas amarelas com bordas azuis enfeitavam as janelas. Havia jogos americanos sobre a mesa, marcando cada lugar, em um tecido que combinava com os almofadões dos bancos.

Eve pegou um deles e passou a mão de leve sobre a superfície.

— Tenente Dallas. — Steeple apareceu na porta. — Estamos prontos. Vou preparar um pouco de café. acho que todos nós precisamos disso.

Eles se sentaram na sala de estar. Depois de colocar a menina para dormir novamente, Peabody se juntou a eles. Os olhos de Carleen estavam desolados e úmidos, mas Eve notou que ela fazia um esforço quase sobre-humano para se manter firme. .

— Nada disso é fácil- começou Eve. — Serei o mais breve possível, para lhes dar alguma privacidade.

— Posso vê-la?

— No momento, não. Sinto muito. Sua irmã trabalhava no bar e grill O'Hara's?

— Sim, faz cinco anos. Ela gostava de lá. É um lugar agradável, próximo do apartamento dela. Lily conseguia boas gorjetas. Gostava de trabalhar no turno da noite, porque assim ficava com as tardes livres.

— Ela estava em um relacionamento com alguém?

— No momento, não. Tinha encontros de vez em quando, mas ficou um pouco desconfiada dos homens desde que se divorciou.

— E o ex-marido?

— Rip? Ele se casou novamente e mora em Vermont. Acho que ele foi o verdadeiro amor da vida dela, mas Rip não correspondeu. Eles foram se afastando aos poucos. Não houve nada traumático, foi apenas triste.

— Não vá perturbá-lo com suspeitas bizarras. — A raiva surgiu na voz de Steeple.

— Algum maluco drogado fez isso e a polícia não deve perder tempo perturbando um cara decente. Rip é um idiota, mas é um sujeito bom, enquanto o canalha que fez isso ...

— Andy. — Com um soluço abafado, Carleen agarrou a mão dele. — Não faça isso, não faça ...

— Desculpe. Desculpe, querida. Só sei que o homem que fez está passeando livremente pelas ruas neste instante, enquanto estamos *sentados* sem fazer nada. Daqui a pouco ela vai me perguntar onde eu estava e outras merdas desse tipo. Ah, maldição!

— Ele enterrou a cabeça entre as mãos. — Maldição!

— Quanto antes vocês responderem às minhas perguntas, mais depressa nós os deixaremos sozinhos. Vocês sabem se alguém andava incomodando-a ou assediando-a?

— Não. — Carleen acariciou os cabelos do marido enquanto falava. — Alguns dos colegas do bar brincavam com ela, mas nada desse tipo. Ela é tímida. Lily é tímida, mas se sentia bem trabalhando no bar. As pessoas são simpáticas. Nós comemos lá, às vezes. Ela nunca magoou ninguém. Preciso contar aos nossos pais. Eles moram na Carolina do Sul, agora, em uma casa flutuante. Eles ... Como conseguirei contar a eles que Lily se foi? Como contaremos a Kiki?

— Não pense nisso por enquanto — disse Steeple, antes de Eve chance de falar. Ele ergueu a cabeça, parecendo ter recuperado um pouco da compostura. — Uma coisa de cada vez, querida. Foi o mesmo que aconteceu com a outra mulher? — perguntou a Eve. — Eu assisti ao noticiário. Vi a senhora dando entrevista. Foi igual?

— Estamos considerando essa possibilidade.

— Ela foi...

Eve viu em seus olhos a palavra mutilada, mas ele evitou falar em voz alta e puxou a esposa mais para perto.

— Aquela mulher que foi morta mais ao norte, no Central Park — completou ele.

— Isso mesmo. Sra. Steeple, Lily trabalhava com artesanato?

— Artesanato? Lily? — Um sorriso fez tremerem seus lábios. — Não. Ela não gostava de “brincar de casinha”, como costumava, dizer. Isso era parte dos problemas entre ela e Rip. Ele queria uma mulher voltada para o lar, e Lily simplesmente não era assim.

— A senhora tem peças típicas de quem faz trabalhos manuais na cozinha — disse Eve.

— No quarto de Kiki, também — acrescentou Peabody. — A colcha da cama dela é linda!

— Sim, aquilo é trabalho meu. Quando eu engravidei de Drew, nosso filho, eu decidi... isto é, nós decidimos — corrigiu ela, entrelaçando os dedos com os do marido — que eu passaria a trabalhar em casa, como mãe profissional. Queria ficar mais tempo com as crianças. Só que eu percebi, bem depressa, que precisava de

algo para ocupar meu tempo. Comecei a fazer colchas e acolchoadas e depois expandi as atividades para bordados, macramê ... Adoro trabalhar com essas coisas.

— Onde compra seus materiais?

— O que isso tem a ver com Lily?

— Sra. Steeple, em que lojas a senhora compra seu material de artesanato?

— Em vários lugares. — Ela citou alguns que estavam na lista de Eve.

— Alguma vez Lily foi com a senhora nessas lojas, para fazer compras de material de artesanato?

— Foi, sim. Geralmente fazíamos as compras juntas, em todo tipo de lugar. Ela gostava de fazer compras, adorava passar seu tempo comigo e com as crianças. Saíamos para fazer compras pelo menos uma vez por semana.

— Obrigada pela sua ajuda.

Mas... não há mais nada? — perguntou Carleen quando Eve se levantou. — Não há mais nada que possamos fazer para ajudá-la?

— Talvez haja, sim. Continuaremos mantendo contato, Sra. Steeple. A senhora também poderá falar comigo ou com a detetive Peabody na Central de Polícia, a qualquer momento que desejar. Meus profundos sentimentos pela sua perda.

— Vou acompanhá-las até a porta. Carleen, por favor vá dar olhadinha nas crianças.

Ele acompanhou Eve e Peabody pela sala e esperou até sua esposa estar fora do alcance da sua voz. Só então disse:

— Escute, tenente. Desculpe por eu perder o controle daquela forma. IW111

— Tudo bem, sem problema.

— Eu quero saber. Ela foi mutilada ... como a outra mulher? Não quero que Carleen a veja, caso ...

— Foi, sim. Sinto muito.

— Ela foi mutilada de que modo?

— Não posso lhe fornecer mais detalhes sobre a investigação, no momento. Os dados são confidenciais.

— Quero saber assim que ele for encontrado. Quero saber. Quero ...

— Eu sei o que o senhor quer. No entanto o que precisa, agora, é cuidar da sua esposa e da sua família. Deixe o resto por nossa conta.

— A senhora não a conhecia. Não conhecia Lily.

— Não. Mas agora eu a conheço.

Capítulo Onze

Já passava de cinco da manhã quando Eve entrou na Divisão de Homicídios. O quadro era reduzido a essa hora. Os policiais que trabalhavam no turno da madrugada lidavam com seus *tele-links* e aproveitavam para colocar a papelada em dia. Ou dormir. Eve chamou Peabody com um aceno, convocando-a para ir à sua sala.

— Preciso entrar em contato com o comandante Whitney.

— Antes você do que eu.

— Enquanto eu faço isso, ligue para Celina. Informe-a de que vamos enviar dois policiais à paisana para acompanhá-la até aqui onde ela fará uma declaração sobre os acontecimentos desta madrugada. Quero que ela esteja aqui às oito da manhã em ponto. Depois de escolher os dois policiais para a missão, você pode cair no berço e dormir por duas horas.

— Nem precisa falar duas vezes. Você me acompanha no cochilo?

— Não, vou me esticar um pouco aqui na minha sala mesmo.

— Aqui? Em que espaço?

— Vá fazer o que eu mandei e feche a porta ao sair.

Sozinha, Eve olhou para o *tele-link* e recitou mentalmente um pequeno mantra.

Que o comandante atenda a ligação, e não sua esposa ... que o comandante atenda a ligação, e não sua esposa. Em nome de tudo que é sagrado, que o comandante atenda a ligação, e não sua esposa.

Então, respirando fundo, ela se sentou à mesa para fazer a chamada.

Quase deu um grito de alegria quando o rosto cansado de Whitney apareceu na tela.

— Desculpe acordá-lo a esta hora da manhã, senhor. Houve um homicídio no Memorial Park. Uma só vítima, branca, sexo feminino, vinte e oito anos. Homicídio sexual com mutilação. Mesmo *modo operando* do caso Elisa Maplewood.

— O local do crime foi cercado?

— Sim, senhor. Interditei o parque e coloquei guardas em todas as entradas.

— Interditou?

— Sim, senhor. Será necessário mantê-lo fechado pelas próximas dez horas, no mínimo, podendo chegar a vinte e quatro.

O comandante emitiu um suspiro longo, muito longo.

— Tenente, isso significa que vou ter de acordar o prefeito. Quero um relatório completo em minha mesa às oito da manhã. E quero recebê-la em meu gabinete às nove.

— Sim, senhor.

Eve olhou para a tela apagada. Não, realmente não haveria tempo de tirar nem mesmo um cochilo.

Ela redigiu o relatório a partir das anotações que tinha feito oralmente ao gravar a cena do crime. Preparando-se para o longo dia que teria pela frente, programou um bule de café no AutoChef e se sentou na cadeira para revisar o relatório.

Leu tudo com atenção, em busca de detalhes que pudessem ter escapado. Como não achou nada, rodou o programa-padrão de probabilidades e anexou o resultado obtido ao relatório. Salvou a pasta, arquivou tudo e mandou uma cópia para o comandante outra para sua parceira e uma terceira para a Dra. Mira.

Levantando-se da cadeira, prendeu fotos de Lily Napier viva e morta no quadro de acompanhamento do caso.

Às sete e quinze, marcou o despertador do seu relógio de pulso para tocar dali a vinte minutos e se deitou no chão para um sono

quebrado e muito agitado. Levantou-se, tentou se revigorar um pouco com outra xícara de café e foi tomar uma ducha quente no vestiário dos policiais. Por um instante, pensou em tomar um comprimido de Stay-Up para se manter alerta, mas lembrou que esse estimulante sempre a deixava irrequieta e esquisita.

Se era para se entupir de cafeína, ela preferia fazer isso com café de verdade.

Optou por usar uma das salas de reunião para receber Celina em vez de sua sala minúscula. Como Peabody ainda não tinha voltado da soneca, ela mesma reservou o local.

Em seguida, ligou para o sargento de plantão e pediu para ser informada assim que Celina Sanchez entrasse no prédio.

Em vez de tolerar a gororoba que o departamento oferece como desjejum, preparou mais um bule com o seu café de alta qualidade e o levou para a sala de reuniões.

O sargento de plantão ligou para ela no instante em que Peabody entrava na sala, farejando o ar.

— Pelo amor de Deus, Dallas, coloque um pouco desse café em um pires e eu vou lamber tudo, como uma gata.

— Vá buscar umas rosquinhas ou algo assim na máquina do corredor — sugeriu Eve. — Pendure a compra na conta da Divisão de Homicídios.

— Você está pensando em comida, pensando de verdade. Devo estar sonhando.

— Celina Sanchez está subindo, portanto, movimente esse traseiro.

— Ah, essa é a Dallas que eu conheço e amo.

Quando a porta voltou a fechar, Eve pegou seu *tele-link* pessoal e ligou para o de Roarke.

Ele atendeu em um segundo.

— Tudo em cima, ela está ... — Eve estreitou os olhos ao olhar para ele. — Onde você está?

— Continuando minha pequena aventura na área de invasão de domicílio em plena luz do dia.

— Eu mandei você esperar o meu sinal verde.

— Humm. — Ele sorriu e continuou a trabalhar no *tele-link* da mesinha de cabeceira de Celina. — Acho que desobedeci às ordens mais uma vez. Espero que você me aplique uma punição severa na primeira oportunidade.

— Droga ...

— Vamos continuar batendo papo ou você prefere que eu volte ao trabalho?

— Vá em frente.

No quarto de Celina, Roarke sorriu consigo mesmo. Tinha o hábito de irritar sua mulher, e refletiu que talvez fosse mesquinho curtir isso do jeito que ele curtia.

Roarke tinha presenciado o momento em que os dois homens chegaram e entraram no prédio de Celina. Vestiam camisas e calças comuns, mas, mesmo assim, ele conseguiria perceber que eram tiras mesmo que estivessem a dois quarteirões, caminhando na direção oposta a ele.

Tiras sempre pareciam tiras, especialmente aos olhos de um criminoso.

Mesmo que ele fosse um ex-criminoso.

Embora Roarke confiasse cegamente em sua tira, preferia fazer um trabalho como aquele do seu jeito.

Dez minutos depois de Celina ter saído acompanhada do prédio — sempre era melhor ter certeza de que a pessoa investigada não voltou atrás para pegar algo que esqueceu —, Roarke provocou interferências no sistema de segurança do lugar com um aparelho remoto. E atravessou a rua.

Em menos de três minutos ele entrava no edifício, depois de desativar trancas e alarmes.

Alguns minutos depois, já tinha confirmado a fonte da ligação que Eve recebera e recolocava o *tele-link* no lugar. Celina tinha ligado dali, exatamente como afirmara. Tinha usado o *tele-link* da mesinha de cabeceira alguns segundos depois das duas da manhã.

Sua tira podia tirar essa dúvida da cabeça, pensou Roarke. Era difícil resistir à tentação de sair dali sem xeretar em nada, como Eve ordenara. Afinal de contas, isso era contra a sua natureza. Eve, sua tira, jamais conseguiria entender a sensação do sangue correndo mais depressa em suas veias só por ele estar em um local não permitido.

Curtiu isso por mais alguns instantes, admirando os quadro nas paredes do quarto — imagens sofisticadas, sensuais e inspiradoras. A combinação de cores era muito feminina, de um jeito forte e autoconfiante.

E se ele fosse para o andar de baixo do loft estaria, tecnicamente, fora do quarto principal.

Gostou do estilo, da amplitude dos aposentos, e reforçou a imagem de uma mulher confiante que sabia como viver e segundo a sua vontade.

Pensou que talvez fosse interessante empregar os serviços dela em algum evento de negócios, quando houvesse chance.

Saiu tão silenciosamente quanto entrara. Olhando para o relógio, calculou que estaria no centro da cidade com tempo de sobra para participar da primeira reunião do dia.

Roarke não ligou para Eve, mas ela conhecia bem o marido e seus dedos leves. Como o *tele-link* pessoal não tocou até o momento em que Celina entrou na sala de reuniões, Eve soube que a transmissão tinha sido confirmada: a ligação fora feita do *tele-link* do seu quarto, conforme Celina afirmara.

Eve não precisava mais se preocupar com a possibilidade. E não havia como negar o abalado estado emocional da mulher com aparência exausta que entrou na sala.

Celina parecia arrasada, muito abatida, como alguém que se recuperasse de uma doença longa e severa.

— Olá, Dallas.

— Sente-se. Tome um pouco de café.

— Eu aceito. — Ela se sentou à mesa da sala de reuniões e usou as duas mãos para segurar a caneca. Seu anel fez um barulho agudo ao bater contra a louça barata.

— Tomei um calmante depois que nos falamos de madrugada. Não adiantou muito. Tomei mais um antes de entrar aqui. Também não parece ter funcionado. O que eu queria mesmo era apagar profundamente, como se estivesse em coma. Mas não sei se isso iria ajudar.

— Certamente não ajudaria Lily Napier.

— Esse era o nome dela? — Celina tomou um gole, esperou alguns segundos e bebeu mais um pouco. — Eu não assiti aos noticiários matinais. Tive medo de vê-la.

— Mas você a viu ontem à noite. Celina assentiu com a cabeça.

— Foi pior que da outra vez. Isto é, pior para mim. Não estou preparada para essas coisas.

— É muito difícil para alguém com o seu dom testemunhar ou vivenciar violência — disse Peabody, e isso lhe valeu um sorriso de gratidão.

— Sim. Por Deus, como isso é verdade. É claro que eu não experimento a mesma quantidade física e de violência que a vítima sofre, mas é muito doloroso. E se ... quando você está ligado psicologicamente nessa dor, as emoções também reverberam de volta. Eu sei o quanto ela sofreu. Mas estou viva. Não só viva como inteira e tomando café, enquanto ela morreu. Mas sei muito bem o quanto ela sofreu.

— Conte-me o que viu — ordenou Eve.

— Foi... — Celina ergueu a mão, como se colocasse tudo em compasso de espera, enquanto se recompunha. — Da outra vez, foi como um sonho. Um sonho vívido e perturbador, mas algo que se pode dispensar como coisa irreal. Até que eu vi o noticiário sobre o crime. Dessa vez foi pior. Não dava para confundir com outra coisa, eu sabia que era uma visão real. Uma das mais poderosas que eu já tive na vida. Foi como estar no local, caminhando ao lado dela. A jovem andava depressa, com a cabeça baixa.

— Que roupa usava? — quis saber Eve.

— Ahn ... saia curta e escura ... preta, eu acho. Blusa branca. Mangas compridas, gola aberta e um agasalho leve por cima de tudo. Sapatos retos com solado grosso. Sola de gel, talvez. Ela não fazia barulho ao caminhar. Levava uma bolsa. Uma bolsa pequena pendurada no ombro e atravessada no peito.

— Que roupa ele usava?

— Roupa escura. Não sei bem. Ela não sabia que ele estava ali, à espreita, no parque. Nas sombras. Ele é escuro. Tudo nele muito escuro.

— Você está falando de pele? Ele é negro?

— Não, eu ... Não, acho que não. Vi suas mãos no instante em que ele a atacou. Elas eram brancas. Brilhantes, brancas e grandes. Muito grandes. Ele socou o rosto dela. A dor foi horrível. Muito forte, mesmo, mas quando ela caiu no chão a dor foi embora. Ela... desmaiou. Eu acho. Ele bateu ainda mais nela, e continuou batendo, mesmo depois de ela estar desmaiada. Bateu no rosto e no corpo.

“ Vamos ver se você gosta disso, agora, vamos ver se você gosta”, foi o que ele disse.

Os olhos de Celina ficaram vidrados. Suas íris, num tom de verde muito claro, ficaram quase translúcidas.

— “Está gostando agora, vadia? Quem é que manda agora, sua piranha?” De repente ele parou. Parou de espancá-la e começou a

dar tapinhas leves em suas bochechas com aquelas mãos imensas. Tentou reanimá-la. Precisava que ela estivesse consciente para o resto da festa. Há tanta dor por dentro! Não sei dizer ao certo se essa dor interna é dele ou dela, mas é uma dor imensa.

— Uma dor que não é sua — disse Peabody baixinho, balançando a cabeça antes de Eve ter chance de falar. — Você foi só a testemunha do ato e pode nos contar tudo o que viu. A dor não é sua.

— Sim, não é minha. — Celina respirou fundo. — Ele rasgou-lhe as roupas. Ela mal consegue reagir, não tem mais forças para lutar. Quando ela tenta afastá-lo, ele agarra a mão dela e torce. Algo se quebra. Ela se sente confusa, como um animal confuso quando cai em uma armadilha. Ele a estupra, e isso dói muito. Dói lá no fundo. Ela não consegue vê-lo. Está escuro demais e a dor é avassaladora. Ela desmaia mais uma vez. É mais seguro estar desmaiada, não há dor nesse estado. Ela não sente nada quando ele a mata. Apenas o corpo dela reage, em convulsões. Isso... isso representa um momento de excitação para ele. Os espasmos mortais dela o levam ao orgasmo.

'Estou enjoada.' Celina encostou as costas da mão na boca. "Desculpe, estou muito enjoada. Preciso .. ."

— Aqui, vamos lá — ofereceu Peabody, falando baixinho enquanto ajudava Celina a se levantar. — Venha comigo.

Enquanto Peabody a acompanhava para fora da sala, Eve se afastou da mesa. Caminhou até uma das janelas da sala e a escancarou para poder se encostar ao peitoril. Ficou ali, respirando um pouco.

Ela compreendia aquele tipo de náusea bem demais. Sabia como era doloroso ver e rever, o tempo todo. Sentir várias vezes, o tempo todo. E conhecia o enjoo que surgia nessas horas.

Deixou que o ar, o barulho e a *vida* da cidade tirasse tudo aquilo de dentro dela, mais uma vez. Viu um bonde aéreo passar,

cheio de passageiros, seguido por um dirigível publicitário que despejava no ar anúncios de liquidações, eventos e pacotes turísticos.

Suas pernas continuavam bambas, e Eve ficou onde estava, ouvindo o clac-clac das hélices de helicópteros, o troar das buzinas na rua lá embaixo e o chocalhar dos ônibus aéreos.

Tudo se misturou em seu cérebro em uma cacofonia que parecia música para seus ouvidos. Uma canção que ela entendia bem, pois lhe dava uma sensação de pertencer àquele lugar.

Eve nunca se sentia sozinha na cidade. E nunca se sentia desamparada com o distintivo no bolso.

Recordar a dor, conhecer a fonte dela a fazia se sentir mais forte. Era bom saber disso.

Sentindo-se um pouco mais firme, fechou a janela, voltou à mesa e se serviu de mais café.

Um pouco de cor havia voltado às bochechas de Celina quando Peabody chegou, amparando-a pelo braço. Ela havia retocado a maquiagem. Passara um pouco de batom e aplicara uma camada de base ou algo gosmento no rosto, para disfarçar o abatimento. As mulheres, na opinião de Eve, costumavam se preocupar com as coisas mais esquisitas nos momentos mais estranhos.

Depois que Celina tornou a se sentar, Peabody foi pegar um pouco d'água para ela.

— É melhor tomar um pouco disso, em vez de se encher demais café — sugeriu ela, colocando o copo na mesa.

— Sim, tem razão. Obrigada — Ela estendeu a mão e deu um aperto carinhoso no braço de Peabody. — Obrigada por me acompanhar e ficar comigo enquanto eu me recompunha.

— Não precisa agradecer.

— Você deve me achar muito fraca — disse, olhando para Eve.

— Pois está enganada, não acho nada disso. Eu ... nós — corrigiu ela — chegamos aos mortos depois que o mal está feito e vemos, dia após dia, o que as pessoas podem fazer umas com a

outras. Os ferimentos, o sangue coagulado, o desperdício. Não é fácil. Nunca deve ser fácil. Mas nós não vemos o crime acontecendo, nem como acontece. Não sentimos o que a vítima sente nem interiorizamos a dor.

— Você interioriza, sim. — Celina enxugou os olhos com as pontas dos dedos. — Simplesmente achou um modo de lidar com essa dor. Agora eu preciso achar também.

Ela se acalmou bebendo mais água.

— Ele a despiu depois. Eu acho. A essa altura, uma parte dentro mim tentava resistir à visão. Lutar contra ela. Mas eu creio que tirou as roupas dela; as peças estavam rasgadas, por causa do estupro. Então ele a carregou ... Mas não era ela ... Droga!

Ela tomou mais alguns goles de água e respirou fundo três vezes.

— O que eu quero dizer é que a moça atacada e morta significava outra pessoa para ele. Ele enxerga outra mulher, e é essa mulher que ele está punindo. Alguém que o puniu no passado. Que deixava no escuro. Ele tem medo do escuro.

— Mas mata à noite — argumentou Eve.

— Precisa fazer isso. Talvez para superar o trauma?

— Possivelmente. O que mais?

— Eu interrompi a visão. Interrompi porque não aguentava mais tanto sofrimento. Foi nesse momento que liguei para você. Sei que deveria ter deixado a visão seguir seu curso. Talvez visse mais algum detalhe que poderia ajudar. Mas entrei em pânico e lutei contra o que via até que a visão foi interrompida.

— Chegamos à vítima e ao local mais depressa porque você entrou em contato comigo. Conseguimos preservar a cena do crime por termos conseguido chegar lá tão rápido. Isso é importante.

— Espero em Deus que sim. Vocês estão mais perto de agarrá-lo?

— Acho que sim.

Celina fechou os olhos e exclamou:

— Graças a Deus. Se você tiver algum objeto que pertença a ele, posso tentar vê-lo com mais detalhes.

— Temos só a arma do crime. Celina balançou a cabeça.

— Posso tentar, mas provavelmente vamos ter o mesmo de antes. O que eu vou ver e sentir é o ato propriamente dito emoções que o acompanharam. Preciso de algo que ele tenha tocado com as mãos nuas. Algo que tenha usado ou segurado, para que eu possa vê-lo de verdade, e somar às coisas que já sei.

— Tente, mesmo assim. — Eve colocou a fita de gorgorão em cima da mesa. Celina umedeceu os lábios, esticou a mão e tocou a fita.

Sua cabeça foi lançada para trás e seus olhos giraram para o alto de forma tão violenta que só uma parte do verde apareceu no branco. Ela começou a escorregar da cadeira, seus dedos ficando sem força e se afastaram da fita.

Eve pulou e a segurou, antes que ela caísse no chão.

— Só sinto a energia dele. Não há nada dela, aqui. Ela já tinha apagado. Estava morta desde quando ele apertou a fita em torno do seu pescoço. Aqui sobrou apenas a raiva dele e sua excitação. Está tudo à minha volta agora, como insetos picando minha pele. É horrível.

— O que ele fez depois de acabar com ela?

— Voltou para a claridade. Agora ele pode voltar para a luz. Não sei o que isso significa. Minha cabeça. Minha cabeça está se partindo ao meio.

— Vamos lhe dar alguma coisa para isso e pedir para alguém levá-la para casa.

Peabody?

— Sim, vou pegar um analgésico forte. Quer descansar um pouco antes de voltar para casa?

— Não. — Celina se apoiou em Peabody. — Quero apenas ir embora.

— Celina. — Eve cobriu a fita com a mão para que quando Celina se virasse em sua direção não visse o objeto mais uma vez. — Talvez seja melhor você conversar com a Dra. Mira, quem sabe, fazer um pouco de terapia.

— Obrigada pela preocupação, agradeço muito, mas terapia não é exatamente...

— A filha dela segue a religião wicca e é clarividente.

— Ah.

— Charlotte Mira. Ela é a melhor, e talvez conversar com alguém que compreende sua... situação ajude você.

— Sim, pode ser. Obrigada.

Quando ficou sozinha, Eve ergueu a fita vermelha e a analisou. Celina não precisou pegá-la na mão, bastou tocá-la para ver e sentir tudo. Um dom, perguntou a si mesma. Ou uma maldição?

Nenhum dos dois, decidiu, lacrando a fita no saquinho de provas novamente.

Aquilo era uma ferramenta, nem mais nem nos.

Eve tentava reunir energias para se colocar em pé quando a porta se abriu e o comandante Whitney entrou.

Ela se levantou imediatamente.

— Senhor. Acabei de entrevistar Celina Sanchez e estava a caminho do seu gabinete.

— Sente-se. Qual a procedência desse café?

— Eu o trouxe da minha sala, senhor.

— Então ele merece ser bebido. — Ele pegou uma caneca e serviu um pouco do líquido forte e se sentou diante de Eve. Sem dizer nada, analisou o rosto dela enquanto bebia.

— Quantas horas você dormiu a noite passada? — quis saber.

— Umas duas horas. Talvez menos, mas quem está contando.

— Dá para notar. Isso me ocorreu quando eu cheguei aqui e li seu relatório.

Você está há onze anos, mais ou menos, sob meu comando. Confere, tenente?

— Sim, senhor.

— Considerando todo esse tempo e o posto que conquistou, você não acha que seria justificável, e até mesmo razoável, me informar que você estava com o tanque baixo, sem dormir, sem energia, e tinha marcado uma entrevista importante para as oito da manhã? Não acha que deveria ter me avisado de tudo isso quando eu lhe ordenei que se apresentasse às nove no meu gabinete?

Como ele queria uma resposta honesta, Eve levou alguns instantes analisando a pergunta.

— Não, senhor — respondeu, por fim.

Ele esfregou a parte alta do nariz com o polegar e o indicador. — Foi o que pensei. Você já comeu alguma dessas porcarias — Ele esticou o queixo na direção das rosquinhas.

— Não, senhor, mas estão frescas, acabam de chegar da máquina do corredor.

Quer dizer ... tão frescas quanto é possível conseguir nessas máquinas.

— Experimente uma.

— Como disse, senhor?

— Coma, Dallas. Faça-me esse favor. Você parece que acabou de voltar do inferno.

— Combina com o jeito como eu me sinto. — Ela pegou uma rosquinha.

— Conversei com o prefeito e marquei uma reunião com ele e com o secretário de Segurança, o chefe Tabele, para daqui a trinta minutos. Eles exigem sua presença.

— No gabinete do prefeito ou na torre da Secretaria de Segurança, senhor?

— No gabinete do prefeito. Mas vou informar à Sua Excelência e ao chefe de polícia que você não poderá comparecer porque está fazendo um importante trabalho de campo.

Eve não disse nada, mas seu rosto deve ter entregado alguma coisa. Algo que fez o comandante sorrir.

— Diga-me exatamente o que se passa em sua cabeça neste momento, tenente, e não tente me enrolar. É uma ordem.

— Não estava pensando em nada específico, senhor. Mas estava, mentalmente, beijando seus pés.

Ele riu, pegou meia rosquinha, partiu o pedaço em dois e comeu.

— Você vai sentir falta da agitação e do calor dos fogos. Imagine fechar um parque público.

— Preciso da cena do crime preservada, enquanto os peritos passam um pente fino por todo o lugar.

— E o prefeito certamente vai argumentar, depois de despejar um monte de baboseiras políticas, que, de acordo com os relatórios recebidos, o criminoso trabalhou protegido por um selante. Portanto, você está desperdiçando dinheiro público, tempo valioso dos policiais e negando aos cidadãos de Nova York o acesso a um espaço que é do povo, enquanto perde tempo em uma busca infrutífera.

Política não era o ponto forte de Eve, mas ela já passara por situações parecidas.

— A questão é o espaço de tempo, senhor. Há grandes probabilidades de que o assassino ainda estivesse no parque, perto da vítima no lugar da desova quando os primeiros policiais chegaram ao local. Ele certamente ainda estava manchado com o sangue dela. Com um intervalo de tempo curto assim, pode ser que ele não tenha tido chance ou vontade de se limpar. Se eu puder rastrear sua trilha e seus movimentos...

— Você acha que pelo fato de eu me sentar atrás de uma mesa eu não me lembro de como é colocar a mão na massa? Qualquer peça

que você encontre é mais uma para fechar o quebra-cabeça. A coisa é simples assim. Embora o prefeito não entenda isso, Tibble entenderá, e conseguiremos lidar com o problema.

— Obrigada, senhor.

— Qual é o próximo passo?

— Quero convocar uma equipe da Divisão de Detecção Eletrônica. Já fiz uma lista dos moradores em uma área que abrange as lojas de artesanato que cada vítima frequentava, incluindo algumas academias de musculação que eu ainda preciso pesquisar, mas que podem ter relação com o caso. Preciso fazer um malabarismo com todos esses dados e cruzar as informações. Vamos procurar pessoas. Vamos comparar os nomes dos residentes com os dos membros das academias e os clientes das lojas. Combinando tudo, eliminamos o que não se encaixa e o encontramos. Fenney poderá fazer tudo isso com mais rapidez, certamente bem mais depressa do que eu, e assim ficarei livre para trabalhar na rua, em vez de ficar sentada diante de um computador.

— Pois pode dar a largada.

Eve saiu da sala de reuniões com o comandante, mas logo eles se separaram e ela seguiu para a sua sala.

Foi fácil conversar com Feeney. Ele entendeu os planos e a direção que ela queria tomar.

— Não vai ser rápido- avisou ele. — Mas podemos cair dentro assim que você levantar todos os dados.

— Vou pressionar os gerentes para montar uma lista de clientes da loja de artesanato. Na verdade são duas lojas. Uma delas fica do perímetro que determinamos, mas não muito. Vou fazer a mesma coisa nas academias de musculação, para saber os nomes dos frequentadores. Pode deixar que eu repasso tudo o que conseguirmos para o computador da sua sala e acrescento os dados que reunimos ontem à noite.

— Por mim, está ótimo.

— Andei pesquisando bancos de olhos. Doadores e receptores. Acho que é uma perda de tempo, mas preciso tirar essa possibilidade do caminho. Vou lhe repassar o material que reuni até agora você acrescentar à mistura, Feeney.

— Passe tudo o que conseguir. Você está meio lívida, Dallas.

— Lívida? Puxa ...

Ela desligou. Enviou arquivos, listas e até suas anotações de campo para Feeney. Apesar de ele a ter chamado de “lívida”, ela ainda tinha um cérebro de tira. Talvez se livrando das tarefas eletrônicas ela conseguiria ver algo que tinha deixado passar.

Agarrou o casaco que se esquecera de vestir depois do banho. Seguindo direto até a sala de ocorrências, chamou Peabody com aceno de cabeça.

— Vamos cair fora, parceira.

Capítulo Doze

— O que significa *lívida*, Peabody? Peabody franziu o cenho.

— Sei lá. Ahn ... Cheia de vida, talvez. Tipo assim... uma pessoa vivaz e energética?

— Não. — Eve parou em um sinal vermelho. — Isso tem a ver com a aparência de alguém. "Ela está lívida", é a frase completa.

— Não faço a menor ideia, mas não me parece coisa boa. Quer que eu procure o significado?

— Não. Pedi a Feeney para cruzar alguns nomes, procurar pessoas que estejam na lista dos residentes e também na lista do consumidores e/ou empregados na área marcada, lojas e academias que ficam dentro do nosso raio de ação. Mas precisamos conseguir essas listas, antes.

— Feeney vai achar as pessoas que estão nas duas listas mais depressa do que nós. Mesmo assim vai levar algum tempo, considerando a área e o número de pessoas que serão pesquisadas. Depois vem a parte de separar os clientes que têm pontos em comum. Muita gente costuma fazer pelo menos parte das compras e usar parte dos serviços perto do lugar onde mora.

— A fase seguinte é montar os perfis deles. Começando pelos solteiros.

— Já sei quais são os parâmetros. Ele provavelmente mora sozinho e tem entre trinta e cinquenta anos.

— Está mais perto de trinta — interrompeu Eve. — Acho que tem mais ou menos a idade das vítimas.

— Por que diz isso?

— Não sei, acho que encaixa melhor. Talvez essa idade seja uma espécie de gatilho. A idade que ele tem, a idade em que a vê... isto é, a mulher que está realmente matando. Ele está adulto, no mesmo nível que ela. Pode puni-la pelo passado. — Eve encolheu os ombros. — Nossa, estou parecendo Mira.

— Um pouco, sim. E o que você diz soa tão plausível quanto as teorias de Mira. Então, vamos assumir que ele tem em torno de trinta anos. Sabemos que é forte e tem pés grandes. Segundo nossa consultora civil, também tem mãos grandes e quase dois metros de altura. Podemos confirmar tudo isso pelas evidências, a força que usou e o tamanho das pegadas.

Enquanto seguia pelo tráfego, Eve deu uma olhada de lado na parceira disse:

— Parece que você ainda não está completamente convencida pela nossa consultora civil.

— Ora, mas eu acredito nela, sim. Só que as visões não são um fato físico.

Devemos trabalhar com fatos enquanto consideramos as outras possibilidades.

— Muito bem. Esse é o tipo de ceticismo que eu gosto de ouvir, Peabody.

— Celina não está inventando tudo isso e certamente não fingiu a reação ao tocar na arma do crime. Foi para o banheiro e vomitou como um cachorro enjoado. Mais alguns minutos e eu teria chamado os paramédicos. Só que visões podem ser enganosas.

— Ah, podem?

— Sabe de uma coisa? Quando o assunto é sarcasmo, você consegue o tom perfeito, Dallas. O que estou dizendo é que as visões muitas vezes distorcem a realidade.

— Como assim? — Interessada, Eve mostrou mais atenção.

— Por exemplo: pode ser que Celina enxergue o assassino como um sujeito absurdamente grande, alto, com mãos grandes e

assim por diante pelo fato de considerá-lo um sujeito poderoso. Não apenas fisicamente, o que podemos demonstrar pelo *modo operando*, mas de várias outras formas. Ele pode ser poderoso termos profissionais ou financeiros, por exemplo. Ou ela o vê imenso porque ele mata, e isso lhe parece assustador. O bicho papão é sempre um cara grande.

— Certo. — Eve assentiu com a cabeça enquanto procurava um lugar para estacionar. — Vá em frente.

— Sabemos o tamanho do sapato que ele calça, um número muito maior do que a média. A partir daí, podemos imaginar que ele também é mais alto do que a média dos homens. Sabemos que é realmente forte, poderoso, digamos assim, para carregar o peso de uma mulher morta por mais de cinquenta metros e descer uma rocha íngreme com ela no ombro. O que nos dá uma visão mais próxima do seu tamanho e do seu tipo físico verdadeiro é nossa investigação de tiras, e não uma visão.

— Então o trabalho de tiras confirma as visões de Celina ou as visões dela confirmam o nosso trabalho?

— As duas coisas, não é? — Peabody prendeu a respira quando Eve utilizou a alavanca de movimento vertical e lateral da viatura para se espremer em uma vaga apertada, perto do meio-fio. Depois soltou o ar com um sopro forte ao ver que a manobra foi bem sucedida. — Consultores civis são boas ferramentas, mas precisamos saber como usá-las.

Eve olhou o movimento pelo espelho retrovisor, esperando uma chance para sair do carro sem ser esmagada no asfalto e lembrou:

— Ela não vê o rosto dele.

— Pode ser que ele use uma máscara. Ou talvez ela tenha tanto medo que não consiga olhar para ele e isso bloqueia a visão.

— Ela pode fazer isso? — perguntou Eve, ao chegar à calçada.

— Pode, se for forte o bastante ou tiver muito medo. E olha que ela está apavorada. Celina não é uma tira, Dallas — continuou Peabody, enquanto andavam. — Está vendo assassinatos e não escolheu isso, como foi o nosso caso. Também não queremos ver mortes, é claro, e não escolhemos usar um distintivo. Certamente não planejamos trabalhar na Divisão de Homicídios. Eu, por exemplo, escolhi meu trabalho porque queria morar e trabalhar em Nova York, sempre quis. E já queria ser tira, o tipo de tira que encontra grandes respostas para grandes perguntas. Depois quis saber quem ajudava as pessoas vitimadas e lutava contra aquelas que as tinham vitimado. Como foi no seu caso?

— Mais ou menos igual.

— Pois é, mas Celina não escolheu. Não decidiu em um belo dia, dizendo: “Ei, acho que vou ser vidente, isso é irado” Ela simplesmente aceitou o dom que tinha e fez sua vida funcionar através dele.

— Temos de respeitar essa decisão. — Eve deu uma olhada rápida para um sem-teto que exibia sua ensebada licença de mendigo pendurada no pescoço e posava para turistas.

— De repente acontece isso na vida dela — acrescentou Peabody. — Acho que um dos maiores medos de Celina é que essa nova capacidade não seja uma exceção. Deve recear que ver assassinatos passe a fazer parte do seu dom, mesmo depois que caso for encerrado. Isso é barra-pesada para encarar.

— Puxa, a sessão de vômito no banheiro deve ter sido braba.

— Medalha de ouro na modalidade vômito a distância. — Peabody prendeu uma gargalhada. — O que estou tentando dizer é que ela tenta, e isso lhe é custoso. Ela pode nos ajudar, mas no fim das contas esse trabalho é nosso, e não dela.

— Concordo. — Eve parou na porta da loja de artesanato — Usar videntes já é complicado sob as circunstâncias mais favoráveis, mesmo quando eles são treinados e se oferecem para fazer parte da

equipe de investigação. Não temos nada disso, aqui. O fato, porém, é que Celina tem essa ligação e está presa ao problema. Portanto, ninguém tem escolha, agora. Nós usamos o que ela nos oferece, fazemos perguntas, seguimos suas visões. E você segura a cabeça da vidente na privada, quando ela colocar tudo para fora.

Eve esticou a mão para abrir a porta, mas parou e perguntou:

— Por que você escolheu Nova York, Peabody?

— Cidade grande e cruel. Sabe como é... se você quer combater o crime deve encarar os crimes grandes e cruéis.

— Sim, mas há muitas cidades grandes e cruéis por aí.

— Nenhuma delas é Nova York.

Refletindo sobre isso, Eve olhou para o tráfego engarrafado nas ruas. Buzinas ensurdecadoras desafiavam as leis públicas. Na esquina, o vendedor de uma carrocinha de lanches despejava insultos criativos para um cliente que ia embora e certamente o irritara.

— Nisso você tem razão, Peabody.

— Ora, ora, mas esse é um pedido inusitado, tenente.

A gerente da loja mostrou-se hesitante e olhou em torno do escritório apertado, onde uma cadeira solitária estava coberta pelo que pareceu a Eve um monte de retalhos amarrados em um padrão que parecia louvar um exigente e possivelmente psicótico deus das cores.

A gerente tinha quarenta e poucos anos, maçãs do rosto salientes e um sorriso perene nos lábios. Continuou a exibi-lo, apesar torcer e retorcer as mãos com ar confuso.

— A senhora mantém uma lista atualizada de clientes, Sra. Chancy?

— Ora, mas claro. É claro que mantemos. A maioria dos nossos clientes compra conosco regularmente. Eles gostam de ser informados sobre promoções especiais, liquidações e outros eventos. Para a senhora ver, na semana passada mesmo nós promovemos ...

— Sra. Chancy? Queremos apenas a lista.

— Sim, claro. Bem ... tenente, não é?

— Sou, sim.

— Sabe o que acontece? Nunca tivemos uma solicitação policial dessa natureza, e não sei ao certo como proceder.

— Ah, então deixe-me ajudá-la com isso. A senhora nos entrega a lista e nós agradecemos pela sua cooperação.

— Mas e os nossos clientes? Eles podem ter objeções. Se sentirem que eu, de algum modo, infringi sua privacidade, eles podem se ofender, entende? E talvez resolvam fazer suas compras em outro lugar.

Não foi difícil, naquele espaço apertado, Peabody dar uma cotovelada em Eve.

— Nós lhe asseguramos discrição total de nossa parte, Sra. Chancy — disse Peabody. — Estamos investigando um caso muito importante e precisamos da sua ajuda. E não há motivo revelarmos a algum dos seus clientes como foi que obtivemos o seu nome.

— Ah, sim. Estou ... *entendendo*.

Mesmo assim continuou em pé, mordendo o lábio inferior que continuava sorrindo.

— Que colcha de retalhos maravilhosa a senhora tem sobre aquela poltrona! — elogiou Peabody, passando a mão sobre ela, com ar reverente. — Foi trabalho seu?

— Sim, foi sim. Tenho um orgulho especial por essa peça.

— Dá para entender o motivo. O trabalho é excepcional.

— Obrigada. Você faz trabalhos com retalhos?

— Um pouco. Faço um pouco disso, um pouco daquilo. Um dos meus planos é me dedicar mais aos trabalhos manuais a partir de agora, já que vou me mudar em breve para um novo apartamento. Gostaria que ele tivesse a minha cara.

— Ora, mas é *assim* que deve ser — disse a Sra. Chancy, com entusiasmo.

— Reparei o quanto a sua loja é bem sortida e organiza. Certamente voltarei como cliente, assim que me mudar para o novo apartamento.

— Maravilha! Permita que eu lhe dê um disco informativo com todas as atividades da loja. Oferecemos aulas e mantemos grupos com interesses comuns que se reúnem todos os meses. — Ela pegou um disco dentro de uma caixa revestida com margaridas de pano.

— Que máximo!

— Sabe, tenente, trabalhar com as mãos dá às pessoas apenas a oportunidade de criar coisas belas que refletem seu estilo e personalidade pessoais, mas também honra muitos séculos de tradição. Além disso, é uma atividade terapêutica. Imagino que uma mulher com uma profissão como a sua precisa ter chances para relaxar um pouco e limpar a alma, de vez em quando.

— Isso é verdade. — Peabody reprimiu uma vontade forte de dar uma risada diante da tática, de venda da gerente, que tinha acabado de promovê-la a tenente. — Concordo plenamente. Tenho um monte de colegas e amigas que poderiam passar a fazer isso, para relaxar.

— Sério?

— Se conseguirmos sua lista de clientes, Sra. Chancy. — Peabody xibiu um sorriso muito branco e cheio de dentes. — Agradecemos muito a sua cooperação e apoio ao trabalho da Polícia de Nova York.

— Oh... Hummm... Quando analisamos dessa forma... — Ela pigarreou. — Mas vocês serão discretas?

— Absolutamente discretas — garantiu Peabody, com o sorriso ainda colado na cara.

— Vou buscar a lista.

De volta às ruas, o sorriso de Peabody se tornou presunçoso e o ritmo do seu caminhar ficou mais animado.

— E então? — quis saber ela.

— Então o quê?

— Ah, qual é, Dallas? — Peabody deu uma cotovelada de camaradagem em Eve.

— Cubra-me de elogios.

Eve parou em uma carrocinha de lanches. Cafeína seria uma parte essencial do dia.

— Duas latas de Pepsi — pediu.

— Uma comum e outra Pepsi Fitness. Estou vigiando meu peso — explicou Peabody.

Eve encolheu os ombros e pegou as fichas de crédito no bolso. Tomou o primeiro gole da bebida e decidiu que ainda havia esperança no mundo.

— Você fez um bom trabalho — concedeu. — Talvez tenha mais tempo do que o meu método preferencial, que seria bater com a cara da gerente na mesa até ela pegar a lista; reconheço que do seu jeito foi menos traumático.

— Viu só? Agora que somos parceiras, eu posso ser a voz da razão na dupla.

— Hum... Sei... Qual foi o lance da poltrona?

— Estofamento feito com retalhos. Trabalhos desse tipo determinam a sua habilidade e podem transmitir aconchego, diversão ou impressionar quem admira. Além do mais, é um jeito inteligente de reciclar trapos e restos de outros projetos. Eu não gostei da escolha dos tecidos, mas a habilidade manual dela é inegável.

— Puxa, as coisas que a gente aprende... — disse Eve. — E que não servem para absolutamente nada. Aperte o passo, Peabody. É mais eficaz para queimar calorias do que beber Pepsi Fitness.

—Tudo bem, mas eu estou bebendo Pepsi Fitness e me exercitando. Estarei liberada para comer a sobremesa no jantar de hoje à noite. Então, o que você vai usar.

— O que eu vou ... merda!

— Acho que “merda” não é uma roupa apropriada para um jantar informal. E teremos que comparecer — continuou, antes de Eve ter chance de falar. — A não ser que a coisa es quente, nós não temos como escapar do convite. Além do mais, duas ou três horas depois do expediente para conversarmos e nos divertirmos em companhia de bons amigos não vai atrapalhar a investigação, Dallas.

— Puxa vida! — Ela entornou o resto da Pepsi enquanto caminhava apressada na direção norte, rumo à primeira academia de musculação. — Esse jantar aconchegante já é superesquisito, mas o pior será enfrentá-lo quase sem dormir e com cadáveres se empilhando em um caso aberto. Minha vida costumava ser mais simples.

— Humm ...

— Era mais simples mesmo, porque não havia tanta gente nela — explicou Eve.

— Se você resolver expulsar alguém da sua vida para simplificar as coisas, sugiro começar dando um chute na bunda de Roarke. Sabe o que é?... McNab e eu fizemos um trato. Se Roarke estiver desimpedido, eu estou livre para dar em cima dele e MacNab pode dar em cima de você.

Quando Eve engasgou feio com o último gole da Pepsi, Peabody deu um forte tapa nas costas.

— Estou brincando, Dallas. Mais ou menos.

— Peabody, você e McNab têm um relacionamento doentio, muito doentio.

— Temos mesmo. — Peabody sorriu. — É isso que nos torna felizes.

A academia de musculação Jim's era um buraco localizado no fundo de um lance de escadas caindo aos pedaços, atrás de uma pesadíssima porta de ferro. Eve supôs que se um membro em potencial do clube não conseguisse empurrar a porta para entrar seria zoadado de tal forma que só lhe restaria voltar para a calçada e se retirar humilhado, massageando seus bíceps insignificantes.

O local cheirava a virilidade, mas não de um jeito elogioso. Era tipo de odor que parecia um soco na cara de quem entrava no ar. Um soco bem-dado.

A tinta descascava das paredes, que exibiam um tom cinza industrial desmaiado e pareciam ter sido pintadas pela última vez no ano em que Eve nasceu. Havia manchas de ferrugem no teto, provocadas por goteiras, e o chão bege estava tão molhado de suor e sangue que o fedor dessa mistura subia como uma névoa fétida.

Eve imaginou que os homens que frequentavam aquele lugar respiravam aquilo como quem cheira perfume.

O equipamento era o mais básico possível, sem frescuras. Pesos e barras, alguns sacos de pancadas, dois *speed bags* para treinar socos curtos e rápidos. Alguns dos equipamentos barulhentos pareciam ter sido fabricados no século XX. Um espelho cheio de manchas, que ia do chão ao teto, tinha diante dele um sujeito ou compleição de ônibus espacial flexionando os bíceps.

Outro frequentador erguia pesos deitado em um banco e parecia uma sequoia de galhos largos. Até uma árvore de galhos fio receberia risos de desprezo em um lugar como aquele.

Um terceiro frequentador socava um imenso saco de pancadas como se o objeto fosse sua ex-mulher adúltera.

Todos vestiam apenas calças de moletom e camisetas com mangas arrancadas. Uma espécie de uniforme, refletiu Eve. Só faltavam as palavras *Sou fodão* escritas no peito em letras grandes.

No instante em que Eve e Peabody entraram no salão, toda a movimentação parou. Bíceps Flexionados manteve o peso de trinta quilos no ar; Sequoia Deitada no Banco colocou o tronco que erguia na base; e Saco Pesado parou de socar e ficou parado segurando o saco de pancadas com o braço e suando com abundância.

No silêncio que caiu, Eve ouviu os ecos surdos do salão ao lado, acompanhados de palavras de incentivo do tipo: "Apoie o corpo no pé esquerdo, seu imbecil!"

Olhando para os rostos sem expressão, Eve se dirigiu a Saco Pesado, porque ele estava mais perto.

— Este lugar tem um gerente?

Para sua surpresa, ele ficou vermelho como uma beterraba de vergonha. Aliás, seu corpo inteiro, com mais de cem quilos, pareceu enrubescer.

— Ahn ... o gerente é Jim — informou. — Ele é o dono da academia. Jim está, ahn... está treinando Beaner lá no ringue, na sala ao lado... senhora.

Eve atravessou o salão. Sequoia se sentou no banco, olhou para Eve com indisfarçada desconfiança acompanhada de flagrante desagrado e informou:

— Vou logo avisando que Jim não gosta de mulheres circulando por aqui.

— Então ele não deve estar informado que é ilegal discriminar pessoas por causa do sexo delas.

— Discriminar? — Ele soltou uma gargalhada trovejante e olhou com ar de deboche. Ele não discrimina ninguém, só que não aceita mulheres para treinar.

— Quanta diferença! Quanto pesa isso aí que você estava levantando? Cento e trinta quilos? Deve ser mais ou menos o seu ele peso.

Ele enxugou o suor que lhe escorria do rosto cor de chocolate informou:

— Se um cara não consegue levantar algo que tenha o seu peso é porque é uma mocinha.

Concordando com a cabeça, Eve soltou algumas argolas da barra de peso e as ajustou.

— Este aqui é o meu peso — apontou ela, convidando-o a levantar a barra enquanto ela se deitava no banco.

Saco Pesado chegou mais perto com ar preocupado, ao ver que Eve ajeitava para erguer os pesos.

— Senhora ... cuidado para não se ferir.

— Pode deixar. Olhe com atenção, Peabody.

— Estou olhando.

Eve fechou os dedos em torno da barra e se preparou. Respirou fundo, ergueu a barra com os pesos e fez dez repetições de forma lenta e muita firmeza. Em seguida, recolocou a barra no apoio, saiu do banco e afirmou:

— Não sou uma mocinha.

Acenou com a cabeça para Saco Pesado, que tornou a enrubescer, e seguiu caminhando lentamente na direção do salão a lado.

— Eu ainda não consigo levantar o meu peso — disse Peabody, em tom de desculpas. -Acho que sou uma mocinha.

— Então pratique mais.

Eve parou na porta para assistir ao treino da luta.

Havia um brutamontes no ringue com uma pele negra e tão brilhante que parecia estar coberta de óleo. Suas pernas fizeram Eve pensar em troncos de árvores. Sua musculatura abdominal parecia aço ondulado. O lutador tinha uma direita poderosa, reparou Eve, mas ele avisava, inconscientemente, qual seria o próximo golpe, pois abaixava demais o ombro esquerdo.

Seu oponente tinha um estilo "deus nórdico"; movimentava-se com rapidez e tinha pés leves. Quando Eve se aproximou mais, viu que era um androide. '

O treinador vestia um agasalho cinza e corria de um lado para outro, fora do ringue, berrando instruções e insultos com igual fervor.

Tinha um metro e oitenta, cinquenta e tantos anos, avaliou Eve. Seu nariz parecia ter encontrado punhos alheios em diversas ocasiões. Quando ele arreganhou os lábios para xingar o lutador mais uma vez, Eve notou o brilho de um dente de prata.

Esperou até o fim do round e viu o gigante negro, certamente da divisão dos pesos-pesados, baixar a cabeça enquanto o peso-mosca o repreendia severamente do lado de fora das cordas.

— Desculpem interromper! — gritou Eve. A cabeça de Jim girou com força.

— Não gosto de mulheres xeretando na minha área. — Ele jogou uma toalha para o lutador e foi na direção de Eve como um pequeno tanque de guerra. — Fora daqui!

— Por que não começamos do zero? — sugeriu Eve, exibindo o distintivo.

— As mulheres tiras conseguem ser piores do que as mulheres comuns. Aqui é o meu ginásio e quem manda sou eu! Um homem tem o direito de fazer o que quer em seu espaço, e não tem obrigação de receber tiras feministas que aparecem para lhe dizer que ele deve aceitar mulheres entre os frequentadores da academia.

Ele parecia soltar fumaça pela cabeça. Com os olhos saltados e a cabeça lançada para frente, como um pombo, seus pés dançavam sem sair do lugar, preparando-se para uma luta.

— Eu prefiro fechar as portas se tiver de aturar mulheres borboleteando por aqui e me perguntando onde é que fica a porra da limonada gelada.

— Nós dois temos muita sorte por eu não ter vindo até aqui para pressionar você a respeito de sua assumida violação às leis de discriminação.

— Discriminação o cacete, ouviu? Isso aqui é uma academia séria, não é um salão de fru-frus.

— Já percebi. Sou a tenente Dallas, esta é a detetive Peabody. Somos da Divisão de Homicídios.

— Bem, pois pode ter certeza de que eu não matei ninguém. Ultimamente.

— Puxa, agora eu fiquei aliviada, Jim. Você tem um escritório?

— Para quê?

— Para irmos até lá bater um papo, em vez de eu algemar você arrastar seu traseiro desagradável até a Central de Polícia, a fim de conversarmos lá. Não estou interessada em fechar seu estabelecimento. Estou cagando e andando para o fato de você impedir mulheres de fazerem musculação aqui, e nem quero saber se você contrata vadias às dúzias para dançar peladas nos chuveiros. Isto é, supondo que você tenha chuveiros por aqui, o que, a julgar pelo fedor reinante, não é o caso.

— Pois eu tenho um escritório, sim. E tenho chuveiros também. Este lugar é meu e eu o administro do meu jeito.

— Está tudo muito bom muito bem, então. Vamos conversar na sua sala ou na minha, Jim?

— Malditas mulheres! Ei, você! — Ele apontou o dedo para o lutador, que continuava parado com as luvas caídas nas cordas e a cabeça baixa. — Vá pular corda durante uma hora até aprender o que fazer com seus pés desengonçados. Preciso discutir um, assunto.

Ele saiu do salão marchando.

— As coisas começaram a dar errado no dia em que o governo deu o direito de voto às mulheres — comentou Peabody, quando elas saíram atrás dele. — Aposto que ele tem esse dia triste marcado com uma rodela preta no calendário da sua sala.

Elas tiveram de subir um lance de degraus enferrujados até o segundo andar. O cheiro penetrante de suor, mofo e esgoto mostrou onde ficavam os chuveiros. E fez os olhos das duas lacrimejar. Até

mesmo Eve, que não se considerava uma mulher fresca, viu forçada a concordar com Peabody, que comentou:

— Quanta grossura!

Jim entrou em uma sala que dava para ver que pertencia a ele pela mesa quase submersa em luvas, protetores de boca, papéis e toalhas usadas. As paredes eram decoradas com fotos de um Jim bem mais jovem, vestindo calções de lutador. Em uma delas ele exibia um cinturão acima da cabeça. Como seu olho direito estava inchado e preto, seu nariz sangrava muito e seu peito estava cheio de marcas roxas, Eve assumiu que aquela não tinha sido uma vitória fácil.

— Em que ano você conquistou o título? — quis saber Eve.

— Quarenta e cinco. Doze rounds. Nocauteei Hardy e o coloquei em coma. Ele levou três dias para acordar.

— Puxa, você deve ter orgulho disso. Estamos conduzindo uma investigação sobre o estupro e o estrangulamento de duas mulheres.

— Não sei nada disso. — Ele tirou o que parecia ser uma pilha de roupas sujas de uma cadeira e se sentou — Tenho duas ex-mulheres. Desisti de esposas depois de me livrar da segunda.

— Sábia escolha. Acreditamos que o assassino mora, trabalha ou frequenta esta área.

— Dá para escolher o que ele faz, afinal? É bem típico das mulheres não conseguir decidir o que quer.

— Pois eu consigo entender por que você tem duas ex-esposas, Jim. É por ser tão charmoso. Duas mulheres foram mortas. Espancadas, estupradas, estranguladas e mutiladas sem nenhum motivo special, além do fato de serem mulheres.

O sorrisinho arrogante sumiu do rosto dele.

— É por isso que eu só assisto aos canais de esportes. E a senhora acha que eu ando por aí espancando, estuprando e matando

mulheres? Qual é o próximo passo? Vou ter de contratar a porra de um advogado agora?

— A escolha é sua, Jim. Você não é suspeito, mas acreditamos que o homem que matou essas mulheres, e que pode ter matado outras, leva a sério o trabalho de malhar o corpo à base de musculação. Ele é grande e muito forte. Você tem esse tipo de frequentadores aqui na academia.

— Ora, caceta, e o que a senhora quer que eu faça? Que pergunte a cada cara que vem à academia para preencher a ficha e puxar um ferro se ele vai estrangular alguma mulher depois que sair daqui?

— Você deve cooperar com as autoridades e me fornecer uma lista com os nomes de todos os frequentadores.

— Conheço as leis e essas merdas todas. Não sou obrigado a fornecer nada, a não ser que a senhora me esfregue um mandado judicial na cara.

— Tente isso, então. — Eve abriu a bolsa de Peabody e pegou uma foto de Elisa Maplewood. — Esse era o rosto de uma das vítimas. Antes de ela morrer. Não vou mostrar a foto tirada depois porque você não iria reconhecê-la mesmo, não depois que o assassino fez com ela. Essa moça tinha uma filhinha de quatro anos.

— Meu santo Cristo! — Ele afastou os olhos da foto e fitou a parede, com raiva.

— Eu conheço os rapazes que frequentam minha academias. A senhora acha que eu deixaria um maluco desse tipo, assassino de mulheres, frequentar este lugar? Até receber mulheres como membros seria mais aceitável.

— Cadê a lista de frequentadores? Ele soprou as bochechas com força.

— Não suporto estupros. Todo homem tem mão para resolver suas carências, não tem? Além disso existe um monte de acompanhantes licenciadas por aí, se ele estiver a fim de enfiar o pau

em algum buraco. Não suporto esse papo de estupro. É pior que matar, se a senhora que minha opinião.

Ele fofocou por entre os detroços da sua mesa até desencavar um computador portátil caindo aos pedaços.

Peabody expirou com força no instante em que elas colocaram os pés na calçada, do lado de fora.

— Puxa, isso foi uma tremenda experiência. Meu sistema olfativo ainda está em estado de cheque. Talvez leve uma semana para se recuperar. Alguns dos lugares que visitamos ontem estavam meio emolorados, mas pelo menos eram coloridos. Só que esse ganhou a taça de mais fedorento.

— Ainda temos mais um local para visitar. A segunda loja de artesanato fica a dois quarteirões daqui, na direção oeste. Vamos até lá, e depois voltamos para pegar a próxima academia de musculação.

Peabody calculou a distância que elas já haviam percorrido, a que ainda faltava e declarou:

— Vou poder comer duas sobremesas logo mais.

A missão levou mais de duas horas. Teria levado ainda mais tempo, mas elas deram a sorte de pegar uma de gerência na loja de artesanato que se mostrou tão empolgada diante da perspectiva de fazer parte, ainda que indiretamente, de uma investigação de homicídio que lhes entregou todos os dados disponíveis em dois tempos.

A segunda academia de musculação era mais limpa, mais cheia e muito menos fedorenta. Só que o gerente insistiu em falar com o proprietário, que se recusou a cooperar até ter chance de lidar pessoalmente com a situação.

O dono era um baixinho marrento de origem oriental, pele muito clara e cabelos grisalhos cortados quase rentes. Ofereceu a o

para cumprimentar Eve, mas a apertou com cuidado excessivo, como um homem com consciência da sua força muscular.

— Ouvi falar desses assassinatos. Coisa terrível!

— Sim, senhor, é terrível.

— Por que não nos sentamos?

Seu escritório não era muito maior do que o de Jim, mas parecia ter sido faxina do e mobiliado no último quarto de século, talvez menos de uma semana antes.

— Pelo que eu entendi, a senhora precisa de uma lista com os nomes dos frequentadores do meu clube.

— Exato. Nossa investigação indica que o assassino talvez use uma academia como a sua para cuidar do corpo.

— Não gosto de imaginar que eu conheça ou tenha como cliente alguém capaz de um ato desses. Não é que eu não queira cooperar, tenente, mas acho que devia consultar meu advogado antes. A lista de frequentadores é um assunto confidencial.

— Fique à vontade para agir como achar melhor, Sr. Ling. Vou solicitar um mandado. Perderemos algum tempo, mas certamente conseguirei o documento .

— E o tempo que isso vai levar dará ao assassino a oportunidade de matar outra mulher. Entendi as entrelinhas do que a senhora disse, tenente, em alto e bom som. Vou lhe dar a lista, mas peço que, caso precise de mais alguma coisa, venha diretamente a mim, em vez de procurar meu gerente. Vou lhe dar o número do meu *tele-link* pessoal. Os homens fofocam, tenente, tanto quanto todo mundo. Não quero que nossos membros sejam desestimulados a vir malhar por causa da possibilidade de estarem puxando ferro ou exibindo o corpo sarado para um maníaco homicida.

— Tudo bem, eu agradeço. — Ela esperou um instante; enquanto ele ordenava ao computador acesso à lista de membros copiava o arquivo em um disco. — O senhor não aceita mulheres em sua academia?

— Frequentadoras do sexo feminino são sempre bem-vindas — disse ele, com um sorriso leve. — Se eu não agisse assim, estaria violando leis estaduais e federais que regulam a discriminação sexual. Por estranho que pareça, porém, a senhora verá que não temos nenhuma frequentadora em nossa academia.

— Ora, mas que surpresa!

— Vamos deixar que Feeney pesquise tudo, porque precisamos tirar um cochilo de duas horas — disse Eve, quando ela e Peabody voltaram para a Divisão de Homicídios. — Depois, temos de falar com Morris e com Mira, e, se não tivermos recebido nenhum relatório do laboratório até as três da tarde, iremos cobrar isso do Dick Cabeção.

— Quer que eu marque os horário para tudo?

— Não, deixe que eu ... — Ela parou ao ver o homem imenso que se levantou de um banco do lado de fora de sua sala. — Sim, vá em frente e depois tire duas horas de folga.

Eve esperou alguns segundos até Peabody ir para a sala de ocorrência então, enterrando as mãos nos bolsos, foi até onde seu visitante a esperava.

— E aí, Crack, como vão as coisas?

— Olá, Dallas. Ainda bem que você chegou. Os tiras ficam muito nervosos quando um homem negro, imenso e lindo fica circulando por aqui.

Imenso ele era. Negro também. Quanto a lindo, não chegava nem perto. Tinha um rosto que até mesmo a mãe mais entorpecida de amor teria dificuldade em apreciar, e isso antes das tatuagens. Usava uma camiseta prateada agarrada no corpo, sob um casacão preto de couro. Calças pretas também colantes mostravam tamanho avantajado das suas pernas. Botas de solado grosso acrescentavam mais alguns centímetros à sua altura, que já era impressionante.

Ele era dono de um sex club chamado Boate Baixaria, onde os drinques eram quase letais, a música era agitada e alta, e muitos dos clientes passavam mais tempo na cadeia do que fora dela.

Todos os chamavam de Crack, pois ele garantia que este era o som que fazia ao bater as cabeças das pessoas uma contra a outra. Naquele mesmo verão, Eve o embalara enquanto ele chorava como um bebê ao lado do corpo da irmã assassinada.

— Você só veio aqui para assustar os policiais? — quis saber Eve.

— Nada assusta você, branquela. Tem um minutinho para mim? Talvez possamos ir a um lugar sem tanta gente olhando.

— Claro — Ela o levou para dentro de sua sala e fechou a porta.

— Estou na cidade dos policiais — comentou ele, com um sorriso maroto. — Acho que nunca na vida eu tinha entrado na cova dos tiras de forma voluntária.

— Quer café?

Ele balançou a cabeça para os lados e girou sua imensa massa corporal para poder ficar de frente para a janela.

— Sua sala não é grande coisa, garota quente.

— Não, mas é minha. Você quer sentar? Mais uma vez ele balançou a cabeça e disse:

— Não vejo você faz um tempo.

— Não. — O silêncio pesou por alguns instantes, pois os dois lembraram da última vez em que haviam estado juntos.

— A última vez que nos vimos foi quando você apareceu no meu apartamento para me contar cara a cara que tinha agarrado o canalha que matou minha irmã. Eu não tive muita coisa a dizer.

— Não havia muito a dizer.

— Havia sim. — Ele ergueu os ombros e deixou-os cair novamente. — Havia muito a dizer.

— Passei na boate faz umas duas semanas. O barman disse que você tinha viajado por algum tempo.

— Não consegui ficar aqui depois do que aconteceu com a minha bebê. Tinha que sair daqui para dar uma arejada na cabeça. Viajei um pouco. Existe um mundão de arrebentar lá fora. Fui visitar alguns lugares dele. Nunca lhe agradei pelo que você fez por mim e pela minha irmãzinha. Não conseguiria falar nada, mesmo.

— Não precisa falar nada agora.

— Ela era linda.

— Sim, era mesmo. Eu nunca perdi uma pessoa que fosse tão ligada a mim, mas ...

Ele virou as costas para ela e disse baixinho:

— Mas você perde pessoas todos os dias. Não sei como consegue encarar essa barra e passar para o morto seguinte. — Respirou fundo, antes de continuar. — Recebi uma carta do seu marido me contando que vocês dois tinham plantado uma árvore especial no parque, em homenagem à minha irmã. Foi uma coisa muito comovente isso que vocês fizeram. Passei lá para ver a homenagem e ficou muito bonito. Vim aqui para lhe dizer obrigado.

— De nada.

— Você fez o que pôde por ela, fez a coisa certa, queria lhe dizer isso. Queria lhe dizer que sei o quanto você cuidou dela, e nunca vou me esquecer disso. Os vivos precisam continuar em frente, não importa como. Então, é isso que estou fazendo, do melhor jeito que consigo. Se você aparecer na Boate Baixaria agora, estarei lá cuidando de tudo. Dando porradas e rachando crânios, como sempre.

— Fico feliz por você estar de volta.

— Se precisar de alguma coisa de mim, é só dizer. Agora, deixe eu te contar uma coisa, lábios quentes: você está com uma aparência péssima.

— Tive uns dias longos e pesados.

— Talvez fosse uma boa você sair da cidade por uns dias.

— Pode ser ... — Ela girou a cabeça, analisando-o. — Você é um cara imenso.

— Mas sou muito carinhoso — disse ele, apalpando o espaço entre as pernas. — Tenho várias testemunhas que garantem isso. —

— Aposto que sim, mas deixe essa fera bem presa na corrente, ouviu? — Eve se viu pensando mais uma vez nos dados geográficos que tinha na cabeça. — Um cara grande, negro e lindo como você, quando quer manter seu corpaço bem forte vai sempre à academia, certo?

— Bem, eu tenho uns equipamentos especiais em casa. — Ele piscou, com ar brincalhão. — Mesmo assim frequento um lugar duas vezes por semana, para manter a mente e o corpo disciplinados.

— Você conhece a academia Jim's?

— Uma merda.

— Foi o que ouvi. Que tal a Bodybuilders?

— Não tem mulheres por lá. Não me interessa exhibir um corpo fabuloso para um bando de barbados. Além do mais, caras com os meus atributos acabam recebendo cantadas de outros cara em lugares como esse. Eu prefiro frequentar a Zone to Zone. Lá, um homem consegue uma massagem completa, completa mesmo, depois de malhar, se estiver a fim.

— Mas você conhece vários outros lugares. Poderia dar uma olhada neles pelo lado de dentro, se estiver a fim?

— Estaria muito a fim se uma certa tira magrinha e branquelinha que eu conheço me pedisse isso. — O sorriso dele se ampliou.

— Estou à procura de um cara branco, entre um metro e noventa e cinco e dois metros e dez de altura, cerca de cento e trinta quilos. Ele odeia mulheres, é um lobo solitário e extremamente forte.

— Talvez eu possa dar um passeio por algumas dessas academias. Posso dizer que estou à procura de um novo local para

dedicar o culto ao corpo com mais firmeza e fidelidade. Se olhar com atenção, pode ser que encontre alguém com essa descrição.

- Pois é, pode ser. Nesse caso, você poderia vir me contar?
- Vou ver o que posso fazer.

Capítulo Treze

Eve conseguiu descolar um cochilo de uma hora deitada em cima da sua mesa. Ao acordar, ficou quase decepcionada ao ver o relatório do laboratório prontinho para ser lido. Não haveria motivos para ela dar uma esculhambação básica no chefe do laboratório.

Leu tudo com atenção, ouviu a gravação do memorando interno que Peabody lhe enviara para dar seguimento à investigação, por fim, deu uma olhada nas mensagens de voz e nos e-mails recebidos.

Um recado do gabinete do comandante lhe informava que sua presença era exigida em uma entrevista coletiva às dezesseis horas. Eve já previa isso. E certamente chegaria à entrevista atrasada e despreparada, caso não se colocasse em ação imediatamente.

Passou as mãos no rosto e ligou para Morris, no necrotério.

O chefe dos legistas estava à sua mesa e atendeu pessoalmente a ligação.

— O que você tem para me contar? — quis saber Eve.

— Estava para lhe enviar o relatório, mas posso lhe adiantar que Lily Napier teve uma vida curta, que ela lhe foi tirada pelo mesmo método usado em Elisa Maplewood e, em minha opinião, pelo mesmo indivíduo. Havia mais violência no rosto e no corpo, dessa vez, o que me leva a crer que a raiva dele está aumentando.

Ele se virou de lado e Eve o viu pegando um arquivo.

— Seu exame preliminar feito no local foi irrepreensível, como sempre. Ao que você já descobriu, posso acrescentar que ela consumiu costeletas de porco com arroz quatro horas antes da morte

e estava um pouco anêmica. Não havia sêmen, mas encontrei fibras dentro da vagina. Meu palpite é que elas podem ser da calcinha, e foram levadas para dentro dela durante o estupro. Há outras fibras que provavelmente serão identificadas como de origem têxtil, talvez da roupa que ela usava. Achei grama e terra sob as unhas da vítima, confirmando sua observação. Ela enterrou os dedos no chão. Não havia cabelos no local, além dos dela.

— Os pelos encontrados no exame de Elisa Maplewood eram do cão que ela carregava e de um esquilo — disse-lhe Eve. — O pelo do cão é óbvio, e provavelmente ela pegou o pelo do esquilo na grama do parque. O relatório do Cabeção afirma que as fibras sob as unhas de Elisa são comuns, arrancadas de um tecido preto que se encontra em qualquer lugar. Vamos compará-las quando o pegarmos. Por ora, porém, não temos nada dele.

Lunáticos raramente são burros, infelizmente.

— É. Obrigada, Morris.

Eve estava prestes a procurar Mira em seu consultório quando sentiu que o açúcar do seu sangue estava baixo demais. Como seu suprimento de chocolate estava zerado, a máquina de lanches era sua única opção. Foi até o corredor e olhou para a máquina com puro desagrado.

— Algum problema?

Eve olhou para trás e viu Mira.

— Não, eu estava pensando em pegar uma barra de chocolate antes de ir procurá-la, doutora.

— Tinha uma consulta marcada neste andar e pensei me ver você.

— Ótimo, então. — Depois de uma breve hesitação, Eve pegou algumas fichas de crédito no bolso e pediu: — Será que a senhora me faz um favor? Pegue uma Booster Bar para mim.

— Claro. — Ela dispensou as fichas de Eve. — Mas só se for por minha conta.

— Obrigada. — Eve recolocou as fichas no bolso e brincou um pouco com elas. — Estou evitando contatos com máquinas, a não ser que seja estritamente necessário. É uma experiência pessoal.

— Humm. Você quer com aroma de frutas ou aroma de caramelo?

— Aroma de caramelo. A senhora teve tempo de ler o relatório sobre Lily Napier?

Só dei uma olhada por alto, sinto muito.

— Mira selecionou uma das teclas e uma voz eletrônica explicou, no que pareceu a Eve um tom muito simpático, que a Booster Bar tinha um sabor delicioso, promovia energia instantânea e dava para levar no bolso; em seguida, a máquina recitou alegremente os ingredientes e os dados nutricionais do produto.

— Devia haver um botão de "mudo" nessas máquinas. Devia mesmo. — Eve rasgou o invólucro e deu uma mordida na barra. A senhora vai precisar de mais tempo para estudar o relatório, doutora?

— Vou analisar com mais calma, mas já posso lhe dar minhas conclusões preliminares. A violência está aumentando dentro dele. Como ele tornou a matar tão depressa, é lógico assumir que escolheu e já deve estar vigiando o próximo alvo. O exame que você fez no local mostra que não houve ferimentos defensivos e ressalta o espancamento mais forte antes da morte.

— Ela era menor que Elisa Maplewood. Mais delicada. E ele lhe socou o rosto assim que a viu, na minha opinião. Quebrou o maxilar dela e isso a deixou sem muita força para reagir.

— Pelos ferimentos do pré-morte, minha conclusão é que ele está mais zangado e ficou mais frustrado por essa vítima não ter lutado muito. Ele só pode demonstrar verdadeiramente sua força e seu poder se a vítima reagir e brigar.

— Surrar alguém não tem muita graça se a vítima não pode sentir nada.

— Nesse caso, concordo plenamente. Ela foi um desapontamento para ele.

— E se ele estiver desapontado, pode voltar a matar mais depressa. Pode precisar dessa satisfação. — Eve deu mais uma mordida na barra de chocolate e caminhou de um lado para outro no corredor, enquanto Mira esperava pacientemente.

— Tenho uma entrevista coletiva marcada para daqui a pouco. Devo alertar as mulheres com cabelos castanhos compridos para que elas fiquem fora das ruas, depois de anoitecer? Deus! Sinto como se estivesse construindo um muro em torno dele. Sinto verdade, mas ainda não coloquei todos os tijolos do muro no lugar. E enquanto procuro mais tijolos ele pode atacar outra mulher.

— Sim, e provavelmente fará isso — concordou Mira, com calma admirável. — Pode ser que ele mate até mais de uma pessoa antes de você conseguir completar seu muro de contenção, para fechá-lo lá dentro. Mas essas mortes serão culpa dele e responsabilidade apenas dele, e não sua, Eve.

— Sei disso, mas ...

— Mas é duro achar que existe uma mulher lá fora, curtindo o seu dia e cuidando da sua vida, sem saber que alguém planeja acabar com ela de forma violenta e terrível. É duro você perceber que ele pode conseguir isso novamente, apesar de todos os seus esforços.

— E enquanto ele planeja mais um crime eu estarei participando de um agradável jantar, hoje à noite.

— Eve. — Mira a pegou pelo braço e a puxou para um canto afastado do movimento do corredor. — Houve um tempo em que você não fazia mais nada a não ser trabalhar.

— Um jantar agradável. — Eve colocou as mãos com as palmas para cima, como se fossem uma balança, e deixou cair um pouco da direita. — Impedir um assassino. — Baixou a esquerda mais. — Não precisa pensar muito.

— As coisas não são tão simples e bem definidas, você sabe disso — O maxilar duro e teimoso de Eve fez com a que a médica forçasse a barra. — Hoje em dia eu já posso lhe dizer que estimava mais dois ou três anos para você na polícia, Eve, antes de um esgotamento completo. Antes de você examinar mais um corpo morto sem perder a sanidade. Isso seria uma tragédia para você mesma, para este departamento e para esta cidade.

Só de pensar nisso o estômago de Eve embrulhou.

— Eu não teria deixado isso acontecer.

— Não é uma escolha. Vai fazer dois anos em fevereiro — Mira continuou baixinho. — Você apareceu para fazer os testes psicológicos obrigatórios para quem elimina um suspeito em ação.

— Suspeito é uma descrição falha para um homem que segura a faca ensanguentada e tem a menina que ele acabara de matar em uma poça de sangue, aos seus pés.

— Você quase foi reprovada nos testes. Não por causa da eliminação em si, que foi justificada e necessária, mas por causa da criança. Você enfrentou a situação baseada apenas em sua força vontade. Você sabe disso, e eu também.

Eve recordou o caso. Lembrou-se perfeitamente de como ela teve de subir as escadas com os gritos rasgando o ar sua cabeça. E também do que vira assim que arrombou a porta. Tarde demais.

A menina parecia uma boneca. Uma boneca magrinha, fitando o nada com olhos vidrados, nas mãos de um monstro.

— Eu ainda vejo o rostinho dela. Seu nome era Mandy, Eve expirou com força.

— Algumas vítimas nos abalam mais que as outras.

— Eu sei. — Incapaz de se controlar, Mira colocou a mão no braço de Eve e o acariciou com um jeito quase maternal, do cotovelo até o ombro. — Você fez o seu trabalho, mas não conseguiu salvar a menina. E isso a atingiu fundo, muito fundo. Mais tarde enfrentou outras vítimas que também a deixaram muito abalada. Mas o fato de

— você ter aberto a sua vida e o fato de ir jantar com amigos hoje à noite, mesmo com um caso ocupando grande parte da sua mente, poderá torná-la ou não uma pessoa melhor e uma tira melhor. No entanto, eu lhe asseguro que isso lhe dará mais anos de atividade. Você certamente terá muitos anos a mais pela frente, para desempenhar bem o seu trabalho.

— Houve uma época que ouvir isso da sua boca me deixava, muito revoltada.

— Isso é mais uma coisa que eu sei. — Um sorriso torto surgiu nos lábios de Mira.

— Como isso não acontece mais, pelo menos não tanto, talvez a senhora tenha razão, doutora. É só um jantar. Qualquer pessoa precisa comer — ela olhou para a embalagem vazia em sua mão — em algum momento.

— Vou analisar os arquivos com mais profundidade. Se encontrar mais alguma coisa, entrarei em contato com você na mesma hora. Vou dar prioridade total a esse caso. Estarei disponível para consultas suas a qualquer hora do dia ou da noite.

— Obrigada. — Eve fez uma bolinha como papel laminado e o jogou em um reciclador de lixo. — Obrigada também pela injeção de energia que a senhora me deu, de várias maneiras.

Ela parou no toalete para jogar um pouco de água gelada no rosto. E pegou o comunicador enquanto se secava.

— Peabody! — esbravejou, assim que a ligação foi atendida.

— Sim, senhora.

Eve reparou no rosto pálido da parceira, nos olhos arregalados sob a luz tênue da cama onde ela estava.

— Coloque-se de pé, soldado! Entrevista coletiva daqui a quinze minutos na praça aqui em frente.

— Ok. Vou só me esbofetear um pouco para acordar e já estou indo.

— Vá direto. As bofetadas eu lhe dou pessoalmente.

— Você é um doce, como sempre.

Os lábios de Eve se abriram de leve quando Peabody desligou. Talvez não fosse tão ruim abrir um pouco mais a sua vida e deixar que algumas pessoas entrassem nela, aqui e ali.

Em termos gerais, Eve considerava entrevistas coletivas um peso desagradável, mas não necessariamente um pé no saco. Apenas um incômodo, uma espécie de indisposição estomacal leve.

Percebeu o uso político de marcar a entrevista no prédio da polícia, em vez de fazê-la na prefeitura. Desse jeito, o prefeito faria uma declaração rápida e passaria o abacaxi para o secretário de Segurança.

O secretário Tibble foi conciso, direto ao ponto, como Eve esperava. Pareceu poderoso, preocupado, e exibiu raiva. Tudo o que se espera do tira mais importante de uma cidade quando um assassino estupra mulheres inocentes em parques públicos. Vestia um terno cinza-escuro acompanhado de uma sóbria gravata azul e um alfinete de lapela com a miniatura de um distintivo da polícia de Nova York.

Um visual formal e distinto, refletiu Eve, que lhe servia como uma luva. O secretário não respondeu a perguntas, mas, como o prefeito já havia feito, apresentou urna declaração forte.

Continuamos no comando de tudo, Eve concluiu. Não estamos entrincheirados em nossas salas. Trabalhamos pela ordem e enviamos nossos soldados para mantê-la.

Boas frases, urna posição firme, urna estratégia inteligente, e a chance de passar a tribuna para Whitney.

Tudo isso levou tempo, e embora nenhuma nova informação tivesse sido divulgada, a mídia recebeu alguns ossos para atacar, e todos se convenceram de que os principais dirigentes da cidade estavam em ação.

Aquela era uma cidade boa para se viver, pensou Eve. Apesar das esquinas escuras e perigos eventuais, era uma boa cidade. Isso era o mais importante de ter em mente. Ela não podia perder de vista os valores positivos e os pontos fortes, apesar de passar tempo demais atolada na lama dos dramas e desperdícios.

Por isso é que ela estava ali, em uma ensolarada tarde de setembro, diante dos degraus do prédio onde trabalhava, sabendo que apesar dos assassinatos, das maldades e das crueldades casuais, aquela ainda era uma ótima cidade.

Uma cidade boa e o único lar que ela conhecera na vida.

— Na condição de investigadora principal deste caso, a tenente Dallas responderá às perguntas de vocês. — Whitney virou para ela.
— Por favor, tenente.

Manda quem pode, obedece quem é esperto, pensou Eve. Por impulso, agarrou o braço de Peabody, ignorou o puxão que ela tentou dar e a empurrou para a tribuna.

— Minha parceira, a detetive Peabody e eu, tenente Dallas, temos pouca coisa a acrescentar às declarações e esclarecimentos que o comandante Whitney já ofereceu a todos vocês. Essa investigação é nossa prioridade máxima. Continuamos em ação de forma incansável, segundo toda e qualquer pista.

As perguntas irromperam da plateia como ar quente explodindo de um gêiser.

Eve as deixou no ar por alguns instantes e pegou uma delas para responder.

As duas vítimas foram mutiladas. A senhora acredita que sejam assassinatos ligados a algum tipo de culto?

— Nenhuma das provas que recolhemos até o momento indica envolvimento em cultos de qualquer tipo. Elisa Maplewood e Lily Napier foram mortas pelo mesmo indivíduo, agindo sozinho e por conta própria.

Poderia nos informar a natureza das mutilações?

— Devido ao tipo de investigação, aliado ao nosso desejo de prender esse indivíduo com rapidez e também à necessidade de montar um caso forte para levar o criminoso à justiça, não podemos revelar pontos específicos do caso.

O povo tem o direito de saber.

Será que eles nunca iriam desistir de bater nessa tecla?, perguntou Eve a si mesma.

— O povo tem o direito de ser protegido, e estamos fazendo tudo ao nosso alcance para que isso aconteça. O povo também tem direito de confiar na polícia e de saber que a força policial e os dirigentes da cidade estão trabalhando de forma implacável para render e processar o homem responsável pelas mortes de Elisa Maplewood e Lily Napier. O povo, porém, não tem o direito de ter acesso a detalhes importantes e confidenciais da investigação.

E vocês, pensou, não têm o direito de tentar alavancar a audiência de seus noticiários pisoteando os mortos.

Qual a ligação entre as duas vítimas?

— Sua vez, Peabody — murmurou Eve, e ouviu a parceira engolindo em seco.

— As duas vítimas foram assassinadas pelo mesmo método — declarou Peabody.-

— Ambas eram do sexo feminino, pertenciam à mesma faixa etária e ao mesmo grupo racial. E ambas caminhavam em parques públicos na hora do ataque.

Quais são os outros pontos em comum? Quais as principais pistas?

— Não podemos divulgar nem discutir detalhes da investigação, conforme já foi explicado pela tenente.

A senhora o considera um predador sexual, tenente?

— Duas mulheres — começou Eve, com o que considerou uma paciência de Jó — foram atacadas, estupradas e assassinadas. Creio que o senhor conseguirá tirar as próprias conclusões.

A senhora acredita que ele voltará a matar?

Pode descrever a arma do crime com mais detalhes? . Já tem algum suspeito?

Espera prender alguém em breve? Vai fechar outros parques públicos?

As mutilações foram de natureza sexual?

— Eu me pergunto ... — os olhos de Eve permaneceram fixos e sem expressão, mas dava para notar vestígios de cólera no brilho que refulgiava neles. Ela ergueu a mão para interromper a avalanche de perguntas e dessa vez mostrou muita irritação na voz — ... eu sinceramente me pergunto que parte da frase "não divulgaremos nem discutiremos informações específicas" vocês não entenderam. Eu me pergunto o porquê de insistirem em gastar sua saliva e nosso tempo perguntando coisas que não podemos e não iremos responder. Portanto, deixe-me poupar tempo e esforço para todos nós: vou lhes dizer o que eu sei.

A multidão se aquietou na mesma hora, como se Eve estivesse prestes a revelar uma nova lista com os mandamentos de Deus.

— São duas mulheres, e vou repetir os nomes delas, caso vocês tenham esquecido. Porque eu não esqueci quem elas são. Minha parceira também não esqueceu, nem os membros deste departamento. Seus nomes são Elisa Maplewood e Lily Napier. Essas mulheres tiveram suas vidas subtraídas de forma violenta e injusta. Estavam perto de suas casas, aqui em nossa cidade. Os direitos delas foram violados da forma mais hedionda possível. São esses direitos que lhes foram arrancados que nós vamos defender durante o curso da investigação. Vamos fazer isso usando todos os recursos disponíveis, até que o criminoso seja identificado, agarrado e encarcerado. Trabalho para Elisa Maplewood e Lily Napier, agora tenho muito a fazer e vou voltar à minha investigação.

Ela virou as costas, seguiu a passos largos na direção do prédio da central e ignorou as perguntas lançadas às suas costas.

No instante em que Eve entrou no saguão, um monte de funcionários e contatos civis a aplaudiram com entusiasmo.

— Merda — reagiu ela, baixinho.

— Pois eu a achei brilhante, Dallas — elogiou Peabody, logo atrás. — Estou sendo sincera.

— Não me serve de nada ficar pau da vida ou distribuir sermões.

— Engano seu, Dallas. Acho que os amigos e as família Elisa e Lily agradecerão o que você disse e a forma como disse. Além do mais, você enviou uma mensagem ao assassino. Uma mensagem alta e clara: vamos caçá-lo, e nada vai nos impedir.

— É ... então é isso.

— E como eu adorei ver você dando esse esporro com tanta classe nos repórteres imbecis, vou perdoá-la por me jogar na parte mais funda da piscina sem me dizer nem mesmo "prenda a respiração".

— Você se saiu bem.

— É verdade — concordou Peabody, mas parou de falar na mesma hora quando Tibble e Whitney entraram.

— Tenente, detetive. — Tibble cumprimentou ambas cabeça. — Parece que você tinha muito a dizer esta tarde, tenente. Não usou seu jeito sóbrio e de poucas palavras.

— Não, senhor.

— Pois fez muito bem. Até logo, comandante! Whitney se colocou de lado para deixar Tibble sair.

— O prefeito está encerrando a entrevista com um minuto de silêncio pelas vítimas. — Whitney olhou para a parte a parte externa das portas de vidro com sarcasmo saindo por todos os poros. — Um toque de inspiração e uma bela imagem para os noticiários da noite. Esfrie um pouco a cabeça antes de voltar ao trabalho sugeriu ele.

— Estou com a cabeça fria como sempre — garantiu Eve para si mesma, depois que o comandante foi se juntar a Tibble. Em seguida, olhou para o relógio.

— Ainda é cedo para falar com os empregados do turno de Lily Napier, mas vamos tentar descobrir alguma coisa no O'Hara's, Peabody.

O *tele-link* tocou.

— Inferno! — resmungou Eve, ao ver que era Nadine ligando.

— Já fiz minha declaração e respondi a todas as perguntas. Encerrei o expediente para a mídia por hoje, Nadine.

— Não estou ligando como repórter. Quero só cinco minutos.

Nadine iria se esgueirar para alcançá-la e abusaria da amizade delas, pensou Eve. Mas certamente não iria mentir.

— Estou saindo para a garagem. Vá para lá.

— Você se esqueceu do "por favor". — Um sorriso de deboche se insinuou nos lábios de Nadine.

— Primeiro andar, setor três. Não tenho tempo para você não vou ficar esperando.

Eve não precisou esperar. Nadine já estava lá, esfregando as unhas na roupa, inquieta, e isso mostrou a Eve que ela estava preocupada.

— Sei que essa vaga é a sua — começou Nadine. — Mas desde quando essa é a sua viatura?

Eve acariciou o para-choque do veículo azul brilhante. Assim que se visse sozinha, pretendia beijá-lo.

— Desde que minha parceira ofereceu a propina perfeita à pessoa certa.

— Aí, garota! — elegeu Nadine, olhando para Peabody.

— Não foi nada — reagiu ela, humilde. — Mostrei alguns vídeos de Dallas nua tomando banho para o pessoal das requisições. Conseguir o carro foi moleza depois disso.

— Muito engraçado — disse Eve. — O que quer de mim, Nadine? Meu tempo é curto.

— Breen Merriweather. — Não havia sorriso de deboche, agora.

— Você tem alguma informação, Nadine?

— Não sei o que tenho. Andei fazendo algumas perguntas... com o maior cuidado — acrescentou, antes de Eve reclamar. — Sei como obter informações, entendo como se faz essas coisas, inclusive a parte de não divulgar nem discutir nada. Fazer perguntas levando em conta a possibilidade de Breen também ter sido alvo desse canalha colocou um aspecto diferente nas respostas. Ela fez um comentário estranho ao conversar com algumas das funcionárias, poucas noites antes de desaparecer.

— Que comentário?

— Papo de cafezinho com as outras meninas. Uma delas estava na caça de namorado, reclamou que não sobrou nenhum homem decente nesta cidade, não existem mais, grandes heróis, blá-blá-blá. Breen se ofereceu para levá-la para sua casa uma noite qualquer, a fim de curtirem um bom bate-papo. E falou de um sujeito grande caladão que costumava voltar no mesmo vagão que ela. Houve piadinhas entre as garotas sobre ele ser um cavalão, e aquela lenda de que o polegar de um homem indica o tamanho do seu equipamento. Ela garantiu que esse sujeito devia ser muito bem dotado, porque suas mãos pareciam bandejas de bolo.

— Só isso?

— Não. — Ela mexeu nos cabelos. — Elas continuaram zoando umas às outras para descontrair, insistiram com Breen sobre quanto ele era grande, as baixarias de sempre. Só que Breen garantiu que o deixaria para uma das colegas, pois não se interessava por sujeitos que raspam a cabeça. Preferia homens com cabelo, e ele provavelmente era um babaca porque estava sempre de óculos escuros. Sempre se viam à noite e ele nunca se mostrava sem óculos escuros.

— Certo. Muito obrigada.

— Só pode ser ele.

— Um monte de gente anda de metrô à noite, Nadine. Algumas dessas pessoas são homens. Alguns deles são grandes. Mas tudo bem ... é possível, sim.

— Trens têm câmeras de segurança.

— Sim, eles têm. — Era difícil enfrentar o ar de esperança, uma esperança insistente, no olhar de uma amiga. — Mas o discos são reciclados a cada trinta dias. Ela sumiu faz muito mais tempo que isso.

— Mas quem sabe você poderia ...

— Vou dar uma olhada.

— Pense nos óculos, Dallas. Esse cara tem alguma fixação por olhos.

— Eu também entendo como se faz essas coisas. Vou seguir essas pistas.

— Tudo bem. — Nadine recuou, mas Eve percebeu que ela estava aflita para dizer mais alguma coisa e fazer mais perguntas. — Você tem de me prometer que vai me contar tudo o que descobrir.

— Sim, assim que puder fazer isso.

Nadine assentiu com a cabeça. Mas logo se recompôs e olhou para a viatura nova de Eve.

— E então? Quanto tempo será que esse carro vai durar na sua mão, antes de ser destruído por completo?

— Não enche, Nadine.

Para desencorajar mais papos, Eve entrou no carro. Ligou o motor, deu ré em torno de Nadine e saiu da garagem. Na mesma hora, Eve ligou para Feeney.

— Recebi uma dica.

— Eu também. “Quem usa o sorriso como guarda-chuva acaba com a bunda molhada.”

— O quê?!... Deixa pra lá. Breen Merriweather, uma das jovens desaparecidas e dadas como morta. Ela comentou com uma colega de trabalho, alguns dias antes de sumir, que um sujeito imenso tinha

começado a andar no mesmo vagão de metrô que ela. Contou o quanto ele era alto, grande, e o descreveu como um sujeito careca que nunca tirava os óculos escuros.

— Os discos das câmeras de segurança já foram mandados para a reciclagem a essa altura, e talvez tenham sido destruídos. — Ele mordeu os lábios. — Podemos ir ao Departamento de Trânsito para tentar achar os discos dessa semana, se eles ainda existirem. Podemos buscar os vídeos ou tentar achar cópias ocultas de imagens já apagadas. Vamos precisar de muita sorte, mas talvez o encontremos.

Eve reparou, apesar de tentar não dar atenção a isso, que a camisa de Feeney naquele dia era verde-limão.

— Posso falar com Whitney sobre mão de obra a mais e horas extras para todos, se você quiser.

— Pode deixar que eu mesmo faço minhas súplicas, obrigado.

Vou mandar dois rapazes lá, para começar a brincar. A rota do trem já está nos arquivos do caso.

— Mantenha-me informada.

— Os olhos de McNab vão sangrar de tanto trabalhar — comentou Peabody, quando Eve desligou. — Quem manda ser um mago da eletrônica?

— Se conseguirmos uma imagem desse cara e o identificarmos poderemos fechar o cerco.

Aquela pesquisa iria levar horas, pensou Eve. Não apenas horas, mas vários dias. Eles precisariam de mais do que sorte. Seria necessário um pequeno milagre.

O bar O'Hara's era exatamente como se anunciava no cartaz pendurado do lado de fora: um pequeno e razoavelmente limpo pub irlandês. Mais autêntico do que muitos que se diziam irlandeses de

verdade e tentavam provar isso colando trevos em toda parte exigindo que os atendentes exibissem um falso sotaque irlandês.

Aquele pub era mal-iluminado, tinha um bar imenso e sólido, compartimentos ao fundo com mesas grudadas na parede e mesa baixas espalhadas pelo salão, com bancos também baixos servindo de assento, em vez de cadeiras.

O homem que cuidava da alavanca do chope era mais largo que um cavalo de tração, e servia canecos de Harp, Guinness Smithwick com uma habilidade tão grande que Eve teve a impressão que ele fazia isso desde que começara a andar.

Tinha um rosto vermelhão, cabelos ruivos muito despenteados e olhos que observavam o salão como se ele fosse um tira.

Certamente o homem certo a procurar.

— Nunca provei uma Guinness — comentou Peabody.

— Nem vai provar agora.

— Sei, estou de serviço, tal e coisa, coisa e tal ... Mesmo assim eu quero experimentar uma hora dessas, apesar de essas cervejas serem assustadoras e caríssimas.

— Você recebe o valor do que paga.

— Ah, é? Mais uma dica para fechar o turno.

Eve foi até o bar. O atendente que distribuiu canecas de cerveja para mãos ansiosas e foi até onde Eve estava.

— Tudo bem, policiais? — perguntou ele.

— Estou vendo que tem um olho bom. É o Sr. O'Hara?

— Pode me chamar apenas de O'Hara. Sr. O'Hara é o meu pai, que deu início a esse negócio em um lugar muito distante daqui.

— Onde?

— Na velha e alegre Dublin.

Eve percebeu na voz dele o mesmo sotaque melodioso que aparecia de vez em quando nas palavras de Roarke.

— Quando foi que você veio para os Estados Unidos?

— Nos meus verdes vinte anos. Nessa época eu queria fazer fortuna. Até que não me dei mal.

— Parece que sim. . .

— Vamos ao que interessa. — O rosto dele ficou mais sério. — Vocês vieram aqui por causa de Lily, certo? Se querem minha ajuda, ou a de alguém daqui, para achar o canalha que matou aquela menina doce, já conseguiram. Michael, assumo o comando do chope! Vamos nos sentar por um momento — propôs ele a Eve. — Aceitam uma cerveja?

— Estamos de serviço — disse Peabody, com voz de lamento, e ele sorriu.

— Cerveja é a coisa mais parecida com leite materno, mas deixe que eu lhes sirvo algo mais suave. Sentem-se em um daqueles compartimentos lá atrás que eu já vou.

— Lugar muito legal. — Peabody se acomodou e olhou em torno. — Vou voltar aqui com McNab só para experimentar a Guinness. Existe alguma Guinness clara?

— De que serviria uma Guinness clara?

O'Hara trouxe duas águas com gás e uma caneca para a mesa, e acomodou seu corpo grandalhão em frente a elas.

— Brindemos à nossa Lily. — Ele ergueu a caneca. — Que Deus abençoe sua alma doce.

— A que horas ela saiu daqui naquela noite? Ele tomou um gole com calma.

— Sei que vocês são tiras, mas ainda não sei seus nomes.

— Desculpe. — Eve pegou o distintivo enquanto falava. — Tenente Dallas, detetive Peabody.

— A tira de Roarke? Eu já desconfiava.

— Você conhece Roarke?

— Não pessoalmente. Sou um pouco mais velho que ele e frequentávamos círculos diferentes no tempo de Dublin. Mas meu pai o conhecia — garantiu O'Hara, com uma piscada.

— Aposto que sim.

— Ele se deu bem na vida, não foi?

— Podemos dizer que sim. Sr. O'Hara ...

— Eu não o conheço pessoalmente — interrompeu O'Hara, e se inclinou um pouco, com os olhos fixos nela. — Mas ouço falar muito dele. Uma das coisas que eu sei é que ele sempre quer consegue o melhor. Isso incluiria sua tira?

— Estou sentada bem aqui, Sr. O'Hara, na condição de tira de Lily. E lhe garanto que ela terá a melhor investigação possível.

— Muito bom. — Ele se recostou e ergueu novamente a caneca.

— Bom mesmo, gostei da resposta. Ela saiu mais ou menos uma e meia. Era uma noite tranquila, com pouco movimento, e eu a liberei mais cedo. Devia ter mandado alguém acompanhá-la até sua casa. Devia ter pensado nisso depois do que aconteceu com aquela pobre mulher na parte norte da cidade. Mas confesso que isso nem me passou pela cabeça.

— O senhor tem um olho muito bom. Percebeu alguém estranho por aqui?

Alguém que o tenha feito olhar duas vezes?

— Minha jovem, pode acreditar que não se passa nem uma semana em que eu não olhe atravessado para algum cliente. Afinal de contas, isso aqui é um pub. Mas não é do jeito que a senhora possa estar pensando. Ninguém aqui me fez achar que eu precisava me preocupar com minhas meninas.

— Ele é um sujeito imenso — continuou Eve. — Grande, muito forte. Tipo do cara que fica na sua, não se enturma nem puxa assunto. Usa óculos escuros mesmo à noite. Não se sentaria no bar, a não ser que não tivesse escolha. Iria preferir uma mesa na servida por Lily, e deixaria claro que não queria companhia.

— Eu me lembraria de alguém assim. — Ele balançou a cabeça.

— Nunca vi esse cara. Estou aqui quase todas as noites. Quase.

— Queremos conversar com os funcionários que trabalham no turno de Lily.

— Temos Michael, aquele que está atendendo no balcão. Rose Donnely, Kevin e Maggie Lannigan. Ahn ... Tem o Pete também, que lava os pratos. Peter Maguire.

— E os clientes assíduos?

— Bem, é melhor eu fazer uma lista completa com os nomes os endereços que souber informar. Vocês podem conversar com Michael agora mesmo, pois ele é um cara tão inteligente que consegue servir bebidas e conversar ao mesmo tempo.

— Obrigada.

— Deixe-me dizer uma coisa sobre Lily. Ela era uma menina tímida, e todo mundo a zoava por causa disso. Tinha uma natureza sossegada, gentil, e trabalhava muito bem. Depois que ela conhecia melhor as pessoas se soltava um pouco, conversava numa boa e ficava mais à vontade. Tinha sempre um sorriso para as pessoas, e se lembrava do nome e das preferências delas. Não era carismática, mas era uma jovem equilibrada e doce. Nunca a esqueceremos.

— Nem nós.

Capítulo Quatorze

Devido às entrevistas, elas passaram muito do horário do turno. Eve percebeu que, a não ser que ela quisesse estragar a parte pessoal da sua vida, teria de deixar o resto para depois e rumar para casa.

— Podíamos falar com Rose Donnely, para acabar as tarefas de hoje. — Peabody apontou para o oeste. — Ela mora perto daqui.

— Se não fosse seu dia de folga nós a teríamos encontrado no bar. Podemos dar uma passadinha lá. Depois eu a deixo em casa... espere um pouco. — Eve atendeu o *tele-link* que tocava. — Aqui é Dallas falando.

— Precisamos conversar, tenente — disse Celina, com o rosto enchendo a tela toda. — Posso ir até aí, se quiser.

— Alguma novidade?

— Não, é que eu ... preciso de alguns minutos.

— Estou no centro da cidade, posso passar aí.

— Ótimo. Obrigada.

— Vou conversar com Celina Sanchez — disse Eve a Peabody. — Veja se consegue achar Rose Donnely para saber o que ela tem a dizer.

— Por mim, tudo bem. Vamos nos ver no jantar, então. Vou caminhar mais dois quarteirões. — Peabody esfregou as mãos de satisfação. — Assim vou poder comer tudo o que não estiver pregado na mesa.

Eve entrou no carro, rumou para o SoHo e ligou para Roarke .

— Oi! Vou me atrasar um pouco.

— Estou chocado e surpreso.

— Todo mundo tem uma piadinha pronta, hoje. Pode deixar eu estarei lá. Só que preciso passar em um lugar, antes.

— Não esquentar. Se o atraso for maior do que imagina, você não prefere ir direto para a casa de Charles e me encontrar lá?

— Eu aviso, mas espero que isso não seja necessário. Preciso de uma boa ducha. Acho que me arrumo em menos de uma hora. Talvez. Um pouco mais, um pouco menos ...

— Por mim está ótimo. Vi sua entrevista coletiva. Eles transmitiram tudo e estão passando trechos gravados a toda hora.

— Que bom!

— Estou muito orgulhoso de você.

— Bem, eu ... Puxa!

— Na hora, pensei que, se eu fosse o homem que aquela mulher de olhos frios e cansados está perseguindo, iria tremer nas bases.

— Você não tremaria nas bases nem se eu estivesse com uma arma colada em sua garganta, mas obrigada mesmo assim. Tenho um encontro de trabalho e depois sigo para casa.

— Eu também.

— Ah ... — Ela se animou um pouco. — Você ainda está no trabalho e eu nem tinha percebido. Isso é bom, muito melhor. Não sou a única atrasadinha. A gente se vê.

Satisfeita com a situação, ela parou diante do 1º andar de Celina. Ao atravessar a calçada em direção à porta, a voz de Celina surgiu no interfone.

— Desliguei os sistemas de segurança, Dallas. Pode subir direto.

Traços de ansiedade na voz, percebeu Eve ao entrar e pegar o elevador. Assim que as portas se abriram no segundo andar, Celina já estava ali, abrindo a grade.

— Obrigada por vir, ainda mais assim, tão em cima da hora.

— Eu estava por perto. O que aconteceu?

— Preciso ... Aceita beber alguma coisa? Chá? Um cálice de vinho?

— Não, estou a caminho de casa. Tenho um compromisso.

— Oh. — Com ar distraído, Celina passou a mão pelos cabelos.

— Desculpe. Vamos nos sentar um pouco, pelo menos. Preparei chá. Precisava me manter ocupada enquanto a esperava.

Chá, reparou Eve, acompanhado de biscoitinhos e fatias, queijo arrumadas com capricho. Um papo entre amigas, e Eve não tinha tempo nem inclinação para essas coisas.

— Você me disse que não havia nenhuma novidade.

— Não tive nenhuma outra visão — disse Celina, sentando e servindo um pouco de chá para si mesma. — Atendi alguns clientes marcados para hoje. Achei que devia pelo menos tentar trabalhar um pouco. Só que acabei cancelando tudo depois dos dois primeiros. Não consigo me concentrar.

— Isso é mau para o trabalho.

— Posso me dar a esse luxo. Os clientes regulares entendem e os novos ... — Ela deu de ombros, com elegância. — Isso aumenta a atmosfera misteriosa das coisas. Mas não foi para isso que eu liguei.

— Foi para que, então?

— Já vou chegar lá. — Celina virou a cabeça de lado. — Você não gosta de papo furado, mesmo.

— Não é à toa que o chamam de "furado".

— Acho que tem razão. Antes de começar, saiba que assisti à sua entrevista coletiva. Não queria fazê-lo, mas senti que deveria.

Ela encolheu as pernas sobre o sofá e completou:

— Isso me fez refletir.

— Sobre o quê?

— Posso ajudar mais. Devo fazer isso. Existe um motivo para eu ter essas visões. Não sei qual é, especificamente, mas certamente há um propósito em tudo isso. Estou fazendo o mínimo que se espera, mas poderia fazer mais.

Ela tomou mais um gole de chá, pousou a xícara e completou:

— Quero me colocar sob hipnose.

Eve ergueu as sobrancelhas. Quando eu já estava desistindo, surge algo interessante.

— De que modo isso poderia ser útil?

— Uma parte dentro de mim está bloqueando as informações.- Celina colocou as mãos nas têmporas por um segundo e depois as levou ao coração. — Chame isso de mecanismo de sobrevivência, expressão mais simpática do que "pura covardia". Algo em mim não quer saber, ver ou lembrar, então eu bloqueio muita coisa.

— É um bloqueio do tipo que a impede de captar impressões ou sei lá o nome ao analisar pessoas sem o seu consentimento?

— Não exatamente. Esse é um ato consciente que se torna tão elementar quanto a respiração. Estou falando do subconsciente. A mente humana é uma ferramenta poderosa e eficiente. Não a utilizamos na capacidade máxima. Ninguém ousa fazer isso.

Pegando um dos biscoitinhos dourados que servira com o chá, ela mordiscou um deles.

— Somos capazes de bloquear coisas, tenente. Vítimas de traumas em geral fazem isso sem perceber. Elas não conseguem ou não querem se lembrar da causa do trauma e seus detalhes porque não conseguem ou não aceitam enfrentá-lo. Você deve ver esse tipo de coisa em seu trabalho.

E em mim mesma, lembrou Eve, pensando em todos os anos em que ela bloqueara o que havia acontecido naquele quartinho em Dallas.

— Sim, é verdade.

— Sob hipnose, esses bloqueios podem ser removidos ou atenuados, e eu poderei ver mais. Sei que há outras coisas para ver, eu poderei enxergar melhor. Com uma pessoa devidamente qualificada ... Aliás, preciso de alguém assim. Insisto em uma pessoa muito bem treinada não apenas em hipnose, mas também em lidar

com clarividentes. Também gostaria de um médico presente na sessão. Quero que a Dra. Mira faça o procedimento.

— Mira?

— Depois que me informou o nome dela, tenente, fiz alguma pesquisas. Ela é muito competente nas áreas que preciso. Também é uma criminologista, e me parece que saberá me guiar melhor do que ninguém, enquanto eu estiver sob o efeito da hipnose. Você confia nela, tenente.

— De forma absoluta.

— E eu confio em você — gesticulou Celina, com o biscoito na mão. — Não me coloco nas mãos de qualquer um, Dallas. Para ser franca, estou morrendo de medo disso, mas estou com mais medo de não fazer nada. E sabe o que é pior?

— O quê?

— Também morro de medo de estar sendo empurrada para uma nova área de atuação. Receio que o dom que eu tenho e o que eu sou acabem me obrigando a trilhar um caminho que eu nunca quis enfrentar. — Ela apertou o braço esquerdo e o acariciou lentamente, como se quisesse se livrar de um espasmo. — Receio passar a próxima fase da minha vida vendo assassinatos e atos de violência, sempre conectada às vítimas. Gostava da minha vida. É difícil aceitar que talvez ela nunca mais volte a ser o que era.

— Mesmo assim você quer que eu entre em contato com a Dra. Mira? Celina assentiu com a cabeça.

— Quanto antes melhor, Dallas. Se eu hesitar, posso perder a coragem de ir até o fim.

— Por favor, me dê só um minutinho — pediu Eve, pegando *tele-link*.

— Claro! — Celina se levantou, pegou a bandeja e a levou para a cozinha.

Com movimentos deliberadamente lentos, guardou a xícara pires limpos no armário e colocou tudo o que tinha usado na pia.

Em seguida, colocou as mãos no rosto e pressionou os dedos sobre as pálpebras fechadas. Torceu, com todas as forças, para estar preparada para o que iria enfrentar.

— Celina?

— Sim? — Assustada, ela baixou as mãos e se virou para o portal, onde Eve estava.

— A Dra. Mira poderá atender você amanhã às nove horas. Ela, vai precisar fazer uma consulta e também um exame físico, antes de concordar com a hipnoterapia.

— Sim, tudo bem. — Ela ergueu os ombros em uma tentativa de se ajustar ao novo peso ou, talvez, se livrar de um fardo. — Isso faz sentido, é claro. Você... poderia estar presente?

— Se a sessão de hipnose for aprovada, sim. Lembre-se de que até você se sentir pronta para isso, poderá desistir, caso queira.

Apertando com força os cristais que lhe pendiam do pescoço, Celina balançou a cabeça para os lados.

— Não vou desistir. Pensei nisso com muito cuidado e analisei por todos os ângulos, antes de ligar para você. Não vou mudar de ideia. Vamos em frente. Prometo que não vou desistir.

Eve entrou em casa como um furacão e bateu a porta com força atrás de si.

— Já sei que estou atrasada — disse com rispidez, antes de Summerset ter a mínima chance de falar. — A parte boa disso é o seguinte: eu nem sempre estou atrasada, mas você é sempre horrível. Quem de nós dois tem o problema maior?

Como ela acabou de perguntar isso já no alto da escada e sem parar de andar, não precisou se incomodar com alguma resposta que o mordomo tivesse na ponta da língua.

Despiu a jaqueta de couro ao entrar no quarto. Desafivelou o coldre e o jogou no sofá. Descalçou as botas aos pulos enquanto se

dirigia para o banheiro, e já tinha tirado a blusa quando ouviu o barulho do chuveiro ligado.

Droga, ele havia conseguido chegar em casa antes dela, afinal. Ela tirou o resto das roupas e ordenou:

— Aumente a temperatura dessa água.

— Fiz isso assim que ouvi o som suave de seus pezinhos delicados entrando no quarto.

Sabendo que Roarke era capaz de se divertir de forma histérica ao vê-la gritar depois de entrar debaixo de uma ducha congelante, Eve experimentou a temperatura da água antes de entrar.

— Que alma confiante! — brincou ele, puxando-a pela mão para debaixo dos jatos-d' água. — Vamos ficar em casa e fazer amor quente e molhado aqui mesmo, debaixo do chuveiro.

— Pode esquecer! — Ela deu uma cotovelada para afastá-lo e colocou um pouco de sabonete líquido na mão. — Temos um jantar, lembra? Vamos circular pela casa de alguém, falar abobrinhas, comer canapés que nem precisaremos colocar no prato, fingir que não nos interessa saber o local exato do apartamento em que McNab e Charles saíram na porrada.

— Mal posso esperar. — Ele pegou um pouco de xampu para passar nos cabelos dela.

— O que está fazendo?

— Pougando tempo. O que você fez aqui? — quis sabe ele, pegando alguns fios.

— Nada — garantiu ela, dando de ombros.

— Fez, sim. Você andou tesourando o cabelo por conta própria novamente?

— Ele estava caindo nos meus olhos.

— Aqui atrás também? — Ele puxou uma mecha com força. — Fascinante! Será que o Departamento de Polícia de Nova York sabe que conta em seu quadro, com uma tira que tem olhos atrás da cabeça? A CIA já foi informada desse fenômeno?

— Sei cortar meu cabelo sozinha, e muito bem. — Ela se esquivou dele e esfregou a cabeça com força, enquanto o encarava.
— Não conte isso a Trina.

Ele sorriu com um ar de lobo.

— Quanto vale o meu silêncio?

— Quer que eu bata uma rapidinha em você?

— Viu? Você está sendo grosseira de propósito, só para me distrair — Ele a pegou pelo queixo. — Mas não está funcionando.

— De qualquer modo ela vai descobrir — resmungou Eve, colocando a cabeça sob os jatos. — Vai perceber na hora em que colocar a mão nos meus cabelos. E vai me fazer pagar caro. Vai me cobrir com aquela gosma melequenta, me passar um sermão e pintar meus mamilos de azul, ou algo assim.

— Que imagem interessante isso cria em meu cérebro excitado!

— Não sei por que eu falo essas coisas — disse ela, saindo da ducha e entrando no tubo secador de corpo. — Não consigo evitar.

— Diga isso ao juiz — aconselhou Roarke.

Eles não estavam muito atrasados, pensou Peabody. Em se tratando de dois tiras sobrecarregados de trabalho e sem dormir decentemente há dias, estar mais ou menos na hora era algo espantoso.

Além do mais, Peabody queria aproveitar o máximo de tempo que conseguisse para poder ficar mais bonita. Como McNab soltou um "Uau, Baby!" muito empolgado, ela imaginou que havia conseguido.

Ele também estava bonito. Seus cabelos estavam muito lisos e brilhantes. Sua bundinha linda estava ótima, apertada em pretas justas que só escapavam de ser conservadoras demais pelas listras em prata fluorescente que desciam na lateral de cada perna.

Peabody levava um presente para a anfitriã: um arranjo de lírios recém- colhidos que havia comprado em um vendedor na entrada do metrô. Foram recebidos na porta do prédio e encaminhados ao saguão onde ficavam os elevadores.

— Agora, prometa que você vai se comportar — exigiu ela,

— É claro que eu vou me comportar. — Ele brincou com o colarinho da camisa prateada e se perguntou se não deveria ter colocado uma gravata só para esnobar Charles Monroe e seu dinheiro sofisticado. — Por que eu não me comportaria?

Ela revirou os olhos de impaciência ao entrar no elevador.

— Temos o antes e o agora- continuou McNab — No antes você estava dormindo com ele e eu estava bêbado e pau da vida. Agora você não está mais dormindo com ele, nem eu. Isto é, eu não estou bêbado nem pau da vida — explicou.

Peabody ordenou o andar do apartamento de Charles, ajeitou os cabelos e desejou ter tido tempo de fazer um permanente, para variar.

— Eu não estava — disse ela.

— Eu sei. Por que você estaria bêbada e pau da vida naquela noite? — brincou ele.

— Eu não estava dormindo com ele. Tem certeza de que eu não fiquei bunduda com essas calças?

— O quê?

— Minha bunda. — Ela esticou o pescoço para trás, tentando ver a si mesma. — Estou me sentindo uma baleia.

— Como assim, você não estava dormindo com Charles? Você diz depois que ele começou a sair com Louise, certo?

— Estou falando que não dormi *nunca*. Bem que podia ter um espelho neste elevador, para eu conferir se minha bunda está imensa.

— Sua bunda não está imensa, pode parar com isso! Você circulou por aí em companhia de Charles durante meses.

— Por acaso você dorme com todas as mulheres com quem circula por aí? — perguntou ela, cheirando as flores.

— Mais ou menos. Ei, espere um minuto!

— Vamos acabar chegando tarde — disse ela, assim que saltaram do elevador.

— Pois vamos chegar mais tarde ainda. Você está me dizendo que não transou com o acompanhante licenciado que gosta de bancar o galã? *Nunca?*

— Charles e eu éramos e continuamos a ser apenas bons amigos. Só isso. McNab a segurou pelo braço e a puxou com força.

— Você me fez pensar que transava com ele.

— Não. Foi você que achou que eu estava. — Ela cutucou o peito dele com o dedo. — E ainda fez papel de babaca, o que não deve ter sido muito difícil.

— Você... Ele... — Começou a caminhar de um lado para outro, pelo corredor. — Por quê?

— Porque eu e Charles éramos apenas amigos e eu estava transando com você, idiota.

— Mas nós chegamos a terminar porque...

— Porque, em vez de me perguntar o que estava rolando, você me acusou logo de cara, decidiu que isso era verdade tomou um atalho para a terra dos babacas.

— E você resolveu me contar isso só agora, um minuto antes de entrarmos na casa dele.

— Isso mesmo.

— Isso é muita frieza, Peabody.

— Eu sei. — Ela deu tapinhas nas bochechas dele. — Sempre espero pela hora da vingança, e um dia ela chega. Você fez papel de babaca vindo até aqui de porre para dar uns socos nele, mas eu gostei do lance. Foi por isso que fui magnânima e perdoei você por transar com as gêmeas.

— Eu não fiz isso — disse ele, dando um tapinha no nariz dela.

— Viu só? Agora fui eu que peguei você!

— Você não transou?

— Eu ia fazer isso, e bem que poderia, porque nós tínhamos terminado, mesmo. Só que eu não queria as gêmeas.

— Mas você se gabou por ter saído com elas.

— Ei, eu tenho um pau, sabia? Quando um cara tem um pau deve sentir orgulho disso.

— Você é um *cara de pau*, isso sim! — reagiu ela, mas com um sorriso sentimental. — Agora eu perdoo você por achar que eu pulava de uma cama para outra, entre você e Charles, como fosse uma coelhinha no cio.

— She-body, você é a minha coelhinha no cio.

— Ah, que lindo! — Ela colocou os braços em torno dele e trocou o sorriso sentimental por um beijo ardente e molhado.

As portas do elevador se abriram atrás deles.

— Pelo amor de Deus ... meu apetite foi por água abaixo! — exclamou Eve.

— Dallas! — Peabody lançou um olhar sonhador por sobre o ombro de McNab- Estamos tirando o atraso.

— Da próxima vez, McNab, suas mãos estão violando várias parágrafos do código civil.

— Opa! ... — Mesmo assim, ele deu um último beliscão em Peabody.

— Você já começou a pesquisar os discos do departamento de trânsito?

— Eve. — Roarke colocou a mão sobre o ombro dela, direcionando-a para o apartamento de Charles — Vamos ao menos tentar passas a noite sem você esculachar os detetives. Peabody, você está muito charmosa.

— Obrigada. A noite vai ser divertida.

Eles atenderam a porta juntos. Charles Monroe, o acompanhante licenciado absolutamente urbano e Louise Dimatto, a médica de sangue azul dedicada aos oprimidos.

Eve teve de admitir que eles formavam um belo casal. Ele com pinta de galã e ela com sua beleza dourada e bem polida.

Isso não significava que Eve mudara de opinião: aquele era o casal mais estranho entre os que ela conhecia, mas o fato é que pareciam ótimos, lado a lado.

— Todo mundo chegou ao mesmo tempo! — comemorou Louise, rindo e estendendo a mão para Eve, que estava mais perto. — Entrem. É ótimo nos encontrarmos sem que ninguém esteja trabalhando.

Ela beijou Eve no rosto e fez uma festa ao ver as flores que Peabody trouxera.

— Tenente Docinho ... — Charles se aproximou para cumprimentar Eve, mas o curto beijo de boas-vindas foi na boca. Havia um brilho diferente em seu olhar quando ele se virou na direção de Peabody e repetiu o gesto com ela.

Aquela seria realmente uma noite esquisita, decidiu Eve.

O vinho que Roarke levou foi bem recebido e aberto na mesma hora. A conversa, conforme Eve percebeu depois de uns dez minutos, não era forçada nem difícil. Todos pareciam estar em clima de festa. Ela precisaria apenas guardar o caso em algum canto do cérebro e entrar, por algumas horas, no jogo do relacionamento social.

Ali estava Louise muito feliz, parecendo uma pintura, aboletada no braço da poltrona de Charles. Usando roupas casuais: um suéter rosa escuro e calças pretas. Seus pés estavam descalços, com unhas pintadas em cor-de-rosa. Para grande surpresa de Eve, a médica usava um pequeno anel de ouro em um dos dedos dos pés.

Charles continuava tocando-a com o jeito ausente e íntimo que um homem usa para acariciar a mulher que é seu foco de atenção:

um roçar de leve no braço, um tapinha no joelho.

Será que ela não se incomodava com as mulheres que o pagavam para serem tocadas por ele, além de outras coisas muito piores? Pelo visto não, decidiu Eve, a julgar pelos olhares meloso que um lançava para o outro a cada cinco minutos.

E ali estavam McNab e Peabody, aconchegados juntinhos no confortável sofá de couro, rindo muito e conversando sem sinal de constrangimento. Como em uma família grande e feliz.

Na condição de observadora treinada, ela poderia afirmar com segurança que era a única pessoa presente que achava tudo estranho.

No exato instante em que pensou nisso, Roarke se inclinou na direção dela, pousou os lábios junto de sua orelha e sussurrou:

— Relaxe.

— Estou trabalhando nisso — murmurou ela.

— Louise esteve agitando tudo e muito preocupada quase o dia todo — comentou Charles.

— Foi mesmo. — Louise ajeitou para trás seus abundantes cabelos. — Esta é a primeira vez que recebemos amigos juntos. Além disso, gosto de agitar as coisas.

Agitar, concluiu Eve, certamente incluía colocar pequenos arranjos de flores com cores coordenadas em vasinhos de vidro posicioná-los em pontos estratégicos por todo o apartamento, além de casar as flores com muitas velas brancas em formas e tamanhos diferentes, formando suaves e sutis pontos de luz dourada.

Ela provavelmente também escolhera o fundo musical. Algo quase inaudível, com um toque de blues, que combinava com a luz. A mesa já estava preparada com um monte de velas e flores também. Além de louças e prataria que cintilavam.

Juntando tudo isso com o vinho e os canapés aperitivos, aquela era uma atmosfera aconchegante, gostosa e relaxante para uma reunião Íntima entre amigos.

Como as pessoas conseguiam montar um ambiente como aquele?, perguntou Eve a si mesma. Será que faziam algum curso? Improvisavam e torciam para tudo dar certo? Aprendiam em discos especializados?

— Valeu a pena o esforço, Louise — elogiou Peabody. -Tudo está *mag*.

— Estou feliz por vocês estarem todos aqui. — Louise lançou um sorriso aberto para todos na sala. — Não tinha certeza se conseguiriam vir, especialmente você, Dallas. Estou acompanhando o caso pelos noticiários.

— As pessoas vivem me dizendo que eu preciso ter uma vida pessoal fora do trabalho. — Eve encolheu os ombros. — Dizem que se eu me afastar um pouco dos problemas talvez volte revigorada.

— Essa é uma atitude saudável- garantiu Louise.

— Sim, sou muito saudável. — Eve se inclinou e pegou na bandeja um dos biscoitos cobertos de pastinha colorida. — Minha atitude é sempre saudável e revigorante.

— Especialmente quando dá uma boa escovada na bunda magra de alguém. — Com um sorriso, McNab colocou na boca um minúsculo camarão empanado.

— Com bundas magras como a sua, meu chapa, isso não é difícil.

— Por falar nisso, você tem levado sua bunda magra à Escócia ultimamente? — quis saber Louise.

— Não estou nessa, não. Eu nasci aqui, na verdade, mas visitava a Escócia muitas vezes, quando era garoto. Meus pais decidiram se fixar perto de Edimburgo faz uns cinco anos, mais ou menos. Ando pensando em levar Peabody até lá para dar uma olhada no lugar, quando tivermos um tempinho.

— Escócia? — Os olhos de Peabody se arregalaram. — Sério?

— Eles precisam conhecer minha mulher.

— Eu sempre quis ir à Europa — disse ela, com as bochecha vermelhas de vergonha. — Sabe como é, conhecer a zona rural. Passear pelos campos e admirar as ruínas.

A conversa passou a ser viagens em geral.

— Dallas — chamou Louise, meio de lado. — Você me dá uma mãozinha na cozinha?

— Cozinha? Eu?

— Só um minuto.

— Ok. Tudo bem.

Eve a seguiu e olhou em volta.

— Não vamos cozinhar algo de verdade, nem nada desse tipo, certo? — perguntou, preocupada.

— Qual é, eu tenho cara de dona de casa? Tudo isso veio de um restaurante excelente que fica bem aqui na esquina. Preciso pegar os pratos e colocar a mesa, vai levar apenas um minuto.

Louise provou o vinho e analisou Eve por sobre a borda do cálice.

— Você anda se cuidando? — quis saber.

— Como assim? Por quê?

— Porque me parece cansada.

— Ah, merda. Passei mais de cinco minutos espalhando cremes e gosmas na cara. Já vi que não adiantou nada.

— Seus olhos parecem cansados. Sou médica, percebo essas coisas. Teria compreendido se você precisasse cancelar nosso jantar hoje à noite.

— Bem que eu pensei nisso, mas o fato é que eu não podia fazer mais nada no trabalho. Talvez precise mesmo de algumas horas de folga. Acho que tenho de aprender a criar esses momentos de folga.

— Isso mesmo. De qualquer modo, não pretendemos terminar a noite muito tarde.

— Vamos ver como as coisas rolam. E quanto a você e Charles... tudo continua numa boa?

— Numa ótima! Ele me faz incrivelmente feliz. Ninguém conseguia isso, assim desse jeito, há muito, muito tempo.

— Você realmente me parece feliz. Vocês dois, aliás.

— É engraçado como a gente só consegue encontrar alguém especial quando para de procurar.

— Não sei nada disso. Nunca procurei.

— Puxa, isso é sacanagem. — Dando uma gargalhada, Louise precisou se apoiar no balcão. — Você nem se deu ao trabalho de procurar e acabou fisgando Roarke?

— Foi ele que se atravessou no meu caminho. Como não consegui me livrar do traste, achei que era melhor ficar logo com ele.

— Estranhamente, Eve percebeu que esse tipo de conversa não parecia papo furado quando era com uma amiga e se tornava, apenas um ... papo gostoso.

— Estamos pensando em tirar alguns dias de férias juntos, talvez no mês que vem. Vamos ao Maine ou a Vermont, a fim de apreciar a magnífica folhagem de outono nas árvores e pernoitar em alguma pousada inesquecível.

— Vocês vão lá só para olhar as árvores?

Rindo, Louise arrastou Eve de lado para preparar as saladas.

— As pessoas fazem isso, Dallas.

— É ... — Eve tomou um gole do vinho. — Tem gente de todo tipo.

Vadias. Prostitutas. Fumegando de raiva, ele andou pelo apartamento com a fúria de um furacão. Assistira diversas vezes à matéria do Canal 75 e à entrevista coletiva.

Não conseguiu evitar.

Eles tinham mandado mulheres atrás dele. Agora, elas discutiam o caso publicamente, analisando-o, condenando-o. Será que eles achavam que ele iria engolir isso?

Olhe só para elas. Fingindo ser tão competentes, tão limpa, tão *íntegras*. Mas ele sabia das coisas. Já vira de tudo e sabia bem. Por baixo daquela camada sofisticada elas eram vulgares e depravadas. Fracas e desprezíveis.

Ele era mais forte. Olhem para mim agora. Olhem só!

Foi o que ele fez, voltando-se para uma das paredes espelhada para admirar o próprio corpo. Todo moldado e forte. A perfeição que ele havia lutado tanto para conseguir. Ele era um homem.

— Você vê? Você vê o que eu sou?

Ele se virou, abriu os braços e uma dezena de pares de olhos olhou de volta para ele, flutuando em potes transparentes.

Agora elas podiam vê-lo. Ela podia vê-lo. Ela não tinha escolha, a não ser olhar para ele. Para todo o sempre.

— O que acha agora, mamãe? Quem está no comando agora?

Todos os olhos que estavam ali eram dela. Todos aqueles olhos arregalados. Mas ela continuava lá fora, julgando-o, pronta para puni-lo com sua Mão implacável e seu cinto usado como chicote. Pronta para trancá-lo no escuro, para que ele não pudesse ver nada. Para que ele não pudesse saber de nada.

Ele cuidaria disso. Ah, sim, e como cuidaria! Pretendia acabar com a festa dela. Iria lhe mostrar quem era o chefe. Mostraria isso a todos.

Elas iriam pagar por isso. Esse filhinho de mamãe iria fazer com que todas pagassem caro, pensou, ao olhar mais uma vez para a tela. Ele iria mostrar a elas o que era capaz de fazer.

Todas três. Aproximou-se da tela cerrando os dentes ao olhar para Eve, Peabody e Nadine. Elas precisavam ser punidas. Às vezes era necessário fazer um pequeno desvio do plano inicial, mas elas

certamente seriam punidas. As pessoas sempre eram punidas por serem más. E eram punidas por serem boas, também.

Deixaria a vadia mais importante para o fim. Sim, isso era exatamente o que faria. E sorriu com ferocidade ao olhar para Eve.

Era sempre mais agradável deixar o melhor para o final.

Foi uma boa refeição, em boa companhia. Por quase duas horas, nenhum crime nem assassinato surgiu em sua cabeça. Ela curtiu em especial observar Roarke se relacionando com as pessoas. O jeito como ele circulava com desenvoltura entre e sofisticação urbana de Charles e o jeito esperto e malandro de McNab. O jeito como ele se integrava com as mulheres, elogiando-as sem ser pegajoso, flertando com elas sem ser atrevido.

Tudo sem esforço. Pelo menos, aparentemente. Mas será que ele não tinha problemas na cabeça, também? Os grandes negócios e acordos que eram o seu mundo e grande parte da sua vida. Ele passava o dia comprando e vendendo Deus sabe o que, ordenando e supervisionando projetos que ela nem conseguia imaginar. Participando de reuniões, tomando decisões e contemplando o enorme tabuleiro de xadrez que era seu império.

De repente estava sentado ali tomando café e sobremesa, contando uma história sobre uma briga de bar do seu tempo de juventude que fez McNab passar mal de tanto rir, ou trocando opiniões com Charles sobre grandes obras de arte.

A caminho de casa ele esticou o braço e passou a mão sobre a dela.

- Foi uma noite muito agradável, querida.
- Em nenhum momento chegou a ser um porre de tão chata.
- Grande elogio, vindo de você.

Ela riu consigo mesma e esticou as pernas. Em algum momento ao longo da noite ela aceitara a sugestão dele e relaxou. E depois de

relaxar, percebeu que havia curtido muito.

— Estou falando sério — garantiu ela.

— Querida Eve, sei que sim.

— Você é um cara com muitas camadas, Roarke.

— Sou apenas o máximo.

— Não sei por que sempre me cerco de espertinhos.

— Somos farinha do mesmo saco.

— Pois é — disse ela, depois de um segundo de reflexão.- Foi muito educativo ver você tagarelando e tentando agradar as pessoas.

— Eu não estava tentando agradar ninguém. Tentar agradar tem a ver com negócios, ou algo nessa linha. O que curtimos foi uma conversa pessoal e agradável com amigos.

— Ah, as coisas que a gente aprende! — Eve recostou a cabeça no banco mais uma vez. Estava cansada, mas reparou que não sentia esgotada pela fadiga. — Conversar foi o que mais fizemos e não foi nem um pouco chato, nem irritante.

— Ótimo. — Ele pegou a mão de Eve e pousou os lábios nela no instante em que o carro entrava pelos portões da mansão.- Adoro você.

— Rolou muita coisa por lá, também.

— Sim. Foi muito agradável passar algum tempo com dois casais tão obviamente apaixonados.

— O difícil foi não perceber isso, com tantos olhares melosos, batidinhas carinhosas e carícias ousadas. Havia um clima de sexo estalando como um chicote em pleno ar, entende? Já pensou como seria se trocássemos os elementos dessa equação?

— Teríamos sexo meloso e olhares estalados?

Ela soltou um riso abafado quando eles saíram do carro e caminharam em direção à porta e disse:

— Não, seu mané, estou falando de trocar as pessoas. Colocar Peabody com Charles e McNab com Louise. A coisa iria degrinolar na mesma hora.

— Você poderia colocar Peabody com Louise.

— Doente. Você é um tarado, sabia?

— Estou só acompanhando o seu jogo. — Ele a tomou pela mão enquanto eles subiam a escada para o quarto. — Parece que você já recuperou suas forças, tenente.

— Pela terceira ou quarta vez, só hoje. Na verdade eu me sinto ótima. — Ela fechou a porta do quarto de costas, com o pé, assim que entrou. — Se quer saber, ficar sentada ali sentindo todo aquele clima quente me deixou excitada. Que tal um pouco de sexo meloso?

— Pensei que você nunca fosse pedir.

Pendurando o braço no pescoço dele, ela deu um pulo e se deixou agarrar em pleno ar. Ela calculou o seu peso, a força dele, estreitou os olhos e perguntou:

— Por quanto tempo você acha que conseguiria me aguentar?

— Pelo menos até chegarmos à cama, com certeza.

— Não, eu quero saber por quanto tempo você me aguentaria assim, com tanta firmeza, ainda mais se eu... — Ela largou todo o peso do corpo e deixou pender os braços para baixo.

Eve sentiu que Roarke trocou o peso das pernas, ajustou o corpo sem cambalear, e disse:

— Desse jeito é mais difícil, certo, garotão?

— Mesmo assim eu consigo chegar à cama, onde espero reavivar você um pouco.

— Você está em boa forma, mas aposto que iria sentir o esforço se tivesse de me carregar desse jeito por, digamos, vinte ou trinta metros.

— Como eu não estrangulei você, não preciso fazer isso.

Ela se ajeitou no instante em que ele subiu a plataforma onde ficava a cama, com ela ainda no colo.

— Desculpe, Roarke. Nada de assassinatos na cama, esta noite.

Ela manteve os braços agarrados ao pescoço dele mesmo quando ele a pousou sobre o colchão.

— Agora você me acaricia.

Achando aquilo obviamente divertido, ele mordeu o queixo dela e fez os próprios cabelos lhe acariciarem o rosto como pincéis de seda.

— Isso definitivamente está nos meus planos.

— Não. — Ela riu outra vez, girou o corpo e se colocou por cima dele. — Sabe quando nós dois ficamos juntos, simplesmente, sem precisar pensar no assunto? Gosto disso.

Ela se inclinou para baixo a fim de roçar os lábios nos dele e, entrelaçando os dedos, se esfregou de forma sinuosa e prendeu os braços dele sobre a cabeça.

— Gosto disso — disse ela.

— Pois, então, divirta-se — convidou ele.

— Talvez seja melhor darmos só uma rapidinha, para o caso de eu perder meu terceiro ou quarto fôlego. — Ela enterrou os dentes no maxilar dele e apertou de leve.

Mantendo as mãos entrelaçadas às dele, deslizou os lábios por sua garganta lentamente, e depois voltou à boca. Então, recuou o corpo como uma gata para lhe desabotoar a camisa.

— É... — Ela esfregou as mãos sobre seu tórax nu. — Você está em boa forma. — E mordeu-lhe o peito.

Sentiu o coração dele disparar, martelando sob suas mãos e lábios. Ele a queria. Não era espantoso ele desejá-la sempre?

Os músculos da barriga dele se retesaram quando ela os saboreou, e deram um pulo quando ela deslizou os lábios pela sua cintura. Abrindo o zíper da calça, ela o libertou por completo e o atormentou lentamente.

Em seguida, desenroscando-se, ela deixou que ele tirasse a blusa dela, ao mesmo tempo em que pegava as mãos dele e as pressionava sobre os próprios seios.

Em um murmúrio baixo de prazer, ela deixou a cabeça tombar para trás. As mãos dele eram implacáveis, mas macias e habilidosas.

Os toques firmes daqueles dedos longos, que pareciam ondas de prazer, desceram do coração, seguiram para a barriga, e da barriga foram para o espaço entre as pernas, onde trabalharam nela com mestria.

— Deixe-me... Eu quero... — Ele ergueu o corpo e fechou a boca com força sobre a dela; os murmúrios se tornaram soluços e os dedos dele pareceram queimá-la.

Agora tudo era desespero, tudo era urgente. Um corpo escorregadio deslizando sobre o outro, mãos e bocas ávidas por mais. A físgada aguda dos dentes, o enterrar rápido das unhas, a dança quente das línguas.

Ela tremia quando abriu as pernas sobre ele, uma para cada . Mais uma vez as suas mãos e os seus olhos se fixaram um no outro. Então, ela o recebeu por completo dentro de si, de forma lenta e profunda. E gritou.

Respirando com dificuldade, ela colocou a testa contra a dele e lutou para conseguir um pouco de ar e um pouco de sanidade.

— Um minutinho só — conseguiu ela murmurar. — conseguiu murmurar. — É demais. Espere um minuto.

— Não é demais. — A boca dele parecia chamuscar de encontro à dela. — Nunca é demais.

Nunca seria demais. Ela ergueu o corpo devagar e o cavalgou.

Capítulo Quinze

Enquanto Eve estava encolhida em um sono sem sonhos com o corpo colado ao de Roarke, uma mulher chamada Annalisa Sommers dividia a conta e se despedia de algumas amigas.

A reunião do clube de fãs de teatro tinha ido até um pouco mais tarde naquela noite, pois todas as participantes tinham muitas novidades. O clube era só um pretexto, na verdade, para as amigas encontrarem, comerem, beberem alguma coisa ... e conversarem sobre homens, trabalho e mais homens.

Mas aquilo também servia para a obtenção de várias opiniões sobre a peça a que haviam assistido. Annalisa usava essas opiniões e as misturava com ideias próprias para escrever sua coluna semanal na revista *Stage Right*.

Ela amava o teatro desde o dia em que fizera o papel de um inhame no dia do desfile de Ação de Graças, em seu primeiro ano na escola. Como não sabia representar — embora tenha feito um inhame tão convincente que chegou a arrancar algumas lágrimas da sua mãe — e também não tinha nenhum dom para cenografia ou direção, ela transformou seu hobby em uma carreira escrevendo observações, em vez de resenhas completas, em peças que estavam em cartaz na Broadway e até mesmo nas que só passavam longe, muito longe de Times Square.

O pagamento era ridículo, mas os benefícios incluíam ingressos grátis e passes para o *backstage*, bem como a agitação de se sentir ganhando a vida fazendo algo que ela curtia.

Mesmo assim, Annalisa tinha um pressentimento de que o pagamento por suas colaborações iria aumentar em breve. Sua

coluna ganhava mais popularidade a cada dia, pelos mesmos motivos que a tinham empolgado tanto quando ela conseguiu o emprego na *Stage Right*. Pessoas comuns queriam saber os que as outras pessoas comuns achavam das peças. Os críticos não eram pessoas comuns. Eram críticos.

Depois de dez meses no emprego, ela já começava a ser reconhecida nas ruas e adorava que as pessoas a parassem no caminho para conversar, concordando ou discordando de suas opiniões.

Estava se divertindo como nunca.

Tudo estava indo maravilhosamente bem. Com o trabalho com Lucas. Nova York era o playground pessoal de Annalisa, e não havia lugar nenhum no mundo onde ela preferiria morar. Quando ela e Lucas se casassem — e todos os amigos concordavam que as coisas caminhavam, sem dúvida, nessa direção —, eles achariam um apartamento *mag* no West Side, receberiam os amigos em pequenas festas temáticas e seriam ridiculamente felizes.

Puxa, na verdade ela já se sentia ridiculamente feliz agora. Jogou os cabelos para trás e hesitou por alguns segundos na estrada nordeste do Greenpeace Park. Ela sempre cortava caminho pelo parque, conhecia o local tão bem quanto o espaço que ia da cozinha do seu apartamento para o quarto,

Uma distância muito curta, por sinal, reconheceu ela. Pelo menos até receber o aumento que esperava.

Só que duas mulheres haviam sido assassinadas em parques da cidade na semana anterior, e pegar um atalho à uma da manhã não era algo muito esperto de se fazer.

Ora, mas era idiotice pensar nisso. O Greenpeace era praticamente era o seu quintal. Ela passaria através dele em menos de cinco minutos estaria dentro de casa em segurança, enfiada debaixo do cobertor de sua cama pequena contando carneirinhos antes das duas da manhã.

Ela havia nascido em Nova York, pelo amor de Deus, lembrou a si mesma ao sair da calçada e enveredar pelas sombras das árvores. Sabia como cuidar de si mesma e como manter as antenas ligadas, Além do mais, já fizera cursos de autodefesa, estava em forma e levava um spray de pimenta com alarme no bolso.

Ha adorava aquele parque, de dia ou de noite. As árvores, as áreas reservadas para as crianças, os jardins e as hortas mantidos em cooperativa pelos moradores da área. Isso era prova, pensou Annalisa, da maravilhosa diversidade de Nova York. Arranha-céus e pepinos se espalhando a poucos passos uns dos outros.

Essa imagem a fez rir, e ela apressou o passo a caminho de casa.

Ouviu o gatinho miando antes mesmo de vê-lo. Não era incomum encontrar um gato desgarrado no parque, às vezes agressivo. Só que esse, ela percebeu ao chegar mais perto, não era um gato comum. Era um filhote recém-nascido, uma bolinha de pelos cinza, encurvado no caminho e chorando sem parar.

— Pobrezinho! Onde está sua mamãe, meu queridinho?

Ela se agachou e o pegou na mão. Só quando o acariciou é que percebeu que o bichinho era um androide. Que esquisito, pensou.

A sombra caiu sobre ela. Sua mão voou para o bolso, a fim de agarrar o spray, antes mesmo de ela tentar se levantar.

Mas o golpe que recebeu na nuca a fez perder o equilíbrio.

O androide continuou a miar enquanto golpes eram despejados sobre ela.

Às sete e vinte da manhã seguinte, Eve estava ao lado do corpo sem vida de Annalisa Sommers. O parque cheirava a verde. Grama recém-cortada, pensou, encontrando a expressão certa. Tudo parecia vivo e exuberante.

Dava para ouvir o tráfego matinal nas ruas e no céu, porém, havia uma pequena paisagem campestre onde alguns canteiros com vegetais se enfileiravam de forma organizada por trás de uma pequena tela protetora contra vandalismo, de onde saíam pesticidas. Eve não fazia a menor ideia do que estava sendo plantado ali. Era algo folhoso, com caules que se enroscavam em torno de ripas de madeira e se espalhavam, formando pequenos montes um pouco além.

Parte daquele cheiro de grama recém-cortada era provavelmente fertilizante, esterco ou sabe-se lá o que as pessoas misturavam com a terra para cultivar coisas que iriam acabar colocando na boca e chamar de "naturais".

Se bem que, analisando de forma objetiva não havia nada mais natural do que cocô.

A não ser sangue e morte.

No fim dos canteiros, atrás das estranhas treliças triangulares por onde as trepadeiras cresciam e além da tela colocada para afastar os cães e os pedestres, havia uma estátua retratando um homem e uma mulher. Cada um usava um chapéu. Ele carregava uma espécie de enxada ou ancinho, e ela trazia uma cesta cheia com o que parecia o fruto do seu trabalho. A colheita.

Aliás, *Colheita* era o nome da obra de arte, conforme Eve sabia, mas todo mundo chamava a estátua de *Mamãe e papai fazendeiro*. Ou simplesmente *Mamãe e papai*.

Annalisa tinha sido colocada aos pés da estátua, como uma oferenda aos deuses, com as mãos presas uma à outra sobre os seios nus. Seu rosto estava manchado de sangue e destruído, e o corpo parecia completamente coberto de marcas roxas.

— Que jeito horroroso de começar o dia — comentou Peabody.

— Sim. Muito mais horroroso para ela.

Eve colocou os micro-óculos e pegou os aparelhos de medição.

— Descubra a identidade da vítima — ordenou.

— A vítima é branca, sexo feminino. Há traços de violência no rosto, tronco e membros. Temos uma clavícula quebrada. Não há evidências de feridas defensivas. Uma fita vermelha feita de gorgorão em volta do seu pescoço aparentemente foi a arma do crime. Estrangulamento. Há também evidências de ataque sexual. Temos contusões e ferimentos entre as coxas e nos órgãos genitais.

— Vítima identificada como Annalisa Sommers, trinta e dois anos. Mora no número 15 da rua 31 Oeste.

— Identificação devidamente registrada na gravação. Os olhos da vítima foram removidos de forma semelhante à das duas vítimas anteriores, Elisa Maplewood e Lily Napier. A forma de ataque, a morte, a mutilação, a localização e a posição do corpo estão todas de acordo com as vítimas anteriores.

— Ele não muda muito de padrão — comentou Peabody. — Temos algumas fibras de cabelo na mão direita da vítima, coladas no sangue ressecado.

Eve pegou os cabelos com uma pinça, colocou-os em um pequeno saco de provas e ficou de cócoras no local.

— O que ela estava fazendo aqui por volta de uma da manhã, Dallas? Caminhando sozinha no meio de uma noite fria? A mídia espalhou para Deus e o mundo várias matérias sobre a entrevista coletiva. Ela certamente sabia que esse cara fica à espreita, caçando mulheres em parques públicos.

— Mas achou que não iria acontecer com ela. As pessoas sempre acham que a tragédia só desce sobre os outros em vez de pensar "isso vai tornar a acontecer com alguém e esse alguém pode muito bem ser eu".

Eve analisou o corpo.

— Ela mora aqui perto. Isso também combina com as outras vítimas. Há grandes chances de que ela seguia uma rotina: passava por aqui a caminho de casa ou ao sair para a rua. Cortava caminho

pelo parque, conhece bem a região. Mas o cabelo não está certo — murmurou Eve.

— Um pouco mais curto que as outras e um pouco mais escuro também. De qualquer modo está mais ou menos no padrão.

— Acho que ele precisa de um pouco de flexibilidade na questão, não é?

— Pelo visto, sim.

Com a cena gravada e a posição do corpo devidamente retrada, Eve voltou a atenção para a cabeça da vítima e a virou de lado.

— Ela recebeu um golpe na nuca. Um golpe muito forte. Talvez ele tenha vindo por trás, pulou, atacou-a e a derrubou. Ela está com arranhões feios nos joelhos, e tem grama e terra no cortes. Ela ficou de quatro no chão.

Erguendo uma das mãos da vítima, Eve notou os arranhões na parte baixa da palma.

— Foi então que ele pulou em cima dela, batendo e chutando, A fúria dele está aumentando a cada ataque. Aqui nós temos mais violência pré-morte. O assassino está perdendo o controle. Ele estupra, carrega a vítima para longe do local e acaba o serviço.

— Não recebemos nenhuma mensagem de Celina desta vez.

— Você também notou isso? — Eve se ergueu. — Vamos ligar para ela daqui a alguns minutos, mas antes eu quero dar uma olhada no local do assassinato.

Não era longe, dessa vez. Ficava logo depois dos canteiros de vegetais, ao longo da trilha. Havia traços de sangue, manchas e respingos sobre a grama e a terra.

Dessa vês foi mais fácil, pensou Eve. Ele só precisou carregá-la por pouco mais de cinco metros.

— Tenente? — Um dos peritos mostrou um saco de provas. — Encontrei isso no ponto três, bem ali. Um spray de pimenta de tamanho padrão. Deve ser dela, não lhe serviu de muita coisa.

— Vamos procurar impressões digitais.

— Temos fios de cabelo também. Alguns fios na trilha, achados no ponto um.

São de cor cinza, não pertencem à vítima. Pela aparência, nem parecem humanos.

— Obrigada.

— Provavelmente pertencem a algum esquilo, novamente disse Peabody.

— Pode ser. Qual era o emprego dela, Peabody?

— Colunista da revista *Stage Right*. Eve fez que sim com a cabeça.

— Devia estar voltando para casa, então. A pé. Uma da manhã é tarde para voltar do teatro. Talvez ela tenha ido tomar um rинque depois da peça ou foi jantar. Um encontro, quem sabe? Na volta, fez um atalho por dentro do parque. Esta é a região em que ela morava. Leva uma lata de spray de pimenta no bolso, por precaução, então não se preocupa. Alguns minutos para ganhar tempo e ela está de volta na rua, quase na porta de casa. Mas ele estava à espera dela. Escolheu o local, pois sabia que ela passaria bem ali. E a derrubou por trás.

Ela franziu o cenho diante das quase imperceptíveis marcas na grama que um dos peritos já havia marcado.

— Ele a carregou e a colocou bem debaixo de *Mamãe e papai*. Depois acabou o trabalho — Ela balançou a cabeça para os lados mais uma vez. — Descubra tudo o que conseguir a respeito dela. Parente mais próximo, cônjuge, parceiro de coabitação. Vou tentar achar Celina antes de visitar a residência da vítima.

Ela se afastou da cena do crime e fez a ligação.

Impaciente, enfiou a mão no bolso. O *tele-link* estava em modo de voz, apenas, quando Celina atendeu.

— Cancelar sistema de atendimento automático — ordenou Celina, aparecendo na tela e passando as mãos pelos cabelos para ajeitá-los. — Desculpe, eu estava dormindo. Mal ouvi o telefone

tocar. Dallas, é você? Merda, merda! Estou atrasada para o nosso compromisso?

— Não, ainda há bastante tempo. Você teve uma boa noite de sono, Celina?

— Tive, sim. Tomei uma dose cavalari de tranquilizante. — Os olhos dela pareciam desfocados e vagos. — Ainda estou meio grogue. O que você tem a dizer pode esperar até eu tomar um gole de café?

— Tivemos mais um.

— Mais um o quê?

Eve notou o instante em que ela percebeu tudo e como isso fez com que Celina arregalasse os olhos.

— Por Deus, não!

— Quero um tempinho a sós com você. Vamos nos encontrar no consultório de Mira.

— Eu vou... vou para lá assim que puder.

— Mantenha o horário marcado, nove horas. Não vou poder chegar antes, mesmo.

— Então nos encontramos lá. Sinto muito, Dallas. Sinto de verdade.

— Eu também.

— A vítima tem mãe e irmã aqui na cidade — Peabody comunicou a Eve. — O pai tornou a se casar e se mudou para Chicago. Não há cônjuge, ela nunca se casou e não tem filhos.

— Vamos dar uma olhada no apartamento e depois falar com a mãe.

O apartamento era pequeno, dramático e desarrumado, como Eve sabia era frequente no caso de mulheres solteiras. Programas de teatro e cartazes de peças eram os principais itens de decoração.

Havia muitas ligações dadas e recebidas pelo *tele-link* nas últimas quatro horas da sua vida.

Uma garota que gostava de bater papo — comentou Eve. — Temos ligações da mãe, da irmã, de colegas, de amigas e de um sujeito chamado Lucas, provavelmente o seu interesse romântico. Através dessas conversas eu já descobri que ela planejava assistir a uma peça no Trinity ontem à noite, e depois ia sair para comer e beber alguma coisa com as amigas. Vamos pesquisar essas amigas e ver se conseguimos identificar esse tal de Lucas.

— Vou ver o que consigo com os vizinhos.

Quando Peabody saiu, Eve continuou olhando em volta. Ela morava sozinha, decidiu, mas recebia homens — ou um homem de vez em quando. Havia roupas Íntimas sensuais nas gavetas alguns brinquedinhos sexuais básicos. Havia também algumas fotos e hologramas, e dois deles mostravam a vítima com o mesmo homem.

Pele morena, cabelos pretos, um cavanhaque bem cuidado com um tufo de barba em destaque sob o lábio inferior, um sorriso imenso com muitos dentes. Um homem muito bonito, avaliou, e postou todas as suas fichas como o nome dele era Lucas.

Colocou a foto em uma sacola de provas. Se elas não conseguissem o sobrenome dele, ela passaria a imagem pelo localizador de pessoas.

Annalisa era uma mulher sociável que gostava de grupos e adorava teatro, refletiu Eve. Mantinha um relacionamento amigável com a mãe e a irmã, tinha vários amigos. E, pelas conversas no *tele-link*, mantinha um relacionamento romântico e monogâmico com um homem chamado Lucas,

Estava morta porque pegara um atalho no parque para cortar caminho por três quarteirões.

— Não, ela corrigiu. Estava morta porque alguém a tinha escolhido, ficara de tocaia e a matara. Se ela não tivesse cortado

caminho pelo parque na noite passada, o assassino procuraria outro momento ou outra forma de pegá-la.

Ela era um alvo e a missão fora cumprida.

— Lucas Grande — informou Peabody, chegando de volta, compositor e músico. Eles se conhecem há algum tempo. Uma vizinha falou em seis meses ou pouco mais. Ela viu a vítima saindo de casa ontem às sete da noite. Simplesmente acenaram uma para a outra, mas a vizinha acha que ela usava jeans, um suéter azul um paletó preto curto.

— Ache o endereço de Lucas Grande. Vamos procurá-lo depois de conversar com a mãe.

Eve não sabia o que era pior: contar a uma mãe que sua filha estava morta e observá-la desmontar de dor ou contar a um homem que sua mulher estava morta e vê-lo se dissolvendo por dentro. .

Elas o acordaram. Ele atendeu a porta com os olhos sonolento , o cabelo em desalinho e ligeiramente irritado.

— Escutem, eu diminuí o volume da música. Nunca toco nada alto depois das dez da noite. Aliás, ninguém aqui do andar reclama. Não sei que bicho mordeu o cara do andar de cima. Ele é tão estouradinho que seria melhor morar em um apartamento à prova de som. .

— Não estamos aqui por causa de distúrbios sonoros ou reclamações, Sr.

Grande. Precisamos entrar para conversar com o senhor.

— Tudo bem, então. Que merda! — Ele recuou e fez um gesto de impaciência. — Escute, se Bird foi apanhado com zoner novamente não tenho nada a ver com isso. Tocamos juntos, apenas; na área de drogas ilegais as nossas praias são diferentes.

— Estamos aqui para falar de Annalisa Sommers.

— Annalisa? — Ele soltou um risinho. — Ela e as amigas encheram a cara e fizeram alguma besteira ontem à noite? Vou ter de pagar fiança para libertá-la, ou algo assim?

— Sr. Grande, sinto muito lhe comunicar que a Srta. Sommers foi assinada na madrugada de hoje.

O risinho desapareceu do rosto dele na mesma hora.

— Isso não tem graça. Que ideia é essa de espalhar um absurdo assim para assustar as pessoas?

— Sr. Grande, o corpo dela foi encontrado esta manhã no Greenpeace Park.

— Ah, qual é, para com essa brincadeira! — Ele recuou um pouco mais ao dizer isso, erguendo as mãos como se implorasse para que Eve parasse de falar.

— É melhor nos sentarmos — propôs ela.

— Annalisa? — Seus olhos se encheram de lágrimas. — A senhora tem certeza de que era Annalisa? Pode ser outra pessoa. Qualquer pessoa, ele devia estar pensando, conforme Eve sabia muito bem. Qualquer um, menos a pessoa que eu amo.

— Sinto muito Sr. Grande, não há nenhum engano. Precisamos lhe perguntar algumas coisas, agora.

— Eu estive com ela ontem mesmo. Almoçamos juntos. Vamos tornar a nos ver no sábado. Como é que ela pode estar morta?

— Vamos nos sentar ali. — Peabody o pegou pelo braço e o levou até uma poltrona.

A sala estava cheia de instrumento musicais. Havia uma espécie de teclado, um computador para produzir música eletrônica, duas guitarras elétricas, caixas de som. Eve circulou em torno delas e se sentou de frente para ele.

— Você e Annalisa estavam em um relacionamento?

— Vamos nos casar assim que eu fizer o pedido formal. Ia fazer isso no dia de Natal. Resolvi esperar até o Natal para tornar tudo mais especial. O que aconteceu a ela?

— Sr. Grande, conte-nos onde estava na noite passada.

Ele estava com as mãos no rosto e as lágrimas lhe escorriam por entre os dedos.

A senhora acha que eu seria capaz de machucá-la? Eu jamais faria isso. *Eu a amo.*

— Não, não penso que o senhor seria capaz de fazer algo desse tipo com ela, mas preciso perguntar.

— Tive uma sessão de gravação que acabou depois da meia noite, acho que bem depois. Ainda ficamos algum tempo no estúdio, bebemos algumas cervejas, comemos pizza, tocamos mais um pouco. Fui para casa mais ou menos às três da manhã, eu acho. Por Deus, alguém a feriu?

— Sim, uma pessoa a feriu muito.

O rosto dele, que já começava a inchar por causa do choro, repente ficou pálido como uma folha de papel.

— A senhora disse que ela foi encontrada no parque. Oh, meu santo Cristo. No parque! Aquelas outras mulheres. Foi o mesmo que aconteceu com as outras mulheres? Annalisa?

— Diga-me onde aconteceu a gravação, quem estava lá e resolvemos essa parte do problema.

— Foi no estúdio Tunes, que fica na rua Prince. Estive lá com Bird... Deus, meu Deus!... — Ele esfregava as mãos pelo rosto pelos cabelos, e seus dedos tremiam.

— O nome é John Bird. .. Katelee Poder e.. não consigo raciocinar direito. A mãe dela, a senhora já contou à mãe dela?

— Acabamos de voltar de lá.

— Elas são muito próximas. Amigas de verdade. A mãe dela já me deu várias esculhambações, mas é uma pessoal legal e nos damos muito bem. Preciso ir até lá.

— Sr. Grande, o senhor sabe informar se havia alguém importunando Annalisa?

Alguém em quem o senhor tenha reparado ou que ela tenha mencionado?

— Não. Ela me falava tudo, comentava até quando o nariz coçava certamente me diria, caso acontecesse algo desse tipo. Preciso

estar com sua família. Precisamos ir ver Annalisa juntos. Precisamos fazer isso juntos.

Ela conseguira dormir direto por mais de sete horas, refletiu Eve, acabara a véspera com um com um belo jantar entre amigos e uma sessão de sexo muito gratificante. Apesar de tudo isso, estava com uma I cabeça de arrasar quando entrou no consultório de Mira. A atendente da psiquiatra a informou, com mais amabilidade que o normal, de que a doutora estava atendendo à Sra. Sanchez, mas ela iria avisar que a tenente Dallas acabara de chegar.

— Deixe que elas acabem — disse-lhe Eve. — É melhor eu não estar lá dentro, mesmo. Posso adiantar algumas coisas do meu trabalho, enquanto espero.

Ela verificou as mensagens antes de qualquer coisa, e gostou de uma em especial: Berenski, do laboratório, contava alegremente que conseguira identificar uma pegada masculina no local do crime.

— Meu gênio não conhece fronteiras, Dallas — gabou-se. — Peguei um pedaço ridículo da pegada do assassino em um loco de grama, usei um pouco da minha magia e reconstruí a cagada completa. Bateu tudo direitinho. O rapaz tem um pezão tamanho quarenta e sete e usava um tênis da marca Mikon, modelo avalanche. Trata-se se de uma bota d caminhada ligeiramente modificada, e foi pouco usada. Há trezentas e setenta e cinco loja que vendem este tipo de calçado. Aqui na cidade há mais onze lojas de ponta de estoque que trabalham com esta marca e este modelo. Anexei a lista completa a esta mensagem. Você pode passar aqui mais tarde para me dar um beijo imenso, molhado gostoso, Dallas.

— Sim, vou correndo — debochou ela.

Mas Eve gostou da mágica que ele fez e analisou a lista ali Depois de colocar em destaque as lojas dentro ou próximas do

perímetro que investigava, passou o resto do tempo de espera redigindo um relatório preliminar sobre o novo crime.

Ergueu a cabeça quando viu a porta do consultório se abrir. — Dallas! — Celina correu na direção dela. Seus olhos estavam inchados, certamente devido a uma recente crise de choro. — Eve, por que não entra aqui na minha sala um instantinho — convidou Mira. — Celina, venha também para conversamos um pouco.

— Eu decepcionei você. — Celina apertou o braço de Eve, com força enquanto elas passavam pela porta do consultório. Também estou decepcionada comigo mesma.

— Você não me decepcionou, não.

Eve se sentou, pronta para tomar um pouco de chá floral, mas farejou o ar como um cão perdigueiro e sentiu o cheiro de café.

— Eu sabia que você iria querer café, e provavelmente precisa disso — brincou Mira, oferecendo-lhe uma xícara. — É um marca da casa, mas pelo menos é café.

— Obrigada.

— Eu nem assisti aos noticiários da manhã. Obrigada — agradeceu Celina, e pegou o chá que Mira lhe oferecia. — Queria saber de tudo direto de você. Já chorei litros, a Dra. Mira deve estar encharcada com minhas lágrimas, mas desabafei quase tudo. Antes de qualquer coisa, quero lhe dizer o seguinte: nunca imaginei que ele sairia novamente ... isto é, que ele atacaria alguém ontem à noite. Estava tão terrivelmente cansada, Dallas, que queria apenas uma boa noite de sono antes dessa minha consulta com a doutora. Queria apagar por completo e tomei dois tranquilizantes.

— Esse tipo de coisa bloqueia as visões?

— Pode bloquear, sim. — Celina olhou para Mira, que assentiu com a cabeça. — A droga suprime a visão. Eu poderia ter percebido algo, mas estava tão apagada que não senti nada. Uma sessão de hipnose poderia trazer os detalhes de volta. Do mesmo modo que o remédio consegue bloquear as outras pessoas, a hipnose pode me

fazer ver o que ocorreu com mais detalhes. Poderei enxergar tudo o que não me permiti ver.

— Sim, isso é muito possível — confirmou Mira. — A hipnose pode levar uma testemunha a um evento passado e trazer mais detalhes, com mais foco, até um ponto específico, desde que isso seja feito sob a supervisão de um profissional. Poderemos descobrir coisas que você viu, Celina — continuou a psiquiatra —, mas não lembra conscientemente.

— Entendi como funciona — disse Eve. — Quando isso poderá ser feito?

— Ainda não completamos os exames físicos. Se eu não encontrar nada de errado no organismo de Celina, poderemos começar as sessões a partir de amanhã.

— Sessões? Amanhã?

— É quase certo que precisaremos de mais de uma sessão, Eve. Eu prefiro esperar vinte e quatro horas para ter certeza de que os tranquilizantes foram completamente metabolizados pelo corpo de Celina. Além disso, ela estará mais estabilizada emocionalmente.

— Mas não podemos começar isso antes? — Pediu Celina. — Posso meditar um pouco e limpar o caminho. Gostaria de começar o mais rápido possível, porque eu me sinto ...

— Responsável. — Foi Mira quem terminou a frase. — Você se sente responsável pela mulher que foi morta ontem à noite, mas não tem culpa.

— Se ela passar no exame físico e fizer a tal da meditação nós poderemos começar mais cedo?

Mira olhou para Eve, soltou um longo suspiro e se levantou para olhar a agenda.

— Poderíamos começar às quatro e meia da tarde, hoje mesmo. Mas pode ser que você não consiga todas as respostas, Eve. Tudo vai depender do quanto Celina vai se mostrar receptiva à técnica e

também do quanto ela realmente viu e conseguirá trazer de volta, à mente.

— Você vai estar lá? — quis saber Celina.

Não se torne dependente de mim, foi o que Eve teve vontade de dizer. Não me olhe como se eu fosse a sua âncora.

— Estarei sim, se puder. Tenho uma pista que preciso segui-la, além de um monte de rotinas para acompanhar, todas relacionadas com a vítima mais recente.

— Se você puder ...

— Há algo que eu deva saber? — perguntou Mira, tornando a se sentar. — Algum dado novo para acrescentar ao perfil?

— Tudo seguiu mais ou menos o mesmo padrão. Parece que Annalisa Sommers estava cortando caminho por dentro do parque quando ...

Eve parou de falar porque a xícara de chá que Celina segurava, se espatifou no chão em mil pedaços.

— Annalisa? — Ela colocou as mãos no assento da poltrona, como se fosse se levantar, mas simplesmente se deixou cair novamente. — Annalisa Sommers? Meu bom Deus!

— Você a conhecia?

— Talvez seja outra pessoa com o mesmo nome. Pode ser que seja... mas é claro que não é. Então é por isso ... Esse é o motivo de eu estar ligada a este caso. — Ela olhou para a xícara de porcelana quebrada. — Desculpe, doutora.

— Tudo bem, permaneça sentada. Não se preocupe. — Mira se agachou e colocou a mão sobre o joelho de Celina, para lhe servir de conforto, antes de começar a recolher os cacos. — Ela era amiga sua?

— Não. Quer dizer, não exatamente. — Ela pressionou as mãos sobre as têmporas. — Eu a conhecia socialmente. Gostava dela. Era impossível não gostar de Annalisa, sempre tão brilhante cheia de vida. — Ela deixou cair as mãos e seus olhos se arregalaram de pavor. — Lucas. Oh, meu Deus, Lucas. Ele deve estar

completamente fora de si. Ele já soube? — Ela esticou o braço e agarrou a mão de Eve. — Ele já soube do que aconteceu?

— Sim, conversei com ele.

— Eu achava que as coisas não poderiam piorar, mas podem, sim. É muito pior quando acontece com alguém que conhecemos. Por que ela estaria no parque? — Celina bateu com a mão fechada na perna. — Por que qualquer mulher da cidade chegaria perto de um parque depois do que já aconteceu?

— Porque as pessoas fazem o que estão a fim de fazer. Como foi que você a conheceu? — perguntou Eve.

— Por meio de Lucas. — Ela aceitou o lenço de papel que ira lhe entregou, mas ficou olhando para ele sem perceber as lágrimas que lhe escorriam pelo rosto. — Lucas e eu tivemos um envolvimento amoroso. Moramos juntos por muito tempo.

— Entendi. — Eve assentiu com a cabeça. — Quer dizer que ele é o seu ex?

— Meu ex-amante, sim, mas não ex-amigo. Não foi um rompimento traumático. Simplesmente fomos nos afastando aos poucos e resolvemos seguir cada um para o seu lado. Gostávamos muito um do outro, mas não estávamos mais apaixonado. — Por fim, ela levou o lenço aos olhos. — Mantivemos contato. Até hoje nos vemos de vez em quando, para almoçar juntos ou tomar um drinque.

— Para sexo também?

Ela baixou as mãos lentamente.

— Não. Imagino que você precise perguntar uma coisa dessas. Não, a verdade é que não tínhamos mais momentos íntimos. Alguns meses atrás, acho que faz quase um ano, ele e Annalisa começaram a sair. — Eu soube porque dava para ver, e também porque ele me contou, que a coisa entre os dois era séria. Eles estavam muito felizes juntos, e eu estava feliz por eles.

— Você é uma pessoa de mente aberta.

— Ora, mas você ... — Ela parou de falar, engoliu a resposta zangada que estava na ponta da língua e respirou fundo para acalmar. — Você nunca teve alguém na sua vida que amou e deixou de amar depois, ou passou a amar de um jeito diferente?

— Não.

Celina prendeu o riso.

— Pois saiba que isso acontece com as pessoas, Dallas. E elas continuam a gostar umas das outras. Lucas é um homem bom. Deve estar arrasado.

— Está, sim.

Ela fechou os olhos com força.

— Será que eu deveria visitá-lo? ... Não, agora não, pelo menos por enquanto. O fato de eu fazer parte dessa história tornaria tudo mais difícil para os envolvidos. Podemos começar a sessão de hipnose mais cedo? — Ela olhou para Mira novamente.

— Quem sabe logo depois dos exames físicos?

— Não. Você precisa de um tempo a mais, especialmente agora. Se você quer ajudar de verdade, deve tirar esse tempo para descansar.

— Eu vou ajudar. — Ela fechou as mãos novamente. — Vou ver o rosto dele, eu juro. E quando fizer isso... — os olhos dela pareceram flamejar quando fitou Eve. — Quando eu enxergar o rosto dele você vai pegá-lo, para impedi-lo de continuar matando.

— Sim, eu vou pegá-lo.

Capítulo Dezesseis

Ela conhecia a vítima? — Um ar de pena invadiu o rosto de Peabody. — Lucas Grande é o ex-namorado de Celina? Agora é que a ficha está caindo. Puxa, isso deve ser duro, muito brabo de encarar. E deve ser isso que serviu de gatilho para as visões, desde o início. É o tipo lógica comum em eventos paranormais.

— Você não pode usar as palavras *lógica* e *paranormal* na mesma frase.

— Claro que pode, oh, grande e teimosa incrédula!

Elas iriam investigar calçados em geral, pensou Eve. *Isso* era usar a lógica.

— Quando é que eu vou poder dirigir esse carrão?

— Quando aprender que luz amarela significa "acelere ao no máximo para passar antes de ficar vermelho", e não "siga como uma lesma a partir do quarteirão anterior".

— Assim você me obriga a contar que você dirige de forma muito ofensiva, em vez de defensiva.

— Isso mesmo! E você dirige como uma daquelas velhas todas certinhas que na hora do almoço não pegam o último biscoito amanteigado porque outra pessoa pode querer — rebateu Eve, com a voz deliberadamente afetada. — Não estou nessa, para o inferno com essas frescuras. Se eu quero o biscoito, vou lá e pego o biscoito. Agora eu preciso de ajuda com um exemplo, e pare de fazer bico.

— Eu tenho direito a trinta segundos para fazer bico sempre que minhas habilidades na direção são insultadas injustamente e de forma brutal. Além do mais, pegar o último biscoito é falta de educação.

— É por isso que você e suas amigas certinhas deixam o garçom devorar o último biscoito quando ele leva o prato de volta para a cozinha?

Bufando de leve, Peabody cruzou os braços com raiva, pois percebeu que Eve talvez tivesse razão. Ao longo da vida ela havia perdido muitos biscoitos por causa das boas maneiras.

— Qual é o exemplo que você quer?

— Digamos que você esteja morando junto com um cara. O astral de Peabody melhorou na mesma hora.

— Mas eu *estou* morando com um cara — disse ela, com orgulho.

— Peabody.

— Sei, sei, é um lance hipotético. — Ela fez mais um bico enquanto Eve acelerava para passar por um sinal amarelo. — Por acaso ele é um cara muito gato e muito sexy que me traz biscoitos e sempre me deixa comer o último por puro amor e devoção?

— Pode ser. De repente, você e esse cara rompem o relacionamento.

— Ahh ... Não gostei dessa parte.

— Quem gosta?

— Ele me largou porque eu comi todos os biscoitos e fiquei bunduda?

—Peabody!

— Tá legal, tá legal... senhora! Só estou tentando entender os motivos. Quero saber quem terminou, por que razão e ... deixa pra lá — encerrou, ao ver que Eve rangeu os dentes.

— Os dois se separaram e cada um vai para um lado. Vocês ainda continuam amigos?

—Talvez. Isso depende. Não morda minha jugular nem na nada do tipo, porque depende, mesmo. O rompimento envolveu xingamentos mútuos e lançamentos de objetos pequenos e frágeis

um contra o outro ou foi simplesmente uma decisão triste e sensata, tomada a dois? Isso faz diferença, entende?

Eve não entendia, mas manteve a linha de raciocínio.

— Não vejo diferença nenhuma, mas vamos dizer que, nesse caso, foi uma decisão triste, sensata e mútua. Mais tarde, o cara arrumou outra mulher. Como você se sentiria a respeito disso?

— Mais uma vez, depende ... Eu também arrumei um novo cara? A outra mulher é mais magra do que eu, mais bonita, mais rica ou algo assim? Ela tem peitos maiores e mais firmes? Todos esses fatores contam.

— Droga, por que as coisas precisam ser assim tão complicadas?

— Porque são, mesmo.

— Nada disso, quero objetividade. Você está com o cara, depois não está mais, então ele aparece com outra pessoa. Simples direto. Vocês continuam amiguinhos?

— Humm ... Vamos ver. Eu estava muito a fim de um carinho legal logo que me mudei aqui para Nova York. Não morávamos juntos, nem nada do tipo, mas estávamos muito envolvidos. De repente a coisa esfriou. Não fiquei arrasada, pra baixo, nem nada desse tipo, mas me senti meio aluada e desapontada por algum tempo. Só que acabei superando. Podemos dizer que continuamos amigos, e eu costumava vê-lo por aí, de vez em quando.

— Essa novela vai levar muito tempo para acabar? Preciso tomar um Stay-Up para não dormir antes do fim?

— Foi você quem perguntou. Continuando ... Ele engatou um lance com uma louraça magricela com peitões. Tinha um QI de repolho, mas a escolha foi dele, certo? Eu fiquei meio irritada com isso, mas fui em frente. Talvez, em algum recesso escuro da mente, eu não me importasse se ele pegasse um caso leve de herpes genital, mas não cheguei a torcer para o pau dele cair, nem nada do tipo. E se

eu e McNab um dia nos afastarmos eu o mando pastar e pronto- Ela esperou um segundo. -Você ainda está acordada?

— Quase cochilando.

— Se você está achando que Celina armou uma vingança malévola por causa de Lucas e Annalisa, eu não concordo. Não é assim que a coisa funciona.

— Por quê? Você acaba de dizer *depende* umas seis milhões de vezes.

— O lance da mediunidade não é assim. Em primeiro lugar, não dá para lançar um feitiço em um cara para fazê-lo sair por aí acabando com um monte de mulheres, desde que uma delas seja Annalisa. Em segundo lugar, foi Celina quem nos procurou. Se ela não tivesse feito isso, nosso radar não ia nem piscar quando Annalisa morresse. Em terceiro lugar, todas as provas apontam para o fato de que Annalisa entrou no parque por vontade própria, e sozinha. Para terminar, temos o perfil do cara. Ele é um solitário, um sujeito que odeia mulheres, um predador.

—Você tem razão do início ao fim. Acho que eu simplesmente não gosto quando essa lógica paranormal bate de frente com certas coincidências.

— Acho que deve ter algo mais perturbando sua cabeça. Eve não disse nada por longos instantes.

— Tudo bem. Confesso que não gosto do jeitão dessa história. Estou me baseando em visões mediúnicas e sessões de hipnose. E também não gosto de Celina dependendo tanto de mim para eu lhe dar uma força ou segurar sua mão.

— Não tem lugar na Pousada Dallas para receber mais uma amiga?

— Pois é, está tudo lotado. Talvez se um dos meus amigos se mudar para outro planeta ou sofrer um acidente trágico eu consiga encaixar mais uma amiga na pousada.

— Ah, qual é, Dallas, você gosta dela.

— Gosto sim, e daí? Precisamos ser amigas do peito só porque eu gosto dela? Vamos ter de começar a sair juntas? Vou ser obrigada a ceder para ela a porcaria do último biscoito, a partir de agora? ,

Peabody riu e deu uma palmadinha no braço de Eve.

— Pronto, pronto, não fique nervosa, você vai conseguir enfrentar essa provação. Lembre o quanto você se divertiu ontem a noite.

Agora foi a vez de Eve sentir vontade de armar um bico, mas colocou toda a energia na busca por um lugar para estacionar.

— Sei, sei... E não pense que eu não entendo como essas coisas funcionam. Agora nós vamos ter de receber todo mundo lá em casa. Depois vocês vão receber os amigos na casa de vocês e a assim por diante.

— Já estamos planejando uma reunião para inaugurar o apartamento.

— Viu só? — Eve movimentou o carro bruscamente, de propósito, e entrou com rapidez em uma vaga colada no meio-fio, e no segundo andar. Sabia que o coração de Peabody iria parar na garganta, com o susto. — Isso não acaba nunca. Depois de entrar nesse barco da amizade não dá para saltar fora. Você fica navegando em círculos, sem parar, e cada vez mais gente fica querendo embarcar. Agora eu vou ter de comprar uma porcaria de presente só porque vocês estão morando juntos.

— Estamos precisando muito de um conjunto de cálices para vinho . Peabody ria muito quando saltou do carro. — Sabe, Dallas, você tem muita sorte com seu grupo de amigos, do qual eu faço parte. Todos são inteligentes, divertidos e leais. E diferentes uns outros. Pense só: Mavis e Mira poderiam ser mais diferente uma da outra? Mesmo assim as duas adoram você. Depois de tudo, uma coisa legal acontece: seus amigos também se tornam amigos entre si.

— Sim, e fazem novas amizades, e uma pessoa normal acaba tendo de aturar Trina. — Constrangida, ela passou a mão pelos

cabelos, na altura da nuca.

— Ela é incomparável. — As duas desceram até a calçada. — E você tem um homem como Roarke do seu lado, e nunca vão lhe faltar biscoitos.

— Cálices de vinho? — Eve bufou com força.

— Não temos nenhum conjunto fino para poder receber os amigos.

Eve tinha se sentido mais à vontade na academia Jim's de musculação do que na loja de roupas e calçados masculinos de grife especializada em tamanho GG.

A loja tinha três andares: o que dava para a rua, um em cima um no subsolo. Como a sessão do subsolo era dedicada a "produtos para os pés" — por que não se chamava simplesmente «sapatos e meias»? —, elas desceram direto.

Pelo visto, conforme Eve descobriu, o conceito de "produtos para os pés" não se limitava apenas a sapatos e meias. Incluía chinelos, botas e botinas, um troço chamado "extensor de pernas" — com ou sem controle remoto de barriga. Também havia protetores para sapatos, caixas para sapatos, equipamentos para aquecer o interior dos sapatos, joias para os pés e para os tornozelos e um monte de produtos relacionados com cuidados e embelezamento dos pés.

Quem poderia imaginar que havia tanta coisa voltada para os pés masculinos?

Um vendedor se aproximou, pigarreou quando ela se apresentou e foi correndo chamar o gerente.

Enquanto esperava, Eve focou a atenção nos sapato que investigava.

Eram resistentes, decidiu. Bem pesados. Práticos, eficientes e com um bom acabamento. Ela não se importaria de ter um par de

sapatos daqueles.

— Madame?

— Tenente, por favor — corrigiu ela, virando-se com o sapato na mão. E teve de dar um passo para trás e erguer a cabeça, fim de fitar o gerente nos olhos.

Ele tinha mais de dois metros e dez, mas era magro como os caniços que ela vira sendo usados para firmar os arbustos novos do Greenpeace Park. Sua pele era escura como uma noite de lua nova e a parte branca dos olhos e os seus dentes brilhavam como gelo. Enquanto Eve o analisava de cima a baixo, a boca dele prendeu o riso, mostrando que ele já estava acostumado a esses olhares de curiosidade.

— Madame tenente — disse ele, com voz muito suave. — Meu nome é Kurt Richards, o gerente.

— Você é armador de algum time de basquete?

— Já fui, sim. — Ele se mostrou satisfeito. — Joguei no Knicks há algum tempo. A maioria das pessoas automaticamente pergunta se eu já joguei basquete, mas raramente alguém acerta posição.

— Não tenho oportunidade de acompanhar esportes, mas aposto que você alcançava acima da tabela.

— Gosto de pensar que sim. Parei de jogar há quase oito anos. Basquete é um esporte para jovens, a maioria dos esportes é assim. — ele pegou o sapato da mão dela. As palmas das mãos dele eram muito largas, mas seus dedos tão longos que não pareciam desproporcionais. — A senhora está interessada no Mikon Avalanche?

— Estou interessada na lista dos clientes que adquiriram esse modelo no tamanho quarenta e sete.

— A senhora é da Divisão de Homicídios?

— Estou vendo que você também é bom em adivinhar a posição das pessoas.

— Assisti a uma matéria no noticiário de ontem, mostrando a sua entrevista coletiva. Suponho que isto tenha a ver com os Assassinatos do Parque.

— É assim que a mídia está chamando?

— Sim, e com muito destaque. — Com os lábios apertados, ele girou o sapato na mão, analisando-o. — A senhora está procurando por um homem que usa este modelo e calça quarenta e sete?

— Seria de muita ajuda se eu pudesse ter acesso à lista dos seus clientes com essas especificações.

— Ficarei feliz em ajudá-la. — Ele recolocou o sapato na vitrine.

— Também quero os nomes dos funcionários que compraram sapatos desse número.

Isso o fez parar por um instante.

— Bem, então eu devo me considerar sortudo por calçar quarenta e nove. A senhora quer vir até minha sala enquanto eu faço levantamento dos dados que pediu ou prefere ficar circulando pela loja?

— Vamos subir até lá. Peabody ...

Ela parou de falar e franziu a testa com ar de estranheza ao avistar Peabody com um monte de meias colorida nas mãos.

— Pelo amor de Deus, detetive!

— Desculpa, desculpa! — Ela foi até onde Eve estava.- É que meu irmão e meu avô calçam quarenta e tantos. Os dois têm pezões. Pensei que, já que estávamos aqui...

— Tudo bem — assegurou o gerente Richards, fazendo sinal para um vendedor. — Vou tirar a nota e mandar embrulhar. A senhorita poderá pegar o pacote no balcão do primeiro andar quando sair.

— Sabe o que é, Dallas?... O Natal não está muito longe. — Com sua missão cumprida, Peabody saiu da loja com os pacotes na mão, correndo atrás de Eve.

— Por favor!

— Sério! O tempo voa, e se você comprar presentes a cada vez que achar alguma coisa interessante, não precisa ficar com aquele olhar de maluca fazendo compras nos últimos dias. Além do mais, as meias são lindas e estão em liquidação. Para onde vamos agora? O carro ficou lá atrás ...

— Vamos andar um pouco. A próxima parada fica só a seis quarteirões daqui.

Caminhar vai fazer bem para a sua bunda.

— Eu *sabia* que estava parecendo mais gorda com essas calças largas. — Ela parou e estreitou os olhos ao fitar Eve. — Você disse isso só para se vingar por eu ter comprado as meias, não foi?

— Você nunca vai saber com certeza, não é? — Ela manteve o passo e pegou o comunicador quando ele tocou. — Dallas, falando!

— Os primeiros resultados já apareceram — informou Feeney, com a boca cheia de amêndoas. — Vamos passar para o nível seguinte, agora, eliminando mulheres, famílias e as outras pessoas que não se encaixam nos parâmetros traçados no perfil.

Eve rodeava e se desviava das muitas pessoas a pé.

— Envie os dados que bateram para o computador da minha sala na Central, caso eu precise voltar a eles. Obrigada pelo trabalho rápido, Feeney.

— Meus meninos caíram dentro.

— E quanto aos discos do Departamento de Trânsito?

— A coisa está mais lenta nessa frente, não lhe prometo nada.

— Tudo bem. O laboratório identificou o sapato. Já peguei a lista de clientes da primeira loja. Vou mandá-la para você. Se pintar alguma novidade eu preciso saber na mesma hora.

— Combinado! Faltam quantas lojas para pesquisar?

— Um monte, mas a gente dá conta.

Eve parou em uma esquina e ignorou o vapor de uma carrocinha de lanches que fedia a cebola reidratada, não deu bola

para o pedestre que vinha atrás dela e resmungava contra os demônios do inferno; e mal ouviu o bate-papo entre duas mulheres com sotaque do Bronx, que também estavam atrás dela e elogiavam um espetacular vestido novo que iria fazer uma delas parecer uma deusa.

— Ele é daqui de Nova York — garantiu a Feeney, e colocou o pé na rua junto com uma horda de pedestres um segundo antes o sinal mudar. — Aposto que ele faz compras aqui na cidade. Mesmo assim, temos de ampliar as buscas... subúrbios, lojas fora do estado, internet, isso vai levar dias, talvez semanas. O pior é que ele acelerou o ritmo.

— Pois é, eu já soube. Vamos continuar ralando aqui. Se você precisar de mais gente fazendo trabalho de rua, é só me avisar.

— Pode deixar. Obrigada.

* * *

Elas visitaram mais duas lojas, até que Eve sentiu pena de sua parceira e mandou que ela pegasse alguns cachorros-quentes com salsicha de soja em uma carrocinha. Fazia um belo dia para comer ao ar livre e aproveitar a temperatura agradável.

Ela se sentou na grama do Central Park e analisou o castelo.

A coisa não havia começado ali, mas era seu ponto de partida oficial.

Um sujeito de tamanho avantajado. Rei do castelo. Ou será que ela estava forçando a barra?

Ele colocara a segunda vítima sobre um banco de jardim, perto de um memorial que homenageava heróis. Homens, em especial, que haviam feito o que precisava ser feito. Homens másculos. Homens que passaram a ser lembrados por suas ações diante de grandes traumas e adversidades.

Ele gostava de símbolos. Rei do castelo. Força na adversidade.

O terceiro corpo fora colocado perto de um jardim, sob uma estátua que representava fazendeiros.

O sal da terra? Sal purificado ou condimentado? Ah, tudo aquilo era papo furado.

Fazer algo crescer. Usar as próprias mãos, o próprio suor músculos para criar vida? Para criar morte.

Ela expirou com força. Talvez funcionasse com o material de artesanato. Talvez. Autoconfiança, quem sabe? Faça você mesmo, Parques significavam alguma coisa para ele. Os parques em si. Algo tinha acontecido com ele em algum parque, algo do que ele se vingava toda vez que matava.

— Poderíamos fazer uma pesquisa regressa — murmurou ela.
— Investigar se houve algum ataque sexual a um homem em um desses parques. Não ... um ataque a uma criança, esse é o ponto. Ele cresceu. Ninguém iria se meter com ele, agora. Mas em menino era indefeso, como uma mulher: Como é que você reage é um menino? Então você precisa se tornar forte, para isso nunca mais acontecer. É preferível estar morto a suportar isso de novo.

Por um instante, Peabody não disse nada. Não tinha muita certeza se Eve estava falando tudo aquilo para ela.

— Pode ser que ele tenha sido espancado ou humilhado, e em vez de sexualmente atacado — arriscou Peabody. — Ou, quem sabe, humilhado ou ferido de algum modo por alguma figura feminina de autoridade.

— É. — Eve esfregou, distraída, um ponto dolorido na base do crânio. — Provavelmente a mulher que ele está matando simbolicamente, agora. Se foi sua mãe, irmã ou algo assim, provavelmente não foi nem denunciado. Mas vamos verificar de qualquer jeito.

— Se uma mulher que cuidava dele e o controlava abusou dele, física ou sexualmente, isso deve tê-lo distorcido desde a meninice. Mais tarde o gatilho foi acionado e ele se vingou dela.

— Você acha que ser espancado na infância serve de desculpa para isso?

A irritação na voz de Eve fez com que Peabody falasse com mais cuidado.

— Não, senhora. Acho que é uma razão que pode ter se transformado em um motivo.

— Não há motivo para matar pessoas inocentes e se encharcar com o sangue delas só porque alguém maltratou você no passado. Não importa como foi, quando aconteceu, nem quem fez isso. Esse argumento é bom para advogados e psiquiatras, mas não é real. A verdade é que você aguenta firme e se reergue. Se não agir assim, não vai ser melhor do que a pessoa que espancou e violou você. Vai ser tão má quanto o pior deles. Você pode aceitar essa história de ciclo de abusos e vítima traumatizada pelo passado, mas o fato é que tudo não passa de papo furado e ...

Ela parou de falar de repente e sentiu no fundo da garganta o gosto ácido da própria raiva. Encostou a testa nos joelhos elevados e desabafou:

— Merda! Passei dos limites.

— Se você acha que eu alimento algum tipo de pena por ele ou estou buscando uma desculpa para o que fez, está enganada.

— Não acho nada disso. Eu explodi em você por cortesia de neuroses pessoais — Foi duro e Eve sabia que se sentiria amarga, mas já estava na hora de ir embora dali.

De repente, ergueu a cabeça. — Espero que você enfrente qualquer situação de perigo comigo, sem hesitação, Peabody. E sei que fará isso sem pensar duas vezes. Espero que fique ao meu lado, se atole no sangue, lide com toda a merda que aparecer e coloque sua segurança e conforto pessoais em segundo plano. Sei que você fará isso não só pela pessoa que e, mas também porque fui eu quem treinou você.

Peabody ficou calada.

— Era diferente no tempo em que você era minha auxiliar. Um pouco diferente. Uma parceira tem todo o direito de conhecer outras coisas.

— Você foi estuprada.

— De onde, diabos, você tirou esse papo? — perguntou Eve. — Simplesmente olhando para Peabody.

— Conclusão alcançada através de observações, associação ideias, especulação lógica. Não creio que esteja enganada, ma você não precisa conversar a respeito.

— Você não está enganada. Nem sei como a coisa começou. Não consigo me lembrar de tudo.

— Você sofria abusos regularmente?

— Abuso é uma palavra limpa, Peabody. Para ser franca, acho uma palavra suave demais e vocês, as pessoas em geral, têm a mania de usá-la para cobrir um território muito grande. Meu pai me espancava com os punhos ou qualquer coisa que estivesse ao alcance da sua mão. Ele me estuprava o tempo todo. Se uma vez já é o bastante, por que tentar lembrar quantas vezes aconteceu?

— E a sua mãe?

— Já tinha sumido, a essa altura. Era uma prostituta drogada. Na verdade, eu nem me lembro dela e, pelo pouco que lembro, não era muito melhor que ele.

— Eu queria ... queria dizer que sinto muito, mas as pessoas usam essa expressão com muita facilidade e para cobrir muita. Dallas, na verdade eu não sei o que dizer.

— Não estou contando isso para você ter pena.

— Não, você não faria isso.

— Uma noite, quando eu tinha oito anos ... eles dizem que eu tinha oito... Estava trancada em um buraco para onde ele tinha nos levado. Fiquei sozinha por um bom tempo e descobri algo para comer. Um pedaço de queijo. Estava morrendo de fome. Sentia frio, estava subnutrida e achei que iria escapar numa boa comendo o

queijo antes que ele voltasse. Mas ele voltou e não estava bêbado o bastante. Às vezes, quando ele voltava e apagava por completo, me deixava em paz. Só que isso não aconteceu naquela noite.

Ela parou de falar e se recompôs, antes de continuar.

— Ele me agrediu e me derrubou. Tudo o que eu podia fazer era rezar para que a coisa acabasse ali. Seria apenas uma surra. Mas logo eu percebi que haveria mais. Não chore, Peabody. Não vou conseguir terminar se você chorar.

— Mas eu não aguento ouvir isso sem chorar. — Ela usou um dos guardanapos pequenos para enxugar o rosto.

— Ele montou em mim. Tinha de me dar uma lição. Aquilo machucou. Depois de um tempo você se esquece de o quanto o machuca. Até que acontece novamente e é pior do que você lembrava. Mais até do que dá para suportar. Tentei impedi-lo. Era pior quando eu tentava impedi-lo, mas eu precisava tentar. Não aguentava mais e lutei. Ele quebrou meu braço.

— Por Deus, meu santo Cristo, Dallas! — Agora era Peabody quem colocava o rosto sobre os joelhos e chorava sem parar, tentando não fazer muito barulho.

— Crack! — Ela focou os olhos no lago, na calma das águas nos lindos barcos que navegavam suavemente. — Quando o osso é pequeno o barulho é curto, como o de um estalo. Fiquei louca de tanta dor. E a faca estava ao meu alcance. A faca com a qual cortara o queijo. Estava caída no chão, e meus dedos se fechados em torno do cabo.

Lentamente, com o rosto encharcado de lágrimas, Peabody ergueu a cabeça.

— Você enfiou a faca nele. — Limpou ao rosto com as costas das mãos. — Espero, por tudo que é mais sagrado, que você o tenha cortado, em pedacinhos.

— Eu fiz isso. Foi mais ou menos assim. — Havia pequenas ondulações na superfície do lago, agora, reparou Eve. As águas não

pareciam tão calmas com as ondas se espalhando, sem parar. — Eu continuei esfaqueando-o até que fiquei... toda banhada em sangue. E foi assim. — Ela inspirou fundo, um pouco trêmula. — Eu não me lembrava dessa parte, nem do resto da noite até pouco antes de Roarke e eu nos casarmos.

— Os tiras ...

Eve balançou a cabeça para os lados.

— Meu pai tinha me colocado um verdadeiro pavor de tiras e assistentes sociais, qualquer pessoa que pudesse interferir em na sua vida. Eu o deixei lá, morto, naquele quarto. Não sei como consegui, só sei que estava em estado de choque. Eu me lavei, saí de casa e caminhei por muitos quilômetros até que me arrastei para o fundo de um beco e desmaiei. Eles me encontraram. Acordei no hospital, cercada de médicos e tiras que me fizeram um mote de pergunta. Eu não me lembrava de nada, se lembrava, estava assustada demais para contar; nem sei direito o que senti ou pensei. Nunca fui identificada, porque não havia registro do meu nascimento. Eu simplesmente não existia até eles me acharem naquele beco. Em Dallas. Foi por isso que eles me deram esse nome.

— Você tem um nome inventado?!

— Se você acha que isso interferiu no meu trabalho, diga de uma vez.

— É claro que interferiu no trabalho. Isso fez de você uma tira melhor. Pelo menos é o que eu acho. Isso a fez ter peito para enfrentar qualquer coisa. O cara que estamos procurando, não importa se o que aconteceu com ele foi tão ruim ou pior. O fato é que ele usou isso como desculpa para matar, destruir e causar dor. Você ou o que aconteceu em sua infância como motivação para buscar justiça e ficar ao lado das pessoas que tiveram tudo roubado delas.

— Fazer o meu trabalho não é heroísmo, Peabody. É apenas trabalho.

— Isso é o que você sempre diz. Fico feliz por ter me contado tudo, Dallas. Isso mostra que confia em mim, como parceira e como amiga. E pode confiar, mesmo.

— Sei que posso. Agora, vamos deixar isso de lado e voltar ao trabalho.

Eve se levantou e estendeu a mão. Peabody a pegou, apertou-a por um instante e só então deixou que Eve a puxasse e a colocasse em pé.

Com a intenção de ver Annalisa Sommers mais uma vez e também pressionar Morris, Eve fez mais uma visita ao necrotério.

Ela o encontrou removendo o cérebro de um cadáver do sexo masculino. Ver algo assim já seria o suficiente para fazer qualquer um vomitar, mesmo sem ter acabado de comer um cachorro-quente com salsicha de soja. Mas Morris simplesmente a convidou a entrar, com um aceno.

— Esta morte não foi relatada à polícia. Causas naturais ou crime, tenente? Morris adorava esses jogos de adivinhação e Eve entrou na pilha, proximando-se do morto para ver mais de perto. O corpo já começava a se decompor, mas ela calculou a hora da morte ente vinte e quatro e trinta e seis horas antes de ele ser trazido para o congelador. O resultado disso não era nada bonito. Eve calculou sua idade em setenta e tantos anos, o que mostrava que lhe haviam sido roubados quarenta ou cinquenta anos, em média, de expectativa de vida.

Havia marcas roxas na bochecha esquerda e seus olhos estavam muito vermelhos devido às artérias rompidas. Curiosa com o caso, ela rodeou o corpo em busca de outros sinais.

— O que ele vestia quando foi achado?

— Calças de pijama e chinelos.

— Onde estava a parte de cima do pijama?

— Em cima da cama. — Morris sorriu.

— E onde ele estava?

- Na estufa com o professor Black, aquele do jogo Detetive,
- O quê?

Morris riu com vontade e balançou a mão diante do rosto, dizendo:

- É uma brincadeira. Ele estava ao lado da cama, no chão.
- Algum sinal de luta ou entrada forçada no apartamento?
- Não.
- Ele mora sozinho?
- Sim. Na verdade, *morava*.
- Acho que ele teve um derrame maciço e o cérebro pipocou.
- Como Morris continuou calado, ela fez um gesto na direção do corpo. — Abra a boca do morto e puxe o lábio inferior dele para fora.

Morris fez o que Eve pediu e se afastou de lado para ela analisar.

— Eu procuraria a empregada para descobrir se foi ela quem deu ao morto, antes de ele dormir, a bebidinha preparada que fez seu cérebro pipocar. Essas marcas vermelhas na gengiva e no sulco do lábios mostram que ele foi apagado ou ingeriu uma overdose de alguma droga ilegal. Booster ou um derivado qualquer deve ter sido a substância usada, mas é preciso esperar o laudo toxicológico. Se o cara pretendia se matar por algum motivo, certamente teria acabado de vestir o pijama para se deitar na cama e morrer bem confortável. Isso mostra que foi crime. Onde está Sommers?

— Não sei por que eles se dão ao trabalho de me deixar trabalhar aqui. — Mas ele estava sorrindo ao colocar o cérebro sobre uma bandeja, para tomografias e análises. — Espero que o laudo toxicológico confirme nossas suspeitas em poucas horas. Já terminei com Sommers, ela está dormindo na gaveta gelada. A família dela e o namorado apareceram hoje de manhã. Consegui impedi-los de entrar aqui na sala, mas não foi fácil. Expliquei que era proibido vê-la, por causa da investigação.

— A falta dos olhos ainda não foi divulgada ao público e eu não quero que seja, nem para os parentes mais próximos. Até mesmo familiares e amantes podem deixar vaziar coisas desse tipo para a mídia, especialmente quando ficam arrasados ou revoltados demais. Não quero acesso de ninguém que não faça parte da instigação a nenhuma das vítimas.

— Você quer vê-la novamente?

— Quero.

— Deixe que eu me limpe um pouco. Nosso amigo, o cavalheiro aqui, pode esperar um pouco.

Morris foi até a pia e esfregou sangue, restos de tecidos e spray selante das mãos.

— O corpo dela ficou mais traumatizado que o das outras — informou ele.

— O grau de violência está aumentando, eu sei.

— E o ritmo dele também. — Morris secou as mãos, removeu o avental protetor e o jogou em um cesto.

— Estamos mais perto — disse Eve. — A cada minuto que passa estamos mais perto dele.

— Não tenho dúvidas sobre isso. Muito bem ... — Ele deu um passo à frente, com sua camisa azul impecável, a gravata vermelha, e ofereceu um braço a Eve. — Vamos dançar?

Ela riu. Só ele conseguia fazê-la rir em meio a tantos mortes.

— Nossa, Morris, você é mesmo uma figura!

— Sim, sou uma figuraça, eu sei. — Ele a acompanhou até o freezer, verificou os registros e abriu o lacre de uma das gavetas. Um vapor gelado se espalhou pela sala quando ele puxou a bandeja com o corpo em cima.

Ignorando as marcas do trabalho de Morris, Eve analisou o corpo.

— O rosto foi muito mais espancado dessa vez. Tanto o rosto quanto a parte superior do corpo. Acho que ele estava montado nela.

— Ela aproximou a cabeça um pouco mais. — Estava montado nela enquanto a espancava sem parar.

— Seu maxilar não estava quebrado como no caso de Lily Napier, mas o nariz sofreu uma fratura violenta e ela perdeu vários dentes. O golpe na nuca a derrubou, mas não foi fatal. Pode ser ou não que ela tenha acordado durante o ataque. Meu palpite é que não, pelo menos é o que espero.

— O estupro também foi mais brutal dessa vez.

— Se existem níveis de brutalidade para estupros, sim, acho que foi. Temos mais arranhões e mais marcas roxas. A vagina dela era pequena, anatomicamente falando. Menor que a das outras vítimas. E o nosso assassino tem um pau gigantesco.

— Os olhos. Os cortes estão mais retos do que os da primeira vítima, mas não tão limpos quanto os da segunda.

— Você é ótima no que faz, Dallas, e isso, repito, me traz preocupações quanto ao futuro do meu emprego. É isso mesmo. Nos três casos havia muita precisão nos cortes, mas nesta vítima a visão foi menor.

— Certo. — Eve recuou um passo para ele poder recolocar a bandeja no trilho e lacrar a gaveta.

— Estamos realmente perto, Dallas? Estou começando a ficar deprimido por receber jovens tão lindas em minha humilde casa.

— Não estaremos perto o bastante até ele estar enjaulado — disse Eve, sem expressão na voz.

Capítulo Dezessete

Dickie Berenski, conhecido de forma menos afetuosa pelo apelido de DICK Cabeção, estava sentado diante de um imenso balcão branco no laboratório, aparentemente acessando ou compilando dados em uma tela.

Quando Eve chegou por trás dele, viu que os dados consistiam em um jogo RPG on-line envolvendo um bando de mulheres com dotes físicos avantajados e pouquíssima roupa; todas disputavam violentas lutas de espadas.

— Já vi que você está atolado de trabalho.

Em resposta a isso, ele acenou com a mão diante da tela. As damas em combate colocaram as armas no chão imediatamente se curvaram tanto que exibiram seus bustos bem torneados, enquanto diziam: "Estamos a serviço do seu prazer, senhor."

— Caraca, Berenski, você tem doze anos?

— Ei, pode ser que esse programa seja prova de um crime.

— É... O caso de vários adolescentes que se masturbaram até morrer. Pode ser que você tenha tempo livre, mas eu não tenho.

— Foram só dez minutos de recreação. Eu lhe dei todas as dicas sobre o sapato, não dei?

Sim, ele havia feito isso, e Eve se obrigou a recordar dessa façanha, para não esmagar a cabeça em forma de ovo do chefe do laboratório entre suas mãos.

— Annalisa Sommers. Berenski! Quero a análise dos pelos encontrados.

— Trabalho, trabalho e mais trabalho. — Ele girou o corpo no banco sem encosto. — Entreguei esse pepino para Harvo, minha

melhor analista de pelos e cabelos. Ela é genial, apesar de incomodar as pessoas por causa do seu visual.

— Já comecei a gostar dessa figura. Onde ela está?

Ele apontou o dedo comprido e fino para o lado direito.

— Siga naquela direção e depois vire à esquerda. É uma ruiva. Se ainda não me enviou o relatório é porque ainda não está pronto.

— Vou lá conferir.

Peabody deixou Eve sair na frente e perguntou, baixinho:

— Esse jogo também existe com personagens masculinos?

— Claro! — Dick Cabeção sorriu.

— Beleza!

Eve seguiu através de várias salas de exames revestidas de vidro viu a ruiva.

— Você é Harvo?

— Eu mesma. — Ela ergueu a cabeça da bancada e analisou Eve com seus olhos verdes em tom de grama de primavera.

Eve notou que Harvo era a mulher mais branca que ela já tinha visto, pelo menos sem estar morta. Sua pele tinha cor de leite em pó contrastava muito com os brilhantes olhos verdes e os lábios finos com batom no mesmo tom berrante dos cabelos.

Usava os cabelos em um tufo com quase dez centímetros de altura, e eles se mantinham retos a partir do alto da cabeça. Vestia uma túnica preta larga, em vez do avental do laboratório.

— Você é Dallas, certo? — Suas unhas eram curtas e pintadas em listras diagonais pretas e vermelhas.

— Eu mesma.

— E eu sou a detetive Peabody.

Harvo cumprimentou ambas com a cabeça e mandou que elas entrassem.

— Sou Ursa Harvo, Rainha dos Cabelos.

— O que tem para mim, Majestade?

Harvo deu uma risadinha e chegou o banco com rodinhas para a esquerda.

— Temos traços de um material semelhante a cabelo que foi recolhido da pele da vítima e também nas proximidades do crime — começou ela. Vários fios do material tinham sido analisados e os dados estavam em um disco selado sobre a bancada. Harvo colocou o disco no computador e ampliou a imagem que apareceu na tela.

— *Semelhante a cabelo?*

— Pois é. Veja só ... isso não é cabelo humano nem pelo de animal. Cabeção mandou o material para mim porque ele deu uma olhada e sacou que era fibra manufaturada. O cara é realmente brilhante. Pena ser um completo babaca.

— Não discordo de você, e de forma enfática. Harvo tornou a rir.

— Eu também trabalho como Princesa das Fibras. O que temos aqui... — ela girou a imagem e ampliou-a ainda mais realmente manufaturado.

— Alguma espécie de peruca? — Eve puxou os próprios cabelos.

— Não exatamente. É pouco provável que você encontre esse material em perucas ou implantes. Trata-se mais de pelo do que cabelo. Algo comum em brinquedos ... animais de pelúcia ou pequenos mascotes andróides. É revestido por uma camada especial antifogo, que segue os padrões do governo para segurança infantil.

— Um brinquedo então?

— Isso mesmo. Analisamos a composição, a tintura, as... — Ela olhou para Eve enquanto textos e formas começavam a aparecer na tela. — Você quer todo o processo em detalhes?

— Não, embora imagine que isso seja um assunto fascinante. Quero o resultado em poucas palavras.

— Certo. Por meio de meus poderes surpreendentes e quase místicos, descobri o fabricante da fibra e seus vários usos para este

tom de cinza em particular. Encontrei mascotes andróides e felinos comuns, daqueles malhados. Eles também fabricam filhotes, gatos jovens, adultos, até mesmo gatos velhos e gordos. O fabricante é a Petco. Posso listar as lojas que vendem o animal, se você quiser.

— Vamos continuar a partir deste ponto. Você trabalhou bem depressa, Harvo.

— E que eu também sou a Deusa da Velocidade e da Eficiência. Ah, mais uma coisa, Dallas... as fibras estavam limpas. Não encontrei oleosidade de pele, nem detergentes, nem partículas de terra ou pó. Eu diria que esse gatinho é novo em folha.

— Quais são os seus pensamentos, detetive? — quis saber Eve.

— Como você acha que Harvo consegue manter os cabelos em pé daquele jeito? É muito irado. Mas já vi que não foi isso que você perguntou.

— Nem de perto.

— Alguém pode ter dado o gato andróide de presente para Annalisa. Precisamos verificar isso com as amigas com quem ela jantou depois da peça. Também pode ser que alguém tenha perdido o troço no parque antes de Annalisa aparecer; ela pode ter encontrado e recolhido o brinquedo. Não vai ser fácil investigar isso. Se não conseguirmos nada com amiga, poderemos pesquisar em lojas e tentar comparar os clientes com os das listas que a DDE já está investigando, torcendo para que o gatinho possa, pertencer ao assassino.

— Sim, isso me parece um bom plano. Corra atrás disso — ordenou Eve, enquanto as duas seguiam de volta para a Central. Preciso conferir com Feeney o progresso dos detetives eletrônicos e depois vou para o consultório de Mira, porque vai começar sessão "você está se sentindo sonolenta".

— Será que ele vai atacar novamente hoje à noite?

— Se não acertarmos alguns nomes, se Celina não avançar nas lembranças e se as mulheres desta cidade não ficarem longe das

porcarias dos parques no meio da noite, Morris talvez receba mais uma hóspede em breve.

A caminho da sala de Feeney, ela pegou um novato da Divisão de Drogas Ilegais e o mandou pegar uma Pepsi na máquina. Eve descobriu que esse novo método funcionava às mil maravilhas. A máquinas não empacavam e ela não ficava tentada a chutá-las até elas se desfazerem.

Um bom negócio para todos os envolvidos.

Avistou McNab na correria de sempre na sala da DDE, batendo papo enquanto saracoteava de um lado para outro. Ele a viu e veio quase aos pinotes em sua direção.

— Pausar programa! — ordenou, tirando o headset que usava,

— Olá, tenente. Onde está sua curvilínea parceira?

— Se você se refere à detetive Peabody, ela está trabalhando. A maioria das pessoas por lá faz isso.

— Só perguntei para saber a hora em que ela será dispensada. Planejamos acabar de empacotar as tralhas hoje à noite para começar a mudança amanhã.

Ele parecia tão absurdamente feliz que Eve não conseguiu fazer nenhum comentários sarcástico. A qualquer momento ela sabia que iam começar a sair coraçõezinhos vermelhos da boca do detetive.

Será que havia algo no ar? Peabody e McNab, Charles e Louise, Mavis e Leonardo. Parecia uma epidemia de sentimentalismo.

Se bem que, pensando nisso, ela e Roarke não tinham nenhum arranca-rabo, implicâncias nem bate-bocas há... sei lá, vários dias.

— Não dá para saber quando ficaremos liberadas. Ela está correndo atrás de umas ideias nesse momento e, depois que eu conversar com Feeney, talvez apareçam mais pistas. Que foi?

Ele recuou, franzindo o cenho. Foi um vacilo rápido, mas ela percebeu.

— Nada! Nadinha mesmo. Nossa, preciso voltar ao trabalho, senão meu traseiro vai ficar em chamas. Continuar o programa!

Ele saiu novamente aos pinotes, e ainda mais depressa.

— Merda — murmurou Eve para si mesma, e foi direto para a sala de Feeney.

Ele também trabalhava com um headset na cabeça e comandava dois computadores ao mesmo tempo, berrando ordens, tocando em telas e dançando com os dedos sobre teclados de um jeito que ela teria até admirado, se compreendesse tudo. Feeney parecia um daqueles maestros de orquestras famosas: tinha tudo sob controle, parecia focado e exibia uma leve cara de maluco.

A camisa de hoje tinha a cor de substituto de ovo, mas, para alívio de Eve, havia alguns amassados e uma pequena mancha de café entre o terceiro e o quarto botões.

Quando ela entrou em sua linha de visão, percebeu o ligeiro ar de desagrado que vira no rosto de McNab, e disse:

— Droga!

— Pausar todos os programas! — Ele tirou o headset. — Estou fazendo mais uma varredura e analisando os dados, mas o que tenho para lhe contar não vai deixá-la feliz.

— Como é que pode nenhum dos dados coincidirem? — Ela abriu a lata de Pepsi com violência.

— Temos muitos nomes cruzados. Há residentes nas áreas marcadas que também são clientes das lojas de artesanato. Outros residentes são frequentadores das academias de musculação, mas não achamos nada relacionado com os sapatos. Nenhum dos compradores desse modelo de sapato apareceu nas outras lista .

Eve se largou sobre uma cadeira e tamborilou nas pernas com os dedos.

— E quanto às outras pesquisas?

— Encontramos alguns residentes do sexo masculino e os parâmetros de idade que fizeram compras em uma das lojas de

artesanato nos últimos doze meses. Só que nenhum deles adquiriu fita de gorgorão vermelha, embora tenham feito outras compras. Achei mais alguns que frequentam ou já frequentaram as academias de musculação, mas nenhum deles tem os nomes em mais de um lugar, e nenhum deles comprou sapatos dessa marca.

— Pois eu sei que ele fez tudo: comprou a fita, os sapato frequentou as academias. Eu sei!

— Mas isso não quer dizer que ele tenha comprado de verdade a arma do crime ou os sapatos, já que falamos disso. Um cara que estrangula e arranca os olhos das vítimas não iria ter nenhum pudor de executar alguns furtos em lojas.

— Sim, já pensei no assunto. Pode ser que ele tenha afanado a arma do crime. Roubar os sapatos seria mais complicado. Não é moleza carregar para fora de uma loja sapatos do tamanho de skates aéreos. Ora, ele poderia ter roubado isso de uma van de entregas. Pode ser que ele dirija uma van de entregas. Precisou de transporte quando apagou Kates e Merriweather, e pode ter conseguido a fita do mesmo jeito.

— Podemos começar a pesquisar todos os serviços de entrega e seus motoristas.

— É... Que inferno, vou começar a correr atrás disso. Você está a fim de fazer um trabalho de rua?

— Algo que me tire dessa mesa? Claro.

Ela olhou e ficou contemplando-o, calada.

— Poderíamos dividir os dados que bateram até agora. Precisamos pesquisá-los mais a fundo. Se fizermos isso vamos ganhar tempo.

— Posso começar a ajudar você daqui a umas duas horas. Preciso encerrar algumas pesquisas, antes.

— Tudo bem. Peabody também está pesquisando algo, mas eu a quero com alguém mais experiente, caso ela ache o nosso cara. Ela

consegue se sair bem sozinha, mas é melhor ter alguém ao lado com mais tempo de rua. Você ficaria como parceiro dela para isso?

— Claro. E quanto a você?

— Vou ver se o meu especialista e consultor civil particular tem algum tempo. Também tenho uma sessão marcada com a clarividente e a psiquiatra. Dependendo de como a coisa rolar, posso ter dados novos para acrescentar ao caso.

Ela se levantou e perguntou, antes de sair:

— Feeney ... Por que uma pessoa compraria um gato androide?

— Para não ter de limpar cocô?

— Hum ... Bem pensado.

— Estou um pouco nervosa. — Celina se recostou em uma poltrona reclinável. As luzes estavam apagadas e uma suave melodia tocava ao fundo. O som era semelhante ao de água sendo despejada suavemente em uma piscina.

Celina deixara os cabelos desamarrados, com os cachos soltos. Em torno do seu pescoço havia uma corrente de prata onde se viam vários cristais em forma de bastão. Colocara um vestido para a sessão de hoje, um tubinho discreto em tom severo de preto que terminava poucos centímetros acima do tornozelos.

Suas mãos estavam agarradas aos braços da poltrona.

— Tente relaxar. — Mira se movimentava em torno da poltrona, verificando, pelo que Eve conseguiu perceber, os dados vitais e os padrões das ondas cerebrais da paciente.

— Estou relaxada. Sério.

— Vamos gravar tudo, você sabe disso?

— Sim. .

— E aceitou ser colocada sob hipnose de forma voluntária?

— Sim.

— E também solicitou a presença da tenente Dallas durante a sessão.

— Sim. — Celina sorriu de leve — Obrigada por arranjar tempo para mim.

— Tudo bem. — Eve se obrigou a ficar quieta, sem se remexer na poltrona. Nunca tinha assistido a uma sessão de hipnose e não sabia se iria gostar, mesmo como observadora.

— Está confortável?

Celina respirou fundo, duas vezes. Suas mãos relaxaram nos braços da poltrona.

— Sim, o que é uma surpresa.

— Quero que você continue a respirar de forma lenta profunda e compassada. Imagine o ar entrando no seu pulmão em um tom suave de azul, e depois saindo limpo e branco.

Mira fez surgir uma tela pequena e Eve pôde ver uma estrela de prata sobre um fundo azul-celeste. A estrela pulsava com suavidade, no ritmo da batida de um coração.

— Olhe para a estrela. Sua respiração vem da estrela e volta para ela. A estrela é o seu centro.

Sentindo-se pouco à vontade, Eve afastou os olhos da tela e levou os pensamentos para o caso que investigava, a fim de bloquear o tom calmante da voz de Mira.

Ela não achava que alguém pudesse ser hipnotizado por acidente, mas por que arriscar?

O tempo fluiu devagar, embalado pela música líquida, pela voz calma de Mira, pelo respirar constante e profundo de Celina.

Quando Eve se arriscou a olhar para a tela novamente, viu que a estrela de prata agora enchia o espaço todo, e os olhos de Celina estavam grudados nela.

— Você está flutuando na direção da estrela, agora. Ela é tudo o que você vê e tudo o que existe para ser visto. Feche os olhos agora e veja a estrela pulsar dentro de você. Deixe-se flutuar junto com ela. Você está muito relaxada, sente-se leve como ar. Está absolutamente segura. Pode dormir agora, e enquanto estiver dormindo você

ouvirá apenas a minha voz. Conseguirá falar e responder às minhas perguntas. Vai manter a estrela dentro de você e saberá que está a salvo. Vou contar devagar, e quando chegar ao dez você vai dormir.

A medida que contava, Mira deixou a tela de lado e mais uma vez se movimentou em torno de Celina, conferindo seus dados clínicos.

— Você está dormindo, Celina?

— Sim.

— Está confortável?

— Estou.

— Você consegue ouvir minha voz e responder a ela? Levante mão esquerda, por favor.

Quando ela fez isso, Mira assentiu com a cabeça, olhando para Eve.

— Agora abaixe a mão. Você está a salvo, Celina.

— Sim, estou a salvo.

— Diga-me o seu nome.

— Celina Indiga Tereza Sanchez.

— Nada poderá feri-la. Mesmo quando eu a levar de volta e lhe pedir para ver algo difícil ou me contar algo desagradável, você estará segura. Compreende isso?

— Sim. Estou a salvo.

— Volte ao parque, Celina. O Central Park. É noite, uma noite um pouco fria, mas agradável. O que você vê?

— Árvores, grama e sombras. As luzes da rua brilham através das folhas.

— O que escuta?

— Carros circulando pela rua. Música, um pouco de música sai pela janela de um veículo que passa. Neopunk. É um som áspero, agressivo. Não gosto de músicas assim. Passos. Alguém atravessa a rua. Gostaria que essa pessoa não viesse para cá.

— Você vê uma mulher? Ela vem na sua direção. Traz um cãozinho preso a uma coleira.

— Sim. Sim, eu a vejo. É um cãozinho pequeno branco e agitado, caminhando alegremente ao lado dela. Sua dona ri, olhando para o cão.

— Descreva a mulher para mim.

— Ela é bonita, tem uma beleza suave. Tem cabelos castanhos, castanho-claros com corte reto até os ombros. Seus olhos são:... Não consigo ver a cor, por causa da iluminação fraca. Talvez sejam castanhos também, mas está tão escuro que não dá para ter certeza. Ela é branca, parece saudável e em boa forma. Ela se mostra feliz enquanto passeia com o cão. Vem conversando com ele. "Esta noite vamos dar só uma voltinha", ela diz. "Seja boazinha."

A respiração de Celina acelerou e sua voz se transformou em um sussurro.

— Tem mais alguém ali. Alguém à espreita.

— Está tudo bem, ele não pode ferir você, Celina. Ele não pode vê-la nem ouvi-la. Você consegue vê-lo?

— Eu... está muito escuro. Sombras. Ele está nas sombras, seguindo-a lentamente com os olhos. Eu consigo ouvi-lo. Sua respiração está ofegantes, mas ela não ouve nada. Não consegue ouvi-lo. Não sabe que ele a vigia. Ela devia voltar agora, voltar para as luzes, para longe das sombras. Ela precisa voltar! Mas não faz isso. Ela não sabe que há alguém ali nas sombras até que... Não!

— Ele não pode ferir você, Celina. Ouça apenas a minha voz. Nada poderá feri-la. Você está a salvo. Inspire o azul e expire o branco.

A respiração de Celina se acalmou, mas sua voz continuava trêmula.

— Ele a está machucando. Pulou sobre ela, agrediu-a, e o cãozinho fugiu, arrastando a correia. Ele a está machucando muito, está lhe dando socos. Ela luta muito. Azul, os olhos dela são azuis.

Eu os vejo com nitidez agora e eles mostram medo. Ela tenta escapar, mas ele é grande demais. E muito ágil! Ela não consegue lutar porque ele está em cima dela, quase a esmagando.

— Celina. Você consegue vê-lo com precisão?

— Não quero vê-lo, não quero! Tenho medo que ele me veja ali. Se ele reparar em mim poderá...

— Ele não pode ver você, Celina. Você está flutuando e ele não consegue vê-la.

Você está totalmente a salvo, flutuando.

— Ele não consegue me ver.

— Isso mesmo.

— Não há nada que eu possa fazer. — Ela se remexeu um pouco na poltrona, inquieta. — Por que eu tenho de ver isso? Não posso ajudá-la.

— Pode, sim. Se você olhar para o rosto dele e me contar o que vê, poderá ajudá-la. Olhe para ele, Celina.

— Ele é grande. Muito grande. Forte. Ela não consegue empurrá-lo e não consegue mais lutar. Ela ...

— Olhe para ele, Celina. Olhe só para ele, agora.

— Ele é ... Preto, está usando preto. Como as sombras. Suas mãos... suas mãos estão puxando e arrancando as roupas dela. Ele a chama de puta. “Veja se gosta disso agora, sua vadia. Agora é a sua vez, puta.”

— O rosto dele, Dra. Mira- murmurou Eve. — Pergunte sobre o rosto dele.

— Olhe para o rosto dele, Celina.

— Tenho medo.

— Ele não pode vê-la, você não precisa temê-lo. Olhe para o rosto dele. O que vê?

— Raiva. Muita raiva. Seu rosto está contorcido de ódio. Seus olhos são pretos, pretos e ocultos. Não consigo vê-los. Ele usa algo para escondê-los. Óculos, ele está de óculos escuros nos olhos tem

uma faixa em torno da cabeça. A cabeça dele brilha muito e seu rosto também. Horrível. Ele a está estuprando. Grunhindo e se forçando para dentro dela. Não quero ver isso.

— Descreva o rosto dele.

— Tem algo o cobrindo. Uma máscara, talvez? Ela brilha...Não, não é uma máscara. É algo brilhante e pegajoso. Não é branco. A pele não é branca por baixo do brilho Ele é negro. Ou muito bronzeado. Não sei.

Sua respiração ficou mais ofegante e curta enquanto ela jogava a cabeça de um lado para outro.

— Seu rosto é largo, muito largo e quadrado.

— Sobrancelhas? — perguntou Eve.

— Você vê as sobrancelhas dele, Celina?

— São muito escuras e grossas. Ele a está matando, agora. Colocou uma fita vermelha em torno do seu pescoço e está apertando cada vez mais forte. Ela mal consegue respirar. Nós não conseguimos respirar.

— Preciso trazê-la de volta — avisou Mira quando Celina começou a engasgar em busca de ar. — Celina, olhe para o outro lado, agora. Afaste-se deles e olhe para a sua estrela. Observe sua estrela com atenção. Consegue vê-la?

— Sim, eu ...

— Ela é tudo o que você vê. Só a estrela. Ela é linda e transmite paz. Está trazendo você de volta. Trazendo você para casa. Você está novamente flutuando, muito lentamente. Sente-se relaxada refrescada. Quando eu mandar que você abra os olhos, você vai acordar, vai se lembrar de tudo o que viu e de tudo o que conversamos. Você me entendeu?

— Sim. Eu quero acordar.

— Você está acordando agora, voltando das camadas de sono.

Abra os olhos, Celina.

Ela piscou duas vezes e abriu os olhos por completo.

— Dra. Mira.

— Sim. Fique parada por um momento. Vou pegar algo para você beber. Você se saiu muito bem.

— Eu o vi. — Ela girou a cabeça e olhou para Eve. — Eu o vi, Dallas. — Um sorriso lhe fez estremecer os lábios e ela estendeu mão.

Eve se levantou e apertou a mão de Celina com carinho, já que o momento lhe pareceu adequado. Depois, recuou um passo para que Mira pudesse entregar uma xícara a Celina.

— Você conseguiria reconhecê-lo? — perguntou Eve.

— Seu rosto. — Celina balançou a cabeça e provou um pouco da bebida. — É difícil. Os óculos encobriam seus olhos e o que estava em sua face ... ou por cima dela ... deixava-a distorcida. Reconheci o tipo físico, como eu lhe disse antes. Agora eu sei que ele é negro ou mulato, tem a pele escura ou está muito bronzeado. Também confirmei o formato do seu rosto. Ele é calvo. Tem uma calva lisa, como alguém que raspa e depila a cabeça. Não entendo o que ele tinha sobre o rosto.

— Um material selante, é o mais provável. Aplicado em demasia. E quanto à voz dele? Percebeu algum sotaque?

— Não ... não. Era um som gutural, talvez fosse a raiva. Mas ele não gritou, nem mesmo quando ... Ele manteve a voz baixa nessa hora.

— Anéis, joias, tatuagens, cicatrizes, alguma marca de nascença?

— Não vi nada. Não reparei. Podemos tentar mais uma vez e...

— De jeito nenhum! — Mira acendeu as luzes. — Não vou autorizar outra sessão até amanhã à noite, nunca antes disso. Desculpe, Eve. Esse tipo de coisa não pode ser acelerado.

— Mas eu me sinto bem — protestou Celina. — Melhor, na verdade, do que estava antes de começarmos.

— E eu quero que você continue a se sentir bem. Você vai para casa relaxar e fazer uma boa refeição.

— Essa refeição pode incluir um bom cálice de vinho?

— Certamente. — Mira deu um tapinha no ombro de Celina. — Faça tudo o que puder para manter a cabeça longe disso e daremos o próximo passo amanhã.

— Eu me sinto como se já tivesse dado o primeiro passo, Amanhã já não vai ser tão difícil. Você tem fotos que eu possa olhar. — perguntou a Eve. — Antes da sessão de amanhã? Pode ser que eu o reconheça, se o vir em alguma foto.

— Vou ver o que eu posso arranjar até lá.

— Bem ... — Celina colocou a xícara de lado. — Vou tomar aquele cálice de vinho, então.

— Acompanho você até lá fora.

A recepcionista de Mira já estava fechando o consultório, e uma olhada rápida no relógio mostrou a Eve que já eram quase seis da tarde. Hora de ir em frente.

— Talvez, depois que tudo isso acabar, nós possamos tomar um cálice de vinho juntas — propôs Celina.

— A ideia me parece ótima. — Eve mostrou o caminho até a plataforma aérea. — Essa história de hipnose deixa você se sentindo como alguém que tomou um tranquilizante? Isto é, deixa você apagada?

— Não. Bem ... um pouco, talvez. Mas você se sente segura, se entende o que quero dizer. Uma parte da mente, lá no fundo, sabe que você está completamente a salvo e poderá voltar numa boa.

—Humm.

— Foi um pouco estranho, mas não exatamente desagradável. Estou falando do processo em si, não o que eu vi durante a sessão. O lugar onde eu tive de ir é muito desagradável, então eu acho que isso influencia um pouco. Essencialmente, porém, não é muito diferente de ter visões.

— Então você se sentiu mais à vontade.

— Certamente deveria me sentir. Espero que só desta vez o meu dom seja usado para algo desse tipo. Se isso não acontecer, pelo menos vou saber lidar melhor com tudo, na próxima vez.

— Mas você aguentou numa boa. Será que encontra o caminho de casa a partir deste labirinto?

— Eu me acho, pode deixar.

— Preciso voltar lá para dentro. — Eve apontou para o setor onde trabalhava.

— Você está de serviço direto, desde hoje de manhã?

— É assim que a coisa rola por aqui.

— Você também consegue aguentar — disse Celina, com sinceridade. — Nos vemos amanhã então, no consultório de Mira? Por favor, me avise se você quiser que eu chegue mais cedo para olhar as fotos.

— Tudo bem, eu aviso.

Eve saiu e pegou o caminho de volta até a Divisão de Homicídios. Parou na mesa de Peabody, deu uma batidinha na mesa, fez um gesto com a cabeça e seguiu para a sua sala.

— Consegui uma descrição básica do assassino. Somado ao que já temos, dá pra saber que ele é um filho da mãe realmente alto e grande. Mulato ou...

— Antes ela disse que ele era branco.

— O selante que ele usou no rosto a confundiu. Parece que ele se besuntou todo de selante, e provavelmente usou um que não é completamente transparente. É mulato, tem a pele bem escura ou está muito bronzeado. Completamente careca, cabeça raspada e lisa; rosto quadrado, sobrancelhas grossas. Não tem marcas especiais no corpo, que ela tenha reparado. E sua óculos escuros quando mata as vítimas.

— Santo Cristo!

— Talvez haja algo errado com seus olhos, isso pode ser mais um símbolo ou parte da sua patologia. Vamos pesquisar doenças oculares e sensibilidade à luz.

— Viciados em drogas são mais sensíveis à luz.

— Mas ele não consome drogas. Esteroides, talvez, para alimentar a massa muscular. O que descobriu para mim?

— Nenhuma das pessoas com quem Annalisa Sommers encontrou naquela noite lhe deu ou lembra-se de tê-la visto com um brinquedo ou androide. Nem gato. Já comecei a pesquisar as compras, mas ainda não achei nada relevante.

— Pesquise tudo e depois se encontre com Feeney para algumas horas extras na rua.

— Feeney?

— Vamos dividir as listas que ele preparou. Quero cobrir o maior território possível hoje à noite. Você fica como parceira de Feeney e eu vou colocar Roarke na jogada. Ele já está a par de tudo, mesmo, e isso me livra de ter de explicar o caso todo para outro policial.

Ela parou e se sentou na beira da mesa.

— Escute, Peabody ... se vocês tiverem a sorte de cruzar com esse cara hoje à noite, lembre-se de que ele não vai se deixar agarrar com facilidade.

— Você não vai me dizer para tomar cuidado, vai?

— Não, vou lhe dizer para ser boa no que faz. Fique ligada. Se por acaso vocês o encontrarem e ele tiver de atacar um dos dois, certamente vai primeiro em cima de você.

— Porque eu sou mulher.

— Isso mesmo. E vai feri-la, se tiver chance.

— Então eu não deixarei que ele faça isso. E voltarei para fazer meu relatório, senhora.

— Dê o resto da descrição a Feeney e mantenha a imagem dele na mente.

Pode ser que ele esteja de peruca, então ...

— Dallas, esta não é a primeira vez que eu vou voar para fora do ninho.

— Certo. Certo, certo. — Agitada, Eve se levantou, dispensou o café e preferiu tomar água. Sentia-se com excesso de cafeína no organismo, refletiu, enquanto abria a garrafa. — É que estou com más vibrações, apenas isso.

— Quer que eu ligue para você assim que chegar em casa, mamãe?

— Caia fora!

— Fui!

Eve se largou na cadeira, diante da mesa, acrescentou ao relatório da sessão com Mira ao arquivo do caso e organizou suas anotações no relatório diário.

Roarke tinha combinado de encontrá-la em sua sala às sete e meia ou, se fosse possível e ele tivesse chance, antes disso. Portanto, ela ainda tinha algum tempo. Um pouco, pelo menos. Começou a pesquisar sobre casos de sensibilidade à luz e deixou o computador trabalhando suavemente enquanto se levantava e ia até a janela.

Más vibrações, pensou novamente, e olhou para a cidade. Aquilo não era nada extrassensorial. O que ela apresentava que sentia, em sua opinião, era a perfeita antítese da paranormal idade. Algo elementar e talvez até mesmo primitivo, em algum nível — do mesmo jeito que o homem das cavernas sabia exatamente quando sair à caça e quando se esconder,

Ela usaria o termo *visceral*, só que essa palavra sempre lhe parecera meio pomposa. E não havia nada de pomposo no trabalho da polícia.

As vibrações, na falta de uma palavra melhor, eram apenas uma combinação de instinto, experiência e conhecimento que ela não estava disposta a analisar.

Eve sabia que ele já havia escolhido o próximo alvo. E só lhe restava especular consigo mesma sobre quem seria, e onde ele poderia atacar naquela noite.

Capítulo Dezoito

Em seu elegante terno preto de homem de negócios, Roarke circulou a nova viatura de Eve, estacionada na garagem da Central.

— Ainda não tinha tido a oportunidade de avaliar seu novo carrão. Aliás, há muito merecido, tenente.

— Ele faz o serviço.

— Melhor que o anterior, espero. — Ele bateu no capô. — Solte a trava do capô.

— Por quê?

— Para eu poder olhar o motor.

— Para quê? Ele funciona, o que mais é preciso saber? Olhar para o motor não vai mudar nada.

Ele lançou um longo olhar de pena na direção dela.

— Querida Eve, sua absoluta falta de interesse e aptidão para mecânica é muito feminina.

— Cuidado com a língua, meu chapa.

— Você não tem curiosidade para saber o que existe por baixo do capô? — Ele bateu mais uma vez na lataria. — Não quer ver o que leva você aos lugares aonde vai?

— Não. — De qualquer modo, ele a fez sentir um pouco de curiosidade. — Além do mais, estou começando minha missão noturna mais tarde do que havia planejado. Vamos nessa!

— Muito bem, deixe-me ver a senha para ligar o motor, então.

— Ele ergueu uma sobrancelha quando ela fez cara de estranheza. — Já que você não me deixa brincar com o motor, poderia pelo menos me deixar dirigir o carro.

Eve considerou o pedido justo. Afinal, ele havia tirado a noite só para ajudá-la.

Entregou-lhe as senhas e foi se sentar no banco do carona.

— O Departamento de Polícia agradece o seu tempo e sua assistência, blá-blá-blá.

— Por favor, não precisa ser tão melosa para demonstrar gratidão.

Ele se acomodou atrás do volante e ajustou o assento para a sua preferência enquanto analisava os instrumentos do painel. Percebeu que o sistema de comunicação e dados do veículo era de padrão médio. Era uma frustração saber que o Departamento de Polícia da Cidade de Nova York não comprava equipamentos topo de linha para suas viaturas.

Ele ligou o motor e não ficou desapontado com o som.

— Você tem mais potência à sua disposição dessa vez, pelo menos. — Depois sorriu. — Desculpe eu não ter conseguido chegar aqui mais cedo.

— Tudo bem, eu também estava ocupada. E Feeney só conseguiu acabar o que fazia há vinte minutos, de modo que ele e Peabody também estão indo mais tarde para o trabalho de rua.

— Então, vamos recuperar o tempo perdido. — Ele saiu da vaga, dirigiu até a entrada da garagem a uma velocidade discreta e deu uma olhada para os dois lados da rua, a fim de analisar o fluxo do tráfego.

E saiu com a velocidade de um foguete.

— Pelo amor de Deus, Roarke!

Ele costurou no trânsito, tirou fino de táxis, carros grandes, pequenos, e passou por um sinal de trânsito um segundo antes de ele ficar vermelho.

— Nada mau — sentenciou.

— Se eu arrebentar esse carro logo na primeira semana eles não vão me perdoar.

— Hum-hum. — Ele colocou o veículo em modo vertical e o e o manteve no ar até virar uma esquina. — Ele poderia ser um pouco mais flexível nas curvas, mas até que aguenta bem o tranco.

— Se o Departamento de Trânsito obrigar você a parar, não vou usar meu distintivo para livrar sua cara.

— O modo lateral também é mais ou menos suave — decidiu , depois de testar. — Então ... para onde vamos?

Ela deu um suspiro longo e profundo. Pelo menos a pergunta lhe deu a chance de digitar o nome do primeiro suspeito, acompanhado do endereço, no GPS do carro.

— Quer que a rota apareça no para-brisa ou na tela do painel?

— A tela do painel serve.

— Colocar rota na tela! — ordenou ela, e não conseguiu esconder o sorriso de satisfação quando o mapa se iluminou. — Dispensei as saudações e comentários verbais. O sistema só vai se dirigir a mim se eu determinar, especificamente, que ele faça isso. É uma pena que um monte de gente chata não venha com esse acessório.

Ela informou o destino pretendido.

— Como foi a sessão com Celina? — quis saber Roarke.

— Ela conseguiu lidar com a coisa toda. Ainda faltam alguns detalhes, mas é difícil avançar. Mira disse que não vai autorizar outra sessão de hipnose sem um intervalo de vinte e quatro.

— O processo é lento, mesmo.

— Pois é, e ele não está com jeito de quem pretende ir mais devagar. Não são apenas mulheres que ele persegue, e sim mulheres que ele enxerga como tendo controle sobre ele.

— Simbolicamente?

— Sim. Talvez eu o tenha empurrado para o lado errado. Forcei a barra quando dei aquela entrevista para Nadine, e depois na entrevista coletiva. Ele está aumentando o grau de violência.

— Quer você force a barra ou não, ele vai continuar matando até ser impedido.

— Sim, e eu vou fazer isso. Juro que vou fazer isso em breve.

Sua primeira parada era o apartamento de um sujeito chamado Randall Beam, e ele não se mostrou nem um pouco satisfeito ao ver a polícia batendo em sua porta.

— Escute, tenho um lance agendado — avisou ele. — Já e estava de saída. O que está rolando?

— Se nos deixar entrar, Randall, eu lhe digo o que está rolando e você pode seguir direto para o seu lance.

— Que porra! Só porque tenho dois registros de agressão na minha ficha os tiras vivem pegando no meu pé!

— Sim, isso é um absurdo e um mistério.

Eles entraram, e Eve analisou a sala. Era pequena, bagunçada de um jeito masculino, mas sem ser chocante. Ela sentiu um leve cheiro no ar que lhe disse que Randall poderia receber uma visitinha da Divisão de Drogas Ilegais, mas deixou para mencionar o fato apenas se precisasse pressioná-lo.

As janelas tinham cortinas, o que era uma surpresa. Além disso, havia dois almofadões novos e bonitos em um dos cantos do sofá muito gasto.

Fisicamente, Randall Beam não se encaixava no perfil do assassino. Tinha menos de um metro e oitenta de altura e uma complexão sólida, mas não tinha mais de oitenta quilos. Comparados aos de um homem que calçava quarenta e sete, seus pés eram quase delicados. O tom de sua pele o colocava na categoria de "branquelo de prisão", e ele usava um rabo de cavalo castanho muito comprido.

Mesmo assim, Eve precisava lhe perguntar algumas coisas. Talvez ele tivesse um amigo, um irmão, vizinho ou colega que se

encaixasse no perfil que ela buscava.

— Preciso saber do seu paradeiro em determinados momentos, Randall. — Ela informou as datas das noites dos três assassinatos esperou a resposta, enquanto ele exibiu o ar triste de alguém que estava sendo explorado.

— Como é que eu vou saber onde estava nessas noites?

— Você não pode me contar onde esteve ontem?

— Ontem? Uma dessas datas foi ontem? Quer saber onde estive ontem depois do trabalho? Saiba que eu tenho emprego fixo.

— Que bom para você!

— Então ... Ontem à noite eu e mais uns dois colegas demos uma passada na Roundhouse, um bar na Quarta Avenida, conhece? Tomamos umas cervejas, comemos alguma coisa, jogamos sinuca. Tem uma acompanhante licenciada que trabalha nessa espelunca. O nome dela é Loelle. Eu estava no maior atraso, então eu a levei para uma das cabines privativas que existem na Roundhouse, para uma transa rapidinha. Tomei mais um ou dois drinques e fui para casa, mais ou menos ... sei lá ... umas duas da manhã. Hoje é meu dia de folga.

— Loelle e seus amigos podem confirmar essa história?

— Claro, por que não? Loelle está lá quase todas as noites, pode perguntar a ela. Pode perguntar a Ike também ... Ike Steenburg, nós trabalhamos juntos. Ele também esteve lá ontem à noite. O que está rolando, afinal?

— Primeiro eu quero saber a respeito das outras duas noites.

Ele não tinha a menor ideia sobre suas atividades na noite do assassinato de Lily Napier, mas mostrou-se reticente em explicar o que fazia na noite da morte de Elisa Maplewood.

— Tive de resolver um lance. Fiquei lá até depois das onze da noite. Depois saí com ... um pessoal aí para ... sabe como é ... tomar café. Cheguei em casa, sei lá, à meia-noite, mais ou menos. A gora eu realmente preciso sair.

— Que lance foi esse, Randall?

Ele trocou o peso do corpo de um pé para o outro, olhou fixamente para Eve e Roarke e começou a ficar vermelho de raiva.

— Por que eu sou obrigado a lhe contar?

— Porque eu tenho um distintivo, você tem uma ficha suja, preciso saber onde esteve e se tiver de perguntar mais uma vez, vou me mostrar muito interessada no zoner cujo cheiro estou sentindo no ar.

— Nossa! Tiras! Vocês estão sempre pentelando os caras.

— E como! Essa é a parte do trabalho que me faz levantar da cama todos os dias com um sorriso no rosto.

Ele bufou com força e avisou:

— Não quero que meus amigos saibam disso.

— Sou a discrição em pessoa.

Ele ergueu os olhos, analisou o rosto de Eve longamente, depois olhou para Roarke com a mesma atenção e, por fim, encolheu os ombros.

— Não quero que vocês façam uma ideia errada a meu respeito. Não sou nenhuma bicha delicada, nada disso. Não entendo por que os caras têm vontade de transar um com o outro quando existe tanta mulher em volta, solta por aí. De qualquer modo, sabe como é ... O melhor é viver sua vida e deixar os outros em paz.

— Sua filosofia é comovente, Randall. Abra o bico.

Ele coçou o nariz e trocou o corpo novamente de posição.

— É que depois da... depois da minha última prisão por agressão, ele me disseram que eu precisava de um acompanhamento para aprender a controlar minha raiva e outras merdas. Isso tudo para eu parar de socar as pessoas e dar início a brigas. Só que eu nunca soquei ninguém que não tenha pedido por isso.

Eve sabia que o defeito era dela, mas o fato é que estava começando a gostar dele.

— Entendo o que você quer dizer.

— Foi então que eles ... merda ... me disseram, que eu seria obrigado a fazer algum tipo de terapia ocupacional, recreativa ou relaxante. Ou tudo junto. Eu me matriculei em uma aula de ... ahn ... artesanato.

— Você faz artesanato?

— Não pensem que eu sou fresco por causa disso. — Lançou um olhar duro para Roarke, como se o desafiasse a discordar.

— Foi você quem fez aquelas cortinas? — perguntou Roarke, com um tom descontraído.

— Foi, sim, e daí? — Ele cerrou os punhos, ao lado do corpo.

— Um belo trabalho. Um uso excelente, eu diria, do tecido e cores.

— Pois é. — Ele olhou para Roarke, em seguida para as cortinas e encolheu os ombros. — Até que elas ficaram boas, sim. É um trabalho construtivo e terapêutico, pode acreditar. Eu acabei me envolvendo com ele. Aqueles almofadões ali eu fiz na Artefacto. Eles montam clubes de artesanato e têm muitos instrutores por lá. Foi nesse lugar que eu estive na noite em que você perguntou. Eles dão descontos em suprimentos e materiais, e você pode usar as máquinas deles se pertencer ao clube. É muito interessante. Hoje à noite eu tenho uma aula de bordado. Dá pra criar uma porção de coisas com as mãos. Você vê o resultado e sabe o que está fazendo.

— Seus instrutores e seus colegas poderão confirmar formação?

— Claro. Mas escute ... Não vá circular por lá fazendo um monte de perguntas, contando que eu tenho ficha na policia, e tal, senão vai queimar meu filme. Tem umas garotas lá que estou pensando em convidar para sair, e isso vai me queimar geral.

— Você já esqueceu que eu sou a discricão em pessoa, Randal? Alguns dos seus amigos de fora conhecem o seu hobby?

O rosto dele assumiu um ar de choque e estupefação.

— Porra, é lógico que não! Você acha que eu vou contar para os caras que costuro cortinas, almofadões e aprendo bordado? Eles vão

me zoar tanto que eu vou acabar tendo que dar porrada em alguém. Com isso vai para o espaço a história de controlar minha raiva e tudo o mais.

— Bem pensado — concordou Eve.

— Você percebeu que era o homem errado no instante em que ele abriu a porta — comentou Roarke quando se colocou atrás do volante.

— É verdade, mas é importante investigar tudo. Ele disse que os amigos não sabem do seu hobby, mas pode ser que um deles saiba. Ou algum colega, alguém com quem ele jogue sinuca, um vizinho. — Ela ergueu os ombros. — Pode ser que o assassino tenha roubado um pedaço de fita vermelha de Randall, ou tenha usado o nome dele para comprá-la. Não dá para desprezar essas possibilidades, mesmo remotas. Vamos visitar o próximo da lista.

* * *

Ela manteve o ritmo das conversas com as pessoas porque aquilo era necessário, mas não reclamou quando Roarke anunciou que era hora de eles pararem para jantar. Também não fez cara feia com a escolha dele: um restaurante francês com velas nas mesas e garçons de nariz empinado.

O nome dele lhes garantiu uma mesa especial, em um canto sossegado, em menos de trinta segundos, espaço de tempo devidamente acompanhado pela costumeira babação de ovo. Mas a comida era maravilhosa.

Mesmo assim, Eve remexeu no prato com o garfo, trocando a comida de lugar em vez de comê-la com satisfação.

— Conte-me o que está perturbando você. — Ele colocou a mão sobre a dela. — É algo por fora, além do caso.

— Acho que eu ando com coisas demais na cabeça.

— Cite uma.

— Conteí a Peabody a respeito do ... Conteí a ela o que me aconteceu quando eu era menina.

Os dedos dele apertaram os dela com mais força.

— Eu sempre me perguntei se um dia você contaria. Deve ter sido um momento difícil para ambas.

— Somos parceiras. Você precisa confiar em quem é seu parceiro. Minha patente é superior à dela, e eu sei que ela sempre cumprirá minhas ordens sem hesitar. Sei que fará isso, e a hierarquia não será o motivo.

— Mas não foi essa a razão de você ter contado.

— Não, não foi. — Ela olhou para ele através da luz das velas.

— Casos desse tipo me atingem a alma. Não posso cometer um erro por analisar com distanciamento, mas também não posso desviar os olhos.

— Você nunca desvia os olhos de um caso, Eve.

— Pois bem que eu gostaria de fazer isso. Às vezes sinto vontade, e o limite entre um lado e outro é muito tênue. Peabody está comigo todos os dias, e é uma boa tira. Vai reparar se eu estiver mais distraída, e tem o direito de saber por que estou assim.

— Concordo com você. Mas ainda existe um motivo para você ter contado a ela.

— Sim. Ela é minha amiga. A mais chegada, eu acho, depois de Mavis. Se bem que Mavis é diferente.

— E *como* é diferente! Ela riu, como ele queria.

— Mavis não é tira, e tem aquele jeito inigualável. Foi a primeira pessoa a quem eu contei uma parte do meu passado. Deveria ter contado a Feeney, também. Fomos parceiros, e eu deveria ter lhe contado. Só que eu não sabia e ainda não me lembrava de quase nada do que aconteceu, no tempo em que trabalhamos juntos nas ruas. Além do mais ...

— Ele é homem.

— Eu contei para você, e você é homem.

— Mas não sou sua figura paterna — rebateu ele, e notou que ela pegou o copo d'água na mesma hora.

— Talvez. Isto é, claro que não, você certamente não é minha figura paterna, e Feeney sim, por algum motivo. Mas nada disso importa — decidiu ela. — Eu simplesmente não contei a ele. Mira soube quase por acidente, mas ela é médica. Nunca despejei peso em cima de ninguém, muito menos de uma vez só. A não ser com você e, agora, com Peabody.

— E você contou a ela a história completa?

— Que eu o matei? Sim. Ela disse que torcia para que eu tivesse feito picadinho dele. Depois chorou. Minha nossa!...

Ela colocou a cabeça sobre as mãos.

— Foi isso que tanto perturbou você? Que ela tenha se comovido com sua história?

— Não foi para isso que eu contei tudo.

— Amizade, parceria. Essas coisas não têm a ver só com confiança, Eve. Trata-se de afeto. Até mesmo de amor. Se ela não tivesse pena e raiva pelo que aconteceu à criança que você era, não seria sua amiga.

— Sei disso. Vou lhe contar mais uma das coisas que anda rondando minha mente, e depois precisamos voltar à lista de sujeitos. Assisti à sessão completa de hipnoterapia, hoje, com Celina. Mira já havia tocado nesse assunto comigo, antes. Não forçou a barra, mas me informou que a hipnose poderia ajudar a trazer mais coisas à tona e tirá-las do meu subconsciente. Acho que quanto mais a pessoa conhece sobre o seu passado, mais controle tem sobre tudo. Não sei, mas penso que não conseguiria ir até o fim, Roarke. Não sei se conseguiria, mesmo sabendo que isso iria me libertar dos pesadelos.

— Pelo menos está considerando a possibilidade?

— Ainda não a descartei por completo. Talvez em outra hora. Mais tarde. O problema é que a coisa é muito parecida com as

sessões de testes psicológicos da polícia. Todo policial que elimina alguém durante uma operação tem de passar pelos testes. É procedimento padrão, e todo mundo enfrenta isso. É terrível, mas as pessoas aceitam. É como dizer "tudo bem, pode me colocar no espremedor de cérebro e retirar meu controle, porque talvez isso torne as coisas mais leves".

— Se você quiser saber mais sobre o seu passado e não se sentir vontade com a hipnose existem outros meios, Eve.

— Sim, eu sei que você conseguiria desenterrar mais detalhes sobre tudo o que me aconteceu, como já fez com seu próprio passado. — Ela tomou mais um gole de água. — Já pensei no assunto, mas não sei se quero pegar esse atalho, vou pensar um pouco mais a respeito. Acho que descobrir o que os investigadores fizeram, saber que a OSP, a Organização para Segurança da Pátria, estava vigiando meu pai, sabia de mim, acompanhava o que ele fazia comigo e deixaram isso acontecer para preservar a integridade da investigação ...

Roarke soltou alguns palavrões para descrever OSP e o conceito de integridade deles. Palavras, refletiu Eve, com um humor sombrio, que não combinavam com restaurantes franceses esnobes.

— Pois é. Descobrir que outras pessoas já sabiam o que acontecia comigo é algo que não sai da minha cabeça. Muitas vezes me pergunto se sacrificaria a segurança de um civil só para garantir o sucesso de uma investigação.

— Você jamais faria isso.

— Não, nunca. Não de forma consciente e espontânea. Mas tem pessoas por aí que se consideram modelos de cidadania, que fariam e fazem exatamente isso. Sacrificam outros para alcançar o que precisam ou querem. Acontece todo dia, em grande e em pequena escala. Essas pessoas fazem isso pelo bem maior, pelo próprio bem ou pela interpretação que fazem do que é bom para os outros. Por ação ou por omissão, elas sacrificam as outras o tempo todo.

Peabody saiu do metrô e disfarçou um bocejo. Passava pouco das onze da noite, mas ela estava cansadíssima. O lado bom é que não tinha fome, pois Feeney ficara tão contente quanto ela ao para comer. Sua barriga estava agradavelmente cheia de nuggets de frango; pelo menos o preço cobrado foi o de nuggets de frango real, e ela não pretendia questionar o que mais poderia estar dentro daquela massa.

Até que o sabor da comida não era mau quando mergulhada em um molho amarelo muito brilhante.

É claro que o resto dos acompanhamentos não prestava, mas a vida sob um distintivo de polícia era assim mesmo.

Ela abriu o *tele-link* de Mão enquanto se arrastava de cansaço pelos degraus da estação de metrô, que iam dar na rua.

— Ai está você! — O rosto de McNab, dividido ao meio por um imenso sorriso de boas-vindas, encheu a tela. — Já está vindo para casa?

— Estou a dois quarteirões daí. Pesquisamos grande parte da lista, mas não encontramos nada.

— As coisas são lentas assim mesmo .

— E *como!* Você conseguiu empacotar mais alguma coisa?

— Gata, você vai me dar um beijo imenso e molhado quando chegar aqui. As caixas já estão todas fechadas, estamos prontos para zarpar fora daqui.

— Sério? *Sério?* — Peabody deu dois pulinhos na calçada. — Tinha um monte de coisa para guardar, você deve ter trabalhado ter trabalhado pra caramba!

— Trabalhei mesmo, mas pensei o tempo todo no beijão molhado que iria receber como incentivo.

— Você não jogou fora nenhuma das minhas ...

— Peabody, eu tenho amor à vida. Não joguei nada fora, nem seu coelhinho de pelúcia.

— O nome dele é Mr. Fluffytail, e eu já estou chegando. Em cinco minutos a gente se vê. Prepare-se para o beijão molhado.

— Quando se trata de lidar com coisas molhadas, sou mais esperto que qualquer escoteiro.

Ela riu, enfiou o *tele-link* de volta no bolso. A vida era mesmo boa, pensou. Sua vida era ótima. Para falar a verdade, naquele momento, por exemplo, ela vivia um período absolutamente *mag*. Todas as pequenas encucações sobre mudar para uma casa nova com McNab, assinar um contrato de locação, misturar vidas, mobílias, estilos, e dividir uma cama com o mesmo cara por ... sei lá, possivelmente para sempre, haviam desaparecido.

Tudo estava bem. Tudo parecia firme.

Isso não quer dizer que ele não a irritasse profundamente, às vezes. Talvez ele *precisasse* fazer isso. Era parte do lance que os unia como casal... Parte do estilo deles.

Ela estava apaixonada. Era detetive da polícia. Trabalha como parceira da melhor tira da Polícia de Nova York, e possivelmente a melhor tira de qualquer cidade. Acabara de perder um quilo e meio de peso. Tudo bem, tinha perdido só um quilo, mas estava trabalhando para se livrar de mais quinhentos gramas naquele exato momento.

Enquanto caminhava, olhou para o alto e sorriu para as luzes que viu acesas no seu apartamento — no seu antigo apartamento, corrigiu para si mesma. McNab provavelmente iria aparecer na janela a qualquer momento para olhar para fora, acenar para ela ou lhe atirar um beijo — um gesto que poderia parecer tolo em outro cara, mas que dava uma sensação gostosa quando vinha dele.

Ela jogaria um beijo de volta para ele, sem se sentir nem um pouco tola.

Diminuiu o passo só um pouquinho, para dar a ele a chance aparecer na janela e completar o momento de fantasia.

E mal percebeu que aconteceria a seguir.

Viu apenas o borrão de um movimento. Ele era grande maior do que ela havia imaginado — e também era rápido. Ela percebeu, no décimo de segundo em que viu o rosto dele com os olhos cobertos por óculos escuros, que estava em apuros. Sério apuros.

O instinto a fez girar o corpo e pegar a arma que trazia junto do quadril.

Então, foi como ser atacada por um touro enfurecido. Sentiu uma dor imensa e indescritível no peito e na face. Ouviu algo se quebrar e percebeu, com uma clareza venenosa, que era algo dentro dela.

Sua mente parou de trabalhar. Foi o treinamento de tira, mais que a razão, que a fez esticar as pernas com força, tentando atingir qualquer parte daquele corpo maciço e chutá-lo, em uma tentativa de afastá-lo pelo menos alguns centímetros para ela ter espaço para rolar de lado e se atirar no chão.

Só que ela mal encostou no agressor.

— Sua puta!

O rosto dele parecia agigantado sobre ela, mas suas feições estavam obscurecidas por grossas camadas de selante e pelos óculos escuros, muito largos.

Ela sentiu que o tempo escorria lentamente, como um melado. Seus membros pareciam pesar mais do que chumbo. Tentou chutá-lo novamente, como se fosse em câmera dolorosamente lenta, ao mesmo tempo em que tentava sugar o ar para dentro dos pulmões que queimavam como fogo. E ordenou a si mesma para se lembrar de todos os detalhes.

— Tira puta! Vou acabar com você!

Ele a chutou com força e ela dobrou o corpo em agonia enquanto os dedos voltaram a tatear o coldre em busca da arma.

Uma parte dela, como se fosse uma entidade separada, se viu anestesiada e paralisada, mas mesmo assim ela continuava a sentir o violento impacto dos pés e dos punhos dele. Conseguia sentir o cheiro do próprio sangue.

Ele a levantou no ar como uma pluma, como se ela não passasse de uma boneca de pano. Dessa vez ela ouviu e sentiu algo se rasgar.

Alguém gritou. Ela se sentiu sendo atirada para a escuridão enquanto acionava o gatinho.

* * *

McNab colocou um pouco de música. Peabody lhe pareceu cansada na ligação de poucos minutos antes, então ele escolheu uma daquelas merdas de músicas com flauta, típicas dos seguidores da filosofia da Família Livre. Como ele tinha acabado de encaixotar tudo, até mesmo os lençóis, eles teriam de passar a noite no saco dormir. Ele sabia que ela se excitaria com isso. Última noite no antigo apartamento, dormindo agarradinhos no chão como dois adolescentes em um acampamento.

Totalmente irado.

Ele lhe serviu uma taça de vinho. Gostava de fazer isso, pois ela fazia o mesmo quando ele trabalhava até mais tarde. Aquele era o tipo de coisa que as pessoas que moravam juntas faziam uma pela outra. Pelo menos ele supunha que sim.

Aquela era a primeira vez que ele iria morar oficialmente junto com alguém. Era a primeira vez para ambos. Eles curtiriam o momento, decidiu, e aprenderiam juntos.

Ele pensou em dar uma olhadinha na janela e lançar um beijo barulhento enquanto ela vinha pela calçada quando ouviu uma gritaria.

Correu da cozinha, pulando de forma desajeitada por cima das caixas até alcançar o outro lado da sala de estar e chegar à janela. E seu coração pareceu parar.

Pegou a arma com uma das mãos, o comunicador com a outra e, movido por instinto correu para a porta.

— Policial atacada precisa de assistência! Atenção todas as unidades, todas as unidades! Uma policial precisa de assistência imediata!

Ele berrou o endereço para a primeira pessoa que atendeu desceu as escadas de dois em dois degraus ... Rezando sem parar.

Ela estava com metade do corpo na calçada e metade na rua. Caíra de bruços e seu sangue se espalhava pelo concreto. Um homem e uma mulher estavam agachados ao lado dela, e uma terceira pessoa corria em direção a eles.

— Saiam daqui, afastem-se! — Ele empurrou cegamente o que estava mais perto dela. — Sou tira. Oh, Deus, meu Jesus... Dee!

Ele sentiu vontade de pegá-la no colo e carregá-la para dentro, mas sabia que não poderia fazer isso. Em vez de levá-la dali, colocou os dedos trêmulos em sua carótida, para sentir-lhe o pulso. E seu coração deu um pulo quando ele sentiu uma batida.

— Tudo bem... Deus, tudo bem. Uma policial foi abatida! — Ele tornou a gritar no comunicador. — Uma policial abatida precisa de imediata assistência médica no endereço informado. Corram, droga, venham depressa!

Ele tocou o braço dela, se forçou a não apertá-lo e tentou recuperar a respiração.

— A ordem é perseguir uma van preta ou azul-marinho, último tipo, que está fugindo do local do ataque a grande velocidade.

Ele não tinha reparado no veículo com clareza suficiente. Ele só tinha prestado atenção nela.

Quando começou a tirar a camisa para cobri-la, um dos homens tirou o paletó.

— Tome, cubra-a com isso. Nós estávamos saindo de casa, do outro lado da rua, quando vimos ...

— Agente firme, Dee. Peabody, por favor, agente firme! — Ainda agarrando a mão esquerda dela com força e reparando que a arma ainda estava em sua mão direita, olhou para as pessoas a sua volta. Seus olhos ficaram sem expressão, frios como os de um tubarão.

— Preciso dos seus nomes. Preciso saber de tudo o que vocês viram.

* * *

O coração de Eve martelava em suas costelas quando ela saiu do elevador e seguiu quase correndo pelo corredor do hospital.

— Peabody! — disse ela, balançando o distintivo no ar diante do balcão da enfermagem. — Detetive Delia Peabody. Qual é o estado dela?

— Sala de cirurgia.

— Você não está me dizendo em que estado ela está.

— Não posso lhe dizer o estado dela porque não estou na sala de cirurgia.

— Eve... — Roarke colocou a mão apaziguadora sobre o ombro de Eve, antes que ela pulasse o balcão e esganasse a enfermeira. — McNab deve estar na sala espera. Devíamos ir até lá primeiro,

Ela lutou para respirar fundo em meio ao terror e à raiva.

— Mande alguém na sala de cirurgia para se informar sobre o estado dela. Você entendeu o que eu disse?

— Farei o que for possível. A senhora pode esperar em uma sala ali no corredor, à sua esquerda.

— Devagar, querida — murmurou Roarke para ela, enlaçando sua cintura com o braço enquanto seguiam para a sala de espera. — Tente ficar calma.

— Só vou ficar calma quando souber que diabo está acontecendo. — Ela entrou na sala de espera e parou na mesma hora. Ele estava sozinho. Ela não esperava encontrá-lo ali sozinho.

Geralmente esse lugares viviam cheio de gente com ar de agonia. Mas a única pessoa na sala era McNab, parado diante de uma das janelas, olhando para fora.

— Detetive.

Ele girou corpo, e o ar de pesar e esperança estampado em seu rosto assumiu uma expressão unicamente de dor.

— Tenente. Eles a levaram. Eles a levaram para... Disseram que... eu nem sei direito.

— Ian. — Roarke atravessou a sala em dois passos, colocou o braço em torno dos ombros de McNab e o direcionou para uma cadeira. — Sente-se aqui por um minuto, vou buscar algo para beber e você vai esperar por mim quietinho. Eles estão cuidando dela neste exato momento. Daqui a pouco eu vou entrar lá para ver o que consigo descobrir.

— Você tem que me contar o que aconteceu — disse Eve, sentando-se ao lado de McNab. Ele usava um anel em cada polegar, ela reparou. E tinha sangue nas mãos. Sangue de Peabody.

— Eu estava no apartamento. Já estava tudo encaixotado, tínhamos acabado de nos falar. Ela me ligou para dizer que estava a dois quarteirões de casa. Estava pertinho ... Eu devia ter saído para e encontrar com ela, era isso que eu tinha de ter feito. Devia ter ido ao seu encontro, porque então ela não estaria caminhando sozinha pela rua. Eu coloquei uma música suave para tocar. A droga da música estava tocando e eu estava na cozinha. Não ouvi nada até a hora dos gritos. Não eram gritos dela. Peabody nem teve a chance de gritar.

— McNab.

Roarke se virou do AutoChef, para onde tinha ido, ao perceber o tom da voz de Eve. Estava prestes a se aproximar dela para afastá-la dali quando percebeu a mudança súbita em seus olhos.

Ela esticou o braço, pegou uma das mãos de McNab, que estavam manchadas de sangue, e a segurou com força.

— Sei que é difícil, mas você precisa me contar tudo o que sabe. Eu ainda não consegui nenhum detalhe.

— Eu ... Me dê um minutinho, pode ser? Um minuto, só.

— Claro ... Tome, beba o... sei lá o que tem aqui dentro.

— Chá. — Roarke se sentou na mesinha diante de ambos e olhou de frente para McNab. — Tome um pouco desse chá agora, Ian, e respire fundo. Olhe para mim um instante.

Roarke colocou a mão sobre o joelho de McNab, forçando-o a erguer a cabeça e olhar para ele.

— Eu sei como é você ter a pessoa que você ama, a única pessoa que você ama de verdade, ferida. Acontece uma guerra em nossa barriga, e o coração fica tão pesado que parece que o corpo não vai aguentar. Esse tipo de medo não tem nome. Só dá para esperar, aguentando firme. E deixar que os outros nos ajudem.

— Eu estava na cozinha. — Ele apertou os olhos com força usando a base das mãos. Então tomou um pouco de chá. — Menos de três minutos antes, ela me disse que estava a dois quarteirões de casa. Provavelmente tinha acabado de sair do metrô. Foi quando ouvi uma mulher berrar, e outros gritos se seguiram. Corri para a janela e vi...

Ele usou as duas mãos para segurar a xícara e bebeu mais um pouco de chá como se fosse remédio.

— Eu a vi caída de bruços sobre o meio-fio. A cabeça e os ombros estavam sobre a calçada, e o resto nua. Dois homens e uma mulher corriam na direção dela, atravessando a rua pelo lado noroeste. E vi... Quer dizer, percebi de relance um veículo seguindo para o sul em alta velocidade.

Ele parou de falar e pigarreou para limpar a garganta.

— Desci as escadas correndo, com a arma e o comunicador nas mãos. Não sei como cheguei lá, não me lembro. Liguei para a

emergência e quando cheguei ao local, Peabody estava inconsciente e sangrava no rosto e na cabeça. Suas roupas estavam manchadas de sangue e um pouco rasgadas.

Ele fechou os olhos com força.

— Ela sangrava e eu verifiquei sua pulsação. Estava viva. Empunhava a arma com a mão direita. Ele não levou a arma. O filho da mãe não conseguiu pegar a arma dela.

— Você não o viu, então.

— Não, eu não o vi. Consegui nomes e declarações parciais de três testemunhas, mas nesse momento os paramédicos chegaram e eu precisei ir na ambulância com ela, Dallas. Deixei as testemunhas sendo interrogadas pelos policiais que também haviam respondido ao chamado. Tive de ir com ela, Dallas.

— Claro que sim. Você conseguiu identificar o veículo? Marca, placa?

— Era uma van escura. Não deu para ver a cor, só sei que era escura. Acho que preta ou azul-marinho. Não consegui ver a placa porque os faróis e as luzes estavam apagados. As testemunhas também não conseguiram. Um dos rapazes, Jacobs, garantiu que era uma van recém-comprada, novinha em folha. Talvez uma Sidewinder ou uma Slipstream.

— Eles repararam no agressor?

Os olhos dele ficaram sem expressão novamente, mas foram assumindo um tom frio.

— Sim, eles repararam no agressor, sim, e muito bem. Um cara grande, musculoso, careca, de óculos escuros. Eles o viram chutando-a e dando-lhe golpes com o pé. Eles viram quando ela lutou no chão e o canalha continuou a chutar e a pisar nela com violência. De repente ele a ergueu com força, como se pretendesse jogá-la pela porta traseira da van. Só que a mulher berrou e os caras gritaram e começaram a correr na direção dele. Foi quando ela atirou de volta no chão. Eles contaram que ele a jogou no chão com força e

entrou na van. Mas ela atirou. Foi isso que me contaram. Ela atirou nele no ar, enquanto caía no chão. Talvez o tenha atingido. Eles acham que ele cambaleou por um momento. Não têm certeza disso, a ambulância estava saindo, tive e ir embora com ela e não insisti mais.

— Você fez bem. Foi ótimo.

— Dallas.

Agora, era ela quem lutava contra as lágrimas. Se ela não aguentasse firme, ele também não aguentaria.

— Fique calmo.

— Eles disseram ... os paramédicos ... que a coisa parecia feia. Enquanto a ambulância corria eles trabalhavam nela sem parar me disseram que a coisa estava feia.

— Pois eu vou lhe dizer o que você já sabe. Ela não é uma mulher fácil de derrotar. É uma tira dura e vai escapar dessa.

Ele concordou com a cabeça e engoliu em seco, com força.

— Ela estava com a arma na mão. Ela manteve a arma.

— Ela tem força e garra. Roarke?

Ele acenou com a cabeça e saiu em busca de mais informações deixando Eve e McNab na sala de espera.

Capítulo Dezenove

Ele andava de um lado para outro da sala, lamentando-se, como um animal enjaulado. E chorava como uma criança ao andar para frente e para trás diante dos olhos que o observavam. A vadia o tinha *ferido*.

Isso não era permitido. Aqueles dias se *foram*, e ele não deveria ser ferido nunca mais. Nunca! No entanto, veja só! Ele se dirigiu à parede espelhada de cima a baixo para ter certeza do que acontecera. Olhe para o seu *corpo*.

Ele havia se tornado alto, mais alto do que qualquer pessoa que ele conhecia.

Você sabe a quantas andam os preços das roupas, seu esquisitão? É melhor correr atrás para me ajudar por aqui, ou vai ter de começar a andar pelado pelas ruas. Por mim tanto faz. Não vou continuar me estourando por aí para bancar suas roupas.

— Sinto muito, mamãe, não consigo evitar.

Não, nada disso! Ele não sentia muito. Estava contente por ser tão alto. Não era um esquisitão.

E foi ele mesmo quem se transformara em um cara forte. Ele trabalhara com afinco, tinha malhado sem parar e suado muito até conseguir construir um corpo forte. Um corpo que lhe dava orgulho, que as pessoas respeitavam e as mulheres temiam.

Você é um bundão, muito fraquinho, você não é nada.

— Agora não sou mais assim, mamãe. — Sorrindo de um jeito cruel, flexionou o bíceps do braço não atingido. — Não sou mais assim.

Só que no mesmo instante em que olhava e se pavoneava diante do espelho para admirar as formas musculosas que gastara tantos anos construindo, viu a si mesmo se encolhendo e se desmanchando, até que sobrou apenas um menino desajeitado com o rosto cheio de marcas de beliscão e olhos assustados, encarando-o de volta.

O peito do menino exibia arranhões em todas as direções, das surras de cinto. Seus órgãos genitais pareciam esfolados, devido às cruéis e sucessivas esfregadas que ela dera neles. Seus cabelos estavam em tufo desordenados e muito sujos; desciam-lhe até os ombros, do jeito que ela queria que ele os mantivesse.

— Ela vai nos punir novamente — avisou o menininho. — Ela vai nos colocar novamente no quarto escuro.

— Não. Nunca! — Ele se virou do espelho. — Ela não fará isso, eu sei o que estou fazendo. — Embalando o braço ferido como um bebê, tentou afastar a dor. — Ela vai ser punida dessa vez, pode apostar o seu último dólar. Dei conta da tira piranha, não dei? *Não dei?!*

Ele a matara. Tinha quase certeza de que a quebrara em vários pedaços terríveis de se ver, com certeza. Mas seu *braço!* Estava quente e dormente — o tipo de dormência que se parece com mil agulhas pinicando do ombro à ponta dos dedos.

Ele embalou o ombro contra o corpo, gemendo baixinho, e se sentiu entre o menino e o homem feito.

Mamãe iria dar um beijinho ali para a dor passar.

Mamãe iria esbofeteá-lo, chamá-lo de idiota e trancá-lo no escuro.

— Ainda não terminamos.

Era a voz do menininho, triste e desesperado.

Não ele ainda não terminara. Ele seria punido, a não ser que terminasse o que havia começado. Seria colocado no escuro, na

escuridão total. Seria queimado e chicoteado, com a voz dela espetando seu cérebro como farpas.

Ele não devia ter deixado a tira para trás, mas tudo aconteceu rápido demais. Os gritos, as pessoas correndo em sua direção, a dor chocante e terrível em seu braço.

Ele teve de fugir. O menininho disse: *Corra!* Que escolha ele tinha?

— Eu tive de fazer isso. — Ele se colocou de joelhos, implorando piedade aos olhos que flutuavam em silêncio e o olhavam volta sem pena. — Da próxima vez eu farei melhor, pode esperar. Prometo fazer melhor.

Em meio às luzes brilhantes que nunca eram apagadas, ficou olhado, balançando o corpo para frente e para trás e chorando baixinho.

Eve não conseguia ficar sentada. Caminhou até o balcão da lanchonete e pediu mais café. Carregou a bebida amarga e fraca até janela e ficou olhando para fora, como McNab havia feito. Repassou em sua mente tudo o que conseguira adiantar e tudo o que ficara por fazer, mas não conseguiu afastar os pensamentos da sala e cirurgia, onde via o corpo sem vida de Peabody em cima de uma mesa, cercada de médicos sem rosto com sangue nas mãos até os pulsos.

O sangue de Peabody.

Girou o corpo ao ouvir alguém se aproximando. Só que não era Roarke, nem um daqueles médicos sem rostos. Feeney vinha a passos rápidos, com sua camisa estilosa muito amassada depois de um longo dia de trabalho e um vermelho de ansiedade no rosto assustado.

Ele lançou um olhar significativo para Eve, e quando ela simplesmente balançou a cabeça, ele foi direto até onde McNab estava e se sentou, como Roarke fizera, na mesinha de centro.

Conversaram em murmúrios. A voz de Feeney era calma; a de McNab parecia fina e incoerente.

Eve passou ao largo de onde eles estavam e foi para o corredor. Precisava saber *algo*. Fazer alguma coisa.

Ao ver Roarke indo em sua direção e olhar para o seu rosto sem expressão, seus joelhos pareceram virar água.

— Ela não ...

— Não. — Ele pegou o café das mãos dela, que tinham começado a tremer de repente. — Continua na mesa de cirurgia, Eve... — Ele colocou o café sobre uma mesinha com rodas, a fim de pegar as duas mãos dela e colocar entre as dele.

— Pode me contar.

— Três costelas quebradas. Seu pulmão entrou em colapso devido à insuficiência respiratória. O ombro está deslocado, ela sofreu uma fratura de bacia. Além disso, há muitas lesões internas. Seu rim foi atingido e seu baço... estão tentando recuperá-lo, mas talvez precisem removê-lo.

Por Deus.

— Eles ... Se for preciso fazer isso, eles poderão substituí-lo. Dá para substituir um monte de órgãos. O que mais?

— Ele destroçou a maçã do rosto dela e deslocou seu maxilar.

— Isso é mau. É péssimo, mas dá para consertar ...

— Tem ainda o traumatismo craniano. Essa é uma preocupação grande. — Roarke passou as mãos de forma ritmada para cima e para baixo dos braços de Eve, mantendo os olhos fixos nos dela. — É muito sério.

O médico que ele pescara pelo colarinho na sala de emergência disse-lhe que Peabody parecia ter batido de frente com um maxi-ônibus.

— Eles disseram quais são as chances dela?

— Não, não quiseram arriscar prognósticos. O que eu posso lhe dizer é que ela está cercada por uma equipe completa, e se houver

necessidade de especialistas de fora, nós os traremos. Conseguiremos qualquer coisa que ela precise.

A garganta de Eve parecia prestes a explodir, mas ela manteve lágrimas represadas. Simplesmente fez que sim com a cabeça.

— Quanto de tudo isso você quer que eu repasse a ele?

— Quem?

— McNab. — Ele lhe massageou os ombros e esperou enquanto ela fechava os olhos e tentava se recompor. — Até que ponto você acha que eu devo lhe contar?

— Conte tudo. Ele precisa saber da história completa. Afinal...

— Ela não conseguiu terminar a frase e se deixou abraçar por um instante quando Roarke a puxou para mais perto de si. — Deus, oh, meu Deus.

— Ela é forte. Ela é jovem, forte e saudável. Isso tudo conta para o lado dela, você sabe disso.

Quebrada. Destroçada. Fraturada.

— Vá contar a ele. Feeney já chegou, está junto de McNab. Vá contar a eles.

— Venha, sente-se um pouco agora. — Ele lhe beijou a testa e os dois lados do rosto, com muito carinho. — Vá esperar com eles. Vamos todos esperar juntos.

— Ainda não. Pode deixar que eu estou bem. — Ela se afastou um pouco dele, mas apertou-lhe as mãos com mais força, antes de liberá-las. — Só preciso me acalmar um pouco mais. E também ... Preciso entrar em contato com algumas pessoas.

Preciso de coisas para fazer, senão enlouqueço.

Ele a abraçou com força mais uma vez e os dois ficaram ali por alguns segundos.

— Não vamos deixar que ela se vá.

Mais uma hora se passou, contada minuto por minuto em momentos infindáveis.

— Alguém deu mais alguma notícia?

Eve balançou a cabeça para Feeney. Ela se encostava à parede de fora da sala de espera, quando se cansava de caminhar de um lado para outro. A sala começava a se encher de tiras. Guardas, detetives, funcionários civis chegavam ali e ficavam, ou davam passadas rápidas para saber de alguma novidade.

— A família dela ...

— Eu pedi para eles ficarem onde estão, pelo menos até sabermos de mais alguma coisa. — Ela tomou mais um gole de café.

— Assim que houver notícias eu lhes informo o estado dela. Amenizei um pouco a situação. Talvez não devesse ter feito isso, mas ...

— Não há nada que eles possam fazer, por agora.

— Pois é. Se eles tiverem de vir para cá, Roarke já providenciou transporte especial. E McNab, como está?

— Segurando as pontas; está nas últimas, mas vai se aguentando. Ajuda muito ver tantos tiras à sua volta, dando apoio.

— Os olhos de Feeney se estreitaram de raiva.

— Esse cara já era, Dallas. Não existe nenhum policial na cidade que não aceite fazer as horas extras que forem necessárias para pegá-lo, agora que ele veio para cima de um de nós.

— Sim, já era — concordou Eve. — Mas ele é meu.

Ela ficou ali, encostada na parede, e só virou a cabeça ao ouvir o som de sapatos de salto alto no piso do corredor. Ela já esperava a dona dos sapatos.

Nadine caminhava de forma elegante pelo corredor, com dois guardas corpulentos atrás dela.

Ótimo, foi tudo o que Eve pensou. Bem que ela precisava se distrair discutindo com alguém.

Mas Nadine parou diante deles, colocou uma das mãos no braço de Feeney, a outra no braço de Eve, e perguntou:

— Como ela está?

A amizade vinha antes, percebeu Eve. Mesmo quando o assunto era notícia, a amizade devia ser a primeira a se manifestar.

— Ela continua na sala de cirurgia. Já faz quase duas horas.

— Eles deram alguma ideia de quando ... — Nadine se conteve. Não, eles nunca fazem isso. Preciso falar com você, Dallas.

— Então, fale.

— A sós. Desculpe, Feeney.

— Tudo bem. — Ele voltou a entrar na sala de espera.

— Há algum lugar onde possamos nos sentar? — quis saber Nadine.

— Claro. — Eve simplesmente se deixou escorregar pela parede até que sua bunda encostou no chão. Olhando para cima, tomou um pouco de café.

Depois de dar uma batidinha com a ponta do pé, Nadine fez a mesma coisa e se sentou ao lado dela.

— Com relação a Peabody, não vou jogar no ar nada que você não queira que seja divulgado. Farei isso por ela.

— Obrigada.

— Ela também é minha amiga, Dallas.

— Sei que sim. — Como sentiu lágrimas lhe ardendo nos olhos, ela os fechou. — Eu sei.

— Diga-me o que quer que eu descubra lá fora e eu desencavo essa informação. Só quero um minutinho para falar sobre os gorilas que você colocou pregados no meu traseiro.

Eve olhou para os guardas ali perto e ficou satisfeita ao ver que eles eram, conforme ela havia determinado, sujeitos corpulentos e com ar experiente.

— O que tem eles, Nadine?

— Como é que você quer que eu trabalhe direito com um par de gigantescos soldados da cavalaria montada na minha sombra.

— Isso é problema seu.

— Mas eu não ...

— Ele foi atrás de Peabody, poderia ter ido atrás de você. Nós três aparecemos na entrevista juntas. Foi uma provocação — murmurou ela. — Uma pequena provocação. Eu não imaginei que ele fosse atrás de Peabody,

— Era para ele ter vindo atrás de você?

— Faria muito mais sentido, droga. Sou a investigadora principal do caso. Mas não ... resolveu pegar minha parceira. Depois, pretendia ir atrás de você. Analisando os fatos agora, percebo tudo. Ele quer que eu saiba que pode pegar as pessoas que trabalham comigo bem debaixo do meu nariz. Quer que eu saiba disso, antes de vir atrás de mim.

— Sim, eu entendo o seu raciocínio, Dallas, mas isso não explica como é que eu vou sair por aí pesquisando dados e fazendo relatórios quando eu sempre chego nos lugares em trio, sendo que dois do trio usam distintivo. Ninguém vai querer falar comigo.

— Você vai ter de se virar com esse problema — rebateu Eve.

— O abacaxi é seu, Nadine. Ele não vai colocar as mãos em outra amiga minha. Não vai ter chance de atacar você.

Nadine analisou a raiva gélida no rosto de Eve e permaneceu calada.

Encostou-se na parede, pegou o café da mão de Eve e tomou um gole da bebida.

— Isso tem gosto de mijo morno — sentenciou, antes de tomar mais um gole. — Não, acho que é um pouco pior que isso.

— O sabor não é tão ruim depois do terceiro litro.

— Acredito em você. — decidiu, devolvendo a bebida. — Não quero que ele coloque as mãos em mim. Não preciso mencionar que sei como tomar precauções por mim mesma, Especialmente depois daquela terrível aventura no parque com um maníaco homicida, há pouco mais de um ano. E é claro que eu não me esqueci que foi você quem me livrou daquela enrascada. Acontece que também sou esperta o bastante e tenho um saudável instinto de autopreservação

para aceitar que existem momentos em que eu necessito de alguém que demonstre interesse no meu bem-estar. Então, pode deixar que eu me viro com o problema.

Nadine se virou de lado, tentando buscar conforto no piso duro, e sussurrou:

— Para ser franca, Dallas, aquele que está parado do lado esquerdo é um tesão.

— Tente não fazer sexo com um dos meus homens enquanto estiver de serviço.

— Tudo bem, tentarei me segurar. Vou dar uma olhadinha em McNab.

Eve concordou e pensou se devia se levantar para começar andar de um lado para outro novamente, ou seria melhor simplesmente fechar os olhos e se lançar em um estado de completo esquecimento. Roarke saiu da sala antes de ela decidir, e se agachou o seu lado.

— Talvez fosse uma boa ideia você descer e comer alguma coisa além das porcarias que vendem aqui na máquina de lanches. E encomendar alguma coisa para alimentar essa multidão.

— Você está tentando fazer com que eu arrume alguma distração?

— Sim, e isso vale para nós dois.

— Certo.

Ele ficou em pé e pegou a mão dela, erguendo-a do chão.

— Parece que deveríamos ter mais alguma notícias a essa altura — disse ela. — Acho que...

Ela olhou na direção dos elevadores e viu Charles e Louise, que chegavam correndo.

— Alguma novidade? — quis saber Charles.

— Nada. Não sabemos de mais nada há mais de uma hora.

— Vou entrar na sala de cirurgia — ofereceu Louise, apertando o braço de Charles. — Vou me desinfetar, me vestir e dar uma

olhada por mim mesma.

— Isso vai ser ótimo — desabafou Eve, ao ver Louise se afastar deles. — Saberemos mais, vai ser muito melhor.

— O que eu posso fazer para ajudar? — quis saber Charles agarrando a mão de Eve. — Arrume uma missão para mim, ou algo desse tipo.

Ela olhou para ele fixamente. A amizade vinha com uma porção de camadas, pensou, e uma porção de medidas.

— Roarke e eu estávamos pensando em conseguir algo para toda essa gente comer.

— Deixem que eu cuido disso. Espere só eu avisar McNab que estamos aqui e vou partir em busca de comida.

— A coisa se espalha como círculos em um lago, não é? — Roarke observou Charles se movimentando por entre os grupos de tiras até chegar onde McNab estava. — Todas as pessoas, os relacionamentos, as ligações. Tenente ... — Ele emoldurou o rosto dela com as mãos e a beijou com carinho na testa. — Não lhe fará mal conseguir um cantinho para se deitar e fechar os olhos por alguns instantes.

— Não posso fazer isso.

— Eu já imaginava.

Ela esperou. E se sentiu no centro de um redemoinho ao contatar ou ser contatada por Whitney, Mira e a família de Peabody. Mais tiras chegaram. Alguns foram embora, mas a maioria ficou. Havia gente da DDE, da Divisão de Homicídios, guardas e pessoas com alta patente.

— McNab — murmurou Eve para Roarke, assim que avistou Louise — Vá chamá-lo discretamente. Não quero o departamento inteiro aqui quando Louise nos passar as novidades.

Preparando-se para as novas notícias, ela foi ao encontro de Louise.

— Roarke foi chamar McNab, para você só precisar contar tudo uma vez.

— Ótimo. — Ela usava uma roupa hospitalar verde-clara e muito larga. — Vou voltar lá e observar mais um pouco, mas quis vir até aqui para lhes repassar o que podia.

Roarke chegou com McNab, Feeney e Charles. O primeiro círculo, reparou Eve, de todos os outros que se espalhariam ao redor daquele ponto.

— Eles já acabaram? — perguntou McNab, falando depressa. — Ela já? ...

— Eles continuam trabalhando nela. As coisas estão correndo dentro da normalidade. Ela está nas mãos de uma equipe de cirurgiões excelente, Ian, e está se aguentando bem. — Louise estendeu braços e pegou as duas mãos dele. — Os procedimentos vão levar um pouco mais de tempo, ainda. Os danos foram extensos, o fato é que ela está passando por mais de uma cirurgia. Seus sinais vitais estão bons e tudo o que pode ser feito já está sendo providenciado.

— Quanto tempo mais? — quis saber Eve.

— Duas ou três horas. Pelo menos. Ela está em estado crítico, mas reage bem, na medida do possível. Sugiro que vocês reúnam pessoas para doar sangue. Isso é algo muito positivo, uma coisa que todos podem fazer. Vou voltar lá e observar mais um pouco. O chefe da equipe de cirurgiões vai lhes dar mais detalhes quando a cirurgia acabar, mas prometo manter vocês informados com regularidade.

— Eu não posso entrar lá com você? Se eu vestis uma dessas roupas do centro cirúrgico ... — propôs McNab.

— Não. — Louise se inclinou e beijou o rosto dele. — Vá lá embaixo e doe um pouco de sangue. Faça coisas úteis e mantenha os pensamentos fortes e positivos. Essas coisas funcionam, eu lhe garanto.

— Tudo bem, vou lá para baixo, então.

— Nós dois vamos descer — avisou Feeney, e apontou o queixo na direção da sala de espera. — Vamos doar sangue em grupos. Quando acabarmos, haverá mais sangue de tiras nesse lugar do que eles vão dar conta de armazenar.

Um pouco tonta devido à perda de 400 ml de sangue — que preferia ter perdido por meio de um ferimento do que através de uma seringa —, ela ficou sentada por algum tempo na sala de espera. Suas mãos estavam presas às de Roarke enquanto sua mente flutuava para longe dali.

Ela se lembrou da primeira vez em que viu Peabody, uma policial que lhe pareceu muito eficiente em seu uniforme impecável. Havia um corpo entre elas. Sempre havia um corpo.

Eve recordou o dia em que havia tirado Peabody do serviço de patrulhamento que ela fazia e a levou para a Divisão de Homicídios, aceitando-a como sua auxiliar permanente. E como Peabody quase a levou à loucura, no início, com suas excessivas saudações de "sim, senhora" e "pois não, senhora".

Esses dias logo foram esquecidos.

Não levou muito tempo para virem à tona a língua ferina e as observações inteligentes que deixaram os "sim, senhora" para trás.

Peabody também sabia defender muito bem suas ideias e o seu território. Respeitava a hierarquia, mas sempre dava sua opinião. E aprendia tudo muito depressa. Mente aguçada, bons olhos. Uma ótima tira.

Por Deus, quanto tempo mais?

Logo depois de conhecer Eve, Peabody havia se apaixonado por um detetive que provou ser um mau tira. Isso abalou sua confiança e magoou seus sentimentos. Logo depois, porém, McNab entra em cena e Charles ficou como "estepe". Mesmo assim, apesar

do jeito estranho desse triângulo, foi de McNab que ela sempre gostou de verdade.

Os dois andaram se trombando por algum tempo, em idas e vindas no relacionamento. Nas épocas desses desentendimentos e trocas de desaforos, eles só faltavam sair no tapa se estivessem no mesmo espaço por mais de dez segundos. Mas sempre acabavam voltando. Talvez fosse assim mesmo com todo mundo: as pessoas acabavam juntas de uma vez por todas quando chegava o momento certo, estando o terreno acidentado ou não.

— Eve. — Ao ouvir a voz de Roarke ela deu um pulo, piscou duas vezes e seguiu os olhos dele que se dirigiram para a porta, onde estava Louise.

Ela se levantou depressa e se juntou ao grupo que já rodeava a médica.

— Ela acabou de sair da cirurgia. Vão levá-la para a sala de recuperação e os cirurgiões virão conversar rapidamente com vocês.

— Ela está fora de perigo, então? — A voz de McNab estava rouca de fadiga e emoção. — Escapou?

— Sim. Seu estado é crítico e certamente eles vão deixá-la na UTI por algum tempo. Ela está em coma.

— Meu Deus!

— Isso não é incomum, Ian. É o jeito de o corpo dela repousar e tentar se recuperar. As primeiras avaliações pós-cirurgia mostraram resultados animadores, mas ela ainda vai precisar de outros exames, muitos mais. Eles precisarão mantê-la sob observação constante nas próximas horas.

— Mas ela vai sair dessa?

— Temos todos os motivos para acreditar que ela escapará, sim. Apesar de ainda existirem algumas preocupações com o rim, por exemplo. Mesmo assim, ela saiu da cirurgia muito bem. Bravamente.

— Eu já posso vê-la, agora? Eles vão me deixar vê-la, não vão?

— Claro. Daqui a pouquinho.

— Certo. — Isso pareceu acalmá-lo e sua voz se mostrou menos trêmula. — Posso ficar sentado ao lado dela até ela acordar se for preciso. Ela não deve acordar sozinha.

— Sim, sei que você fará isso. Mas só podem entrar duas pessoas de cada vez na sala de recuperação. Vai ser bom, para ela saber que tem alguém ao seu lado. E ela vai saber — garantiu Louise.
— Pode ter certeza de que ela vai saber...

Eve esperou a sua vez e entrou com Roarke, enquanto McNab ficou circulando do lado de fora da sala, junto da UTI. Ela havia se preparado para o que ia ver, mas não foi o bastante.

Nada teria sido suficiente para lhe servir de apoio naquele primeiro contato. Peabody estava deitada em uma cama muito treita, ligada a mais tubos do que Eve teve a coragem de contar. Talvez o zumbido constante e os bipes dos monitores pudesse funcionar como relaxante, mas só servia para deixá-la mais ai apavorada.

Mesmo assim ela teria aguentado isso. Já havia visitado centenas de vítimas, colegas feridos, criminosos em quartos de hospital e sabia o que esperar.

Só que nenhum deles tinha sido Peabody, deitada ali, completamente imóvel e com o rosto tão machucado que estava quase irreconhecível.

O lençol e a colcha a cobriam até o pescoço, mas Eve imaginou que também havia muitas outras marcas roxas e ferimentos por baixo das cobertas. Várias ataduras, curativos, pontos cirúrgicos e só Deus sabia o que mais, por baixo do lençol branco.

— Eles vão cuidar das marcas roxas mais tarde — explicou Roarke, por trás dela.

— Agora isso não era prioritário.

— Ele arrebentou o rosto dela, o filho da puta.

— E vai pagar por isso. Olhe para mim, Eve. — Ele a virou de frente para ele e lhe apertou os braços com força. — Ela é minha amiga quase tanto quanto sua. Continuarei mergulhado nesse caso até o fim, e também quero a chance de tirar uma casquinha dele.

— A coisa não pode ser pessoal. Essa é a regra básica de qualquer investigação. Tudo conversa fiada, é claro. — Ela se afastou dele e chegou mais perto da cama. — Tremendo papo furado, porque tudo é tão pessoal quanto a proximidade da vítima. Ele não vai escapar ileso depois de fazer isso com ela. Então é isso aí... Ela ergueu os olhos e o fitou longamente, para depois voltar o olhar gélido para Peabody. — Estamos enterrados nisso, até o fim.

Ela se inclinou e falou baixinho, mas com a voz clara:

— Vou acabar com a raça dele para você, Peabody, você tem minha palavra quanto a isso. — Esticou o braço e hesitou, sem saber ao certo onde tocar. Por fim, passou a mão de leve nos cabelos de Peabody. — Mais tarde nós voltaremos para ver você.

Ela esperou enquanto Roarke se inclinava e pousava os próprios lábios no rosto inchado de Peabody, e depois em sua boca.

— Bem depressa — avisou ele. — Voltaremos logo.

Eles saíram do quarto de recuperação e foram até onde McNab e Feeney estavam à espera.

— Ele fez o maior estrago nela. — O rosto de McNab parecia vazio, como cavernas de raiva e angústia.

— Sim, sim, ele fez.

— Quero estar lá no momento em que vocês o pegarem. Quero estar lá, tenente, mas ... não posso deixá-la sozinha aqui. Não posso abandoná-la até ... até ela acordar.

— No que me diz respeito, essa é a sua mais importante missão, agora.

— Eu poderia trabalhar um pouco daqui mesmo, enquanto eu fico sentado ao lado dela. Se eu tiver o equipamento certo, posso fazer varreduras eletrônicas, levantar dados, qualquer coisa.

Continuamos tentando recuperar os dados do Departamento de Trânsito. Posso fazer isso.

— Vou lhe arrumar algum trabalho — prometeu Eve.

— E eu vou providenciar todos os equipamentos que você vai precisar — assegurou Feeney, colocando a mão no ombro dele. — Vá em frente, filho, fique lá sentado ao lado dela. Vou trazer as máquinas.

— Obrigado. Acho que eu não teria conseguido suportar essa noite terrível se vocês não estivessem ... obrigado.

Feeney respirou fundo depois que ele, Eve e Roarke se viram sozinhos, e seus olhos ficaram brilhantes e cruéis quando ele declarou:

— Vamos queimar esse cara vivo.

— Pode apostar nisso — prometeu Eve.

Ela resolveu ir direto para casa. Pretendia tomar uma boa ducha, a fim de se e lavar das tristezas da noite e reunir pensamentos e recurso. No momento em que entraram em casa, Summerset surgiu.

E a detetive Peabody?

Ele podia ser um babaca, pensou Eve, mas naquele momento parecia um babaca que tinha passado a noite em claro e carregava nos ombros todas as preocupações do mundo.

— Ela resistiu às cirurgias. Parece que foi atropelada por um trem, mas conseguiu escapar.

— Está na UTI — completou Roarke. — Ainda não recuperou a consciência, mas os médicos estão esperançosos. McNab ficou com ela.

— Será que eu poderia ser útil de alguma forma?

Eve já tinha começado a subir as escadas, mas parou, olhou para trás, analisando-o com atenção e considerou a pergunta.

— Você sabe mexer nos equipamentos secretos de Roarke?

— É claro!

— Vou levar Roarke comigo, então você vai realizar algumas buscas e tarefas eletrônicas. Vou tomar uma ducha e na volta eu lhe digo o que procurar, e onde.

— Agora eu quero que você me conte o que quer descobrir. — Cobrou Roarke, assim que eles entraram no quarto.

— Preciso pensar com calma.

— Então pense em voz alta enquanto nós dois entramos debaixo da ducha. Ela fez um esforço supremo para estreitar os olhos e avisar:

— A ducha é unicamente para manutenção da saúde do corpo.

— Considero sexo excelente para a manutenção da boa saúde do corpo, mas podemos conferir isso outra hora.

Eve falou em voz alta, enquanto a água quente ajudava a dissolver um pouco da névoa em sua mente. Embora odiasse os comprimidos de Stay-Up, inventados para manter as pessoas acordadas, também se sentisse agitada em demasia sempre que os tomava, ingeriu um deles e guardou mais dois no bolso para mais tarde.

— Talvez eu esteja longe do centro do alvo, mas quero remexer todas pedras.

— Não importa se está longe ou perto — replicou Roarke! , Vamos revirar todas as pedras para ver o que tem debaixo delas. Antes disso, porém, precisamos comer.

— Podemos mastigar duas barras de cereais pelo caminho.

— Não. Temos de manter os pés firmemente plantados no chão, dessa vez. Combustível de verdade é o que vamos comer. Ainda não são nem seis horas da manhã — lembrou ele, enquanto programava o AutoChef. — Se você quiser interrogar as testemunhas, é melhor fazer isso quando elas estiverem acordadas.

Ele tinha razão, e discutir só serviria para atrasar as coisas. Então ela se sentou e colocou para dentro tudo o que ele serviu no prato que estava diante dela.

— Você comentou com McNab sobre como a pessoa se sente quando alguém que ela ama sofre um ferimento grave. Eu já coloquei você nessa situação algumas vezes. Talvez nenhuma tenha sido tão grave quanto essa de Peabody, mas ...

— Algumas delas foram parecidas — replicou Roarke.

— É, eu ... Como você aguenta? -Traços do medo e da preocupação da noite se fizeram presentes. — Como é que você supera esses momentos?

Ele não disse nada, simplesmente segurou a mão dela e, olhando-a fixamente, levou-a aos lábios. Isso fez os olhos dela arderem mais uma vez, em uma ameaça de choro. Sua garganta se apertou em fisgadas e ela afastou os olhos dele.

— Eu não posso me deixar levar pela emoção — disse ela. — Parece que se eu permitir que a represa se abra, tudo vai se despedaçar em mil pedaços. Não posso parar. Tenho de continuar indo em frente, batalhando, e preciso me convencer o tempo todo de que haverá vingança. Não importa quanto tempo leve nem quanto custe, tem de haver vingança.

Ela empurrou o prato vazio e se levantou.

— Eu deveria dizer “justiça”. Tem de haver justiça, e eu devia falar isso com sinceridade. Só que não sei se isso seria o bastante. Eu deveria me afastar do centro do problema. Já que não sei se apenas a justiça vai ser o suficiente; deveria recuar, mas não farei isso. Não posso.

— E vai continuar a exigir mais de si mesma do que é humano aceitar?

Ela esticou o braço e pegou o distintivo. Analisou-o durante um bom tempo antes de colocá-lo no bolso.

— Vou. É melhor cairmos dentro.

Ela deu instruções diretas e precisas a Summerset, saiu de casa entrou no carro, desabafando:

— Não acredito que estou pedindo a ele para cometer um ato ilegal.

— Pois saiba que não será o primeiro de sua vida.

— Além disso, estou pedindo que ele me ajude em uma investigação policial.

— Isso, sim, eu acho que é a primeira vez.

— Ha-ha ... — Ela riu. — Não, dessa vez eu dirijo. Estou energizada demais por causa dos químicos que ingeri.

— Puxa, isso certamente vai trazer muita confiança aos seus passageiros.

— Preciso fazer alguma coisa, senão vou simplesmente pirar. Você não tomou nada para se manter alerta?

— Ainda não.

— E depois vem me falar sobre ser mais que humano — comentou ela, se colocando atrás do volante.

— É só uma questão de metabolismo, querida. Provavelmente vou precisar de algum estimulante lá pelo meio da tarde, se ainda estivermos em ação,

— Pois pode contar com isso. A testemunha mora no quarteirão de Peabody. Pegue o endereço exato, por favor. Olhou para o lado enquanto ele fazia um levantamento dos dados — Obrigada.

— De nada. Mas saiba que não estou fazendo isso só por você.

— Não, eu sei. — Como precisava do contato físico ela tirou o braço e agarrou a mão dele no instante em que passou pelos portões da mansão. — Mesmo assim, obrigada.

Capítulo Vinte

Eve nem se deu o trabalho de procurar por uma vaga para estacionar. Simplesmente colocou a viatura em fila dupla ao lado de um mini movido a energia solar que parecia não ir dali há mais de seis meses.

Ligando o luminoso que informava "Viatura em serviço", ela saltou e ignorou o "Que tira folgada!" lançado pelo motorista de um veículo pequeno e muito enferrujado que ficou preso no trânsito, logo atrás do carro dela.

Em vez disso, como não conseguiu evitar, atravessou a rua e analisou com muito cuidado as manchas de sangue na calçada.

— O safado ficou de tocaia. É bem o seu estilo. Talvez ele a tenha seguido em algum momento ou descoberto seus dados e ela não percebeu.

Mas balançou a cabeça para os lados assim que completou a frase.

— Não dá para descobrir o endereço de um tira assim, com essa facilidade. As pessoas tentam, talvez até cheguem perto, mas existem bloqueios e lacres nos dados pessoais de todos os policiais. Ele deve tê-la seguido, ou fez um trabalho muito complexo, típico de um *hacker*.

Ela se lembrou da matéria com Nadine e da entrevista coletiva. Nas duas vezes ela deixou que Peabody se sobressaísse.

— Quanto tempo levaria para um *hacker* de habilidade mediana conseguir descobrir um endereço bloqueado?

— Isso depende do talento e do equipamento dele ... — Roarke também olhava para as manchas de sangue no chão e pensava em

Peabody. Recordou sua firmeza e sua doçura. — Pode levar uma hora ou alguns dias.

— Uma hora? Por Deus, por que nos damos ao trabalho de esconder, então?

— É um escudo padrão que protege os dados do acesso da população em geral. Tentar passar por esse escudo levanta um alerta imediato no CompuGuard. É um risco grande, a não ser que você não ligue a mínima para o perigo e saiba como se desviar dos bloqueios e lacres. Você tem algo que indique que as habilidades de hacker dele são acima da média?

— Não, estou só pensando. Ele conhecia as rotinas de todas as vítimas, seus padrões de comportamento, os caminhos que usavam e seus hábitos. Sabia onde elas residiam. E todas elas moravam sozinhas, com exceção de uma.

— Sim. Elisa Maplewood trabalhava na casa de uma família.

— Pois é, mas era uma família onde o elemento masculino estava fora do país. Talvez ele leve em conta esse fator. Ele as seguiu, certamente. Teve de fazer isso algumas vezes. E temos os comentários de Breen Merriweather sobre o cara imenso e careca no metrô. Mas pode ser que ele tenha feito alguma pesquisa on-line. Talvez reunisse de uma vez só o máximo possível de dados. Ele certamente assume riscos, e são riscos grandes. Mas são calculados. Além do mais, o cara que estamos procurando não se mistura em uma multidão. Merriweather conseguiu percebê-lo. Por tudo isso, acho que ele não faz muita pesquisa de campo.

— E se prepara o máximo possível a distância.

— É possível. Diria até provável. Ele se movimentou com muita agilidade no caso de Peabody. Foi mais rápido que com as outras, a meu ver. Isso aconteceu porque ela não era a sua vítima padrão. Foi um adendo em seus planos, para provar uma atitude, ou talvez esteja puto da vida. Ou se sinta ameaçado.

Ela permaneceu onde estava e virou a cabeça para olhar as janelas do apartamento.

— Sabe do que mais?

— Ele não conhecia o suficiente sobre Peabody para saber que havia outro tira naquele apartamento, esperando por ela. Não conhecia o bastante sobre essa vizinhança para considerar a possibilidade de alguém avistá-lo e tentar ajudá-la.

— Sim, a pesquisa não foi perfeita. Ele está completamente ensandecido, se sente ameaçado demais ou tem pressa.

Eve baixou a cabeça e observou a rua.

— Ela chega de metrô quase todas as noites e não devia imaginar que estava sendo seguida. Ele deve ter ficado de tocaia, como fez com as outras vítimas, mas não creio que a tenha vigiado regularmente, porque ela sacaria. Teria percebido se alguém a seguisse. Peabody tem bons olhos e bons instintos.

— Hackear o endereço dela poderia fazê-lo ganhar tempo, mas havia o risco de ele ser detectado.

— É. Tem mais uma coisa: ela estava fazendo muitas horas extras. É preciso entrar no sistema para registrar qualquer hora trabalhada a mais. Se ele conseguiu o endereço dela, também conseguiu sua programação diária, porque quando eu a coloquei para trabalhar depois do turno com Feeney e chamei você, informei tudo isso ao sistema.

Ele pegou o queixo dela e a forçou a olhar para ele.

— Eve ...

— Não estou me culpando. — Pelo menos ela tentava não fazer isso. — Estou culpando ele mesmo. Estou apenas tentando entender como tudo aconteceu. Ele descobriu o endereço dela e sabe que ela vai voltar mais tarde para casa. Se sabe tudo isso também sabe que ela não tem um veículo em seu nome e o mais provável é que volte para casa a pé. Então ele vem até aqui, estaciona e espera. O canalha é paciente. Ele simplesmente espera ela aparecer.

— Mesmo assim é arriscado. A rua é bem iluminada e ela estava a menos de um quarteirão de casa. Além disso, é uma policial habilidosa que anda armada. Essa não foi uma jogada inteligente. — sentenciou Roarke. — Não foi como as outras.

— Não, no caso dela, e no meu caso, ele estava puto. Quis mostrar atitude, como eu disse. Só que, no fundo, ele não imaginou que ela pudesse lhe dar algum trabalho. Não do jeito que ela fez. Afinal, ela é apenas uma mulher, e ele é um homem grande e forte. E só pegá-la, derrubá-la, jogá-la na parte de trás da van e *puf*.

Eve se agachou e colocou a mão em uma das manchas de sangue de sua parceira.

— Para onde ele pretendia carregá-la? — especulou, baixinho. — Para o mesmo lugar onde levou as outras ... as que atacou ante? As mulheres que estão desaparecidas e presume-se que estejam mortas?'

— Ela deve ter dado uma boa olhada nele. Certamente será capaz de descrevê-lo com detalhes, talvez mais até do que Celina.

— Se ela se lembrar de alguma coisa. — Eve ergueu os olhos. — Traumatismo craniano, talvez ela não se lembre de nada. Mas, se conseguir, deve ter dado uma boa olhada na cara dele. Ela é muito ligada e repara em minúcias. Ela é que deverá derrubá-lo de vez, quando o encontrarmos. Quando acordar... e se conseguir lembrar tudo.

Eve se levantou.

— Vamos ver o que as testemunhas viram. Quero interrogar a mulher primeiro.

— Essie Fort. Solteira, vinte e sete anos. Sócia no escritório de Advocacia Driscoll, Manning e Fort. Eles são advogados tributaristas.

Eve conseguiu esboçar um sorriso enquanto eles se aproximavam do prédio.

— Até que você é útil.

— Fazemos o possível. — ele apertou o botão de Fort no interfone, apartamento 3A.

Enquanto esperavam, Eve se virou e avaliou a distância entre a porta onde eles estavam e o ponto do ataque. Uma voz masculina surgiu na tela.

— Sim.

— Tenente Dallas, do Departamento de Polícia de Nova York. Gostaríamos de falar com a Srta. Fort.

— Eu gostaria de ver o seu ... ah, aí está! — corrigiu ele, ao ver o distintivo que Eve segurava diante da câmera. — Podem entrar.

Ouviu-se um apito e a porta se abriu. Ele já estava esperando na porta do apartamento quando eles saltaram do elevador, no terceiro andar.

— Essie está lá dentro — informou. — Sou Mike. Mike Jacobs.

— O senhor também testemunhou o incidente, Sr. Jacobs?

— Bem de perto. Essie, Jib e eu estávamos saindo para nos encontrar com a namorada de Jib. Foi quando ... Por favor, entrem. Desculpem meus modos. — Ele abriu a porta por completo.

— Eu acabei dormindo aqui a noite passada. Não quis deixar Essie sozinha. Ela ficou muito abalada. Está se vestindo lá dentro. — Ele olhou para uma porta fechada. — A mulher que foi espancada era uma tira, certo? Ela conseguiu sobreviver?

— Sim, até agora ela se segurou.

— Fico feliz de ouvir isso. Puxa, aquele sujeito voou nela como um *touro imenso* e enfurecido. — Mike mexeu nos cabelos encaracolados. — Escutem, eu estava preparando um pouco de café. Vocês aceitam?

— Não, obrigada, Sr. Jacobs. Gostaria de pegar declarações oficiais do senhor e da Srta. Fort, e também fazer algumas perguntas.

— Tudo bem. Conversamos com alguns policiais ontem a noite, mas tudo estava meio confuso. Escutem, deixem-me pegar o café, por favor. Quase não dormimos a noite passada e estou precisando de um estímulo. Sentem-se, fiquem à vontade. Vou apressar Essie.

Eve não queria ficar à vontade, mas acabou se sentando na ponta de uma cadeira pintada de vermelho vivo. Deu a si mesma a chance de se acalmar e observou o ambiente em torno. Havia uma abundância de cores fortes e arte geométrica estranha espalhadas pelas paredes. Uma garrafa de vinho e dois cálices estavam sobre a mesa, certamente desde a noite anterior.

Mike Jacobs vestia uma calça jeans e uma camisa que tinha deixado desabotoada. Provavelmente era a roupa que usava na véspera. Talvez não tivesse planejado passar a noite ali.

Pode ser que eles estivessem em um início de relacionamento, sem a percepção definida de que uma noite de sexo se seguiria à noitada da noite anterior.

Mesmo assim ele havia dormido ali. E tinha corrido na mesma hora para ajudar Peabody, segundo informações de McNab. Talvez não achasse que tiras são pessoas desagradáveis.

A porta do quarto se abriu. A mulher que surgiu parecia frágil e delicada. Seus cabelos curtos muito pretos e retos tinham um penteado elegante, e seus olhos eram tão azuis que combinavam com a decoração do apartamento, mas pareciam exaustos.

— Desculpem. Mike avisou que a polícia estava subindo e eu fui me vestir.

— Sou a tenente Dallas.

— A senhora a conhece? A mulher que foi ferida? Sei que ela é uma policial. Já a vi caminhando pela rua. Antes ela usava uma farda, mas agora não usa mais.

— É porque agora ela é detetive. E minha parceira.

— Oh. — Os olhos dela se encheram d'água. Se as lágrimas eram de pena, sofrimento ou fadiga, Eve não saberia dizer. — Sinto

muito. Sinto de verdade. Ela vai ficar bem?

— Eu ... — Eve sentiu a garganta se fechar novamente. Era difícil e, por algum motivo, ainda mais difícil, ver a preocupação de estranhos. — Não sei. Preciso que vocês me contem exatamente o que viram.

— Eu ... isto é, nós estávamos saindo. — Ela olhou para trás no instante em que Mike voltava com duas canecas vermelhas. Obrigada. Mike, você poderia contar tudo?

— Claro. Venham, vamos nos sentar aqui. — Ele levou Essie até uma poltrona e se sentou ao seu lado, no braço do móvel. — Estávamos saindo de casa, conforme eu disse. Ouvimos o barulho no instante em que passamos pela portaria. Eram gritos de raiva e, enfim, os ruídos que se escuta em uma briga. Ele era um homem grande. Muito grande. Estava chutando-a e gritava sem parar. Continuou chutando-a quando a jovem caiu. Ela lançava as pernas para o ar, tentando atingi-lo, e ele recuou um pouco .. Tudo aconteceu muito depressa, e acho que ficamos todos paralisados por um ou dois segundos.

— Foi como se ... — Essie balançou a cabeça. — Estávamos todos rindo e brincando, falando de amenidades, quando ouvimos os sons e olhamos. Foi um choque!

— Ele a ergueu do chão e a levantou bem alto — descreveu Mike.

— E eu gritei.

— Isso nos fez agir — continuou Mike. — Foi como se pensássemos "que diabo, precisamos fazer alguma coisa". Gritamos juntos, eu acho, e Jib e eu corremos na direção deles. O gigante olhou em volta e simplesmente a atirou no ar. Ele a *arremessou* entende?

— Ela caiu no chão com tanta força! — Essie estremeceu.- Deu para ouvir o barulho que o corpo dela fez ao atingir a calçada.

— Mas enquanto ela ainda estava no ar, viu-se um clarão. Acho que ela atirou nele enquanto estava sendo lançada. — Mik olhou

para Essie, que assentiu com a cabeça. -Talvez ela o tenha acertado, não sei. Ela caiu com muita força e meio que rolou de lado, como se pensasse em atirar novamente ou se levantar ...

— Mas não conseguiu — murmurou Essie.

— Ele entrou na van. Moveu-se pela calçada com a rapidez de um relâmpago, mas Jib disse que ele segurava o braço junto do corpo, como se estivesse ferido. De qualquer modo, saiu a toda velocidade. Jib ainda correu atrás da van por alguns metros. Não sei o que o homem faria se tivesse percebido isso. Vimos que ela estava muito ferida, e achamos que isso era o mais importante de resolver naquela hora. Tivemos medo de movê-la, e eu já estava chamando uma ambulância quando um rapaz, que também é policial chegou correndo.

Ela atirou nele, pensou Eve. Mesmo voando pelo ar depois de ser arremessada pelo monstro, ela atirou nele. E não largou a arma.

— Falem-me da van.

— Era preta ou azul-marinho. Tenho quase certeza de que era preta. Era nova, ou muito bem conservada. Tenente ... como é mesmo seu nome?

— Dallas.

— Tudo aconteceu muito rápido. Foi como... — Ele estalou os dedos. — De repente estávamos correndo, gritando e tudo ficou meio caótico. Tentei pegar a placa, mas estava escuro e eu não consegui. Havia janelas nas portas laterais e na traseira. Talvez os vidros estivessem escurecidos ou pintados, não sei dizer, mas era uma van com janelas.

— A sequência dos fatos pode lhe parecer caótica, Sr. Jacobs, mas todos os detalhes que vocês estão me dando são importantes. Fale-me do agressor. Conseguiu ver o rosto dele?

— Conseguimos sim. Quando ele ouviu os gritos e se virou para o nosso lado, foi possível dar uma boa olhada nele. Essie e eu

passamos um bom tempo, ontem à noite, tentando juntar os detalhes. Espere um minuto.

— Ele era algo saído de um pesadelo — acrescentou Essie, quando Mike foi para o quarto. — Eu não dormi a noite toda porque não conseguia deixar de enxergar aquele rosto na minha frente, e ouvia o grunhido que ele soltou quando a arremessou no ar.

— Acho que isso é o melhor que conseguimos — disse Mike, voltando com uma folha de papel que entregou a Eve.

Ela sentiu o coração saltar quando olhou para o esboço perfeito de um rosto.

— Foi o senhor que desenhou isto?

— Sim, sou professor de arte. — Ele sorriu, meio sem jeito. — Só vimos os traços dele por um ou dois segundo, mas acho que o rosto é esse que está no esboço.

— Sr. Jacobs, vou lhe pedir para vir até a Central para trabalhar com um artista que desenha retratos falados.

— Claro. Tenho uma aula marcada para as nove horas, mas posso cancelá-la. A senhora quer que eu vá agora mesmo?

— Seria de grande ajuda se vocês e Sr. Jibson pudessem nos dar um depoimento. Esse esboço poderá ser usado em um programa de identificação. E vocês três, juntos, poderão ajudar o artista da polícia e criar o retrato mais fiel possível.

— Vou ligar para Jib e pedir que ele nos encontre lá. Aonde devemos ir?

— Eu posso levá-los. Peça ao seu amigo para ir ao terceiro andar, seção B, Procedimentos de Investigação. Vou fazer com que ele seja liberado e encaminhado até a sala certa.

— Certo. Me dê dez minutos, por favor. Eve se levantou.

— Sr. Jacobs, Srta. Fort, quero lhes dizer o quanto o Departamento de Polícia e eu, pessoalmente, agradeço pelo que fizeram na noite passada e pelo que estão fazendo agora.

— Qualquer um faria o mesmo — disse Mike, movendo O ombro de leve.

— Não. Nem todos fariam.

A sorte estava virando, decidiu Eve quando conseguiu convocar Yanci para trabalhar como seu artista de identificação. Havia outros no departamento que eram tão bons quanto ele para aprimorar um esboço ou uma imagem gerada por computador, mas Yanci tinha um jeito especial para fazer as testemunhas se lembrarem de mais detalhes, e as guiava muito bem ao longo do processo.

— Há alguma novidade sobre o estado de Peabody? — perguntou ele, assim que viu Eve.

Ela não sabia o número de vezes em que tinha sido parada nos corredores da Central para responder a muitas versões dessa pergunta.

— Nenhuma mudança.

Ele olhou para o esboço que ela lhe entregara e afirmou:

— Vamos pegar este filho da puta.

Eve ergueu as sobrancelhas ao ouvir isso. Afinal, Yanci não era conhecido apenas por suas habilidades com imagens, mas também pelos seus modos educados e finos.

— Pode apostar. Preciso que você me faça uma cópia desse esboço.

— Ele aplicou várias camadas de selante no rosto, para distorcer suas feições. Você deve levar isso em consideração. Sei que não devia perguntar quanto tempo vai levar, mas preciso de uma estimativa.

— Gostaria de poder lhe informar isso. — Ele entregou a cópia Eve. — As testemunhas estão a fim de cooperar? — quis saber, apontando com a cabeça para a antessala onde três pessoas o esperavam.

— Estão muito a fim. Quase me fizeram trocar o meu *button* de cética por um distintivo de otimista.

— Então vai ser mais rápido. — Ele analisou o esboço com muita atenção. — O artista é bom. Isso vai ajudar bastante. Vou deixar todo o resto de lado para me concentrar só nisso, tenente.

— Obrigada.

Ela queria ficar ali para acompanhar o processo e, se possível, acelerá-lo. Também queria estar no hospital ao lado de Peabody e, de algum modo, trazê-la de volta. Também queria investigar mais e seguir todas as pistas de uma tacada.

— Você não pode estar em todos os lugares ao mesmo tempo, Eve.

— Dá para perceber minha ansiedade? — Ela olhou para Roarke. — Sinto como se estivesse correndo sem sair do lugar. O objetivo está na minha cara, mas estou grudada no chão. Talvez eu deva entrar em contato novamente com o hospital e passar a lábua em alguém para conseguir mais informações. Estou deixando todo mundo louco, por lá.

— As pessoas costumam ficar chateadas quando alguém ameaça arrancar seus cérebros pelas narinas.

— Pois eu acho que eu devia ganhar pontos por criatividade. Estou ligada demais. — Balançou a cabeça para os lados com força, enquanto seguiam para a divisão dela. — É essa porcaria do energético. Por favor, ligue para o hospital e confira como vão as coisas com Summerset. Converse aqueles papos de nerd com Feeney e eu cuido do resto. Quer que eu lhe consiga algum espaço para trabalhar?

— Deixe que eu me viro.

— Dallas! — Celina se levantou de um banco. — Estava esperando sua chegada. Eles me disseram que você vinha para cá: Não tive resposta dos e-mails e mensagens de voz que deixei em sua caixa postal.

— Ando muito ocupada, tentando chegar lá.

— E Peabody? — Ela apertou o braço de Eve com força.

— Vai se segurando. Estou sob a maior pressão, Celina. Posso lhe dar só alguns minutos de atenção, na minha sala. Você já se ajeitou? — perguntou a Roarke.

— Já, sim. Pode deixar que eu espero você aqui fora.

— Desculpem. — Celina passou as mãos pelos cabelos abundantes. — Estou superchateada.

— Todos nós estamos — disse-lhe Roarke. — Foi uma noite longa e difícil.

— Eu sei. Eu vi...

— Vamos entrar. — Eve a levou para a sala e fechou a porta.

— Sente-se. — Embora soubesse que a cafeína não era a melhor opção naquele momento, queria café. Pediu dois à máquina. O que você viu?

— O ataque a Peabody. Por Deus, eu estava na banheira. Resolvi tomar um banho quente para relaxar, antes de ir para a cama. Foi quando eu a vi caminhando pela calçada, olhando para os prédios. Foi então que ele simplesmente pulou em cima dela. Foi como um borrão, e de repente eu estava me debatendo dentro d'água como uma truta. Tentei entrar em contato com você.

— Eu estava na rua trabalhando e fui direto para o hospital. Não vi nem respondi meus recados.

— Ele a derrubou no chão. De repente estava chutando-a com força, e ela tentava se defender. Ele a machucou muito. Foi terrível. Por um instante achei que ela estava morta, mas ...

— Ela não está. E continua se aguentando com muita raça. Celina segurou o café com as duas mãos.

— Ela não é como as outras vítimas. Eu não compreendo.

— Pois eu, sim. Simplesmente me conte o que viu. Quero todos os detalhes.

— As coisas não estão muito claras na minha cabeça. É tremendamente frustrante, você nem imagina. — Ela colocou a caneca sobre a mesa com força. — Já falei com a Dra. Mira, mas ela não abre mão do tempo mínimo entre uma sessão e outra. Bem que eu queria me colocar sob hipnose agora mesmo. Eu sei, tenho certeza de que conseguiria enxergar mais coisas. Vi tudo, ouvi gritos e me apavorei quando ele jogou Peabody longe. Vi quando ele entrou depressa em uma van. Tenho certeza de que era uma van. Cor escura, mas a verdade é que tudo estava escuro. Ele estava ferido. Sentia muita dor.

— Ela conseguiu sacar a arma.

— Oh ... Que bom. Ótimo! Ele estava com medo. Sinto que ... É muito difícil explicar, mas eu sinto o medo dele. Não só de ter sido visto, nem medo de ser pego, mas de outra coisa. Tem algo mais que o assusta. Talvez medo de não terminar o que começou? Quero saber, quero ajudar. Você não conseguiria convencer Mira?

— Se ela não abriu mão do período mínimo para você certamente não abrirá para mim. — Sentando-se à sua mesa, tamborilou com os dedos sobre o joelho. — Se eu conseguisse um item pertencente a uma pessoa que eu suspeito tenha sido outra vítima dele, uma vítima anterior a esses ataques, você conseguiria enxergar algo por meio do objeto?

— Possivelmente sim. — Um brilho de empolgação surgiu nos olhos de Celina e ela se inclinou para frente. — Isso tem mais a ver com o trabalho que eu normalmente faço. É uma conexão. Se eu conseguir me ligar à pessoa através do objeto, pode ser que veja alguma coisa.

— Vou correr atrás disso. Não sei se poderei ficar aqui para acompanhar sua sessão de hipnose de hoje à tarde. Apareceu uma pista e vou segui-la. As testemunhas de ontem à noite conseguiu dar uma boa olhada nele.

— Graças a Deus! Se você conseguir identificá-lo, tudo estará resolvido. Graças a Deus!

— Vou procurar o objeto para você analisar assim que houver chance.

— Pode ser a qualquer hora do dia ou da noite. Virei assim que você me convocar. Estou me sentindo péssima com o que aconteceu a Peabody, Dallas. Simplesmente péssima.

Em algum momento durante a noite interminável, McNab cochilou na cadeira ao lado da cama de Peabody. Ele baixou a guarda para poder alcançá-la com mais facilidade, caso necessário; quando a fadiga o venceu, ele recostou a cabeça ao lado do seio dela e entrelaçou as mãos de ambos por baixo do lençol.

.ele não soube o que o acordou — talvez os bipes dos monitores, o ruído de passos lá fora, no corredor, ou a luz da manhã que se derramava lentamente pela janela. O fato é que ergueu a cabeça, fez uma careta ao ouvir o próprio pescoço estalar e o massageou com força enquanto analisava o rosto dela.

Eles ainda não tinham começado a tratar especificamente das marcas roxas em sua face; partiu-lhe o coração ver o rosto dela tão danificado. E sentiu uma fisgada na barriga ao perceber que ela continuava completamente imóvel.

— Já amanheceu. — Ele pigarreou para se livrar da rouquidão na voz. — Bom dia, gata. Ahn ... O sol já apareceu e veio dar uma olhada em você. Se você não acordar logo vai perder essa atenção dele. Eu ia lhe trazer flores, mas não queria deixá-la sozinha por tanto tempo. Se você acordar, podemos cuidar disso. Você não quer algumas flores? Vamos lá, She-body, acorde e brilhe! .

Ele puxou a mão dela para fora das cobertas e a pressionou junto da própria bochecha. Percebeu que havia arranhões muito

feios em seu braço, nos locais em que tinha havido atrito da pele contra a calçada.

— Vamos lá, volte para mim. Temos um monte de coisas para fazer. Hoje é o dia da nossa mudança, lembra?

Ele manteve a mão dele colada ao rosto mesmo quando virou a cabeça e viu Mavis entrar no quarto.

Ela não disse nada. Simplesmente foi onde McNab estava e colocou a mão na parte de trás de sua cabeça, com carinho.

— Como conseguiu passar pelos dragões que estão na porta?

— Disse que era irmã dela.

— Isso é quase verdade. — Ele fechou os olhos. — Ela continua apagadona.

— Mas aposto que sabe que você está aqui. — Mavis se inclinou e encostou os lábios na bochecha dele. — Leonardo foi lá fora compra algumas flores. Ela vai gostar de ver tudo florido, quando acordar.

— Estávamos conversando exatamente sobre isso. Oh, Deus! — Ele virou a cabeça e pressionou o rosto na lateral do corpo de Mavis, enquanto lutava para segurar a emoção.

Ela esperou um pouco e fez um cafuné na cabeça de McNab até o tremor passar e ele conseguir novamente respirar fundo. Posso me sentar aqui com ela um pouco, caso você queira dar uma volta para pegar um pouco de ar fresco.

— Não posso fazer isso.

— Tudo bem.

Ele se mexeu na cadeira, mas se manteve perto e observou, junto de Mavis, o subir e o descer constante do peito de Peabody.

— Louise veio conferir o estado dela algumas vezes. Acho que ela e Charles passaram a maior parte da noite aqui.

— Eu o vi na sala de espera. E Dallas?

— Está no encalço do canalha. Foi caçar o animal que fez isso com ela.

— E vai agarrá-lo. — Depois de lhe dar mais uma palmadinha carinhosa, Mavis se virou para procurar uma cadeira.

— Espere um pouco! Desculpe a distração, Mavis, deixe isso comigo. Você não pode carregar peso.

A cadeira dobrável pesava dois quilos, no máximo, mas ela deixou tudo por conta dele.

— McNab, não há muita coisa que eu e Leonardo possamos fazer para ajudar.

Mas dá para agitar a mudança de vocês e arrumar tudo no novo apartamento.

— Mas é muita coisa! Não quero que você ...

— Podemos cuidar disso, se nos deixar ajudar. Assim, quando Peabody estiver melhor, você pode simplesmente carregá-la no colo para entrar na nova casa. Vai estar tudo arrumadinho. Você precisa ficar aqui com ela, e seria ótimo termos a chance de fazer isso por vocês dois.

— Eu... Puxa, seria muito *mag*. Obrigado, Mavis.

— Ora Afinal, vamos ser vizinhos de prédio.

— Mas você ... ahn ... Prometa que não vai carregar nada pesado. Ainda mais com esse pão doce dentro do forno.

— Não esquenta. — Ela afagou a barriga. — Só vou cuidar das coisas leves.

— Sinto como se fosse me despedaçar a qualquer momento desabafou ele. — Ai os segundos passam, rola mais um tempo então ... — Deu um pulo e ficou reto na cadeira. — Acho que ela e mexeu. Você viu?

— Não, mas ...

— Ela se mexeu. Os dedos! — Ele girou a mão que segurava entre as dele. — Eu senti a mão dela mexer. Vamos lá, Peabody; acorde!

— Agora eu vi! — Com os dedos enterrados no ombro de McNab, Mavis se inclinou um pouco para frente. — Veja, ela está

tentando abrir os olhos. Quer que eu vá chamar alguém?

— Espere, espere! — Ele se levantou e também se inclinou para frente. — Abra os olhos, Peabody. Você consegue me ouvir. Nada de apagar de novo! Acorde logo, senão você vai se atrasar para o nosso passeio.

Ela emitiu alguns ruídos — uma espécie de gargarejos misturados com gemidos e suspiros — e McNab achou que nunca, na vida, tinha ouvido música mais bonita. As pálpebras dela tremeram e seus olhos inchados e roxos se abriram.

— Ai está você! — As lágrimas contidas fizeram a garganta dele se fechar; ele engoliu em seco e sorriu para ela.

— O que aconteceu?

— Você está no hospital. Está tudo bem.

— Hospital? Não me lembro de nada.

— Isso não importa agora. Está com dor em algum lugar?

— Ahn ... Estou com dor no corpo inteiro. Nossa, o que aconteceu comigo?

— Agora está tudo bem. Mavis ...

— Pode deixar que eu chamo alguém.

Assim que ela saiu, McNab beijou longamente a mão de Peabody.

— Tudo vai ficar bem agora, gata. Eu prometo, Dee.

— Eu estava ... voltando para casa.

— Você vai chegar lá ... em breve.

— Posso tomar algumas drogas contra a dor, antes?

Ele riu e deixou que as lágrimas lhe escorressem pelo rosto.

Eve se pegou inclinada por cima do ombro de Yanci, mas logo recuou um pouco.

— Tudo bem — disse ele. — Já estou acostumado. Deixe-me contar uma coisa: se todo mundo me trouxesse testemunhas como as

que você arrumou, meu trabalho seria muito mais fácil. Talvez até um pouco maçante.

Ele olhou para Roarke e completou:

— Esse é um dos seus programas, não é?

— Sim. É um dos melhores programas para trabalhar imagem que existe no mercado, mas pretendemos melhorá-lo um pouco mais. De qualquer modo, os programas são tão bons quanto a pessoa que os usa.

— Gosto de pensar assim.

— Será que vocês dois podem deixar a sessão de admiração mútua para mais tarde?

— Vamos lá, dê uma olhada. Aqui está o esboço que a sua testemunha fez, e aqui está minha imagem revisada, depois de passar pelo programa. Percebe? Temos um pouco mais de detalhes, algumas alterações sutis, e isso vai nos poupar de tempo na pesquisa de comparação de imagens.

— Pois é. O comportamento do criminoso tende a influenciar a lembrança das testemunhas. Elas viram um cara imenso socando chutando uma mulher, e ele assumiu as características de um gigante. Um monstro horrendo. Só que sua testemunha notou os traços básicos, as feições, e os colocou muito bem no papel. Rosto quadrado. Testa larga, com cabeça em forma de ovo. A informação sobre a camada de selante que ele passou no rosto me permitiu descontar esse elemento. Os óculos impediram a identificação de ficar completa, porque os olhos são os melhores elementos para amparar imagens. Mesmo assim, consegui construir um rosto a partir disso, usando o programa.

Ele rodou a sequência que criara e levou o esboço ao longo dos estágios de construção facial.

— Perfil... Agora, acrescentamos a terceira dimensão e trabalhamos o formato do crânio.

Eve viu que Yanci usava um seletor de estilos para guiar o programa, sessão por sessão, até completar a imagem.

— Ouvidos, linha do pescoço ... Girar para obter visão traseira e montar o perfil esquerdo. Completar rosto! Criar um formato para a boca, nariz e ângulos dos ossos da face. Montar a terceira dimensão e acrescentar o tom certo à pele. Muito bem, esta é a melhor probabilidade, com os dados que temos atualmente. Para dar o último passo, Dallas, você terá de usar uma combinação de intuição pessoal e o julgamento do computador. Remover os óculos!

Eve olhou para a figura sem olhos e sentiu um frio na espinha.

— O rosto ficou muito adequado.

— E como!

— Pode ser que os olhos dele tenham problemas, mas, para fins de identificação, vamos tentar todas as possibilidades no formato geral do rosto e nas outras feições. A cor não conta muito, embora eu aposte em um tom mais escuro de pele e sobrancelha. A percentagem de acerto é alta. Seguindo nessa direção, foi o melhor que consegui.

Eve analisou a imagem completa. O rosto quadrado e duro, a boca suave e as sobrancelhas grossas sobre os olhos pequenos escuros. O nariz era largo, ligeiramente encurvado, e as orelhas eram muito proeminentes, a partir da cabeça calva.

— Ai está ele — disse Eve, baixinho.

— Vocês podem me bater, mas isso ficou quase tão perfeito quanto uma foto — disse Yanci. — Vou enviar o arquivo para o seu computador, tenente, e pode deixar que eu lhe preparo muitas outras cópias. Eu mesmo vou espalhar mais algumas. Quer que eu rode o programa de identificação por semelhança?

— Não, envie tudo para Feeney, da DDE. Ninguém é mais rápido que ele. — Ela olhou para Roarke quando ele sorriu. — Ou quase ninguém. Excelente trabalho, Yanci, meus parabéns!

— Suas testemunhas é que eram fantásticas. — Ele entregou a Eve uma pilha de cópias da imagem. — Diga a Peabody que estamos torcendo por ela.

— Digo sim, pode deixar. — Ela deu um tapinha no ombro dele, em sinal de afeto e de agradecimento, e depois saiu quase correndo. — Vou pesquisar alguma coisa por mim mesma. Feeney provavelmente vai chegar antes, mas pelo menos já é um início. E quando nós ... Merda, merda, merda!

Ela pegou o comunicador, e quando viu o código de McNab na tela, seu coração quase parou. Por instinto, agarrou a mão de Roarke ao atender.

— Dallas falando.

— Ela acordou.

— Estou indo para aí.

Eve entrou como foguete pelo corredor do hospital, e quando uma atendente da UTI ergue uma das mãos, ela simplesmente rosanou:

— Nem tente!

Passou pela porta e foi direto para o quarto de Peabody. E ficou petrificada na porta.

Peabody estava sentada na cama com um sorriso vago no rosto muito machucado. O peitoril da janela fora transformado em um jardim, com flores apertadas muito juntas umas das outras e em tanta quantidade que seu aroma encobria o cheiro de hospital do lugar.

McNab estava em pé ao lado dela, segurando-lhe a mão com tanta força que parecia que os dois estavam colados. Louise se colocara do outro lado da cama. Aboletada sobre uma cadeira, com o corpo reto, estava Mavis, parecendo uma imensa folhagem roxa e verde.

— Oi, Dallas! — A voz de Peabody estava meio arrastada e estranhamente alegre.

— Oi, Roarke. Nossa, você é tão bonito! Como é que nós vamos fazer para lidar com um gato como você?

Louise riu abertamente e brincou:

— Quem a culparia por tentar pular em cima dele, querida? Você precisa desculpá-la, Dallas. Eles lhe aplicaram remédios muito fortes contra a dor.

— Sim, foi um coquetel muito, muito legal. — Peabody sorriu.
— Remédios totalmente demais.

— Como ela está?

— Muito bem.- Louise deu um tapinha no ombro de Peabody.

— Vai enfrentar uma bateria de exames. Mais testes, tomografias, terapias, todo aquele aparato médico. E vai precisar ser monitorada de perto por algum tempo. Mas eles conseguiram colocar seu organismo em situação estável. Ela já vai poder ser transferida para um quarto comum, caso continue bem pelo resto do dia. Minha expectativa é que ela seja considerada clinicamente estável e saia da UTI ainda hoje.

— Vocês viram minha cara? Caraca, puta merda! Ele me deu umas porradas bem-dadas. Tiveram de ... como é mesmo? ... reconstruir minha maçã do rosto. Não sei por que não aproveitaram para refazer e aumentar um pouco o outro lado também. Bem que eu gostaria de maçãs do rosto um pouco mais salientes. E o safado deslocou meu maxilar também, por isso é que eu estou falando engraçado. Mas não está doendo nem um pouquinho. Eu adoro essas drogas potentes contra a dor. Posso tomar mais um pouco?

— Não dá para diminuir o efeito dessas tais drogas, Louise? quis saber Eve.

— Ohhh ... — Peabody fez um biquinho com o lábio inferior.

— Preciso conversar com ela para saber tudo o que viu, mas ela, precisa raciocinar com mais coerência.

— Vou ver o que eu posso fazer, mas o papo deverá ser rápido.

— Ela vai sentir muitas dores sem esses analgésicos fortes avisou McNab, quando Louise saiu.

— Pois é, mas tenho certeza que ela vai aceitar numa boa.

— Eu sei. — Ele suspirou e sorriu para Peabody, que examinava com muita atenção os dedos da própria mão. — Ela é responsável até demais, nessas horas.

— Por que será que as pessoas não têm seis dedos? Isso seria o máximo! Oi, Mavis, você está aí?!

— Olá, Peabody? — Mavis atravessou o quarto e enlaçou Eve pela cintura. — Ela diz "Oi, Mavis, você está aí?!" a cada minutos — suspirou. — É tão bonitinho... Vou sair e ficar um pouco ali fora com Leonardo e Charles, enquanto vocês conversam. Quer que eu avise a mais alguém que ela acordou?

— Pode deixar que a notícia vai logo se espalhar, Mavis. Mesmo assim, obrigada.

Louise e Mavis se encontraram na porta, uma entrando e a outra saindo.

— Vou interromper o fluxo do soro e lhe dar dez minutos no máximo, Dallas.

Ela não precisa sentir mais dores, por enquanto.

— Posso beijar Roarke antes? Por favor, por favor, por favor! Eve girou os olhos de impaciência, mas Roarke riu e chegou perto da cama.

— Que tal *eu* beijar você, gatona?

— Não me sinto nem um pouco gatona, no momento — disse ela, com jeito tímido.

— Para mim você é sempre bonita. Incrivelmente linda.

— Ahhh, Dallas, viu só? Como nós vamos resolver isso?

Roarke se inclinou e encostou os lábios suavemente sobre os dela.

— Hummm ... — Ela deu um tapinha na bochecha dele quando ele afastou um pouco o rosto. — Isso é melhor que analgésico!

— Ei, lembra de mim? — perguntou McNab.

— Ah, é mesmo. O magrelo. Sou louca pelo carinha magrelo.

Ele é uma gracinha e tem a bundinha mais bonita que eu já vi. Vocês precisam vê-lo pelado.

— Louise, desliga logo esse soro, tenha piedade — exigiu Eve.

— Vai levar só um minuto para ela voltar mais ou menos ao normal.

— Ele ficou comigo a noite toda, é um doce de menino! Eu adoro esse menino! Ouvi você conversando comigo, sabia? Você pode me beijar também. Todo mundo pode vir me beijar, porque eu estou ... ô-ô-ô ... — Ela fez uma careta.

— Agora me deem um pouco de espaço — ordenou Eve . — Peabody!

— Sim, senhora.

— Você viu a cara dele?

— Sim, senhora. — Ela respirou fundo, um pouco trêmula. — Nossa, Dallas, ele me arreentou toda. Apareceu na minha frente feito um demônio. Eu só sentia as coisas se rasgando e se quebrando dentro de mim. Tremendo sufoco!

Seus dedos se mexeram, inquietos, depois se enterraram nas cobertas quando a dor chegou com força total. Eve colocou a mão sobre a dela, para acalmá-la.

— Mesmo assim eu consegui pegar minha arma. E dei um tiro nele. Peguei o braço, talvez o ombro, só sei que acertei.

— Você viu o carro dele?

— Não. Desculpe, mas eu ...

— Tudo bem, esquece. Ele disse alguma coisa para você?

— Me chamou de puta. "Sua tira puta."

— Você reconheceria a voz se a ouvisse novamente?

— Pode apostar sua bundinha nisso! Isto é ... sim, senhora. Parece que ele chamou ... É esquisito, mas eu acho que ele chamou pela própria mãe. Ou me chamou de "mamãe", sei lá. Talvez tenha sido eu chamando pela minha mãe, porque bem que eu precisava dela.

— Entendi.

— Posso lhe dar uma descrição completa.

— Vou lhe mostrar uma foto. Diga se é ele.

Eve ergueu um pouco o papel, mantendo-o firme para que Peabody pudesse ver com clareza.

— É ele mesmo! Tinha umas camadas de selante na cara, mas é ele, com certeza. Você conseguiu agarrá-lo?

— Ainda não, mas vou conseguir. Não posso levá-la nessa operação porque você vai voltar para a farra dos analgésicos, mas vamos prendê-lo e você faz parte disso.

— Quero saber assim que ele for agarrado.

— Você vai ser a primeira a ser informada.

Ela recuou um passo e acenou com a cabeça para Louise.

— Assim que você for liberada poderá convalescer na casa nova.

— Até que seria bom, porque ... Oba! — Ela riu ao sentir o feito imediato dos analgésicos. — Agora ficou melhor ainda!

— Mais tarde eu volto — prometeu Eve. McNab saiu logo atrás dela.

— Dallas. Estava difícil conseguir alguma coisa nos discos do Departamento de Trânsito. Já que você conseguiu identificá-lo eu não preciso mais pesquisar, certo? Precisa de mim para mais alguma coisa?

— Vá dormir um pouco.

— Só depois que ...

— Então fique com ela — interrompeu Eve, concordando com a cabeça. — Pode deixar que eu aviso se pintar alguma novidade. Já

volto.

Ela saiu a passos largos e foi direto para o banheiro feminino.

Assim que entrou se sentou no chão, colocou as mãos sobre o rosto e chorou.

Seu peito doeu por causa da pressão que finalmente era liberada. Sua garganta ardeu e sua cabeça latejou quando as emoções represadas se soltaram ao mesmo tempo em lágrimas abundantes.

Chorou até se sentir seca.

Já se preparava para levantar quando a porta se abriu, e ficou no mesmo lugar ao ver que era Mavis.

Ela ergueu as mãos e as deixou cair de volta. — Merda, Mavis.

— Eu sei... — Mavis se sentou, com muito cuidado, no chão ao lado dela. — Todo mundo ficou apavorado. Eu também já tive minha crise de choro. Vá em frente, termine a sua.

— Acho que eu já terminei. — Mas como sabia que podia fazer isso, Eve deitou a cabeça sobre o ombro de Mavis por um momento — Quando ela melhorar, podemos chamar Trina e lhe fazer um tratamento de beleza completo. Peabody a adora isso. Ela é muito feminina, quando quer.

— Boa ideia! Vamos fazer uma festa de beleza só para garotas.

— Não, eu não quero ... Tudo bem, pode ser. Você tem óculos escuros para me emprestar?

— Macaco gosta de banana? — Ela procurou dentro do bolso roxo franjado que havia na sua saia e pegou um par de óculos roxos com lentes verdes.

— Ah, que se dane! — Decidindo que usar aquilo era melhor do que sair pela rua com olhos inchados e vermelhos, Eve os colocou no rosto.

— Vamos em frente! — disse Mavis.

— Nada disso, eu vou é para a rua. — Eve se levantou e ajudou Mavis a se erguer do chão. — Obrigada pelos óculos, Mavis. Agora, vou prender esse canalha.

Capítulo Vinte e Um

Roarke não disse nada até eles entrarem no carro e Eve se posicionar atrás do volante. Por fim, comentou:

— Esse não é o seu equipamento normal.

— Hein?

Ele bateu com o dedo nos óculos.

— Ah. São de Mavis. Eu, ahn, peguei emprestado porque... Ela bufou com força.

— Não precisa esconder suas lágrimas de mim. — Ele tirou os óculos dela e se inclinou para lhe beijar as pálpebras.

— Ah ... — reagiu ela, com um sorriso leve. — Como é que nós vamos resolver isso? — brincou, imitando Peabody. Atirou os braços em torno dele, apertando-o com força. — Eu não queria abrir a torneira e encharcar McNab com minhas lágrimas. Já despejei quase tudo, então não precisa se preocupar de eu encharcar você.

— Eu nunca me preocupo. Você bem que merece um desabafo, e sei que programou para chorar só quando soube que nossa menina estava bem.

— É, acho que sim. — Era bom abraçar e se abraçada. — Agora, vamos cuidar de negócios. — Ela se recostou no banco. — Meus olhos estão muito vermelhos?

— Estão lindos!

— Você está parecendo Peabody doidona — brincou ela, girando os olhos.

— Quando você chegar à Central eles terão voltado ao normal.

— Que bom. — Mesmo assim colocou os óculos novamente — Só para garantir. Eles mal haviam saído do estacionamento quando

seu comunicador tocou.

— Dallas falando!

— Nós o identificamos!

— Por Deus, Feeney! Mande os dados para o computador do meu carro. Quero ver cara dele. Estamos a caminha da Central. Você pode ir para a minha sala?

— Vou para lá! Dê uma olhada.

Com agilidade, ela colocou o carro no piloto automático e programou a rota até a garagem da Central, pois assim poderia dar toda a atenção à imagem que surgia.

— Aí está você, seu filho da mãe. John Joseph Blue, trinta e um anos. Maldito!

Como o piloto automático não excedia o limite de velocidade nem avançava sinais vermelhos, ela colocou o veículo novamente no modo manual, retomou o controle e ligou a sirene.

— Não quero ouvir nada pelo sistema de voz automático — disse ela, olhando para Roarke. — Não preciso da descrição completa, apenas me repasse os dados principais.

— Solteiro, sexo masculino, mulato. Não tem cônjuge nem parceiro de coabitação legal. Não tem filhos, nem ficha na polícia.

— Deve haver alguma coisa, nem que seja um registro do tempo de adolescência. Aposto o quanto você quiser que ele tem. Os dados devem estar lacrados, mas vamos cuidar disso mais tarde.

— Ele mora na avenida Classon, Brooklyn.

— Brooklyn? — Ela balançou a cabeça enquanto costurava pelo tráfego. — Não, isso está errado. Não pode ser.

— É o que está escrito aqui. Mora nesse endereço há oito anos. É proprietário e trabalha na empresa Comptrain, que fica no mesmo endereço. Quer mais detalhes sobre isso?

— Claro. — Mas ele não morava no Brooklyn, pensou Eve. Pelo menos no momento.

— Ah ... uma companhia doméstica de análise de dados. Isso explica suas habilidades de hacker, tenente. Ele deve ter feito as pesquisas de casa mesmo. Com direito a suporte técnico e tudo!

— Cruze os dados dele com a lista de clientes das lojas e frequentadores das academias.

— Um momento ... Ele aparece como membro, há dez anos, da academia Jim's, em Manhattan.

— Mas não apareceu nas pesquisas por causa do endereço no Brooklyn. Nós tínhamos chegado lá, mas ele não estava na primeira leva das pesquisas. É claro que ele não vem para Manhattan só para ficar de tocaia e matar as pessoas. Essa eu não engulo. E existem academias no Brooklyn, pelo amor de Deus!

Ela voou ao entrar na garagem para ganhar segundos preciosos, e seguiu direto para sua vaga. Roarke, mais corajoso do que Peabody diante de manobras insanas, nem se alterou. Em dois tempos estava fora do carro, correndo rumo ao elevador.

— Ele pode ter uma segunda residência na cidade não registrada oficialmente, ou talvez ele alugue ou tenha comprado um apartamento sob outro nome.

Ela saltou do elevador no primeiro andar e correu até a uma passarela aérea, empurrando as pessoas e abrindo caminho á base de cotoveladas.

Ignorando os protestos, saltou e pegou outra passarela.

— Vou montar essa operação o mais depressa possível. Teremos duas equipes táticas. Uma vai para o Brooklyn. — E a outra?

— Tenho um palpite.

Ela pulou da passarela, girou o corpo e correu pela sala de registros sem responder às perguntas nem aos chamados que recebeu pelo caminho.

— Baixe todos os dados — ordenou a Feeney.

— Já estão baixados. Que óculos bonitos!

— Droga! — Ela os arrancou do rosto e os atirou sobre a mesa.

— A mãe se chama Ineza Blue, cinquenta e três anos, e mora na rua Fulton.

Bingo, seu canalha!

— Ineza Blue — disse Roarke, trabalhando rápido no tablet.

— Acompanhante licenciada aposentada. Tem um filho.

— Consiga-me uma foto dela de vinte anos atrás. Aposto que veremos uma mulher branca com cabelos castanhos comprido.

— Ela deu um tapa de camaradagem nas costas de Feeney.

— Tenente. — Roarke mostrou a tela do tablet. — Ela está na sua lista de clientes da Artefacto.

— Pegue todos os detalhes das compras dela nos últimos seis meses. Procure pela fita de gorgorão vermelha.

Ela olhou para Feeney e chamou:

— Vamos cair dentro. — Em seguida, pegou o *tele-link* e ligou para o comandante.

Quinze minutos depois, já estava na sala de conferências passando as instruções para sua equipe tática.

— A Equipe Um vai procurar o alvo no Brook1yn. Briscoll seguirá na frente em uma van de entregas, para verificar se o suspeito está no prédio, que deverá ficar cercado por todos os lados. Também estamos em busca de uma van preta, identificada e registrada no nome da mãe do suspeito. É uma Sidewinder com menos de um ano de uso. Se esse veículo for avistado, bloqueiem as quatro rodas dele. Baxter, você lidera essa equipe.

“A Equipe Dois irá para a casa na rua Fulton. Os procedimentos serão os mesmos, sendo que Ute vai dirigir a van de entrega. Eu lidero tudo. Nos dois lugares teremos de agir rápido sem hesitação. Os mandados de busca e prisão já estão sendo emitidos. Se o suspeito não for encontrado, vamos esperar por ele. Não quero que esse babaca perceba que há tiras na área. Se ele sacar algum de vocês, eu frito a bunda do idiota. Vamos agarrá-lo hoje mesmo. Se

alguém da minha equipe pisar na bola, atrasar os procedimentos, quebrar algum elo da corrente ou espirrar na hora errada, eu coloco o pescoço do desgraçado em um torno mecânico e o aperto pessoalmente. Alguma pergunta?

— Só uma. — Quem falou foi Baxter. — O suspeito é um indivíduo imenso com considerável massa muscular. Podem ser necessárias medidas extremas para imobilizá-lo. Quero saber se todos da equipe estão preparados para tomar essas medidas, não importa quais sejam.

— Mas lembrem-se de que eu o quero consciente na sala de interrogatório — disse Eve, virando a cabeça meio de lado. Não o quero ... — Ela deixou a frase no ar. — Não permitam que as medidas extremas, se necessárias, escapem ao controle de vocês. Agora vamos embora. Feeney, reúna a Equipe Dois.

Ela ordenou aos policiais envolvidos na operação que eles usassem coletes de proteção. Embora não visse nenhum motivo específico, não queria arriscar, pois não pretendia visitar outro tira no hospital.

— Você não acha que a mãe esteja envolvida nisso, acha? — quis saber Feeney, enquanto eles esperavam na van de vigilância.

— Não. Temos a fita de gorgorão, vinte metros dela, que foi entregue na rua Fulton há cinco meses. Imagino que ela pudesse ter um pouco do material guardado antes dos ataques, e uma nova remessa foi encomendada pelo filho. Ela não teve nenhum material entregue em domicílio antes disso nem depois. Ela mesma sempre levou o que comprava. Suponho que esteja morta ou incapacitada.

Ela se balançou apoiada nos calcanhares, para frente e para trás. Agachou-se e tornou a se levantar a fim de assegurar que o colete não lhe atrapalhava os movimentos.

— Se ele a apagou, talvez tenha sido isso que deu início à loucura que se seguiu. Pode ser que ela tenha simplesmente batido a botas e isso serviu de gatilho para a loucura do filho mas aposto que ele a ajudou a ir para o além.

Ela olhou para trás na direção de Roarke.

— Você e eu vamos entrar pela frente assim que confirmarem que ele está em casa. Feeney e um ajudante vão pelos fundos. Os sistemas de comunicação deverão permanecer abertos o tempo todo. Quero que todos os envolvidos na operação e mais o consultor civil saibam onde cada um está em todos os momentos. A casa é grande — comentou, analisando a residência através do vidro escurecido da van. — Há um andar abaixo do nível da rua e dois acima. Quero que dois homens invadam o andar de baixo e vamos entrar quando eu der o sinal. Quero cada porta e cada janela coberta. Ele se move com rapidez e não vai querer fracassar nem se render. Mas vai tentar fugir.

— Equipe posicionada! — avisou Feeney. — Sinal verde para Ute?

— Sim.

Eve observou o policial Ute surgir pela esquina a leste em uma bicicleta a jato. Ele parou junto do meio-fio, saltou e foi até a porta com um pacote endereçado indevidamente. Tocou a campainha e balançou a cabeça, como se acompanhasse o ritmo de uma música pelos fones que usava.

Eve ouviu com a clareza de um sino a resposta do sistema de segurança.

— Quem é?.

— Serviço de entrega, cara. Você vai ter de assinar a nota. Merda ... está começando a chover.

Os primeiros pingos de chuva caíram na calçada e na rua quando a porta se abriu.

— Manter posições! — ordenou Eve.

— Você tocou no lugar errado — disse Blue. — Aqui é o número 803, e não 808.

— Porra, isso aqui parece um três. Por acaso você... — A porta foi fechada na sua cara. Ute fez cara de revolta ao se virar de costas, apontou para seu traseiro, fez um gesto feio e emitiu o som de um beijo antes de montar de novo na bicicleta.

— O suspeito está em casa. Não vi nenhuma arma.

Eve fez um sinal com a cabeça e saiu pela porta da van com Roarke. Ele carregava um arrombador de portas portátil. Ela se agachou atrás de um carro estacionado e Feeney levou a van embora. — Vamos nos molhar — murmurou ela girando os ombros para massageá-los e se balançando mais uma vez para frente e para trás, apoiada nos tornozelos.

— Sabe de uma coisa, tenente? Eu consigo entrar por aquela porta mais depressa usando meus próprios meios do que esse arrombador. Com mais classe e muito menos barulho.

— Não estou querendo classe. — Ela concordou com a cabeça quando a voz de Feeney surgiu através do seu fone. — Invadir! Vai, vai, vai!

Ainda agachada, ela atravessou a rua correndo, reparando os movimentos da sua equipe com os cantos dos olhos, enquanto subia os degraus de entrada.

Ele tomou distância, atacou a porta duas vezes e largou o equipamento no chão quando a porta cedeu e se abriu. Eles entraram com as armas em punho.

Todas as luzes estavam acesas no máximo, e ela conseguiu ouvir o arrastar rápido e pesado de pés. Olhou para a direita na direção do som a tempo de ver um relance de Blue se lançando escadas acima.

— Polícia! Pare onde está. — Ela já corria atrás dele. — Você está cercado, não tem para onde fugir. Pare ou eu atiro.

Ele girou o corpo, com o rosto muito vermelho de esforço e, uma expressão que Eve avaliou como de pânico misturado com raiva. E soube. Mesmo sem ver seus olhos, ela percebeu naquele instante, pela forma como o corpo dele se contraiu, que ele a reconheceria.

E pulou sobre ela.

Eve atirou uma rajada de laser no tórax dele que cruzou no ar com a rajada que saiu da arma de Roarke. A combinação dos dois ataques fizeram com que o imenso John Blue desse três passos para trás, cambaleando.

Para surpresa de Eve, ele balançou a cabeça como um homem que ingerira zeus e pulou novamente, gritando:

— Sua puta! Você me feriu!

Eve não parou para pensar nos motivos nem na necessidade de fazer aquilo, mas o fato é que, em vez de atirar novamente nele, correu em sua direção, deu um impulso no corpo com as pernas e se lançou num chute voador com os dois pés que o atingiu bem no rosto.

O sangue saiu com ímpeto do nariz dele e lhe escorreu pela boca, mas em décimos de segundo ele já se levantara novamente ao mesmo tempo que ela.

— Não atirem! — ela berrou para Roarke e para os outros que irromperam correndo na sala.

— Foda-se você! — murmurou ela, quando ele partiu para cima dela mais uma vez. — Vamos ver se você gosta disso. — Ela curvou o corpo para frente, colocando as duas mãos na arma, e a levantou com toda a força que tinha, atingindo-o em cheio entre as pernas.

O berro em um tom agudo que ele soltou fez o coração de Eve cantar. Ele caiu de joelhos e rolou de lado.

— Isso parece ser o suficiente. O suspeito está imobilizado! Preciso de extensões para essas algemas — gritou ela, pressionando

a arma no peito dele. — Você é um garoto grande, Blue, grande e forte, mas se eu atirar você vai perder um bom pedaço dessa cara feia. Eu consideraria uma melhoria, mas você talvez não pense assim.

— Veja se essas servem. — Feeney pisou em Blue, colocou seus braços atrás das costas e lutou para prender as algemas com extensão no lugar, enquanto o homem começou a chorar como um bebê. — Ficou apertado. Talvez machuque um pouco, mas o que eu posso fazer?

— Leve-o para o camburão e leia os direitos dele.

Ao tentar se levantar, ela franziu a testa e tornou a se agachar.

— Quer uma mãozinha, tenente?

— Obrigada. — Ela pegou a mão que Roarke estendeu e fez um alongamento com a perna esquerda. — Talvez eu tenha colocado força demais naquele chute. O ângulo estava um pouco alto para mim.

— Mas a finalização foi perfeita, embora a segunda manobra tenha me agradado mais.

— A primeira foi por Peabody. A segunda foi...

— Eu sei. Por todas as outras. — Ele sabia que isso a deixava sem graça, mas não conseguiu se segurar. Inclinou-se e a beijou. — Você é a minha heroína.

— Ah, para com isso!

— Tenente? — Um dos homens da equipe chamou do andar de baixo. — A senhora precisa ver uma coisa aqui no porão.

— Estou indo.

Foi um momento de horror que ela jamais conseguiria esquecer. Não importa quantos já tivesse visto, nem quanto ainda lhe apareceriam pela frente.

O porão tinha sido convertido pouco tempo antes, pela aparência das instalações, em vários quartos separados. Aquele era o espaço principal da cãs, o lugar onde ele realmente morava, concluiu Eve, analisando as pequenas reformas que haviam sido feitas.

O escritório dele era muito arrumado e mobiliado de forma eficiente. Havia três unidades completas de dados e de comunicação, uma parede cheia de discos, uma pequena unidade de refrigeração e um mini AutoChef. As luzes eram tão fortes que incomodavam os olhos.

No terceiro cômodo as paredes eram igualmente espelhadas com luzes exageradamente fortes, e os reflexos das lâmpadas a tornavam ainda mais clara. Dava para ver toda a academia de musculação pessoal dali.

Aquele era o seu quarto de dormir. Era o quarto de um menino, cheio de brinquedos em uma prateleira, e papel de parede com o tema do jogo Space Invaders cobria todas as paredes. A cama era estreita, tinha sido feita com cuidado, e a colcha exibia um padrão de guerreiro interplanetários em plena batalha.

Havia uma cadeia para uma criança pequena, de onde pendiam corrias fortes.

Também havia algemas de pulso e de tornozelos. Amarrada a um dos braços do pequeno móvel estava um pano em vermelho vivo.

A mãe o prendia ali no porão, refletiu Eve. Apesar dos brinquedos e dos toques de decoração jovem, aquele aposento era a prisão dele.

E ele a mantivera exatamente como era no seu tempo de criança. Só que fizera um adendo.

Havia uma prateleira comprida presa em uma das paredes. Tinha aspecto de nova, e os suportes de metal prateado brilhavam.

Sobre ela haviam sido enfileirados potes de vidro transparentes cheios de um líquido gelatinoso azul.

Flutuando sobre o gel azul-claro havia quinze pares de olhos.

— Quinze — contou Eve mais uma vez, forçando-se a olhar. —
Quinze.

Eve estava parada ao lado de Roarke na sala de observação. Dentro da sala de interrogatório A, Blue estava sendo preso à mesa, com mãos e pés algemados.

Ele gritava como um louco, ou mais como uma criança louca, quando eles o fizeram se sentar à força, largando-o com energia sobre a cadeira. Só se acalmou quando, diante dos seus pedidos aterrorizados, eles colocaram a iluminação da sala em cem por cento.

Eve receou que, enfurecido, ele fosse capaz de arrancar a mesa e a cadeira do chão, com correntes e tudo, e fazer novos estragos.

— Você não vai entrar lá sozinha. — Roarke não falou isso em tom de pergunta.

Era uma afirmação com um jeito sutil aviso.

— Não sou burra. Entraremos eu, Feeney e mais dois guarda que mais parecem defensores de futebol americano. Você tem certeza de que quer assistir?

— Não perderia por nada nesse mundo.

— Vou enviar o sinal direto para o quarto de Peabody no hospital. Ela e McNab também vão poder assistir ao interrogatório. O júri vai colocá-lo em uma instituição para doentes mentais. Não é a jaula que eu escolheria para ele, mas vai ter de servir.

— Você ainda precisa que ele confesse onde colocou os corpos.

— Ele vai me contar — garantiu ela, assentindo com a cabeça.

Depois de uma última olhada, saiu da sala de observação. Fazendo sinal para os ajudantes, destrancou a porta e foi a primeira a entrar, antes de Feeney e dos dois guardas.

— Ligar filmadora! — Ela recitou os dados do prisioneiro sorriu. — Olá, John.

— Não sou obrigado a falar com você. Sua puta!

— Não, você não é obrigado a falar comigo. — Ela se sentou e colocou um dos braços nas costas da cadeira. — Aliás, respeite meu posto! Trate-me por tenente Puta. Não precisamos bater esse papo, se você não quiser, podemos mandá-lo direto para a cadeia. Você está ferrado, John, com tantas acusações de assassinato. Estupro, homicídio e mutilação. Você caiu na nossa rede e é esperto o bastante para saber disso. Mais maluco do que um rato de laboratório drogado, mas burro você não é.

— Você não deve chamá-lo de maluco, Dallas.

— Ah, sim, esqueci. — Ela sorriu para Feeney com ar de deboche. — Provavelmente ele tem um monte de histórias tristes para contar. Traumas, cicatrizes emocionais, essas histórias idiotas em que os psicólogos acreditam. Por mim, estou cagando e andando para a loucura dele. Você foi agarrado, John. O fato é que está sem saída. Estamos atolados de dezenas de provas contra você, John. Você veio para cá e nos deixou de presente um mote de olhos em potes de vidro. Que papo é esse, John? Qual é o lance dos olhos?

— Vá se foder!

— Estuprar não é foder. Sua mãe nunca lhe ensinou isso, não?

— Cale a porra dessa boca, não fale da minha mãe! — berrou ele, lançando o corpo para trás e se contorcendo.

Achei seu ponto fraco, pensou Eve.

— Não tenho de me calar a respeito de nada. Vou lhe explicar como é que a banda toca: eu mando aqui. Sou a chefona! Sou a mulher que esmagou seus colhões e prendeu você. Sabe aquela minha parceira? Você mexeu com ela, John, então eu não vou calar a boca até ver você guinchando como um porquinho ferido.

Ela colocou as mãos sobre a mesa com um estalo e quase encostou o nariz no dele.

— Onde é que elas estão, John? — Onde é que estão os corpos das mulheres que eram donas daqueles olhos?

— Vá se foder, sua puta vadia!

— Elogios não vão amolecer meu coração, John.

— Por favor, Dallas, calma! — Feeney deu um tapinha no ombro de Eve, para acalmá-la. — Pegue um pouco mais leve. Escute, John, é melhor você se ajudar aqui, numa boa. Você passou por traumas, eu consigo ver isso.

Eve fez um som grosseiro.

— Vimos as correntes, John. Imaginamos como as coisas devem ter sido no tempo em que você era criança. Aposto que você enfrentou muita coisa e nem sabia o que estava fazendo quando matou aquelas mulheres. Pelo menos não tinha noção completa. Simplesmente não pôde evitar. Mas precisa ajudar a si mesmo agora. Precisa nos mostrar um pouco de remorso. Precisa nos contar onde os corpos estão, John. Se você fizer isso voluntariamente, isso vai fazer muita diferença para o promotor público.

— Ela falou que vai me enjaular para sempre por eu ter matado aquele bando de putas. Como é que você vem me dizer que alguma coisa poderá me ajudar?

— Escute ... a policial que você atacou vai ficar bem.

— O nome dela é Peabody — interrompeu Eve. — Detetive Delia Peabody! Ela acertou um tiro em você, não foi, John? Aposto que você sentiu muita dor.

Ela arqueou as sobrancelhas quando ele tentou levar um dos braços ao peito.

— Dói pra caramba quando o tiro entra, não é, John?

— Isso não me importa. — O olho dele se voltou para o espelho, seus ombros relaxaram mais uma vez e ele disse: — Olhe só para mim. Posso aguentar qualquer coisa!

— Mas fugiu, não foi? Fugiu como um coelho assustado.

— Cale a boca, sua puta! Fiz o que eu tinha de fazer.

— Vamos nos acalmar! — pediu Feeney, gesticulando com as mãos para baixo, mantendo o tom e o ritmo do seu papel de tira

bom. — O mais importante para você, John, é que a detetive Peabody está bem. Isso vale muito. Talvez não pudéssemos ajudar você se ela tivesse piorado, mas ela está bem. Existem coisas que podemos fazer a seu favor, John. Se você cooperar conosco e demonstrar um pouco de remorso ... Se nos der as informações que precisamos para fazer com que as famílias das vítimas tenham paz e virem essa página de suas vidas, nós poderemos falar várias coisas boas que certamente ajudarão você.

— Eu fiz o que tinha de ser feito. Por que prender um homem só porque ele fez o que tinha de fazer?

Eve pegou um pedaço de fita vermelha de gorgorão no bolso.

— Por que usou isso? — Quando ele simplesmente olhou para o objeto, Eve enroscou a fita em torno da própria garganta e viu quando os olhos dele ficaram vidrados. — Você gostou de ver isso em torno do meu pescoço? Quer colocar as mãos nas pontas e apertar, John?

— Eu devia ter matado você antes.

— Ah, agora você entendeu tudo!

Os olhos dele estavam grudados na fita; gotas de suor começaram a aparecer em seu rosto e no alto da sua cabeça.

— Onde está sua mãe, John? .

— Já mandei parar de falar sobre a minha mãe!

— Ela gostava de fazer artesanato. Achamos a conta dela na loja Artefacto. Mas sabe o que é mais interessante? Ninguém mais a viu por lá nos últimos meses. Aliás, tem quase um ano. Você a matou antes das outras, John? Pegou um pedaço daquele rolo de fita vermelha que encontramos em sua casa e a apertou em torno do pescoço dela? Você estuprou sua própria mãe, John? Você estuprou, estrangulou sua mãe e depois arrancou seus olhos?

— Ela era uma vadia.

— O que ela fez de tão terrível para você, John?

— Ela mereceu o fim que teve. — Um pouco ofegante, ele olhou mais uma vez para o espelho e balançou a cabeça para frente, devagar. — Mereceu mesmo, todas as vezes.

— Mas o que foi que ela fez? — Não havia nada de errado com os olhos dele. Eve conseguia ver bem de perto, agora, apesar de já ter conferido isso nos exames clínicos que ele fizera ao chegar. E pensou nas luzes fortes ... Óculos escuros e luzes ofuscantes. Olhos em potes de vidro.

— As luzes estão muito fortes aqui — comentou ela, em tom de bate-papo. — Diminuir luzes em cinquenta por cento!

— Coloque as luzes no máximo de novo! — O suor corria pelo rosto, agora. — Não vou falar com vocês no escuro!

— Humm ... Você não está me dizendo nada do que eu quero ouvir. Luzes a trinta por cento!

— Acenda as luzes, acenda as luzes! Eu não gosto do escuro. Não me deixe no escuro! Eu não queria ver nada do que eu vi.

O tom de sua voz estava agudo, agora. Era a voz de um menino. Uma criança em pânico, implorando por ajuda. Isso tocou em um ponto distante no coração de Eve, mas ela ignorou.

— Não queria ver o quê? Conte-me, John. Conte-me tudo eu mando aumentar as luzes.

— A vadia nua, deitada na cama. Deixando que ele tocasse nela enquanto ela tocava nele. Eu não queria ver nada!

— O que ela fez com você?

— Vou colocar uma venda nos seus olhos e apertar com força, seu pestinha! Não tinha nada de vir xeretar aqui quando eu estou trabalhando. Vou trancar você de novo. Vou trancar você naquele quarto escuro. Talvez eu fure seus olhos da próxima vez. Assim você não vai mais ver coisas que não devia.

As correntes chocalharam quando ele se revirou na cadeira.

— Não quero ficar no escuro! Não sou fraco, nem pequeno, nem burro.

— O que aconteceu no parque?

— Eu estava só brincando. Apenas brincando com Shelley. Eu deixei que ela me tocasse naquele lugar. Machuca, dói demais quando mamãe bate ali com um bastão. Arde, arde muito quando ela esfrega aquele pó nele. Vou jogar ácido no seu pinto na próxima vez, para ver se você gosta. Estou no escuro, não consigo enxergar nada e não posso fugir.

Ele se jogou sobre a mesa, chorando.

— Mas você cresceu e ficou forte, não foi, John? Ficou forte e se vingou.

— Ela não devia ter dito aquelas coisas para mim. Não devia ter rido na minha cara, nem me xingado. Não sou um retardado. Não sou um imprestável. Sou um homem.

— E mostrou para ela que era um homem de verdade. Um homem que pode estuprar prostitutas sempre que lhe dá na telha. Você calou a boca da sua mãe.

— Calei mesmo! — Ele ergueu a cabeça e a loucura surgiu com clareza em seus olhos esbugalhados, enquanto as lágrimas escorriam. — E agora, gostou, disso? Ela só pode ver o que eu mostro para ela. Pronto, consegui! Estou no comando, agora. E quando ela aparecer de novo na minha frente, já sei o que fazer.

— Conte-me onde ela está, John. Onde está o que sobrou dela?

— Está escuro. Está escuro demais aqui.

— Então me conte tudo, para eu poder acender as luzes.

— Enterrada. Ela teve um enterro decente, mas vive aparecendo na minha frente! É muito escuro debaixo da terra. Talvez ela não goste de lá. Vou colocá-la ao ar livre, vou levá-la para o parque. Vou fazer com que ela se lembre! Vou fazer com que ela se arrependa!

— Onde foi que você a enterrou?

— Na fazenda. Na pequena fazenda da minha avó. Ela gostava muito daquele lugar. Talvez ela vá morar lá, um dia.

— Onde fica a fazenda?

— Na parte norte do estado. Não é mais uma fazenda agora, só uma casa velha. Uma casa horrível, com trancas nas portas. Ela vai me trancar lá, também. Talvez me deixe na fazenda para os ratos me comerem se eu não fizer tudo o que ela manda e na hora em que mandar. Vovó sempre a deixava trancada lá, e dizia que isso iria fazer com que ela se comportasse direitinho.

Ele estava quase arrancando as correntes enquanto falava isso. Balançava o corpo para frente e para trás na cadeira, com os dentes arreganhados e a pelo brilhando de suor.

— A vadia não queria vender a fazenda. Não queria vender a fazenda para entregar a minha parte. Não me dava nada! Não queria dar o dinheiro ganho com muito suor para nenhum garoto maluco e idiota. Chegou a hora de eu levar tudo de vez, sua vadia!

— Luzes no máximo!

Ele piscou duas vezes ofuscado pela luz, e parecia alguém que acabara de sair de um transe.

— Não tenho de lhe contar nada.

— Não, você já me contou o bastante.

Capítulo Vinte e Dois

Eve convocou equipes de andróides e cães farejadores, mais um grupo de pesquisas e o equipamento necessário para localização dos restos mortais de muitas pessoas, bem como sua identificação e remoção dos corpos.

E percebeu que todos aqueles seriam procedimentos longos e muito penosos. Solicitou a presença de Morris no local e pediu que ele formasse uma equipe.

Já esperava e não demonstrou surpresa quando Whitney e Tibble comunicaram o desejo de ir até o norte do estado.

Por ora, aproveitando aquela pequena janela de tempo, eles manteriam a mídia afastada do lugar. É claro que a história iria vazar em breve e o circo dos horrores teria início.

Como queria um pouco mais de tempo para se preparar e pensar com calma, sem a distração dos papos de tira e as dezenas de perguntas que surgiriam, ela foi para o norte do estado em um dos jetcópteros de Roarke, e com ele como piloto.

Eles voaram em meio a uma chuva sombria e constante. Aquilo lhe pareceu o jeito de a natureza avaliar a situação, tornando um trabalho terrível ainda mais pesado. Viu alguns relâmpagos no horizonte, bem ao norte, e torceu para que continuasse por lá.

— Roarke não fez perguntas e seu silêncio ao longo de todo o percurso a ajudou a se manter firme para o que iria enfrentar. Esse tipo de operação jamais seria banal. Nunca poderia se tornar rotina.

— Estamos quase lá — anunciou Roarke, observando o mapa do computador de bordo, que destacava o destino da viagem. — Olhe ali, na posição de duas horas.

Não era uma casa grande, conforme Eve pôde ver quando eles começaram a descida. Pequena, malcuidada e sem manutenção, pelo que dava para ver. O telhado lhe pareceu que iria ceder a qualquer momento; provavelmente a casa era cheia de goteiras e o gramado diante da porta principal, ao lado da estreita trilha cimentada, precisava ser capinado e exibia lixo em toda parte.

A visão da parte de trás estava bloqueada pelas árvores e um pouco mais adiante havia uma cerca alta. O gramado, se é que se podia chamar assim, se espalhava em várias direções e acompanhava os altos e baixos do terreno.

Havia outras casas nas redondezas, e os curiosos certamente iriam começar a sair de dentro delas em pouco tempo. Nenhuma das residências vizinhas ficava perto da propriedade, nem do terreno acidentado atrás da casa principal. Um homem imbuído de uma missão, refletiu ela, e com um trabalho por fazer, poderia aprontar o que quisesse na relativa privacidade de um lugar como aquele.

Os policiais bateriam nas portas de todos aqueles vizinhos para fazer perguntas sobre a família Blue, uma certa van escura e possíveis atividades suspeitas.

Logo eles pousaram e Roarke desligou os motores.

— Você sente um pouco de pena dele, não sente? Pena de John Blue?

Através da chuva, ela olhou para a casa, para as janelas fechadas e imundas, para os pontos em que a pintura externa da casa descascava aos poucos.

— Eu sinto pena de crianças indefesas torturadas por um pai ou uma mãe. Nesse caso, uma mulher que certamente era implacável e cruel. Nós sabemos como são essas coisa.

Nesse ponto ela virou a cabeça, olhou de frente para ele e completou:

— Sabemos como isso pode distorcer e marcar a mente das pessoas; sabemos o que isso pode obrigá-las a fazer. Eu senti uma

fisgada de dor, talvez um pouco mais que isso, quando ele virou criança na sala de interrogatório. Você viu o quanto eu fui dura.

— Eu vi você fazer o que precisava ser feito, mesmo quando a situação a magoou terrivelmente. E você ficou magoada quase tanto quanto ele, Eve. Talvez até mais.

— Precisava ser feito — concordou ela, e aguentaria viver com esse fato —, porque não foi uma criança que matou essas mulheres. Não foi uma criança que as estuprou, espancou, estrangulou e mutilou seus corpos. Não foi uma criança que colocou Peabody no hospital. Então é isso ... Quando pensamos no que interessa, não sinto pena de John Blue. Nós passamos por problemas tão grandes quanto os dele.

— Os seus foram piores.

— Talvez. — Ela respirou fundo. — Pode ser, sim. E, do mesmo modo que ele, eu matei a pessoa que me atormentava.

— Não foi do mesmo modo que ele, Eve, nada disso! — Era esse ponto vital que ele queria mostrar a ela. — Você era uma criança em situação de desespero, dor e terror. Defendendo a si mesma e fazendo o que pudesse para o tormento parar. Ele era um homem e tinha a escolha de se afastar de tudo aquilo. Por mais que a mãe tenha distorcido a cabeça do filho, ele era um homem quando cometeu aqueles atos.

— A criança continua vivendo dentro da pessoa. Sei que é papo de psiquiatra, mas é verdade. Nós dois, por exemplo, temos aquela criança perdida dentro de nós.

— E daí?

— E daí que não permitimos que essa criança perdida e machucada ataque os inocentes. Eu sei disso. Você não precisa me consolar porque eu sei. Acho que usamos essa criança sofrida para defender os inocentes. Eu com o meu distintivo, você com lugares como o abrigo Dochas. Poderíamos ter tomado a direção contrária, mas não fizemos isso.

— Bem, eu fiz alguns desvios pelo caminho. Isso a fez sorrir e agradecer a Deus por Roarke.

— E olhe que ainda nem acabamos a viagem — brincou ela.

— Roarke ... — Ela juntou sua mão à dele. — Você não imagina o quanto isso aqui vai ser barra-pesada.

— Tenho uma vaga ideia.

Ela balançou a cabeça para os lados e seu rosto ficou lúgubre.

— Não tem, não. Eu já fiz isso antes. É pior do que tudo que você possa imaginar. Não vou lhe pedir para voltar ou se segurar pelos cantos, porque você não fará isso. O que quero dizer é: se você precisar de um tempo, dê esse tempo a si mesmo. Afaste-se do lugar por alguns instantes. Outros profissionais farão isso, pode acreditar em mim. Não será vergonha nenhuma.

Eve, refletiu ele, jamais arredaria pé em nenhum momento.

— Simplesmente me diga o que você precisa que eu faça.

Ela isolou a parte dos fundos da casa. Enquanto os andróides e os cães eram enviados para o quintal, entrou na casa acompanhada por uma equipe. Lá dentro era úmido, nojento e escuro como o interior de uma caverna, mas quando ela mandou que as luzes se acendessem o lugar se iluminou como uma tocha no meio da noite.

Nada de lugares escuros para John Blue, pensou Eve.

Havia dois quartos, e ele havia matado as vítimas no quarto menor. O quarto dele, imaginou Eve; o quarto que ele usava quando a família ficava naquela casa. Havia cadeados do lado de fora da porta — cadeados antigos. Cadeados que a mãe sem dúvida havia instalado para manter o menino trancado. Ela o havia trancado no escuro, como sua própria mãe costumava fazer com ela.

Foi por isso que ele a matou ali, sobre o colchão manchado ou então deitada nua, no chão. E matava as outras todas ali também, diante da imagem dela.

Encontrou pequenas partes de fita vermelha, pedaços de roupas femininas, manchas e restos de sangue que havia ressecado

sobre o colchão e no chão.

— Quero tudo ensacado e etiquetado! — ordenou. — Vocês vão passar um pente fino em todo o cômodo. Itens pessoais de algumas das vítimas poderão ajudar na sua identificação. Quando tudo acabar, quero um laboratório portátil e os peritos trabalhando aqui, para recolher amostras de sangue. Vamos identificar todas as vítimas que ele trouxe para cá.

— Tenente? — Um dos membros da equipe entrou. Usava a roupa de proteção quase completa, só faltava colocar a máscara e os filtros. — Já começamos a localizá-las.

— Quantas até agora?

— Os cães acabaram de encontrar a sétima, mas parece que há outras.

— Estou indo.

Feeney correu para se juntar a ela. O casaco grande que provavelmente pertencia à sua mulher estava todo manchado de lixo e restos de teias de aranha.

— Achei uma escavadeira robótica no porão. Parece nova, mas já foi usada.

— Por que usar uma pá comum quando se pode usar uma máquina? Ainda mais uma que emite um zumbido másculo. Os vizinhos devem tê-la ouvido trabalhando.

— Vou mandar alguns guardas para perguntar isso pela vizinhança.

— Sim, pode agitar as primeiras entrevistas. — Ela vestiu a roupa de proteção, pegou a máscara e saiu na chuva.

Já encontraram sete, pensou. Não, eles certamente ainda não tinham acabado.

Ela sabia exatamente quantos corpos mais seriam encontrados.

Os andróides circulavam de um lado para outro, pelo terreno irregular. Um dos cães latiu e começou a balançar o corpo de forma

frenética enquanto farejava a terra. Ao sinal do seu treinador, ele se sentou e esperou.

Fizera seu trabalho. E eles colocaram no chão junto dele o marcador do oitavo corpo.

Eve foi até o comandante Whitney, que observava tudo sob um imenso guarda-chuva preto.

— Estamos prontos, senhor. Devo dar início à escavação do lugar?

— Oito corpos. — Seu rosto parecia feito de granito enquanto ele analisava a cena. — A operação é sua, tenente.

— É que a movimentação para escavar a área poderá confundir os cães. Minha escolha é que deixemos isso para depois que todos os restos mortais das vítimas sejam localizados e o local devidamente marcado.

— Faça como achar melhor. São nove, agora — murmurou ele. Os policiais trabalharam dentro da casa e do lado de fora, na chuva. Dezenas de tiras se moviam como fantasmas, em suas roupas de proteção cinza. Cães latiam, androides faziam sinais e Banderas eram colocadas pra marcar os locais.

— Podem parar! — ordenou Eve, depois que se passaram trinta minutos sem um novo alerta. — A equipe de escavação pode começar seu trabalho. Vamos jogar luzes sobre os locais marcados — continuou ela, enquanto seguia pelo terreno esponjoso. — Quero duas equipes trabalhando na escavação e limpeza geral, uma começando no limite oeste e outra no limite leste da propriedade. Morris!

— Vou com você.

— Preciso das identificações das vítimas o mais rápido possível. Antes disso, até.

— Tenho os registros das arcadas dentárias de todas as mulheres desaparecidas na cidade e mais as daqui da área. O material não bate com o número de vítimas enterradas. — Ele

observou o terreno onde as unidades de escavação começavam a trabalhar. — Mas eu tenho um equipamento que conseguirá comparar as arcadas que encontramos com as que eu tenho. Para o resto, vamos precisar de um pouco mais de tempo.

— O terreno é rochoso por baixo da superfície esponjosa comentou Roarke. — E está muito enlameado. Vai levar algum tempo para as escavadeiras robóticas conseguirem atravessar o lodo.

— Você sabe operar uma máquina dessas?

— Sei, sim..

— Consigam uma máquina para este homem!- gritou Eve, virando-se para Roarke. — Vá na direção sul. Morris, mande que um dos seus homens acompanhe Roarke. Vamos acabar logo com isso.

Ela colocou a máscara, ligou o filtro e foi até a primeira bandeira. Ficou parada ali, como o cão tinha ficado, e esperou.

— Encontramos alguns restos mortais — anunciou o operador, e a máquina foi desligada.

O trabalho seria manual, a partir de agora. Uma escavação cuidadosa com os sensores ligados, analisando cabelos, pele e osso por baixo das camadas de sujeira.

Eve percebeu as mãos primeiro, com os dedos cruzados ou, pelo menos, o que havia sobrado deles. O filtro não conseguia disfarçar o impacto daquilo que a morte fazia lentamente à carne humana. Mesmo assim ela se agachou e chegou mais perto ao ver os restos da mulher que estava sendo desenterrada.

Seus cabelos eram compridos. Mais compridos do que haviam sido em vida, conforme Eve sabia. Era um dos mistérios o fato de os cabelos continuarem a crescer mesmo depois de a morte chegar. Estavam mais escuros por causa da sujeira, mas a cor original certamente seria o castanho-claro.

Seu corpo foi encontrado, pensou Eve. Vamos devolver seu nome. O monstro que fez isso com você está encarcerado, enjaulado. Isso é tudo o que eu posso fazer.

— Há quanto tempo ela estava aí? — perguntou a Morris.

— Alguns meses, já. Eu diria cerca de seis. Poderemos chegar à data exata quando a examinarmos por completo.

— Leve-a daqui — pediu Eve e, endireitando o corpo, foi até a bandeira seguinte.

O falso crepúsculo que a chuva trouxe se aprofundou e se tornou noite fechada. O ar estava frio, úmido e carregava o fedor deplorável da morte. Os corpos etiquetados jaziam ensacados à espera de transporte, ao lado dos buracos, bocas atônitas abertas na terra. Os restos de outras mulheres repousavam em oleados, protegidos por tendas, enquanto os legistas trabalhavam na sua identificação.

O quintal, aos poucos, foi assumindo a aparência de um cemitério coletivo.

Acima deles os jetcópteros circulavam, lançando suas luzes pelo céu. Todos comentavam que haviam chegado mais repórteres, e estavam todos acampados nos gramados das casas vizinhas. Eles não haviam perdido muito tempo. Naquele exato momento, Eve bem sabia, o cenário onde ela estava, com sua miséria e seus horrores, estava sendo exibido ao vivo em telões de todo o estado ... de todo o país ... de todo o mundo.

As pessoas assistiam, confortavelmente sentadas em suas casas. Gratas por estarem aquecidas, secas e vivas.

Alguém lhe trouxe café e ela bebeu tudo sem saborear o líquido. Pegou outro e foi até onde Roarke estava.

— Este é o terceiro que eu desenterrei. — Com ar distraído, ele enxugou um pouco de chuva do rosto. Desligou a máquina e a colocou de lado, para a equipe que trabalhava com as mãos terminar o trabalho. — Você estava certa. É pior do que qualquer coisa que eu pudesse imaginar.

— Tire alguns minutos de folga. — Ela lhe entregou o café. Ele recuou alguns passos e tirou a máscara, como ela já tinha feito. De qualquer modo o equipamento pouco adiantava, naquele estágio. Ele estava pálido e com a pele úmida de suor. E com o rosto sombrio como um túmulo.

— Não quero ser enterrado, quando minha hora chegar — disse ele, baixinho. — "Do pó vieste, ao pó retomarás" ... Que diabo, eu não quero fazer essa transição dentro da terra suja. Prefiro o fogo, que é mais rápido e mais limpo.

— Talvez você consiga subornar Deus e viver para sempre. Você tem mais dinheiro do que Ele.

Ele conseguiu exibir um sorriso, só para agradá-la, e concordou:

— Não custa nada tentar. — Bebeu café e olhou. Não conseguia desgrudar os olhos de todo o horror que o rodeava. — Por Deus, Eve.

— Eu sei. Esse era o cemitério pessoal do monstro.

— Eu usaria a expressão "holocausto pessoal".

Ela ficou por ali por mais um momento em silêncio, ouvindo, o som dolente da chuva batucando nos sacos plásticos.

— Morris já identificou algumas delas pela arcada dentária, Marjorie Kates, Breen Merriweather, da cidade. Lena Greenspal... mãe de duas crianças, com trinta anos, que morava a seis quilômetros daqui. Sarie Parker, vinte e oito anos, professora de alfabetização para adultos, que trabalhava na escola local. Algumas delas deviam ser moradoras de rua ou acompanhantes licenciada. Vamos identificar todas elas. Não importa o tempo que leve, vamos descobrir a identidade de todas as vítimas.

— É importante saber quem elas eram, de onde vieram e quem as amava. Você precisa mostrar o quanto tudo isso é importante, Eve, senão elas seriam apenas ossos e carne apodrecida. Seria apenas aquilo em que ele as transformou. Não estou certo?

— Isso mesmo. — Ela viu mais um corpo ser ensacado. — Elas são mais. Muito mais do que isso em que ele as transformou.

Quando tudo acabou, ou pelo menos o que poderia ser feito ali, naquele momento, Eve despiu o traje especial que vestia e o jogou em uma pilha de objetos para higienização e eliminação. Queria tomar uma ducha. Queria passar várias horas debaixo de uma ducha quente, tão quente quanto ela aguentasse. Várias horas de abandono e esquecimento.

Mas ela ainda não tinha acabado o serviço. Ainda não.

Enfiou a mão no bolso para pegar mais um Sober-Up e engoliu o comprimido em seco enquanto caminhava na direção do jetcóptero, onde Roarke a esperava.

— Vou lhe pedir uma coisa — anunciou ele.

— Você tem direito a mais de um pedido depois da noite que aguentou bravamente. O que você fez foi acima e além do dever, Roarke.

— Vejo de forma diferente, ma o que eu vou pedir é algo específico. Quando tudo acabar e você tiver encerrado o caso, quero dois dias. Dois dias longe disso, longe de tudo. Podemos ficar em casa ou ir a qualquer lugar que você queira, mas quero esse tempo só para nós. Eu ia dizer que a ideia é expulsar tudo o que vimos de nossa mente, mas isso não vai acontecer nunca. Não por completo.

Ele desfez o nó da tira de couro que tinha usado para prender os cabelos e completou:

— Talvez consigamos retomar o equilíbrio.

— Ainda vamos levar algum tempo para encerrar tudo. E preciso ficar perto de Peabody até ela ter alta.

— Isso nem se discute.

— Pois é. — Por saber que ele a compreendia tão bem, ela não disse mais nada, simplesmente apontou e caminhou para o outro

lado do jetcóptero. Talvez fosse usar o aparelho como escudo, mas ainda havia muitos policiais por perto e ela não queria cenas melosas naquele momento. Já fizera a declaração oficial para a mídia e alguns dos repórteres ainda ficaram no local, querendo saber mais.

Ela lhes daria mais notícias à noite. Por ora, no entanto, queria que seus momentos de privacidade continuassem privados.

Ela enlaçou os braços em torno da cintura dele assim que entrou no jetcóptero e pressionou os lábios contra os dele.

— Vamos esperar quietinhos aqui por mais um minuto.

— Obrigado por pedir isso.

— Essas coisas me abalam. Não dá para a pessoa se preparar devidamente para algo dessa dimensão, não importa como aconteça. E sabemos que as vítimas e seus entes queridos nunca obterão redenção suficiente em um caso desses. Ela não existe. Estou enjoada. Cada célula do meu corpo está enjoada.

Ela virou a cabeça e a deixou repousar no ombro dele.

— Por isso é que eu aceito o que você pediu. Vou lhe dar dois dias e aproveitá-los ao máximo. Algum lugar bem longe daqui, Roarke. Afastado de tudo, um lugar onde só haja nós dois. Vamos para a sua ilha.

Ela apertou a mão dele e tentou visualizar as areias brancas, finas como açúcar, e também a água azul, para tentar apagar a visão do terreno enlameado e dos sacos pretos com corpos dentro.

— Nós não precisamos nem usar roupas — propôs ela.

— Não consigo pensar em nada mais perfeito. — Com um pequeno suspiro, ele deixou a cabeça repousar sobre a dela.

— Antes, porém, ainda preciso encerrar o trabalho dessa noite. Só mais uns dois dias e nós podemos cair fora.

Ele ligou o motor do jetcóptero e perguntou:

— Tem certeza de que você quer acabar o que falta esta noite mesmo? Você está acordada sob o efeito de drogas químicas.

— Vou dormir melhor quando terminar de amarrar todas as pontas soltas. — Prendeu o cinto de segurança e ligou o *tele-link* para verificar o estado de Peabody no instante em que o aparelho se elevou no ar, em meio à chuva que não parava.

Celina abriu o portão do elevador, em seu 1^oft.

— Dallas, Roarke! Vocês dois parecem exaustos!

— Devemos estar com péssima aparência. Sei que já é tarde, desculpe vir incomodar.

— Não se preocupe com isso. Entrem e sentem-se. — Ela apontou para a sala, com um gesto de boas-vindas. — Deixem-me preparar algo. Vocês comeram alguma coisa durante a noite?

Não aguento pensar em comida por mais algum tempo, mas não recusaria uma poltrona.

— E um pouco de chá, talvez.

— Ela aceita, sim — disse Roarke, antes de Eve ter a chance de recusar. — Aliás, nós dois aceitamos.

— Deem-me só um minutinho.

Ela se afastou, com os pés descalços e o robe flutuando em torno dos tornozelos. .

— E Peabody, como está? — quis saber, da cozinha .

— Está bem, se considerarmos o que enfrentou. Foi transferida para um quarto particular no hospital que Roarke escolheu, que mais parece um palácio. Vai ficar mais um ou dois dias internada, e depois poderá escolher um serviço de *home care*, até se sentir cem por cento em forma.

— Fico muito feliz por ouvir isso. Não sei se você já conversou com Mira, mas eu fiz mais alguns progressos hoje, e acho que poderei fazer um retrato falado do assassino amanhã mesmo, com a ajuda de algum artista da polícia.

Ela trouxe a bandeja cheia e hesitou ao ver a expressão de Eve.

— O que foi? — quis saber.

— Conseguimos identificá-lo no início da tarde. Já o agarramos.

— Meu Deus! — Celina pousou a bandeja com tanta força que os talheres balançaram. — Tem certeza? Mal posso acreditar.

— Sim, temos certeza, e esse foi um dos motivos de termos passado aqui. Você não deve ter assistido aos noticiários da noite.

— Não, realmente não assisti. Estava descansando a mente, sabe como é...

Como conseguiram? Quem é o monstro?

— Achei que poderia deixar você de fora desse horror, mas tudo aconteceu numa velocidade espantosa, e cá estamos.

— Isso não importa. Ele está enjaulado, não está? Fim de caso!- Ela expirou devagar e se inclinou para pegar o bule. — Não sei o que pensar ou sentir, mas é um tremendo alívio. Como foi que vocês o encontraram?

— As testemunhas que o viram atacar Peabody deram uma boa olhada nele e na van que usava. Trabalhamos a partir disso e o agarramos. Ele confessou tudo na sala de interrogatório em menos de uma hora.

— Você deve estar exausta, mas certamente ficou satisfeita. — Ela distribuiu as xícaras e os pires. — No fim, tudo foi resolvido puramente com base no trabalho policial.

— E um pouco de sorte.

— Acho que eu não fui de muita ajuda, afinal de contas.

— Nem tanto. Você fez muita coisa.

— Você tem um dom — continuou Roarke. — E o utilizou.

— Não é algo sobre o qual eu tivesse escolha.

— Ora, mas eu discordo disso — disse Eve, experimentando o chá. — Você certamente escolheu usar o seu dom quando assassinou Annalisa Sommers.

— O quê? — A xícara de Celina estremeceu sobre o pires. — O que foi que você disse?

— Você devia estar observando John Blue e tendo visões dele há vários meses.

Sua visão lhe mostrou quando ele matou a própria mãe, Celina? Tudo começou ali? Foi nesse momento que você começou a planejar como se livrar da sua rival?

Ao olhar para Eve, o rosto de Celina ficou branco como papel.

— Isso é horrível. É cruel e tenebroso. Você está me acusando de assassinato? De matar a pobre Annalisa? Você já prendeu o homem responsável. Como pode me dizer uma coisa dessas?

— Eu prendi o homem responsável pelo assassinato de quinze mulheres. *Quinze*, Celina. Ele colocou os olhos delas em uma prateleira. Passamos as últimas horas desenterrando corpos no quintal da casa da mãe dele, que fica no norte do estado. Aposto que você também sabia a respeito desse lugar. Encontramos treze corpos. *Treze*, incluindo o da mãe, cujos restos mortais foram devidamente identificados. Treze mulheres nos quais ele exercitou suas habilidades, antes de vir matar nos parques daqui.

O rosto de Eve não ficou pálido. Estava duro como pedra e frio como gelo, mas um pouco de raiva era perceptível em suas feições.

— Você viu quando ele matou cada uma das treze? Acrescente Elisa Maplewood e Lily Napier e chegamos aos quinze pares de olhos que encontramos.

As mãos de Celina se ergueram e se cruzaram sobre os seios.

— Não posso acreditar no que estou ouvindo. Acho que você viu tantos horrores que perdeu a noção das coisas e ultrapassou o limite da sanidade.

— Pelo contrário, os horrores aumentaram minha percepção.

Se eu tivesse ultrapassado o limite estaria arrebatando a sua cara nesse exato momento, como Blue fez com minha parceira.

— Você está me acusando depois de eu ter ido até a polícia, depois de ter tentado ajudar, só porque existe um corpo a mais que não encaixa na sua teoria? Pelo amor de Deus! Quero que vocês se retirem imediatamente da minha casa. Quero que vocês ...

Quando ela fez menção de se levantar, indignada, Roarke simplesmente esticou o braço e a empurrou, colocando-a novamente sentada na poltrona.

— É melhor se sentar aí quietinha, Celina. — A voz dele era assustadoramente calma. — Eu e Eve passamos por algumas horas miseráveis e podemos nos mostrar menos gentis do que você está acostumada a ver. Se eu fosse você ficaria sentadinha aí, e quieta.

— Agora vocês estão me ameaçando? Vou ligar para o meu advogado.

— Eu ainda não li seus direitos e obrigações, então você não tem o direito de chamar ninguém! Vou recitar tudo direitinho, Celina, e depois você liga para o advogado. Antes porém, vamos bater um papo.

— Não gosto do rumo que esta conversa está tomando.

— E você sabe do que eu não gosto? De ser usada. Não gosto de ser usada por uma megera egoísta que tem um sexto sentido e o usa para matar a nova mulher do ex-namorado.

— *Ouçá só* o absurdo do que você está dizendo! Eu fiquei em casa a noite toda quando ela foi assassinada. Tomei um tranquilizante e apaguei. Não saí daqui de casa em nenhum momento.

— Essa não é a verdade completa — comentou Roarke. — Sim, eu sei que você tem os discos das câmeras de vigilância que provam que ninguém saiu pela porta da frente, nem usou o elevador. O interessante, nesse caso, é que você não tem inquilino no andar de baixo há vários meses.

Aquela tinha sido a pequena contribuição de Summers, pensou Eve.

— Você não renovou o contrato de locação — completou ela.

— Ora, mas isso certamente cabe a mim decidir ...

— Isso tornou as coisas mais simples — continuou Roarke. —

Você desceu até a porta de comunicação, depois de desligar a câmeras de segurança de lá, desceu as escadas até o primeiro andar e foi para a rua pela saída de emergência. Eu confirmei tudo pessoalmente, porque você não pensou em passar spray selante nas mãos. Há digitais suas na porta, na janela e no mecanismo que libera a saída de emergência.

— A propriedade é minha! — Mas as mãos dela estavam agitadas, agora. Iam do colo para a garganta, e depois para os cabelos. — É lógico que minhas digitais estão em toda parte!

— Annalisa não se encaixava na história. Mas ficava próxima. — considerou Eve.

— Foi morta no parque, mas não se enquadrava na visão de Blue. Seus cabelos eram escuros demais e curtos demais. Ainda teve o gatinho mecânico. Ele não usou acessórios desse tipo para cometer os outros crimes. Mas você precisava desse momento de distração. Afinal, você não é um homem com cento e trinta quilos. Precisava distraí-la para poder agarrá-la antes de ela ter a chance de lutar.

— Céus, mas que loucura é essa? Ele a *estuprou*. Não sei que fantasia é essa, nem o motivo de seu delírio, mas você certamente não pode me acusar de estuprar outra mulher.

— Não deve ter sido nada agradável para você. Que aparelho você usou? Eles fabricam pênis artificiais de todos os tipos. Alguns são tão realistas que não dá nem para sentir a diferença do produto genuíno.

— Ora, por favor! — protestou Roarke.

— Desculpe — disse Eve, dando tapinhas no joelho dele.

— Você nunca conseguirá provar isso.

— Ora, Celina, mas é claro que vou. — Eve se inclinou para Celina ter a chance de olhar bem de perto. — Você sabe que eu vou.

Do mesmo jeito que sabia que eu pegaria John Blue com ou sem a sua ajuda. Você queria que eu fizesse exatamente isso, mas não antes de Annalisa. Você tem o direito de permanecer calada ... — começou.

— Isso é uma insanidade! — reclamou Celina, depois de ouvir seus direitos e obrigações legais. — Por que eu procuraria você para ajudar?

— É sempre mais seguro ficar no círculo interno, bem perto dos dados, se possível. Você foi muito esperta.

— Vou ligar para o meu advogado.

— Não perca tempo, vá em frente. — Eve apontou o *tele-link*. — Mas saiba que, no instante em que você fizer isso, vou considerar uma missão pessoal derrubá-la ainda com mais força. Estou cansada. Quero encerrar logo este caso. Devido ao cansaço, estou inclinada a trabalhar com você em tudo e ver em que podemos melhorar sua situação.

Eve notou o ar de reflexão que surgiu, por um rápido instante, no rosto de Celina.

— John Blue não teria motivos para mentir, Celina. Ele sabe exatamente quantas mulheres matou; sabe direitinho o que fez com cada uma delas. O número é quinze. Ele não estava no Greenpeace Park na noite em que Annalisa foi assassinada. Ele tem um álibi.

— Então o assassino deve ter sido...

— Outra pessoa? — sugeriu Eve. — Sim, foi mesmo. Alguém que conhecia todos os detalhes da mutilação, até os que não foram divulgados para a mídia. Alguém que podia usá-los e copiá-los à perfeição. Só que essa pessoa não foi um homem. Porque não havia nenhum homem de tocaia naquela noite, no parque. Só você. O fato é que ele a abandonou. Lucas largou você e acabou apaixonando por ela.

— Nós nos afastamos, e ele ainda nem saía com ela quando estávamos juntos.

— Não, não saía. É um cara decente, honesto. Ele não traía você. Mas ele a conheceu antes de vocês se separarem, sim. Ele confirmou isso, a propósito. Ele a conheceu e sentiu algo diferente. Aposto que você percebeu isso antes mesmo dele. Aposto que você lia a mente dele sempre que tinha chance.

— Eu já lhe disse que não me intrometo na mente das pessoas.

— Você é uma mentirosa! Até agora o seu dom foi mais uma espécie de jogo para você do que qualquer outra coisa. Divertido, interessante, lucrativo. Uma vez você me disse que era uma criatura superficial, e essa é uma verdade absoluta. Lucas não estava mais apaixonado por você e começou a se afastar. Você precisava salvar seu orgulho e fazer tudo parecer amigável. E agora, veja só! A nova namorada dele teve uma morte terrível e aí está você com os braços abertos para confortá-lo. Você derramou algumas lágrimas quando foi lá oferecer seu ombro amigo, hoje à tarde?

— Tinha todo o direito de ver Lucas. A decência...

— Não me fale em decência! — O chicote na voz de Eve fez Celina recuar a cabeça de susto. — Você sabia quem era John Blue, onde ele estava e o que fazia muito antes de vir me procurar. Você o viu matar repetidas vezes. E usou aquelas mulheres, usou a ele e usou a mim. Uma das balconistas da loja de artesanato que fica na parte norte da cidade... aliás, você foi esperta em ir fazer compras lá... se lembra do seu rosto, Celina. Você é uma mulher com presença marcante, e ela se lembra de tê-la visto por lá faz uns quatro meses. Há quatro meses você esteve lá e comprou três metros de gorgorão vermelha.

Seu rosto tornou a ficar pálido. Estava quase cinza.

— Mas isso ... isso não prova ...

— Você acha que é tudo circunstancial, e talvez seja. Mas pesa bastante. Meios, motivos, oportunidade. — Ela enumerou tudo nos dedos. — Você conhecia a vítima, conhecia os detalhes dos outros assassinatos, tinha a arma do crime em casa. Podemos rastreá-la até

a compra na loja na parte norte da cidade. Vai levar algum tempo, mas conseguiremos amarrar todas as pontas. E quando conseguirmos, essa fita vai estar em torno do seu pescoço.

Eve esperou alguns instantes para a frase fazer efeito e completou:

— Só você poderia tê-la matado, Celina. Você está sem saída. Levante-se e agunte o tranco, você não é uma mulher fraca.

— Não, não sou. — Ela pegou o chá e torceu o nariz com cara de nojo. — Acho que eu preferia um brandy. Você se importa se eu for pegar? — Apontou para Roarke, com ar vago. — Está na prateleira da cozinha. Quero um duplo, por favor.

Roarke foi atender ao pedido dela e saiu da sala.

— Você o ama muito — disse Celina, olhando Eve. — De forma escancarada.

— Pode chamar como quiser.

— O que você faria e como sobreviveria se ele deixasse de amar você? Se você percebesse que fazer amor se tornou uma obrigação para ele, uma tarefa inevitável? Que ele, sendo um homem decente não iria querer magoá-la? Magoar você? Como aguentaria isso ?

— Não sei.

— Eu o deixei ir embora. — Ela fechou os olhos por um momento e, quando tornou a abri-los, eles pareciam mais claros. Mais estáveis. — Eu tentei deixá-lo ir, tentei ser razoável e sofisticada. Mas doeu muito. — Ela apertou o peito com a mão. — Demais! Doeu de forma insuportável. A coisa piorou quando ele se apaixonou por ela. Eu sabia que ele nunca mais voltaria para mim, que não havia chance de ele voltar a me amar enquanto a amasse. .

Ela ergueu os olhos quando Roarke lhe trouxe o brandy e continuou:

— Os homens nos escravizam, mesmo quando não planejam isso. Eu busquei a primeira visão. Estava magoada, pesarosa, e busquei aquilo. Não sei o que pretendia fazer, mas me sentia tão

infeliz, tão revoltada, tão perdida que me abri àquele horror. E o vi com tanta clareza quanto vejo vocês agora. John Blue. Eu vi o que ele fez.

Ela girou o cálice de brandy e tomou o primeiro gole.

— Não foi sua mãe. Ela não foi a primeira. Não sei ao certo quantas ele matou antes dela. A primeira foi Breen Merriweather. Eu não vi quando ele a levou da cidade, mas vi quando ele a tirou da van. Estava escuro. Muito escuro. Suas mãos e seus pés pareciam amarrados e ela estava amordaçada. Dava para ver o seu medo. Ele a levou para dentro e todas as luzes se acenderam; eram muitas luzes. Acompanhei tudo o que ele fez com ela naquele quarto horrível, e vi quando ele a enterrou no quintal.

— Foi aí que você começou a fazer seus planos.

— Não se. Pode ser. Não sabia como proceder. Nem o que faria. Quase procurei polícia. Esse foi meu primeiro instinto, eu juro. Mas... não fiz isso, simplesmente me perguntei quem ele era e como poderia fazer uma coisa como aquela.

— Então você o vigiou — completou Roarke. — Para descobrir mais.

— Sim. Fiquei fascinada e enojada ao mesmo tempo, mas conseguia me ligar à mente dele e ... comecei a estudá-lo. Foi então que me perguntei: por que ele não mata Annalisa? Tudo entraria nos trilhos novamente se ele matasse Annalisa. Perguntei a mim mesma se ele aceitaria que eu lhe pagasse para ele fazer isso, mas era muito arriscado. Ele é louco e poderia me ferir. Percebi, então, que talvez houvesse um jeito de eu mesma agir. Foi quando ele matou Elisa Maplewood bem aqui na cidade, e eu soube como a coisa poderia ser feita.

Ela deixou a cabeça tombar para trás.

— Eu não fui até você em busca de informações — disse, olhando para Eve. — Precisava saber apenas como a investigação seria conduzida, em quanto tempo você iria agarrá-lo e o que achava

de mim. Em algum lugar no fundo do coração, juro, eu torcia para que você o pegasse depressa, antes que eu ... mas você não o pegou. Eu lhe dei várias informações na esperança de que você pudesse encontrá-lo e impedi-lo de continuar, mas ...

— Você fez de tudo para culpar a investigação e me culpar, para quando a matasse.

— Talvez. Mas concordei em me submeter à hipnose antes de Annalisa morrer — lembrou. — Eu me apresentei voluntariamente. Pedi a Mira que começasse logo, mas ela foi muito cautelosa. — Então foi culpa dela, também.

— Esse foi mais um fator, certamente. Se outra variável tivesse ocorrido de forma diferente, o fim seria outro. Disse a mim mesma que se as informações que eu repassara sobre ele fizessem com que a polícia o prendesse mais depressa, então era para ser desse jeito. E se ela, Annalisa, não entrasse no parque naquela noite, eu interromperia tudo na mesma hora. Se ela não tivesse pegado o atalho eu me afastaria dela, foi isso que propus a mim mesma. E lhe contaria tudo o que vi. Mas ela entrou no parque. Entrou, achei que aquilo era um sinal de que as coisas *eram* para ser daquele jeito e permiti me transformar nele, de certo modo, para não raciocinar sobre o que estava fazendo. Eu me deixei transformar nele para me manter e observar quase de longe, com uma espécie de horror. A essa altura já era tarde demais para voltar atrás.

Ela estremeceu e tomou mais um gole de brandy.

— Ela me viu, por um instante, e pareceu confusa. Mas era tarde demais para voltar atrás. Eu não consegui me segurar. Foi assim... — Ela soltou o ar pela boca, com força. — Quando foi que você descobriu?

— Quando soube da sua ligação com Lucas Grande.

— Ora, por favor! — Ela abanou a ideia com a mão. — Você é uma mulher muito inteligente, mas certamente não fazia ideia do que estava acontecendo, naquela altura. Eu li sua mente no

consultório de Mira, e depois li novamente depois do ataque a Peabody, só para me proteger.

— Você não é a única que consegue bloquear essas coisas.- disse Eve, colocando a cabeça meio de lado. — Eu lhe contei que Mira tinha uma filha que segue a religião wicca e é clarividente. Ela me deu algumas dicas.

— Você brincou comigo!

— Isso mesmo. Mas não fui boa nem rápida o bastante para impedir minha parceira de acabar no hospital.

— Eu não sabia que ele iria atrás dela. Quando descobri já era tarde demais.

Mesmo assim, tentei entrar em contato com você. Eu *gosto* de Peabody.

— Eu também. Pena que você não teve essa mesma sensibilidade com relação às outras mulheres que aquele carniceiro assassinou.

— Eu não as conhecia. — Ela ergueu um pouco os ombros e os deixou cair de volta.

— Pois eu, sim.

— Fiz isso por amor. Tudo o que eu fiz foi por amor.

— Mentira! Fez isso por si mesma. Por controle, por poder, por egoísmo. As pessoas não matam por amor, Celina, elas só gostam de enfeitar a sujeira dizendo isso.

Eve se ergueu e ordenou:

— Levante-se!

— Vou fazer com que o júri me entenda. Foi uma espécie de loucura, nada mais. A loucura dele me dominou ... Meus dons me tornam mais suscetível, até que ele entrou em mim e me fez matar Annalisa.

— Vá acreditando nisso ... Celina Sanchez, você está presa. Por que não fazemos uma lista das acusações? — Ela acenou para Roarke, que foi até o elevador. — Estupro em primeiro grau,

assassinato em primeiro grau, mutilação de Annalisa Sommers, um pobre ser humano. Cúmplice antes e depois do fato nos crimes de ataque sexual, estupro, assassinato e mutilação de quinze mulheres.

— Quinze? Vocês não podem me culpar pelo que ele fez! Ela tentou se desvencilhar quando Eve a algemou.

— Ora, mas é claro que podemos. E faremos. Aposto meus dons contra os seus de que faremos o júri entender exatamente isso.

— Eve olhou para trás quando McNab e Feeney saíram do elevador.

— Acusações adicionais: cúmplice antes e depois do fato nos crimes de ataque e espancamento de uma policial. Leve-a para o xadrez, detetive. E pode fichá-la.

— O prazer é todo meu — disse McNab, pegando Celina pelo braço.

— Anote no relatório que a detetive Peabody foi quem fez esta prisão *in absentia*.

Ele abriu a boca de espanto. Por fim, pigarreou para limpar , garganta e disse:

— Obrigado, senhora.

— Vá para casa, garota — disse Feeney olhando para Eve, enquanto segurava Celina pelo outro braço. — Deixe que nós assumimos tudo a partir de agora.

Eve ouviu o elevador descer e disse a Roarke:

— Acho que devemos convocar uma equipe para vir a esse apartamento ainda esta noite, para ver o que mais desencavamos. Isso poderá colocar mais algumas barras de ferro ao xadrez de Celina. — Ela esfregou os olhos cansados. — Ah, que se dane vamos trancar o apartamento. Amanhã os peritos podem vir aqui.

— Isso é música para os meus ouvidos. — Ele tornou a chamar o elevador. — Isso foi muito bonito, tenente ... Dar o mérito da prisão a Peabody.

— Ela mereceu. Eu ainda estou energizada. — Ela massageou os ombros ao entrar no elevador. — Meus olhos querem se fechar,

mas meu corpo está agitado.

— Acho que podemos consertar isso assim que chegarmos em casa. Você vai fechar os olhos ... — ele se inclinou e lhe deu um beijo longo e ardente — e depois eu vou pular em cima de você.

— Parece um bom negócio.

Ela saiu na calçada e colocou um lacre da polícia na porta.

— A chuva parou — comentou ela.

— Mas o ar ainda está meio enevoadado.

— Curto quando a atmosfera fica assim.

— Você gostava dela — acrescentou ele.

— Gostava, sim. — Ela parou diante da porta, olhou para a rua e notou a água respingar quando um táxi da Cooperativa Rápido passou sobre uma poça. — Eu realmente gostava dela. Ainda gosto, de certo modo, mesmo sabendo o que ela é.

— Você acha que ela o ama? Lucas?

— Não. — Eve sabia o que era amor. — Mas pensa que ama.

Ela se deixou largar no banco do carona e bocejou confortavelmente enquanto Roarke assumia o volante. Recostou-se e fechou os olhos, sabendo que ele a levaria para casa em segurança.

Sim, ela realmente sabia o que era amor.

Fim

Este *ePub* teve como base uma digitalização ou tradução em *Pdf* feita por autor desconhecido.

Junho de 2014

LeYtor